
Jackaby
William Ritter

Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial
Marília Chaves

Editoras
Carla Bitelli e
Carolina Pereira da
Rocha

Produtora Editorial
Rosângela de Araujo
Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Karina Groschitz

Tradução
Alice Klesck

Preparação
Entrelinhas Editorial

Projeto Gráfico e
Diagramação
Osmane Garcia Filho

Revisão
Vero Verbo Serviços
Editoriais

Capa
jdrift design

Imagem de Capa
© Raven Cornelissen /
BirdsistersStock

Adaptação de Capa
Eduardo Camargo

Produção do e-book
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Publicado primeiro nos Estados Unidos com o título: Jackaby
Copyright © 2014 by William Ritter
Publicado mediante acordo com Algonquin Books of Chapel Hill, uma divisão de Workman Publishing Company, Inc., Nova York.
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.
Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500
Site: http://www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ritter, William
Jackaby : a caça pelo misterioso assassino de New Fiddleham / William Ritter ; tradução Alice Klesck. — São Paulo : Única Editora, 2015.

Título original: Jackaby.
ISBN 978-85-67028-70-5

1. Ficção juvenil I. Título.

15-03283 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Para Jack, que me faz querer criar coisas impossíveis, e para Kat, que me convence de que eu posso e insiste que eu faça.

1

ERA FINAL DE JANEIRO E NEW ENGLAND TINHA uma nova camada de neve, à medida que eu descia a rampa do navio, até a margem. A cidade de New Fiddleham resplandecia sob o crepúsculo, o reflexo da iluminação a gás dançava sobre as edificações gélidas que perfilavam a costa, transformando as fachadas de tijolinhos em diamantes que cintilavam na escuridão. No breu do Oceano Atlântico, o brilho dos postes tremulava. Eu seguia em frente, carregando tudo que trouxera comigo em uma única mala. A terra firme sob meus pés deu uma sensação estranha, depois de tantas semanas ao mar, com prédios altos à minha volta, de todas as direções. Eu conheceria bem essa cidade, porém, naquele inverno frio de 1892, cada janela iluminada e cada beco escuro eram estranhos, cheios de perigos ocultos e mistérios sedutores.

Não era uma cidade velha — pelo menos, não segundo o padrão daquelas que vira em minhas viagens —, mas mostrava-se com toda pompa robusta e solidez de granito de qualquer cidade europeia portuária. Eu já havia estado em vilarejos montanhosos na Ucrânia, cidades na Polônia e Alemanha, e em regiões rurais da minha nativa Inglaterra, mas ainda tinha dificuldades em não me intimidar com o reverberar do porto norte-americano movimentado. Mesmo quando as últimas luzes iam

sumindo do céu, ao anoitecer, o cais ainda permanecia ativo, com silhuetas obscuras apressadas, cuidando de seus assuntos.

O dono de uma loja estava fechando as janelas, após o expediente. Marinheiros de folga passeavam pelo porto em busca de diversões extravagantes com que gastar o dinheiro conquistado a duras penas — e mulheres de decotes generosos pareciam ávidas por ajudá-los a gastarem ainda mais depressa. Vi meu pai em um homem confiante e bem-sucedido, provavelmente voltando com calma para casa já bem tarde, depois de dedicar a noite toda a um trabalho importante em vez de estar com a família que o aguardava.

Uma jovem do outro lado do ancoradouro segurou o casaco de inverno, fechando-o com mais força, e baixou o queixo, quando um grupo de marinheiros passou. Os ombros dela talvez tenham tremido, apenas ligeiramente, mas ela seguiu seu rumo, sem deixar que o riso ruidoso dos homens atrapalhasse seu trajeto. Nela, eu me vi, como uma garota perdida, obstinada, rumando para qualquer lugar, menos para casa.

Uma brisa gélida varria o píer e subia por baixo da bainha do meu vestido e do casaco grosso. Precisei erguer a mão para segurar o velho quepe de *tweed* na cabeça, para que não voasse. Era uma moda de menino — meu pai chamava de chapéu de entregador de jornal —, mas, durante os últimos meses, eu passara a me sentir confortável com ele. Pela primeira vez, vi-me desejando ter optado pelas desnecessárias anáguas que minha mãe sempre insistia serem tão importantes a um vestido apropriado para uma dama. O modelo do meu vestido verde simples era excelente para se movimentar, mas o tecido não ajudava em nada a conter o clima gelado. Ergui a gola de lã, caminhando contra a neve, e segui adiante. Em meus bolsos tilintava um punhado de moedas que haviam restado do meu trabalho no estrangeiro. Eu sabia que não seriam suficientes para comprar nada além de compaixão, e somente se barganhasse muito bem. No entanto, os rostos desconhecidos que exibiam contavam uma história e eu estava feliz pela companhia do tilintar, enquanto seguia pesadamente em frente, pela neve afora, rumo a uma hospedaria.

Um cavalheiro de casaco marrom comprido e um cachecol enrolado até as sobrancelhas segurou a porta aberta para mim, à medida que entrei. Espanei os flocos de neve do cabelo, enquanto pendurava o chapéu e o casaco ao lado da porta, colocando minha mala abaixo deles. O lugar cheirava a carvalho, madeira de lareira e cerveja, e o calor de um fogo

saudável fez minhas bochechas ganharem vida. Havia meia dúzia de clientes sentados, espalhados por três ou quatro mesinhas redondas de madeira.

No canto dos fundos havia um piano com a banqueta desocupada. Como havia estudado piano ao longo do Ensino Fundamental — minha mãe insistia que uma dama deveria tocar um instrumento —, conhecia algumas melodias de cor. Ela desmaiaria,
porém, se eu colocasse sua fina cultura em uso tão vulgar, principalmente desacompanhada, nessa estranha taberna norte-americana. Rapidamente desviei meus pensamentos da prudência dominadora de minha mãe, pois talvez visse, por fim, algum sentido nisso. Estampei meu sorriso mais encantador no rosto e abordei o *barman*. À medida que me aproximei, ele ergueu uma sobrancelha farta, causando uma onda de rugas em sua cabeça careca. — Boa tarde, senhor — eu disse, junto ao bar. — Meu nome é Abigail Rook. Acabei de desembarcar de um navio e, no momento, encontro-me meio desprevenida, financeiramente. Gostaria de saber se poderia colocar meu chapéu em seu piano e tocar algumas…

O *bartender* interrompeu:— Está quebrado. Já faz algumas semanas.

Meu desânimo deve ter ficado aparente, pois ele me olhou solidário, quando me virei para sair. — Mas, espere aí. — Ele serviu uma caneca gelada e a deslizou no bar, para mim, assentindo e dando uma piscada bondosa. — Sente-se por um tempinho, senhorita, e espere a neve passar.

Eu disfarcei minha surpresa por trás de um grande sorriso, e sentei-me numa banqueta junto ao bar, ao lado do piano quebrado. Dei uma olhada em volta, para os outros clientes, novamente ouvindo a voz de minha mãe, em minha cabeça, alertando-me para que eu estava parecendo “aquele tipo de garota” e, pior, os bêbados degenerados que frequentam esses lugares grudariam os olhos em mim, feito lobos olhando um carneirinho perdido. Na verdade, os bêbados degenerados pareceram nem me notar. A maioria parecia até bem agradável, talvez cansados, após um longo dia, e dois deles estavam jogando um educado jogo de xadrez, nos fundos do salão. Segurar a caneca de cerveja ainda era esquisito, como se eu devesse ficar olhando para trás, nervosa, à espera do diretor da escola. Não era meu primeiro drinque, mas eu não estava acostumada a ser tratada como adulta.

Olhei meu reflexo numa janela gélida. Fazia quase um ano que eu tinha deixado a costa da Inglaterra, mas a jovem rude me olhando de volta do vidro era quase irreconhecível. A maresia havia roubado um pouco da

maciez de minhas bochechas e minha pele estava bronzeada — ao menos para o padrão inglês. Meus cabelos não estavam caprichosamente trançados e amarrados com fitas, como minha mãe sempre gostou, mas presos num coque simples que talvez parecesse ligeiramente matronal, se o vento não tivesse soltado algumas mechas finas que pendiam sobre a minha gola. A garota que fugira do alojamento havia desaparecido, substituída por essa mulher desconhecida.

Forcei a atenção para além do reflexo dos flocos brancos que pulavam diante do poste de luz a gás, mais além. Enquanto segurava a bebida amarga, aos poucos fui me dando conta de um corpo em pé, atrás de mim. Virei devagar, e quase derrubei a caneca.

Acho que foram os olhos que mais me espantaram, arregalados, encarando-me com uma expressão curiosa. Foram os olhos — e o fato de que ele estava a menos de um passo da minha banqueta, ligeiramente inclinado para a frente, de forma que meu nariz e o dele quase colidiram, quando me virei.

Ele tinha cabelos pretos, ou castanhos bem escuros, e estavam meio despenteados, com apenas um punhado em ordem, para trás, e uma porção de mechas espetadas, perto das têmporas. As maçãs do rosto eram saltadas e ele tinha olheiras profundas, sob os olhos cinzentos enevoados. Seus olhos pareciam ter séculos de vida, mas, fora isso, ele tinha um semblante jovem e uma energia vibrante.

Eu recuei um pouco, para olhá-lo. Ele era magro e angular, e seu casaco marrom era provavelmente tão abrutalhado quanto ele. Batia abaixo dos joelhos, pendendo com o peso de bolsos visivelmente entulhados. Sua lapela trazia um cachecol comprido de lã, quase tão comprido quanto o casaco que reconheci por ter passado por ele quando entrei. Ele deve ter voltado para me seguir.

— Olá? — eu consegui dizer, quando recuperei o equilíbrio em cima da minha banqueta. — Posso ajudar…?

— Você chegou recentemente da Ucrânia. — Não foi uma pergunta. Sua voz era calma e equilibrada, mas parecia mais… entretida? Ele prosseguiu, com os olhos cinzentos dançando, como se pesquisassem cada pensamento, por alguns segundos, antes que sua boca lhe desse voz. — Você viajou passando pela Alemanha e depois, a uma grande distância, num navio volumoso… feito de ferro, eu apostaria.

Ele inclinou a cabeça para o lado, enquanto me olhava, mas não diretamente nos olhos, sempre desviava um pouco, como se fascinado pelo meu cabelo, ou meus ombros. Eu havia aprendido a descartar a atenção dos meninos no colégio, mas isso era algo totalmente diferente. Ele conseguia parecer interessado e desinteressado em mim ao mesmo tempo. Era mais que apenas inquietante, mas eu me vi tão intrigada quanto nervosa.

Tardando a entender, eu lhe dei um sorriso e disse:— Ah, o senhor também desembarcou do Lady Charlotte, não foi? Desculpe, nós nos encontramos no deque?

O homem pareceu verdadeiramente confuso e por fim olhou nos meus olhos. — Lady quem? Do que está falando?

— O Lady Charlotte — eu repeti. — O navio mercante de Bremerhaven. Não era um passageiro? — Nunca encontrei a dama. Ela soa horrenda.

O homem esquisito e magro voltou a me inspecionar, aparentemente muito mais impressionado pelo meu cabelo e a bainha da minha jaqueta do que pela minha conversa.

— Bem, se não viajamos juntos, como poderia saber… ah, deve ter dado uma olhada nas etiquetas da minha bagagem. — Eu tentei permanecer casual, mas me inclinei para trás, à medida que o homem se aproximou ainda mais, inspecionando-me. O balcão de carvalho grudou desconfortavelmente em minhas costas. Ele tinha um leve aroma de cravo e canela.

— Não fiz nada dessa natureza. Isso seria uma rude invasão de privacidade — o homem disse, secamente, ao tirar um cisco da minha manga, analisá-lo e guardar em seu casaco largo. — Já entendi — anunciei. — O senhor é detetive, não é? — Os olhos do homem pararam de se mover de um lado ao outro, e voltaram a se fixar nos meus. Desta vez, eu sabia que tinha sua atenção. — Sim, o senhor é como um, como é mesmo o nome… não é? O que dá consultoria à Scotland Yard, naquelas histórias, certo? Então, o que foi? Deixe-me adivinhar, sentiu o cheiro da maresia em meu casaco e eu tenho algum tom de argila grudado em meu vestido, ou algo assim? O que foi?

O homem pensou, por um momento, antes de responder. — Sim — disse ele, finalmente. — Algo assim.

Ele esboçou um sorriso fraco, depois deu meia-volta e saiu, jogando o cachecol em volta da cabeça, ao seguir rumo à porta. Enfiou um gorro de tricô que cobria as orelhas e abriu a porta, retraindo-se diante do vento gélido que revolveu ao seu redor. À medida que a porta se fechava devagar, tive um último vislumbre dos olhos cinzentos enevoados, entre as beiradas de lã do cachecol e da touca.

E o homem se foi.

Em seguida ao curioso encontro, perguntei ao *barman* se ele sabia algo sobre o estranho. O homem riu e revirou os olhos. — Eu tenho ouvido muita coisa e uma ou outra pode até ser verdade. Quase todo mundo tem uma história sobre esse aí. Não é verdade, meninos? — Alguns dos locais riram e começaram a relembrar fragmentos de histórias que eu não consegui entender.

— Você se lembra daquele negócio com o gato e os nabos?

— Ou do incêndio maluco, na casa do prefeito?

— Meu primo jura por ele mesmo, e jura pelos monstros marinhos e pelas sereias.

Para os dois cavalheiros diante do tabuleiro de xadrez, minha pergunta foi a centelha de um assunto aparentemente esquecido, que logo resultou numa discussão sobre superstições e ingenuidade. Não tardou para que cada um deles atraísse os clientes das mesas em volta, alguns insistindo que o homem era um charlatão, outros o elogiando como se fosse um enviado de Deus. Em meio à confusão, pelo menos pude ouvir o nome do homem estranho. Ele era o senhor R. F. Jackaby.

2

ATÉ A MANHÃ SEGUINTE, EU TINHA CONSEGUIDO tirar o senhor Jackaby da cabeça. A cama em meu quartinho estivera quente e confortável e só havia custado algumas horas lavando louça e varrendo o chão — embora o gerente da pousada tivesse deixado claro que esse não seria um acordo duradouro. Eu escancarei as cortinas para deixar entrar a luz matinal. Se pretendesse prosseguir com minha ousada aventura sem ter de morar embaixo de uma ponte e comer de lixeiras — ou, pior, escrevendo para pedir ajuda aos meus pais —, precisaria de um emprego decente.

Ergui minha mala e coloquei na cama, e abri. As roupas ali dentro estavam apertadas junto às laterais, como se constrangidas de serem vistas, umas com as outras. Numa ponta, tecidos finos com bainhas bordadas delicadas e camadas de renda começaram logo a se expandir, esticando-se sob a luz matinal, à medida que o tecido comprimido voltava a respirar. Do lado oposto aos tons pastel e a impraticabilidade da elegância pretensa, havia algumas calças de trabalho em brim amarronzado e camisas tragicamente sensíveis. Um punhado de roupas íntimas e lenços humildemente navegavam no espaço entre elas, mantendo-se quietinhos.

Eu olhei a bagagem e suspirei. Essas eram as minhas opções. Eu tinha vestido cada uma dessas peças, até me restarem essas opções, que pareciam refletir minhas opções de vida. Eu poderia me fantasiar de um maldito garoto ou de um cupcake ridículo. Tirei uma combinação simples e uma calcinha do centro da mala, depois a fechei com aversão, enfiando os vestidos finos para dentro, diante de seus protestos abafados. O vestido verde simples que eu tinha usado em minha chegada estava pendurado no mastro da cama, e eu o segurei diante da luz do sol. A bainha estava meio envergada, ainda meio úmida pela neve da noite anterior, meio desgastada, por causa do uso. Eu o vesti assim mesmo, e desci a escada. Procuraria primeiro um emprego e roupas novas depois.

À luz do dia, New Fiddleham tinha seu frescor e parecia promissora. O ar ainda estava frio, quando segui meu caminho rumo à cidade, mas era um frio menos invasivo do que havia sido durante a noite. Eu senti uma pontada de empolgação e esperança pinicando em minha espinha, enquanto carregava minha mala pelas ruas de paralelepípedo. Decidi que dessa vez encontraria um emprego convencional. Minha única experiência profissional anterior tinha vindo depois de ir atrás de um anúncio com letras maiúsculas em negrito dizendo OPORTUNIDADE EMPOLGANTE e CHANCE DA SUA VIDA e, provavelmente, a palavra que mais me chamou a atenção ingênua, DINOSSAUROS.

Sim, dinossauros. O trabalho do meu pai em antropologia e paleontologia tinha incutido em mim a sede pela descoberta — uma sede que, pela determinação dele, eu jamais deveria saciar. Ao longo de minha infância, o mais perto que cheguei de ver o trabalho do meu pai fora durante nossas idas ao museu. Eu ficava ansiosa para estudar, era excelente nos estudos e aguardava ansiosamente pelo estudo superior — até que descobri que meu pai partiria para chefiar o trabalho mais importante de sua carreira. Eu havia implorado que ele me deixasse frequentar a universidade e estava empolgada, quando finalmente convenceu minha mãe — porém, agora, a ideia de sofrer sobre os livros empoeirados, enquanto ele estava descobrindo a história real, me deixou inquieta. Eu queria estar no fervor da coisa, como meu pai. Eu pedi que ele me deixasse ir junto, mas ele recusou. Ele me disse que o campo não era lugar para uma jovem ficar vagueando. Insistiu que eu deveria terminar meus estudos e encontrar um bom marido com um emprego seguro.

Então, pronto. Na semana anterior ao início do meu semestre, peguei o anúncio da OPORTUNIDADE EMPOLGANTE, fugi com o dinheiro que meus pais tinham guardado para os meus estudos e ingressei numa expedição que seguia rumo à cadeia montanhosa de Cárpatos. Eu temia que eles não aceitassem uma garota. Comprei algumas calças, numa loja de segunda mão — todas grandes demais pra mim, mas dobrei as bainhas e encontrei um cinto. Pratiquei falar em voz baixa e enfiei meu cabelo castanho comprido no velho quepe do meu avô — era exatamente do tipo que os garotos jornaleiros usavam, e eu tive certeza de que completaria meu disfarce. O resultado final foi espantoso. Eu tinha conseguido me transformar em… uma garota tola obviamente com roupa de menino. No fim das contas, o líder da escavação estava tão ocupado gerenciando aquele negócio mal custeado e mal organizado, que pouco se importou sequer que eu fosse humana, muito menos mulher. Ele estava simplesmente feliz por um par de mãos dispostas a trabalhar pelas refeições diárias.

Os meses seguintes poderiam ser descritos como uma "oportunidade empolgante", somente se a definição de empolgante incluísse passar meses comendo as mesmas refeições sem gosto, dormindo em caminhas desconfortáveis e cavando, com pá, a terra rochosa, dia após dia, numa busca inútil. Sem a recuperação de fósseis, nem dinheiro restante, a expedição ruiu e eu fiquei por conta própria para encontrar a costa leste europeia.

"Pare de sonhar e sossegue!" parecia ser a mensagem predominante da lição que eu tinha passado meses, e todo o dinheiro da minha formação, para aprender. Eu estava prestes a esse fracasso abismal, quando me vi num porto alemão, procurando um bilhete de volta para a Inglaterra. Meu alemão era terrível — quase inexistente. Eu estava na metade da negociação do preço de um beliche num imenso navio mercante chamado Lady Charlotte, quando finalmente entendi que o capitão não estava zarpando para a Inglaterra, mas passaria rapidamente na França, antes de rumar à América.

O mais chocante foi eu ter considerado que a possibilidade de atravessar o oceano, rumo aos Estados Unidos, era bem menos assustadora do que voltar para casa. Não sei se estava com mais medo de enfrentar meus pais, depois de ter roubado o dinheiro dos meus estudos, ou de

enfrentar o fim da minha aventura, que dava a sensação de nem ter chegado ao meio.

Naquela tarde, comprei três itens: um cartão-postal, um selo e um bilhete a bordo do Lady Charlotte. Meus pais provavelmente receberam o postal, mais ou menos ao mesmo tempo em que eu olhava para a costa da Europa ficando para trás, e o vasto oceano azul à minha frente. Eu não era tão ingênua e esperançosa como ao iniciar minha viagem, mas o mundo ficava cada vez maior, a cada dia que passava. O postal foi sucinto e simplesmente dizia:

Queridos mãe e pai,

Espero que estejam bem. Como vocês haviam anteriormente alertado, um local de escavação profissional provou não ser lugar para uma jovem ficar vagueando. Estou atualmente em busca de um lugar melhor para fazê-lo.

Saudações,
A. Rook

Agora que eu estava em New Fiddleham, não estava disposta a abandonar minha investida na aventura, mas eu me comprometeria a assumir um emprego convencional para mantê-la.

Minha primeira parada para prospecção foi o armazém de bens de consumo. Um sino tocou quando entrei, e a moça da loja, uma mulher magra e mais velha, ergueu os olhos de uma chapa lotada de sacos de farinha. — Bom dia, querida! Já falo contigo! — Ela arrastou um dos sacos pesados até uma prateleira atrás dela, mas ele prendeu no canto da estante e a fez perder o equilíbrio. O pacote caiu no chão e estourou, levantando uma nuvem branca. — Ah, minha nossa! Você espera só um minutinho? — ela disse, desculpando-se. — É claro. Por favor, deixe-me ajudá-la com isso — eu disse, pousando minha mala ao lado da porta e entrando. A mulher logo aceitou minha ajuda alegremente, e eu comecei a erguer os sacos até a prateleira, enquanto ela foi buscar uma vassoura e uma pá.

— Eu nunca a vi por aqui — ela comentou, varrendo a bagunça.

— Acabei de desembarcar no porto — eu confirmei.

— Pelo sotaque, eu diria que veio de Londres, não?

— Na verdade, alguns municípios a sudeste. Uma cidadezinha em Hampshire. Já esteve na Inglaterra?

A mulher nunca tinha saído dos Estados Unidos, mas estava contente em ouvir minha história. Nós tivemos um papo agradável e eu trabalhei bem depressa com os sacos pesados. Quando tinha colocado o último na prateleira, ela empurrou a chapa vazia até o outro cômodo, sumindo por trás das prateleiras de produtos secos. Ela ainda estava lá, quando a campainha tocou e entrou um homem de barba farta e bochechas rosadas. — Eu vou querer uma lata de Old Bart's, obrigado.

Eu percebi que ainda estava atrás do balcão e olhei rapidamente em volta, à procura da dona da loja. — Ah, eu não… não…

— É fumo para cachimbo, querida. Está bem aí, atrás de você, ali, aquele, com o rótulo amarelo.

Eu puxei uma lata com um marinheiro robusto impresso na frente e coloquei no balcão. — A moça da loja voltará, num instante, senhor — eu disse.

— Ah, você está indo muito bem. — O homem sorriu e começou a contar as moedas.

A mulher mais velha finalmente ressurgiu, limpando as mãos no avental. — Ah, bom dia, senhor Stapleton! — ela disse, gentilmente. — Uma lata de Bart's?

Eu saí de trás do balcão e deixei a mulher fazer a transação. — Gostei da sua garota nova — disse o senhor Stapleton, antes de sair. Ele me deu outro sorriso amistoso, enquanto abria a porta. — Não se preocupe, querida. Você vai pegar o jeito. Apenas mantenha esse belo queixo erguido. — E lá foi ele, porta afora, deixando a campainha tocando atrás dele.

— Então, o que foi isso? — perguntou a dona da loja.

— Foi só um mal-entendido.

— Ah, bem. Não tenho palavras para agradecê-la por sua ajuda, mocinha — disse ela, fechando a gaveta da caixa registradora. — Agora, diga, de que você precisa?

— Bem, na verdade, se houver mais trabalho, quer dizer, se talvez estiver precisando de uma ajudante…

Ela deu um sorriso piedoso. — Lamento, querida. Talvez você possa tentar no correio — eles têm bastante movimento —, mas eu tenho a ajuda de que preciso.

Olhei rapidamente as prateleiras atrás dela, ligeiramente envergadas, sob o peso da mercadoria, e limpei uma gota de suor da testa. — Tem certeza de que não precisa de uma ajudinha?

Ela me mandou seguir caminho, com um pedaço de chocolate por ter sido uma boa garota, o que não ajudou em nada a minha autoconfiança como uma adulta madura. Peguei minha mala e, seguindo o conselho do senhor Stapleton, fiz o melhor para manter meu queixo erguido, à medida que adentrei mais a cidade.

Conheci mais lojistas e gerentes educados, mas sem resultados, à medida que seguia pelas ruas geladas de New Fiddleham. Era uma cidade notável, embora fosse difícil entendê-la geograficamente. Eu tinha a sensação de que não havia duas ruas paralelas, por mais de algumas quadras. Cada avenida parecia ter sido feita para acomodar a necessidade em vez de qualquer organização de uma cidade grande. Aos poucos, comecei a reconhecer as regiões avulsas da cidade: uma aglomeração de prédios comerciais ostentosos aqui; uma quadra de edificações de escritórios práticos e indefinidos ali; e o distrito industrial, onde os prédios se expandiam em grandes fábricas com chaminés. Bairros residenciais espalhavam-se nos vácuos entre as fábricas.

Cada rua transbordava personalidade, com estruturas largas acotovelando-se em ambos os lados para predominar na vizinhança. As ruas eram pontilhadas com ambulantes vendendo seus produtos apesar da neve; as crianças correndo ao alto das colinas, para descerem escorregando em papelões de caixa de sabão, e uma porção de gente caminhando em todas as direções, com os passos e as carruagens seguindo na batida constante da pulsação da vida urbana.

Fazia horas que estava na minha função, quando finalmente me vi no posto dos correios de New Fiddleham. Apesar da sugestão da gerente da loja, eu não tive sorte melhor ali. No entanto, quando me virei para ir embora, algo chamou minha atenção. No quadro de avisos do posto, salpicado de fotos de animais de estimação perdidos e quartos para alugar, havia uma folha simples de papel, com as palavras — CISA-SE DE ASSIST — visíveis entre um collie que tinha fugido e um aviso de quarto vago, na Walnut Street. Com cuidado, soltei o anúncio, que dizia:

SERVIÇOS INVESTIGATIVOS
PRECISA-SE DE ASSISTENTE
$8 POR SEMANA
IMPRESCINDÍVEL SER ALFABETIZADO, TER
INTELECTO ASTUTO E A MENTE ABERTA
PREFERENCIALMENTE COM ESTÔMAGO FORTE
TRATAR NA AUGUR LANE, 926
NÃO ENCARE O SAPO.

Por mais estranho que fosse o anúncio, senti que atendia perfeitamente às exigências — e oito dólares por semana me manteriam alimentada e fora da neve. Consegui instruções com o carteiro e caminhei quase dois quilômetros até o endereço.

O pequeno prédio ficava abrigado entre estruturas bem mais altas e largas, na região empresarial. Em ambos os lados, homens de ternos engomados andavam apressados pelas calçadas gélidas. Ao passarem pelo número 926, eles pareciam apertar ainda mais o passo e encontrar motivos na direção oposta que subitamente lhes despertavam interesse como se fossem meninos de colégio que cautelosamente evitam uma irmã caçula constrangedora na hora do recreio.

De um mastro de ferro fundido e curvo acima da porta, pendia uma placa que dizia: 926 — SERVIÇOS INVESTIGATIVOS, em letras grandes, e DETECÇÃO & CONSULTAS: FENÔMENOS INEXPLICADOS SÃO NOSSA ESPECIALIDADE, em letras menores.

O prédio de três andares com, talvez, espaço para um pequeno sótão era repleto de arestas e sancas ornamentadas. Sem aparente consideração pela forma ou função, o arquiteto parecia ter incluído colunas, arcos, grinaldas onde houvesse espaço disponível, de qualquer estilo que tivesse à mão. Balaustradas e janelas com cornijas surgiam numa variedade de ângulos, algumas parecendo incertas do piso a que pertenciam. Apesar de todo o desencontro e caos do design, o prédio de alguma forma resultava em algo *correto*. Não havia dois elementos na propriedade que combinassem, porém, visto como um todo, nem um único aspecto parecia fora do lugar.

A porta era pintada de vermelho-vivo e simplesmente adornada com uma aldrava do tamanho e formato de uma ferradura. Subi o degrau e bati três vezes, depois esperei. Fiquei ouvindo em busca do som de passos se

aproximando, ou de uma cadeira sendo movida lá dentro. Depois de longos instantes, tentei a maçaneta e a porta foi escancarada.

— Olá? — gritei, entrando com cautela. A entrada dava no que talvez pretendesse ser uma sala de espera. Um banco de madeira ficava de frente para uma mesa, que estava ocupada apenas com pilhas de livros e papéis soltos. Pousei minha mala de lado e entrei mais. No lado direito da sala, uma prateleira comprida abrigava diversos volumes com capa de couro e artefatos estranhos, como um crânio de animal, uma pequena estátua de uma silhueta gorda e nua e um punhado de gravetos e corda, formando algo parecido com um ninho. No fim da prateleira havia uma caixa com terra, folhas e uma piscininha com água. Inclinei-me e olhei dentro do vidro, procurando pelo habitante. Levei vários segundos para reconhecer a forma de um sapo verde-acinzentado e bolhudo que me olhava o tempo todo. Ele reluziu e suas pequenas narinas tremularam. Com um arroto súbito, ele estufou a garganta para mim, projetando um queixo duplo imenso. À medida que o queixo se contraiu, um filete visível de gás bafejou dos olhos da criatura. Eu fiquei encarando. Não estava enganada. Um gás, de cor não muito diferente da pele úmida do anfíbio, soprou em filetes de seus olhos. Não tardou para que o viveiro inteiro tivesse se transformado num cubo de fumaça parda, e o bafejo contínuo só podia ser completado pelo assovio baixinho que vinha por trás do vidro. Em seguida veio o fedor.

Uma porta fechou atrás de mim e girei para olhar. De uma sala interna, enfiando um braço no casaco volumoso enquanto caminhava, surgiu ninguém menos que o senhor R. F. Jackaby. Ele parou e me olhou confuso, enquanto abotoava o casaco. Eu, de minha parte, não disse nada, exceto um eloquente "É…".

Sua expressão subitamente se contorceu e ele rompeu o silêncio. — Ah, meu bom Deus! Ficou encarando o sapo, não foi? Bem, não fique simplesmente aí parada. Abra a janela do seu lado. Levará horas até que o cheiro passe. — Ele rapidamente destravou e ergueu uma janela nos fundos da sala. Dei uma olhada atrás de mim, vendo outra, e repeti a ação. Um cheiro pungente foi saindo do viveiro, atacando minhas narinas, e ganhando força total aos poucos, como um boxeador aquecendo, antes de uma luta. — O senhor…? — Eu comecei, depois tentei outra vez. — Estou aqui por causa do anúncio colocado no correio. O senhor…

— Saia! Saia! — Jackaby arrancou seu gorro de um gancho ao lado da porta, gesticulando enfaticamente. — Pode vir junto, se quiser. Apenas saia! Conseguimos chegar à calçada, antes que meus olhos começassem a lacrimejar e eu acolhi o ar frio revigorante. Olhei para trás, para a porta vermelha, e hesitei, imaginando se deveria sair correndo para pegar minha bagagem. Jackaby seguiu apressado pela rua, jogando o cachecol comprido por cima de um dos ombros. Depois de pensar rapidamente, deixei a mala para trás e saí correndo atrás do homem enigmático.

3

EU TIVE DE DAR UMA CORRIDA PARA ALCANÇAR Jackaby. Ele tinha quase virado a esquina, quando cheguei perto dele. Jackaby mexia os lábios rapidamente, exteriorizando pensamentos que não se dava ao trabalho de compartilhar em voz alta. Cachos rebeldes escapavam do gorro peculiar e eu não podia condená-los por tentarem fugir. — O senhor trabalha para o…. é… o serviço? — eu perguntei.

Ele deu uma olhada em minha direção. — Serviço?

— O serviço investigativo. É um dos detetives deles, não é? Eu sabia — eu não disse? Eu disse que o senhor só podia ser um detetive!

Jackaby sorriu. — Então, eu só posso ser um. — Ele virou bruscamente e eu o segui.

— Não saberia se eles, por acaso, preencheram a função de assistente, saberia?

—Se eles, o quê? Quem são "eles"?

Eu entreguei o anúncio. Jackaby olhou-o de cara feia, por um instante.

— Acho que você deve estar um pouco confusa — disse ele. — Mas não se sinta mal, é um estado comum. A maioria das pessoas está se sentindo assim. — Ele dobrou o anúncio e enfiou no paletó, e virou outra esquina. — Meu nome é Jackaby. Eu sou, como você disse, um detetive. No entanto, não estou *com* o serviço investigativo… Eu *sou* o serviço

investigativo. Ou, devo dizer, eu o forneço. Ou seja, eles são eu e eu sou eles. E você é…? — Ah-Abigail — eu respondi. — Abigail Rook.

— Rook — ele repetiu. — Como o pássaro ou a peça de xadrez?

— Ambos? — eu respondi. — Nenhum dos dois? Tipo… meu pai, eu imagino. — Isso pareceu tranquilizar ou entediar Jackaby, que assentiu e voltou a atenção de volta para a rua de paralelepípedos e os próprios pensamentos.

Estávamos seguindo por um caminho bem sinuoso, para a pressa que Jackaby parecia dedicar à jornada, mas já tínhamos caminhado várias quadras, antes que eu falasse novamente.

— Então… foi preenchida? — eu perguntei. — A função?

— Sim — respondeu meu companheiro, e eu desanimei. — Desde que o anúncio foi colocado, a função já foi preenchida… cinco vezes. Também ficou vaga cinco vezes. Três rapazes e uma mulher que deixou o emprego após seus casos introdutórios. O cavalheiro mais recente provou ser bem mais resiliente e um tanto mais solícito. Ele continua comigo numa… competência diferente.

— Que competência?

Jackaby hesitou em seu passo e desviou um pouco. Sua resposta murmurada quase se perdeu ao vento. — Ele é temporariamente uma ave aquática.

— Ele é o quê?

— Isso não tem importância. A função está atualmente vaga, Abigail Rook, mas eu não estou seguro se a senhorita é a moça certa para o cargo.

Olhei para o detetive todo descombinado e digeri o rumo que a conversa tinha tomado. Seu gorro ridículo travava uma batalha de cores com o cachecol comprido. O casaco pendurado em sua silhueta magricela parecia caro, mas estava gasto, com os bolsos superlotados e repuxando. O conteúdo tilintava levemente enquanto ele caminhava. Uma coisa era ser dispensada por alguém de terno e chapéu elegantes, mas essa era uma questão bem diferente. — Está brincando comigo? — eu perguntei.

Jackaby me lançou um olhar inexpressivo. — Eu não sou homem de brincadeiras, senhorita Rook.

— Eu quis dizer, se está falando sério. É realmente um investigador de… O que sua placa dizia, mesmo? “Fenômenos inexplicáveis”? Aquele prédio é mesmo seu? — Inexplicados — corrigiu Jackaby. — Mas sim. — Então, o que é, exatamente, um “fenômeno inexplicado”?

— Eu percebo coisas… coisas que outras pessoas não notam.

— Como aquele negócio lá na hospedaria? O senhor nunca me disse como sabia tanto a meu respeito, com apenas um olhar.

— Lá onde? Mocinha, nós já nos conhecemos?

— Se nos conhece… isso é uma piada? Lá na hospedaria? De alguma forma, o senhor sabia de todos os lugares por onde andei viajando…

— Ah… era você. Certo. Precisamente. Como eu disse… eu percebo coisas.

— Claramente — eu disse. — Estou muito interessada em saber o que notou em mim, senhor, tendo em vista que obviamente não foi o meu rosto, e verá que posso ser bem persistente, quando me proponho a fazer algo. Essa é apenas uma das qualidades que me tornaria uma excelente assistente. — Eu sabia que estava perto, mas, se fosse levar outro fora, pelo menos levaria minha explicação junto. Endireitei os ombros e mantive o passo firme, ombro a ombro com o homem — embora, para dizer a verdade, meu ombro mal passasse do cotovelo dele.

Jackaby suspirou e parou ao chegarmos a outra rua de paralelepípedos. Ele virou e olhou pra mim, com os lábios fechados apertados.

— Vejamos — disse ele, finalmente. — Eu notei sua recente passagem pela Ucrânia. Isso foi uma dedução simples. Um jovem domovik, um tipo de espírito ucraniano-eslavo, teve tempo de se aninhar nas dobras do seu chapéu. — Um o quê?

— Domovik. No local em que o pelo do chapéu é mais farto, ele poderia ser facilmente confundido com um domovoi russo. Ele parece muito bem instalado, provavelmente se aprofundou ainda mais quando você embarcou no navio. Ah, sim, o que nos leva à Alemanha.

“Mais recentemente, você parece ter arrebanhado um jovem klabautermann, um tipo de kobold alemão. Por natureza, os kobolds são atraídos aos minerais, e o seu tem um belo casaco de ferro cinza. A afeição pelo ferro é rara entre as fadas e seus pares. A maioria das fadas não consegue nem tocar esse troço. Provavelmente, por isso que seu pobre domovik esteja aninhado tão fundo. Os klabautermann estão dentre os mais úteis de sua raça. Veja, ele fez alguns reparos na bainha de seu casaco, ali — provavelmente, seu jeitinho de agradecê-la pela carona. Esses camaradas encantadores são conhecidos por ajudarem marinheiros e pescadores. Henry Wadsworth Longfellow, poeta norte-americano, escreveu sobre um bochechudo que…

Eu interrompi: — Quer dizer que eu tenho duas criaturas abomináveis imaginárias morando na minha roupa, embora eu nunca as tenha visto?

— Ah, não são nem um pouco imaginárias, e tenho de dizer que é bom *não* ter visto o camaradinha! — O homem deixou escapar uma risada profunda. — Minha nossa, é um agouro terrível que algum abençoado pela presença de um kobold, num navio, de fato ponha os olhos na criatura. Você provavelmente teria afundado a embarcação.

— Mas o senhor os vê? — eu perguntei. — O senhor os viu imediatamente lá no pub, não foi?

— Imediatamente, não. Quando você pendurou seu casaco, eu avistei, sim, alguns excrementos.

— Excrementos?

— Sim, bem ali. Em sua lapela.

Eu olhei para baixo, espanando alguns fiapinhos da minha gola, que, fora isso, estava imaculada, depois endireitei os ombros, sentindo-me uma tola. — As pessoas lhe pagam para dizer esse tipo de coisa? — Quando é pertinente para resolver os problemas delas, sim — respondeu Jackaby, recomeçando a caminhar bruscamente. — Alguns dos meus clientes são muito gratos, de fato. Minha propriedade na Augur Lane foi um presente do prefeito Spade. Ele ficou particularmente feliz em se livrar de um ninho de duendes que haviam se instalado num canto de sua propriedade, causando uma confusão sem-fim, os danadinhos. Pelo menos, as sobrancelhas do prefeito parecem ter crescido de volta bem mais depressa que as roseiras de sua esposa. — Seus clientes lhe pagam em propriedades? — eu estava boquiaberta.

— Claro que não — debochou Jackaby. — Isso foi uma… circunstância especial. A maioria paga em promissórias bancárias, alguns, em moedas. Não é incomum que alguns paguem com nacos de ouro ou prata que tenham à mão. Eu tenho mais jogos de chá e castiçais do que posso contar. Prefiro muito mais as promissórias bancárias.

— Mas, então… por que usa roupas tão assustadoramente deselegantes? — A pergunta sem tato escapou, antes que pudesse evitar. Minha mãe teria ficado horrorizada.

— Roupas deselegantes? — Jackaby fez uma cara feia. — Minha cara, meu guarda-roupa é composto por peças finas inestimáveis. Tentei concluir se o homem estava falando sinceramente, ou se estava só me enganando. — Por favor, não leve a mal, senhor, mas esse gorro é uma

peça fina e inestimável? — perguntei hesitante. — A seda é mais preciosa do que o algodão, por causa da natureza de sua aquisição, não? Fios finos são coletados de minúsculos bichos-da-seda, ao longo de horas incontáveis, enquanto o algodão pode ser colhido em praticamente qualquer fazenda dos Estados Unidos, e é comercializado aos montes. Meu chapéu, senhorita Rook, é feito de lã de um dos únicos sobreviventes yeti dos Alpes suíços, tingido em tinta feita por Baba Yaga em pessoa e tricotado pela minha boa amiga Agatha, como um presente de aniversário. Agatha tricota há pouco tempo, mas ela dedicou muito zelo a esse chapéu. Além disso, ela é uma ninfa da floresta. Não são muitas as ninfas que se dedicam a tricotar. Portanto, diga-me se o meu chapéu não é mais precioso do que a mais fina das sedas.

Ele estava falando sério. — Ah, sim. Entendo. — Eu assenti no que esperava ser um modo convincente. — Desculpe. É que, à primeira vista, não impressiona tanto.

Jackaby fez um ruído que pode ter sido um bufo, ou um riso. — Eu já deixei de me preocupar com a forma que as coisas parecem aos outros, Abigail Rook. Sugiro que faça o mesmo. Em minha experiência, os outros geralmente estão errados.

Quando viramos a esquina, meus olhos estavam no meu companheiro e tive de parar de repente, para não trombar num policial. Meia dúzia de policiais uniformizados cercava o perímetro da entrada de um prédio residencial de tijolinhos, para conter uma multidão de pedestres curiosos. — Ah — disse Jackaby, com um sorriso. — Chegamos.

4

UM POLICIAL ALTO, DE PEITO LARGO, OLHOU abaixo, apontando o nariz de falcão para nós, e ficou claro que meu companheiro não era mais enturmado ali do que eu. Jackaby reagiu à obstrução com uma confiança fascinante. O detetive saiu andando com determinação, em direção aos policiais. — Ergam os olhos, cavalheiros, endireitem as costas. Acho que a multidão está se aproximando demais. Vamos afastá-los mais uns dois metros. Assim.

Os policiais na outra ponta, sem uma visão clara de Jackaby, reagiram à voz autoritária chegando à frente, pressionando a pequena multidão de espectadores a recuar alguns passos. Hesitantes, os policiais que estavam mais próximos fizeram o mesmo, trocando olhares com os colegas e o recém-chegado, com seu chapéu de inverno absurdo.

Jackaby entrou no meio dos policias que estavam mais perto. — Quando o inspetor-chefe Marlowe chegar, diga-lhe que ele está atrasado. Maldita falta de profissionalismo.

Um jovem policial, com um uniforme que parecia pertencer a um homem bem maior, aproximou-se, timidamente. — Mas o Marlowe está lá dentro há quase meia hora, senhor. — Bem, então… diga que ele chegou cedo — respondeu Jackaby —, o que é até pior.

O policial de nariz de falcão, com quem eu quase tinha colidido, virou-se enquanto Jackaby seguia rumo à porta. Seu olhar incerto passou a ser de irritação e, dando um passo em direção a Jackaby, pousou a mão no punho de seu cacetete preto reluzente. — Pare aí — ele disse. Eu me vi seguindo em frente também. — Perdoe-me, senhor… — eu gostaria de dizer que reuni toda a minha confiança, como fez o detetive, usando minha perspicácia aguçada e papo esperto para passar uma lábia e furar a barricada. A verdade não impressiona tanto. O policial deu uma olhada para trás e eu abri a boca para falar, mas as palavras de que precisava desesperadamente me fugiram. Por alguns instantes, fiquei ali em silêncio, depois, contrariando cada impulso sensato em meu corpo, desmaiei.

Eu já tinha visto uma moça desmaiar, numa festa elegante, e tentei imitar seus movimentos. Revirei os olhos para o alto e delicadamente pousei as costas da mão em minha testa, girando. A moça da festa tinha executado seu desmaio junto a um divã macio. No meio da rua de paralelepípedos, as minhas chances de uma aterrissagem suave eram bem poucas. À medida que deixei meus joelhos dobrarem, soltei-me diretamente nos braços do policial bruto, matando meus últimos resquícios de dignidade.

Deixei passar alguns segundos, depois pisquei olhando para cima, para o policial. A julgar pela expressão dele, não sei qual de nós dois se sentia mais constrangido. Raiva e desconfiança eram expressões naturais mais claras nele do que cautela ou preocupação, mas, para seu crédito, ele parecia estar se esforçando.

— É… A senhorita está bem?

Eu levantei segurando o braço dele, fazendo uma encenação de recuperar o fôlego. — Ah, minha nossa! Deve ser todo este ar fresco e ficar andando por aí. Tem sido esforço demais. O senhor sabe como são as moças. — Eu odiei a mim mesma, mas me mantive firme. Alguns outros policiais aglomerados à nossa volta assentiram confirmando e eu os odiei também. Muito obrigada, senhor. — A senhorita não deveria… é… sentar, ou algo assim? — perguntou o policial.

— Ah, certamente. Vou entrar de uma vez, senhor policial. Sim, senhor. De qualquer forma, não quero me distanciar demais de meu acompanhante. Ele se preocupa quando me afasto. O senhor está absolutamente certo, claro. Mais uma vez, obrigada.

O brutamonte assentiu, parecendo um pouquinho menos desnorteado agora que estava concordando com ele. Dei um sorriso gracioso na roda de policiais uniformizados e disparei para dentro do prédio, antes que tivessem tempo de analisar a cena toda.

Jackaby me olhou com uma sobrancelha erguida, quando fechei a porta atrás de mim. Estávamos num lobby pequeno, mas bem iluminado. Uma parede com caixas de correio de cobre ficava à nossa esquerda, e uma escadaria, ladeada por duas colunas grossas, à nossa direita. Adiante havia uma porta na qual estava escrito: EDIFÍCIO EMERALD ARCH: GERENTE, com uma vidraça de frente para o balcão da recepção. Dentro do pequeno escritório, outro policial anotava declarações feitas por um camarada de uniforme de porteiro. Nenhum dos dois prestou atenção em nós. — Aquela sua pequena encenação ridícula não funcionou — disse Jackaby.

— Não precisa me dizer isso. — Dei uma olhada para trás, para a porta. — Na verdade, estou até ligeiramente ofendida por ter feito aquilo.

Ele riu. — Então, por que fez? Certamente há oportunidade de empregos que não exigem enganar descaradamente policiais armados.

Hesitei um instante, antes de me defender. — Nem tão descarada — eu disse baixinho. — Creio que a maioria dos homens já é mais que feliz em acreditar que uma jovem mulher é uma coisinha frágil. Portanto, tecnicamente, a enganação já estava ali, eu só a empreguei de modo conveniente.

Ele me observou com atenção, estreitando os olhos, depois sorriu. — No fim das contas, talvez seja adequada ao emprego, senhorita Rook. Vamos ver. Fique perto de mim.

— Para onde vamos? — eu perguntei.

— Você está prestes a descobrir. — Ele enfiou a cabeça no escritório do gerente. A voz dele e a de outra pessoa, que respondeu, chegaram até mim em murmúrios, depois ele tirou a cabeça da sala e gesticulou para a escada. — Quarto 301. Vamos?

Nossos passos ecoaram pelos degraus acima, enquanto subíamos o primeiro lance de escadas.

— Então, aquele policial apenas lhe disse aonde ir? — eu perguntei.

— Sim, cavalheiro muito solícito — disse Jackaby.

— Então, você realmente está trabalhando com a polícia.

— Não, não, nesse caso, não… ainda não. Eu simplesmente perguntei, e ele me disse. — Jackaby contornou a balaustrada, fazendo a curva para o

próximo lance de escada.

Eu pensei por um momento. — Isso é algum tipo de mágica? — Sentia-me tola em perguntar.

— Claro que não. — Jackaby debochou da ideia. Ele parou para examinar a balaustrada, depois retomou sua subida.

— Não? Então, o senhor não… sei lá… lançou algum tipo de feitiço nele, ou algo assim?

O homem parou e virou-se para mim. — Mas de onde você tirou essa ideia? — perguntou ele. — Bem, parece que estamos entrando sorrateiramente na cena de um crime, mas o senhor não está preocupado em levantar a suspeita da polícia, e toda essa conversa sobre… o senhor sabe.

— O que aquele policial teria para ficar desconfiado? Há meia dúzia de homens armados de guarda lá fora, assegurando que só o pessoal autorizado tenha acesso. Ao contrário do seu desmaio fingido, eu mal consegui que a dedução dele funcionasse para mim. Isso está bem longe de feitiços, senhorita Rook, francamente.

— Bem, é difícil saber o que esperar do senhor. Eu não acredito exatamente em todo esse… esse… negócio oculto. Não acredito em espíritos, nem em gnomos nem em Papai Noel! — Bem, claro que não, isso é tolice. Não os espíritos e os gnomos, claro, eles são bem reais, mas essa tolice de Papai Noel.

— Agora chega! Como pode chamar alguma coisa de tolice, se acredita em contos de fadas?

— Senhorita Rook, eu não sou um ocultista. — Chegando ao outro andar, Jackaby virou-se e me encarou. — Eu sou um homem de razão e da ciência. Acredito no que vejo e posso provar, e o que vejo geralmente é difícil para os outros compreenderem. Até onde eu descobri, tenho um dom ímpar. Isso me permite ver a verdade quando os outros só enxergam ilusão. E há muitas ilusões, muitas máscaras e fachadas. Como dizem, o mundo todo é um palco e parece que eu tenho a única poltrona da casa, com vista para os bastidores.

"Eu não acredito, por exemplo, que duendes gostam de mel e leite, só porque alguma antiga superstição assim diz… Eu acredito, porque quando deixo uma vasilha para eles, algumas vezes por semana, eles passam lá e tomam. Falando nisso, eles são criaturas fascinantes. Possuem asas adoráveis: finíssimas e iridescentes, sob o luar."

Ele falava com uma convicção tão sincera, que era difícil descartar até suas alegações mais estranhas. — Se o senhor tem… — eu falava com cautela — uma visão especial, então, o que vê aqui? O que estamos procurando?

Sombras escuras enevoaram os olhos de Jackaby. — Nunca tenho certeza do que os outros veem. Diga-me o que observar, primeiro, e eu farei retificações. Use os seus sentidos.

Olhei em volta, para a escada. — Estamos no segundo andar. A escada é de madeira e antiga, mas parece firme. Há luminárias a querosene ao longo das paredes, mas elas não estão acesas. A luz vem daquelas janelas engorduradas da parede externa. Vejamos… Há partículas de poeira pairando sob os raios de sol e o ar frio bate em minhas orelhas. Ele tem um sabor de madeira antiga e mais alguma coisa. — Eu funguei e tentei descrever um cheiro que não tinha notado antes. — É meio… metálico.

Jackaby assentiu. — Interessante — disse ele. — Gostei do jeito que você disse tudo isso. O negócio das partículas de poeira, muito poético. — Então? — eu incitei. — O que o senhor vê?

Ele franziu o rosto e lentamente prosseguiu ao terceiro andar. À medida que adentramos o corredor, ele estendeu a mão abaixo e sentiu o ar, como se a estendesse por cima da lateral de um barco a remo, para sentir as ondas ficando para trás. Sua expressão era séria e suas sobrancelhas estavam franzidas. — Vai ficando mais espesso, à medida que nos aproximamos. É escuro e está fluindo para fora, como uma gota de tinta na água, espalhando-se em círculos.

— O que é? — Minha pergunta saiu como um sussurro, meus olhos se esforçavam para ver o invisível.

A voz de Jackaby saiu ainda mais suave:

— A morte.

5

O CORREDOR ERA COMPRIDO E ESTREITO E terminava com uma janela larga na outra ponta. A iluminação era feita por luminárias a querosene que lançavam um brilho amarronzado na cena. Um único policial uniformizado esperava do lado de fora do apartamento bem em frente. Ele estava recostado ao batente da porta aberta, olhando para dentro do local que protegia. Uma placa acima dele declarava que era o apartamento 301. O cheiro, que lembrava cobre e putrefação, ficava mais forte à medida que nos aproximávamos. Jackaby caminhava à minha frente, e eu notei seu passo hesitar um pouco. Ele parou, inclinando a cabeça para um dos lados, olhando o policial.

Ao som da porta da escada se fechando, o policial ficou alerta, depois relaxou um pouquinho, ao nos ver. Ele permaneceu olhando, enquanto chegávamos mais perto, mas não fez nenhum movimento para nos deter. Ele era bem arrumado, seu uniforme estava impecável e caprichosamente passado. O colarinho estava engomado e seu distintivo e botões brilhavam. Seus sapatos, que mais pareciam calçados de um uniforme de gala, do que as botinas brutas usadas por um policial comum, meio surrado, estavam tão reluzentes que talvez caíssem melhor numa estátua de bronze do que num corpo vivo.

— Bom dia, policial — disse Jackaby. — Marlowe está nos esperando, aí dentro. Não quero atrasá-lo.

— Ele não está, não — disse o homem, simplesmente. Seu rosto era inexpressivo, estudando Jackaby. Pela luz das luminárias, calculei que fosse um ou dois anos mais velho que eu. Cachos de cabelos negros espetavam para fora do quepe de seu uniforme. Ele virou para me cumprimentar assentindo com educação, e seus belos olhos castanhos pararam nos meus. Ele sorriu timidamente, logo voltando sua atenção ao detetive. Meu rosto ficou morno de repente e agradeci por ele ter desviado de novo.

— Ah, sim — respondeu Jackaby, sem perder o ritmo — mas, mesmo assim, ele vai querer nos ver aí dentro. É meio que uma surpresa. Ele ficará contentíssimo.

— Duvido muito — disse o policial. Seu sotaque era difícil de distinguir — americanizado, mas meio europeu. — Eu o conheço — disse ele.

As sobrancelhas de Jackaby se ergueram. — Ah, é?

— Sim, o senhor é o detetive. O senhor desvenda os… — ele buscou pela palavra — crimes *especiais*. O inspetor Marlowe não gosta do senhor.

— Temos um relacionamento complicado, o inspetor e eu. E qual é o seu nome, rapaz?

— Charlie Cane, senhor. Pode me chamar de Charlie. O inspetor-chefe está no fim do corredor neste momento, falando com testemunhas. — Ele deu um passo ao lado, abrindo passagem para Jackaby. — Sei tudo a seu respeito. O senhor ajuda as pessoas. Ajudou um amigo meu, um padeiro da Market Street. Ninguém mais queria ajudá-lo. Não havia mais ninguém que acreditasse nele. Ele não tinha dinheiro, mas o senhor o ajudou, mesmo assim.

— O Anton? Bom padeiro. Ainda guarda uma baguete para mim, todo sábado.

— Seja breve, senhor Jackaby. — Charlie deu uma olhada acima e abaixo no corredor, enquanto o detetive seguiu porta adentro, atrás dele. — E a senhorita…?

— Rook — eu respondi, com meu tom mais profissional, torcendo para não parecer tão agitada quanto me sentia. — Abigail Rook.

— Bem, senhorita Rook, também vai examinar a sala?

— Eu… é claro. Sim. Sou assistente do senhor Jackaby. E estarei, sabe, assistindo.

Jackaby lançou-me um olhar rápido, de dentro da sala, mas não me corrigiu. Eu entrei rapidamente e logo fui sufocada pelo cheiro acobreado. O apartamento só tinha dois cômodos. O primeiro era uma área de estar, com um sofá pequeno, uma escrivaninha, uma mesa de carvalho vazia e um armário simples de madeira. Não havia muitos objetos decorativos adornando a área, mas tinha uma pintura melancólica de um veleiro numa parede, e um pequeno retrato de uma moça loura, em cima da escrivaninha.

A porta do cômodo ao lado estava aberta, revelando a fonte horrenda do cheiro. Um pequeno halo vermelho escuro manchava o chão por baixo do corpo. O homem morto vestia um colete simples e uma camisa engomada, ambos tingidos de vermelho-vivo no peito, e tão esfarrapados que era difícil dizer onde acabava a roupa e começava a carne. Eu me senti meio tonta dessa vez, de verdade, mas recorri a toda a minha obstinação para não sucumbir a um desmaio genuíno. Forcei os olhos a permanecerem longe da cena sangrenta e fiquei seguindo o detetive, enquanto ele andava apressado pelo primeiro aposento.

Jackaby fez uma inspeção superficial na sala simples. Embrulhando o dedo na ponta de seu cachecol, ele abriu e fechou o armário, depois olhou embaixo da mesa. Ficou um tempinho perto da escrivaninha, puxando uma cadeira e colocando-a de volta ao seu lugar. Ao lado da escrivaninha havia outra cadeira, que Jackaby examinou com mais atenção, aproximando-se e passando um dedo na madeira delicadamente. Remexendo nos bolsos lotados, tirou um frasco tingido de azul e o ergueu ao alto, olhando a cadeira através do vidro.

— Hmm. — Ele se endireitou e rapidamente foi até a cena macabra, no quarto. O frasco sumiu de novo no casaco. Eu fui atrás, respirando por cima do tecido da minha manga — que ajudava só um pouquinho. Jackaby deu uma checada breve nesse cômodo também, olhando dentro do armário e embaixo do travesseiro, antes de voltar a atenção ao cadáver. Eu tentei inspecionar o quarto — para fazer um rápido inventário mental dos pertences do morto —, mas minha memória daquele espaço permanece embaçada. Quase contra minha vontade, meus olhos se fixaram na visão horripilante daquele pobre corpo e a imagem se fixou em minha mente.

— Diga-me, senhorita Rook — falou Jackaby, ao ajoelhar-se para examinar a vítima —, o que observou no último cômodo?

Eu desviei meus olhos do corpo violentamente assassinado e olhei para a porta, enquanto tentava me lembrar de qualquer coisa incomum. — Ele vive de maneira simples… *vivia* de forma simples — eu me corrigi, sem jeito. Aos poucos, minha mente desvencilhou-se do corpo e começou a achar seu foco, enquanto pensava nos arredores. — Meu palpite é de que ele morava sozinho. Mas parece que tinha uma garota. Tem uma foto de uma num belo porta-retratos, ali. Não há muita comida nos armários, mas um monte de papel na escrivaninha, junto com uma máquina de escrever muito moderna, várias canetas e pelo menos um tinteiro extra. Pelo cabeçalho em seu papel de carta, presumo que seu nome seja Arthur Bragg. O cesto de lixo está cheio de papéis amassados. Eu não me surpreenderia se ele fosse um escritor.

— Ora essa. — Jackaby deu uma olhada para a porta. — Cesto de lixo? Tentei identificar sua expressão, sem olhar novamente para o corpo. Que tipo de detetive não olhava o cesto de lixo? Os homens em minhas revistas de aventura estavam sempre encontrando pistas importantes em cestos. — Sim, lá atrás, ao lado da escrivaninha.

Jackaby voltou a olhar o corpo. Ele ergueu um canto do tapete e olhou por baixo. — E quanto às cadeiras?

Eu pensei por um momento. — As cadeiras? Ah, claro, havia duas cadeiras, junto à escrivaninha. Uma, no lugar onde seria de se esperar, mas a outra… ele deve ter tido visita! — Olhei mais uma vez para lá. — Sim, dá para ver que foi tirada de seu lugar, junto à mesa. Alguém esteve sentado de frente para ele, perto da escrivaninha. Por isso que o senhor estava tão interessado nela. Estranho que eles não estivessem sentados junto à mesa. O que acha que isso significa?

— Não faço a menor ideia — respondeu Jackaby.

— Bem, eu cobri todos os detalhes importantes? Notou algo que eu tenha deixado passar?

— Claro que notei — disse Jackaby, de um jeito tão casual que quase encobriu a arrogância da afirmação. — Você ignorou totalmente o fato de que o convidado não era humano. Imagino que em outras circunstâncias isso poderia ser irrelevante, porém, dado o estado atual do homem, parece um tanto pertinente.

Eu pisquei. — Não era humano?

— Nem um pouco. Havia resquícios de uma aura claramente encantada por toda a cadeira, e até mais forte, no corpo. Difícil dizer que ser estava ali, mas dá para notar que era velho. Antiquíssimo. Não se sinta mal, de forma nenhuma você poderia ter visto aquilo. Então, agora me diga: o que você notou quanto ao corpo?

Eu fiz uma pausa. — Bem, ele está morto — eu disse, sem querer olhar novamente.

— Bom, e…?

— Ele claramente perdeu muito sangue, e foi — eu engoli com força, mantendo os olhos em Jackaby — dilacerado daquele jeito.

— Precisamente! — Jackaby sorriu para mim, acima do corpo. — Observação astuta.

— Astuta? — eu perguntei. — Com todo respeito, isso é impossível de ignorar. O pobre homem está uma lambança!

— Ah, mas, agora, não é o ferimento que lhe causa estranheza, é?

— Isso não é estranho? Eu suponho que o senhor veja gente com o peito aberto todos os dias?

— O que o… *detetive* está dizendo — disse uma nova voz, vinda da porta, hesitando na palavra "detetive", como se estivesse dizendo o título com grande relutância — é que o sangue que não está aqui é mais misterioso do que o sangue que está.

Eu me virei. Um policial uniformizado com duas faixas prateadas na manga entrou na sala, olhando para baixo, sério, para Jackaby. Algemas pesadas de ferro pendiam de seu cinto e tilintavam junto à sua perna, num ritmo cadenciado, até que ele parou, a alguns passos do corpo. Ele estava bem barbeado, tinha um maxilar forte.

Jackaby não ergueu os olhos. Ele remexeu nos bolsos e continuou examinando o corpo, olhando através de vários frascos e lentes tingidas, enquanto falava. — Certíssimo, inspetor-chefe — disse Jackaby. — Só este carpete deveria estar totalmente encharcado e, no entanto, mal está manchado, exceto o dorso. Parece que o ferimento foi disfarçado, bem aqui, e por toda a extensão, como se alguém tivesse pegado uma toalha para secá-lo. — Ele guardou um disco retangular, cor de jade, de volta no bolso e ficou de pé. Falando mais para si, acrescentou: — Mas por que se dar o trabalho de limpar o corpo se você planeja deixar a cena deste jeito?

— Muitíssimo obrigado — disse o inspetor-chefe Marlowe —, por fornecer deduções às quais cheguei uma hora antes de sua invasão à minha

cena de crime. E, agora, senhor Jackaby, algum motivo para que eu não o tranque numa cela pelo resto desta investigação?

— O quê? Apenas por lhe ter feito uma visita no trabalho?

— Por isso e também por obstrução, invasão… mas que inferno! Tenho certeza de que esse seu chapéu horrendo já é digno de algumas acusações, por si só. Você ainda não jogou fora esse trapo velho?

— Obstrução? É assim que classifica a oferta gratuita dos meus inestimáveis *insights*?

— Não há muito valor em *insights* que eu mesmo posso prover.

— Espere, tem mais — disparei, instantaneamente desejando ter ficado em silêncio, no meu canto. — É… ele notou mais uma coisa…

O inspetor-chefe interrompeu. — Não, não, deixe-me adivinhar: o culpado é… — Ele parou, para fazer um efeito dramático debochado. — Não é humano?

— De fato — respondeu Jackaby.

— Assim como os ladrões do caso do banco da Winston Street?

— Eles certamente não eram humanos — respondeu Jackaby. — Duendes galeses, um pequeno clã.

— E a briga de bar, na taberna de Mickey?

— Bem, não o sujeito esquelético, obviamente, mas eu mantenho a opinião de que aquele homenzarrão era um troll. No mínimo tinha o sangue misturado.

— E o "Fantasma do Mercado", que estava sempre reorganizando as verduras, depois do expediente?

— Tudo bem, eu já admiti que estava errado naquele. Como vimos, era a senhorita Maudie, da Hampton Street, mas você tem de admitir, a velhota é bem estranha.

Marlowe respirou fundo e suspirou, sacudindo a cabeça, depois voltou a atenção para mim. — E você é?

Eu disse meu nome todo e comecei a explicar minha chegada e o anúncio do emprego. Ele me cortou novamente.

— Outra? — ele dirigiu a pergunta a Jackaby, depois virou de volta para mim. — Só um pequeno conselho, mocinha. Saia, antes que ele a emaranhe demais nessa maluquice dele. Esse negócio não é para o temperamento feminino. Agora, quero vocês dois fora desta cena de crime, fora do meu caminho. Isto não é uma briguinha de bar, isto é assassinato. Fora! — Ele virou e gritou no corredor: — Detetive Cane, entre este idiota

e o senhor Henderson, já tive insânia suficiente por uma tarde. Por favor, mostre ao homem e sua jovem a saída do recinto.

Marlowe deu um passo para o lado e Charlie Cane surgiu, parecendo constrangido e remexendo nervosamente os botões bem polidos de seu uniforme.

— Ótimo papo, como sempre, Marlowe — Jackaby disse, num tom agradável, ao passar. Marlowe resmungou. Eu segui meu novo empregador até o corredor e o inspetor-chefe bateu a porta atrás de nós.

— Ora, como ele está alegre hoje — Jackaby disse, fazendo um gracejo.

— Ah, Marlowe é um inspetor-chefe excepcional — respondeu Charlie.

— Tenho certeza de que ele é — eu disse —, não é, detetive Cane?

Ele baixou os olhos e olhou timidamente paro o lado. — Na verdade, sou detetive júnior, senhorita — disse ele. Ele cruzou mais uma vez com meu olhar, com um sorriso, antes de prosseguir. — É realmente uma honra trabalhar com o inspetor-chefe Marlowe. Ele só está um pouquinho mais nervoso que o habitual hoje. O novo comissário está supervisionando este caso bem de perto. Ele deixa o Marlowe tenso.

— Quem é Henderson? — perguntou Jackaby.

— Quem? — questionou Charlie.

— Henderson. Marlowe o mencionou. Algo sobre insânia.

— Ah, trata-se de William Henderson, do apartamento 313. Ele é… estranho. Nós achávamos que talvez tivesse alguma informação útil, porque ele disse que ouviu uma lamúria, bem cedo, no começo desta manhã, como alguém chorando muito. No entanto, quando o inspetor perguntou por quanto tempo o choro havia persistido, o senhor Henderson olhou para ele de um jeito engraçado e disse que não havia parado. Ele pediu que todos nós ouvíssemos, dizendo que as lamúrias eram claras, e perguntou como não conseguimos ouvi-las. E todos nós temos ouvidos muito bons. Não havia som nenhum. O Henderson insiste que é alto como se houvesse alguém chorando dentro daquele quarto e perguntou se não daria para fazermos algo a respeito. Ele começou a ficar tão agitado que o inspetor pediu licença e garantiu ao homem que iríamos verificar. Muito estranho.

— Interessante. — Jackaby vai seguindo pelo corredor, olhando os números ao passar. Eu me apresso atrás dele.

— Esperem — disse Charlie, seguindo-nos. — Eu disse ao inspetor que os levaria pra fora do prédio.

— E isso é o que fará — disse Jackaby, por cima do ombro. — Habilmente, eu imagino, e seguirá as instruções ao pé da letra. No entanto, eu não me lembro de ouvir Marlowe dando qualquer instrução específica quanto ao horário, nem em relação ao trajeto que deveríamos seguir, portanto, vamos bater um papo rápido com o alguém estranho? Eu realmente adoro estranheza. Ah, chegamos!

Jackaby bateu firmemente na porta do quarto 313. Depois de uma pausa, a porta foi escancarada e nos deparamos com um homem mal barbeado com costeletas cheias, cansado, de olhos fundos e pijama vermelho. Ao redor da cabeça, ele tinha um cinto de couro amarrado, segurando duas almofadas decorativas presas sobre os ouvidos. Pequenos pingentes de tecido numa delas foi parando de balançar, enquanto ele nos olhava com a sobrancelhas franzidas.

— Sim? — disse o homem.

Jackaby sorriu e estendeu a mão para cumprimentá-lo. — Senhor Henderson, eu presumo?

6

O SENHOR HENDERSON DEU UM PASSO ATRÁS para nos deixar entrar em seu apartamento, que era quase igual ao da vítima, exceto pelo sofá surrado no lugar da escrivaninha e a fruteira sortida recém-colocada na mesa. O senhor Henderson não fez nenhum movimento para tirar as almofadas das orelhas e, em vez disso, gritou sua reprovação ao departamento de polícia, por não ter parado o barulho. Ele sentou amuado no sofá e fez uma cara feia.

— Não estamos com o departamento de polícia — disse Jackaby. Ele pegou um saquinho de couro fino e pousou sobre a mesa. — Bem — disse Charlie —, eu estou.

— Não estamos com o departamento de polícia, exceto por aqueles de nós que estão — Jackaby reformulou. — Senhor Henderson, poderia descrever os gritos que está ouvindo, por favor? — Ele desamarrou o cadarço de couro do saquinho e o virou em cima da mesa, causando um leve tilintar. Por cima do ombro dele, pude ver que havia três saquinhos de pano, cada um guardando instrumentos metálicos.

— Como é que não estão ouvindo? — disse o homem, ainda gritando. — Isso é… Será que há algo de errado comigo?

— Apenas descreva o som, por favor — repetiu Jackaby.

— É tão… tão… tão… — A voz do homem oscilou e abrandou a cada "tão", e seus olhos baixaram. — Tão triste.

— Tire as almofadas das orelhas, por gentileza, senhor Henderson — disse Jackaby. Ele tinha escolhido uma varetinha metálica que bifurcava em duas pontas compridas.

Henderson olhou de novo para cima. Seus olhos estavam ligeiramente molhados de lágrimas, e sua sobrancelha já não estava franzida de angústia, mas se dissolveram numa expressão penosa, suplicante.

— Senhor Henderson — repetiu Jackaby —, as almofadas, por favor.

Devagar, Henderson ergueu as mãos e puxou o cinto da cabeça. As almofadas caíram. Seus olhos imediatamente se fecharam e seu corpo inteiro se retraiu, retesando em si mesmo, enquanto uma lamúria silenciosa parecia atacar seus ouvidos.

— De onde vêm os gritos? — perguntou Jackaby, com firmeza. — Consegue identificar a direção?

As lágrimas escorriam dos olhos fechados de Henderson e ele sacudiu a cabeça, como se dissesse "não", ou para afastar o som, não dava para saber.

Jackaby segurou a pequena haste e bateu as pontas de metal na mesa. Um som puro e claro se manteve numa nota só. Era um simples garfo de afinação. O corpo de Henderson relaxou no mesmo instante e ele quase desmoronou no sofá. Fungou e olhou para cima, de olhos arregalados. A nota ecoou num som agradável, por vários segundos, e foi ficando cada vez mais baixa. Antes que sumisse totalmente, Jackaby bateu outra vez.

— E agora? — perguntou Jackaby.

— Eu… eu ainda consigo ouvir — Henderson gaguejou, com um misto de alívio e confusão na voz. — Mais distante, porém, mas ainda é bem triste, o choro. Parece… — ele fungou e parou de falar.

— O quê? — incitou Jackaby, delicado, mas implacável.

— Isso me lembra — o homem prosseguiu com dificuldade — do jeito como minha mãe chorou no enterro do meu pai. Exatamente… exatamente daquele jeito.

Jackaby bateu de novo a haste. — Então, é uma voz de mulher? — Henderson assentiu. — E, agora, você conseguiria avaliar de onde vem?

Henderson concentrou-se e seus olhos desviaram para o teto. — De cima de nós — ele concluiu.

— Diretamente? — perguntou Jackaby. — Do apartamento acima do seu, talvez?

Henderson focou mais uma vez e Jackaby bateu a haste do garfo de afinação para ajudar. — Não — respondeu ele —, ligeiramente naquela direção, eu acho.

— Excelente. Cuidaremos dessa questão. Enquanto eu o tenho lúcido, no entanto, agradeceria se pudesse pensar na noite de ontem. Por acaso notou algo esquisito? Estranhos na escada, talvez?

Henderson respirou ofegante e coçou a cabeça, no local onde o cabelo ainda estava colado por causa da almofada. — Acho que não. Nada muito estranho. A voz dela…

— Algo antes da voz? Qualquer coisa?

O homem pensou de novo, balançando a cabeça para a frente e para trás. — Acho que não. Alguém lá em cima estava tocando um violino, mais cedo. Eu os ouço sempre, no fim da tarde. Não é ruim. Também tinha alguém na janela do corredor, durante a noite. Provavelmente aquele grego do outro lado do corredor. Ele sai para fumar charutos na varanda… acha que a esposa não sabe. Ele não é muito sutil ao fazê-lo, sai batendo os pés, parecendo um elefante. Nada de estranho. Mas…

— Sim? — Jackaby incitou.

— Tinha outro som… como… como… ah, eu não sei. — Sua sobrancelha franziu de frustração, tentando se lembrar. Jackaby bateu a haste mais uma vez, e o homem respirou, concentrando-se.

— Como… algo de metal. *Clink-clink*. Assim. Provavelmente, só o relógio dele batendo na corrente, eu acho. Não muito tempo depois disso, o choro começou. Ela estava tão triste…

— Muito obrigado por sua colaboração, senhor Henderson. — Jackaby fechou o saquinho com a mão livre e o enfiou no casaco. Ele deu mais uma batida com a haste, antes de andar rapidamente na direção daquele senhor. — Voltarei depois, para pegar isto de volta — disse ele, estendendo o garfo de afinação —, mas acho que é melhor ficar com o senhor, por enquanto.

Henderson aceitou delicadamente a oferta, segurando com cuidado, pela haste, para evitar abafar o som cristalino. Seus olhos estavam quase tão vermelhos quanto seu pijama, porém, repletos de gratidão. Ele assentiu e Jackaby afagou-lhe o ombro, meio sem jeito, e saiu pela porta.

Jackaby já estava examinando a janela e o fim do corredor quando eu saí. Ele abriu o trinco, fechou, abriu de novo e passou a mão ao longo da moldura. Havia uma sacada bem estreitinha, visível somente do lado de fora, com um vaso de terra, que talvez tivesse abrigado uma planta antes da chegada do inverno. Antes que eu pudesse perguntar se ele havia notado algo incomum, Jackaby já voltava pelo corredor, em sentido contrário. Charlie e eu o acompanhávamos, andando depressa, passando em silêncio pela porta fechada do 301 e rumo à escada.

— Fico imaginando quantos andares deve haver acima de nós — refletiu Jackaby, ao subir os degraus.

— Deve ter só mais um — eu disse. — Havia quatro fileiras de caixas de correio no lobby, e os números iam somente da casa dos 100 à dos 400. Portanto, a menos que haja um sótão… — Minha voz foi diminuindo. Tínhamos chegado ao andar. A escada realmente terminava com mais um corredor e Jackaby virou-se para me olhar, com a cabeça inclinada de lado, quando eu o alcancei.

— As caixas de correio? — disse ele.

— É… sim. No lobby.

Os cantos de sua boca se curvaram num sorriso pensativo. — Um tanto perspicaz, senhorita Rook. Bem perspicaz, de fato.

— O senhor acha? — Eu me vi ansiosa para impressionar meu novo e estranho patrão. — Isso é útil para a investigação?

Jackaby deu uma risada, virando-se para a porta aberta. — Nem um pingo, mesmo assim, muito perspicaz.

7

O

O QUARTO PISO DO EMERALD ARCH APARTMENTS era quase idêntico ao terceiro. A luz fraca das luminárias sujas a querosene refletia pouco, sem realmente iluminar o andar. Jackaby apressou-se ao apartamento 412 e bateu com força.

— O que está procurando, exatamente? — sussurrei ao meu chefe, enquanto esperávamos. Dava para ouvir ruído de passos vindo lá de dentro.

— Eu não sei — respondeu Jackaby —, mas estou muito empolgado para descobrir, você não?

A porta foi aberta por um homem de meia-idade, de camiseta, calças bem passadas e suspensórios. Ele segurava uma toalha úmida e havia nacos de creme de barbear em seu queixo. — Sim? — disse ele.

Jackaby olhou o homem de cima a baixo. — Não, desculpe. Porta errada — declarou ele. — Você é claramente apenas um homem. — Sem maiores explicações, ele deixou o sujeito confuso para continuar com sua rotina da manhã.

Jackaby bateu firmemente na porta do 411 e uma mulher atendeu. Ela vestia um vestido branco simples e limpo, caprichosamente abotoado quase até o pescoço, e seus cabelos ruivos estavam presos para trás, num

coque. — Olá. O que foi? Eu já disse ao último que não vi nada. — Seu sotaque era claramente irlandês e pontuado com uma discreta irritação.

— Simplesmente uma mulher — disse Jackaby, depois de outra inspeção superficial. — Não serve. Peço desculpas. — Ele deu meia-volta e seguiu para o 410.

A mulher, bem menos satisfeita do que Jackaby com o encontro, saiu do apartamento. — E o que você quer dizer com isso? — perguntou ela.

Eu quis entrar no papel de parede, quando ela veio marchando atrás do detetive. Notei que Charlie ficou subitamente interessado nas pontas de seus sapatos bem engraxados.

— Simplesmente uma mulher? — repetiu ela. — Não tem nada de simples nisso! Estou farta de tipos como você falando do sexo fraco e coisas do gênero. Aposta quanto que você é mais fraco?

Jackaby gritou para trás, sem olhar: — Eu só quis dizer que você não me serve, no momento.

Charlie sacudiu a cabeça.

A mulher ficou furiosa. — Eu sou uma mulher formada, enfermeira e cuidadora! Como se atreve…

Jackaby finalmente virou-se:— Madame, eu lhe garanto, só quis dizer que não é especial.

Eu cobri o rosto com a mão.

A mulher ficou vermelha como um pimentão. Jackaby sorriu para ela de um jeito que, tive certeza, para ele demonstrava um tom agradável, após uma explicação plausível. Ele pareceu preparado para deixar o assunto de lado, como um mal-entendido amistoso, mas não para levar um soco na cara.

Não foi um tapa de dama, nem um gesto simbólico. A força do golpe fez o detetive girar cento e oitenta graus, e seu trajeto ao chão só foi rapidamente interrompido pela parede que acertou com a orelha no caminho para o chão.

A mulher ficou em pé acima dele, com toda a sua fúria sedosa de linho branco. — Não sou especial? Simplesmente uma mulher? Eu sou Mona O’Connor. Venho de uma orgulhosa linhagem de O’Connors, das épocas de reis e rainhas da Irlanda, e tenho mais espírito de luta do que m homem inútil como você jamais poderia ter. O que tem a dizer a respeito?

Jackaby sentou-se, balançando um pouquinho. Ele remexeu o maxilar, de um lado para o outro, testando, depois voltou a atenção à sua agressora.

Os pensamentos passavam por seus olhos cinzentos, como nuvens de uma tempestade. — Disse O'Connor?

— Isso mesmo. Tem algum problema com os irlandeses? — A senhorita O'Connor projetou o queixo e olhou abaixo, empinando o nariz para Jackaby, desafiando-o a confirmar o preconceito.

Jackaby ficou de pé, espanou o casaco, que tilintou com o conteúdo em seus inúmeros bolsos, e jogou o cachecol por cima de um ombro. — É um prazer conhecê-la, senhorita O'Connor. Imagino se não teria uma colega de quarto.

O rosto de Mona hesitou. Ela olhou rapidamente para mim e Charlie com o mesmo espanto, depois de volta para o detetive. Jackaby sorriu para ela, com uma curiosidade encantadora e inocente. O lado esquerdo de seu rosto estava vermelho. Ele estava se comportando exatamente como um homem que acaba de ser esbofeteado não deveria.

— Alguma parenta mais velha, talvez? — ele incitou, prosseguindo como se nada tivesse acontecido. — Ou uma amiga da família? Está por aqui desde que a senhorita era apenas uma criança, eu imagino.

O rubor do rosto de Mona sumiu.

— Avançando na idade, imagino, só não sei quantos anos? — Jackaby persistiu. — Ela está aqui desde que a senhorita pode se lembrar, no entanto, parece ter a mesma idade de hoje?

O resto da cor sumiu do rosto de Mona.

— Como você…? — ela começou a dizer.

— Meu nome é R. F. Jackaby e eu gostaria muito de conhecê-la, se não se importa — disse ele.

As sobrancelhas de Mona ficaram tensas, mas sua determinação tinha sido claramente abalada. — Minha mãe… Minha mãe me fez prometer que eu cuidaria dela.

— Não tenho nenhuma intenção de prejudicá-la, tem minha palavra.

— Ela está tendo um de seus… uma de suas crises. Eu… olhe, lamento por… é… aquele negócio que aconteceu, mas acho que seria melhor você voltar outra hora.

— Senhorita O'Connor, eu acredito que a vida é incerta, portanto, receio que a hora seja agora. Prometo ajudar da forma que puder com a crise. Por favor, podemos entrar?

A senhorita O'Connor, agora totalmente de guarda baixa, caminhou de volta até a porta aberta. Ela parou indecisa só por um momento, depois

ficou do lado de fora e gesticulou para que entrássemos. A configuração do apartamento era familiar, mas dava uma sensação de ser mais limpo e, de alguma forma, mais aberto que os dois outros. A luz suave do dia entrava pelas cortinas brancas para iluminar a mesa com uma toalha marrom simples. Por cima havia paninhos de renda e um vaso de flores, uma bacia branca e um jarro. O sofá era pequeno, mas bem estofado, com uma colcha grossa o cobrindo. No canto havia uma cadeira de rodas de madeira. O quarto era aconchegante e convidativo, um grande contraste à cena horripilante lá embaixo.

— Sentem-se, se quiserem — disse Mona, e, grata, aceitei o convite. À medida que afundei nas almofadas, dei-me conta do efeito que as calçadas frias tinham causado em meus pobres pés.

O policial Cane agradeceu educadamente, mas continuou de pé, perto da porta. Sob a luz da sala, pela primeira vez, tive uma boa visão dele. Ele era de fato bem jovem para ser detetive de polícia, mesmo que júnior. Enquanto ele se mantinha alerta, o ângulo de seus olhos escuros transmitia uma ponta de insegurança, e ele tinha de ficar endireitando a postura, como se resistisse a um ímpeto natural de se recolher. Seu olhar cruzou com o meu e ele desviou. Eu logo olhei de volta para Jackaby e a mulher.

A senhorita O'Connor caminhou suavemente até a porta do quarto. Jackaby a seguiu, tirando o gorro de tricô. Eu estiquei meu pescoço para olhar quando eles entraram. Havia duas camas no quarto, em paredes opostas, e apenas espaço para um criado-mudo entre as duas. Sobre o criado havia um livro com orelhas e uma escova de cabelos prateada. Uma das camas estava vazia, com os lençóis bem presos e cantos bem dobrados. A outra tinha uma mulher de cabelos brancos compridos. Ela vestia uma camisola clara e estava ligeiramente recostada em seus travesseiros. Parecia balançar um pouquinho, mas eu não conseguia ver mais, pois Mona e Jackaby entraram no quarto, na frente dela.

— Nós temos visita — disse Mona. — O senhor… Jackaby, não é isso? Essa é a senhora Morrigan.

— Senhora Morrigan. Claro, é a senhora — disse Jackaby, baixinho. Ele se ajoelhou ao lado da silhueta. — Olá, senhora Morrigan. É uma honra. Consegue me ouvir?

Eu me mexi no sofá até conseguir enxergar a senhora idosa por trás de Jackaby. Ela era magra e tinha a pele clara, e seus cabelos eram um misto de grisalho e branco, mas foi seu rosto que chamou minha atenção. Suas

sobrancelhas finas e grisalhas se contorciam numa expressão pesarosa. Seus lábios eram grossos e retesados e tremeram ligeiramente, à medida que ela respirou fundo. Então, sua cabeça pendeu para trás e sua boca abriu, numa pantomima trágica de um grito. Meu peito apertou de compaixão pela pobre mulher torturada.

Seu maxilar tremeu, enquanto ela soltava o resto do ar, e percebi o peso do silêncio. Ela inalou devagar outra vez e seu corpo inteiro se esvaiu em outro grito, mas nem um sussurro audível escapou de seus lábios delicados.

Um frio subiu pela minha espinha. Além da estranheza óbvia do espetáculo, havia algo mais inquietante nos gritos mudos da mulher. Um espasmo indefinível de dor e pavor irrompeu em mim. Será que essa era a vida que Jackaby levava? Morte, loucura e desespero por trás de todas as portas?

— Ela fica assim, de tempo em tempo — Mona explicou ao detetive, num tom de voz pouco acima de um sussurro. — Sempre ficou. Ela não consegue controlar. São como ataques… No entanto, não se parecem com nenhum que eu tenha visto nos meus livros médicos. Lá em nossa terra, ela passava semanas, às vezes, meses sem nenhum problema. Aqui deveria ser melhor, mas não faz nem uma semana que estamos neste apartamento e agora acontece isso… É a pior crise que ela já teve. Não para desde ontem.

— Desde ontem? — perguntou Jackaby.

— Sim, ontem de manhã cedo, e durante a noite inteira.

O corpo da senhora Morrigan murchou, à medida que o ar deixou seus pulmões novamente. Suas pálpebras tremularam abertas, por um instante, e ela olhou para Jackaby. Ela estendeu a mão fraca a ele, que a segurou delicadamente, o gesto mais humano que eu já tinha visto vindo do homem; depois, ela fechou os olhos, e o ciclo infeliz de gritos silenciosos voltou.

Jackaby chegou bem perto dela e sussurrou algo em seu ouvido. Mona ficou olhando preocupada. A senhora Morrigan abriu os olhos outra vez e, séria, assentiu para o detetive. Ela recomeçou os gritos mudos, mas seu corpo relaxou um pouco nos travesseiros. Jackaby pousou a mão dela com delicadeza de volta na cama e ficou de pé. — Obrigado — ele disse, em voz alta, e saiu até a sala principal do apartamento. Mona foi atrás, fechando a porta atrás deles.

O detetive afastou os cabelos escuros e rebeldes para trás e enfiou o gorro na cabeça de novo.

— O que disse a ela? — perguntou Mona.

Jackaby pensou na resposta. — Nada de mais. Senhorita O'Connor, obrigado pelo seu tempo. Receio que não possa ajudar com o estado da senhora Morrigan por hora, mas, se servir de consolo, esse episódio irá se resolver sozinho, em algum momento desta noite.

— Esta noite? — perguntou ela. — Você parece tão certo.

Jackaby saiu no corredor e olhou para trás. Eu levantei e saí atrás dele. — Estou confiante de que sim. Cuide bem de sua paciente, senhorita O'Connor. Bom dia. Já estávamos na escada antes de escutá-la fechar a porta atrás de nós. Charlie e eu irrompemos em perguntas ao mesmo tempo. O que ele tinha dito? Que tipo de ataques eram aqueles? Como ele poderia ter tanta certeza de que aquilo acabaria naquela noite?

— Ela não está tendo ataques, ela está *lamuriando* e irá parar esta noite, pois, até amanhã de manhã, o senhor Henderson estará morto. — A voz de Jackaby estava inexpressiva, exceto, talvez, pelo interesse que um botânico demonstrasse quando discute sobre uma orquídea rara. — A senhora Morrigan é uma banshee.

A palavra ficou pairando no ar por alguns passos.

— Lamuriando? — perguntou Charlie.

— Ela é uma banshee? — eu disparei. — Aquela senhora idosa? Então, ela é nossa assassina?

— Nossa assassina? — Jackaby parou e virou para mim. Eu cambaleei e parei. — Pelo amor de Deus, como você chegou a isso?

— Bem, foi isso que disse, não foi? Que havia algo não humano no quarto da vítima? Algo antiquíssimo? E banshees… São aquelas criaturas cujos gritos podem matar, certo? Não são elas que… gritam até matar?

Minhas palavras foram saindo baixinho, escondendo-se na sombra, com vergonha de serem vistas comigo. A expressão com que Jackaby estava me olhando não era descortês, mas de pena. Era uma expressão que alguém pode fazer para um cãozinho que caiu da cama, correndo atrás do próprio rabo.

— Então, não é nossa assassina?

— Não — disse Jackaby.

— Bem, então, que bom — eu engoli.

— Lamuriar — disse Jackaby, virando de volta para Charlie — é uma expressão de pesar pelos mortos. — Ele virou e continuou sua explicação, enquanto recomeçamos nossa descida. — Tradicionalmente, as mulheres chamadas "lamuriantes" cantam uma canção de lamento nos funerais irlandeses.

"Dizem que algumas famílias tinham fadas como suas lamuriantes. Essas mulheres fadas, que vinham do outro lado dos montes, eram chamadas "mulheres do outro lado", que, em irlandês, é algo parecido com "banshee". Elas se dedicavam às famílias escolhidas e cantavam os mais pesarosos lamentos se algum membro da casa caísse morto — mesmo que estivessem bem longe e a notícia da tragédia ainda não tivesse chegado ao lar. Como vocês podem ter imaginado, a família da senhorita O'Connor estava dentre essas casas da elite, frequentadas por uma banshee."

Jackaby parou bruscamente para inspecionar um lanho na madeira da escada. Charlie, que vinha logo atrás do detetive, precisou se segurar no corrimão para não cair por cima da silhueta que se ajoelhara de repente. Com igual rapidez, Jackaby levantou e continuou a descer. Seu olhar vasculhava os degraus em busca de algo, mas com o tráfego de pés de todos os inquilinos, indo e vindo, eu duvidava muito de que alguma pista significante surgiria ali.

— Onde eu estava? — perguntou ele.

— Banshees — disse Charlie. — Chorando pelo pessoal de casa, mesmo que um membro da família morresse em algum lugar distante.

— Certo. Então, o som da lamúria da banshee tornou-se um presságio da morte. Entregues ao seu papel, ao longo dos anos, as banshees ficaram ainda mais sensíveis. Essas mulheres fadas ganhavam conhecimento prévio, sentindo a aproximação da morte. Em lugar de lamuriar para os parentes sobreviventes do falecido, as banshees passaram a cantar seu terrível cântico diretamente àquele que estivesse condenado. "Elas ainda estão proximamente ligadas às suas famílias, porém, à medida que seus poderes se desenvolveram, estenderam-se a todos os que estivessem na presença delas. Qualquer pobre alma cujo tempo aproximou talvez ouça o grito agourento, particularmente os condenados a um fim violento e intempestivo. Se, porém, você fosse um viajante de destino infeliz e ouvisse a lamúria, saberia que a morte estava próxima. Isso as transformou em criaturas pavorosas, temidas e odiadas por qualquer um que as ouvissem, um tratamento muito mais incompatível com a honra e a

gratidão que costumavam receber por seus serviços de lamúria. Contudo, as banshees, em si, não são perigosas, apenas carregam o fardo da tarefa de expressar a dor e a perda."

Eu pensei no rosto da senhora Morrigan e fiquei envergonhada pela minha acusação precipitada. Eu estava contente por Jackaby ter demonstrado um pouco de carinho, e percebi que ele lhe dera o pouco que podia: sua gratidão.

— Ainda bem que você e eu não podemos ouvir a lamúria da banshee — continuou ele. — Ela não é destinada a nós. Henderson ouve porque é o seu lamento e somente seu. Eu aposto que a nossa vítima do 301 também ouvia, antes de sua morte prematura. A senhora Morrigan quase não teve momento de descanso de seus cânticos fúnebres diligentes. Estávamos chegando ao último lance de escada e a claridade do lobby iluminava os degraus.

— Devemos fazer algo por ele? — perguntou Charlie, de repente. — Se um assassino estiver vindo atrás do senhor Henderson, não podemos ficar de consciência tranquila e deixar que ele seja pego! Não podemos deslocá-lo, escondê-lo? Manter guarda ao redor de seu quarto?

Jackaby entrou no lobby. A essa altura, o sol estava alto no céu do final da manhã. Nuvens encobriam um mundo polvilhado pela neve, e sua brancura macia era cegante. — Se puder acalmar sua consciência, então, vá em frente. No entanto, fará pouca diferença. Se ele ouve o grito da banshee, então, o destino do senhor Henderson está selado.

8

JACKABY ENROLOU O CACHECOL ATÉ O QUEIXO e empurrou a porta da frente do edifício Emerald Arch, abrindo-a. Charlie veio rapidamente para segurar a porta aberta, enquanto eu o seguia. A aglomeração de observadores curiosos tinha crescido e a polícia tinha providenciado alguns cavaletes e cordas para montar uma área de isolamento. Ao final da calçada, o inspetor-chefe Marlowe tinha saído e estava conversando com uma bela jovem de cachos louros e lágrimas rolando pelo rosto. Ela assuava o nariz num lenço e chorava. Eu estava indo muito bem, mantendo o medo, a pena e o pavor enfornados em minhas entranhas, mas as emoções escancaradas da mulher reviraram tudo e me deixou desconfortável e enjoada. Eu mentalizei para que a sensação passasse. Marlowe não estava fazendo nenhum esforço para confortá-la, mas ouvia, enquanto folheava as páginas de um caderninho de capa de couro, ocasionalmente assentindo e anotando. O inspetor-chefe não parecia o tipo de homem que jamais poderia ser oprimido por empatia. Ele se encaixaria muito bem às aventuras de crime das minhas revistas. Ele segurava o bloquinho como um escudo, impassivelmente erguendo uma barricada entre ele e a tragédia humana. Fiquei imaginando por que Jackaby não andava com um caderninho. Ocorreu-me que um detetive deveria ter um caderninho.

Charlie Cane estava mais interessado numa carruagem preta reluzente que vinha descendo a rua de paralelepípedos. Ela tinha parado, enquanto o condutor enxotava os pedestres para fora do caminho. New Fiddleham era uma cidade em crescimento e as ruas haviam sido projetadas para a cidadela singular e rural que deve ter sido um dia, mas agora ficavam facilmente congestionadas pelo tráfego diário da vida urbana. Fofoca e conversa também atraíam uma multidão volumosa e, apesar da presença ostensiva da polícia, os observadores espalhavam-se pelas ruas para ver o desenrolar do drama.

— Agradeço por toda a sua ajuda, senhor, porém, agora, preciso insistir que o senhor vá — disse Charlie, gesticulando para a carruagem. — Aquela é a carruagem pessoal do comissário Swift. Se ele está vindo em pessoa para uma cena de crime, pode apostar que o inspetor Marlowe ficará até menos… alegre.

Jackaby fez uma careta. — Curioso. O comissário parece bem interessado. Marlowe certamente já lidou com homicídios sem supervisão.

— Não tão curioso — respondeu Charlie, parecendo mais desconfortável pela nossa presença, enquanto a carruagem se aproximava. — O prefeito indicou o comissário Swift alguns meses atrás. A primeira coisa que ele fez foi elevar as cotas e dobrar as patrulhas de rua. Ele está tentando entrar na política, está muito preocupado com números e a imagem pública. O boato é que de Arthur Bragg o ajudou a obter alguma publicidade no *Chronicle*. Dá para entender por que ele está meio aborrecido.

— Você disse que a vítima trabalhava no jornal?

— Isso mesmo. Ele era repórter, mais da área política e notícias locais. De fato, senhor, agora precisa ir!

Jackaby deu uma olhada abaixo, para a calçada, à medida que a carruagem encostava perto do Marlowe. O inspetor interrompeu a conversa com a loura chorosa e se aproximou, parando junto à porta. A garota pareceu perdida e hesitante, até que veio outro policial, para acompanhá-la na saída dali. Eu me dei conta de que já tinha visto seu rosto. Ela era a garota da fotografia lá de cima. A onda de emoções voltou e eu lutei contra um nó na garganta. — Certo. Obrigado, detetive. Você foi de grande ajuda — Jackaby estava dizendo. Ele assentiu para o detetive júnior e apressou-se para contornar o prédio. Eu dei um breve aceno ao

Charlie e seu sorriso de despedida causou outra onda de calor em minhas bochechas.

Virei e saí apressada atrás de Jackaby, contornando o prédio e quase trombando nele. Ele estava com as costas coladas no prédio de tijolinhos e observava a cena com atenção. — O que está fazendo? — eu perguntei, dando uma olhada em volta e recuando na sombra, junto com ele. O beco era largo e se estendia entre o Emerald Arch e um prédio baixo de tijolinhos que cheirava a peixe. Havia latas de lixo e caixotes velhos para servir como esconderijo, caso precisássemos. Uma sacada estreita projetava-se de cada andar, diretamente acima de nós.

— Bem, senhorita Rook, é hora de você ir — disse Jackaby, simplesmente, olhando o beco em volta, sem se dar ao trabalho de me olhar nos olhos.

Eu hesitei. — Então, é um *não* para o emprego?

— O quê? Não, de onde tirou essa ideia? — Ele atravessou a pilha de caixotes velhos e pegou um, com uma estrutura de madeira firme e um grande emblema com um peixe vermelho pintado na lateral. Ele posicionou o caixote abaixo da sacada e pegou mais dois. Depois de empilhá-los numa pirâmide simples, ele olhou acima. — Se você ainda está dentro, depois do negócio desta manhã, então, o emprego é seu… pelo menos por enquanto. Podemos chamar de período de experiência.

Depois de uma breve decepção, comecei a assimilar a empolgação do que ele estava dizendo. — Ah, eu estou dentro, senhor Jackaby — eu disse. Então, depois de uma pausa, falei: — Estou dentro de quê, exatamente?

— Excelente, já está fazendo as perguntas certas. — Ele empilhou mais três ou quatro engradados em fileiras oscilantes, enquanto falava. — Você virá comigo, em alguns casos, como hoje, para identificar pequenos detalhes que possam ser úteis. Eu vou ditar as descobertas para que você datilografe e compile em arquivos apropriados para os casos e, quando eu estiver ligando as peças, você me ajudará dando opiniões. Eu penso melhor falando em voz alta e prefiro não falar muito comigo mesmo, me dá dor de cabeça. Fora isso, você apenas fará pequenas tarefas pra mim, como notas e recibos, cuidar das contas, esse tipo de coisa. Mais alguma pergunta?

— Por que mudou de ideia? — Isso simplesmente escapou.

— Mudei de ideia sobre o quê? — A princípio, o senhor disse que eu não era a garota certa para o emprego. O que o fez mudar de ideia?

Jackaby parou de arrumar os caixotes velhos e me olhou nos olhos, antes de responder. — Marlowe é um bom homem e um detetive competente, mas ele nota o que qualquer um notaria: o extraordinário. Ele vê manchas de sangue e homens malucos de pijamas vermelhos. Eu vejo coisas ainda mais extraordinárias, as coisas que ninguém vê. Mas você… você nota caixas de correio e cestos de lixo e… gente. Quem consegue enxergar o ordinário é, na verdade, extraordinário, Abigail Rook. Mais alguma pergunta?

Eu só tinha mais uma. — Por que o senhor não tem um caderninho? — eu perguntei.

— O quê? Um caderno?

— Sim, para anotar as pistas e indicações das coisas. Eu imagino que seria incrivelmente útil para um detetive. O Marlowe tem um. Tem uma capa de couro e abre pra cima. Eu não me importaria em ter um caderninho. Cada um de nós deveria ter um. Pareceríamos detetives mais apropriados.

— Em primeiro lugar — disse Jackaby, dando um suspiro —, a última coisa que um *bom* detetive quer é se parecer com um "detetive apropriado", na maior parte do tempo. Em segundo lugar, de maneira geral, não é uma má ideia, mas eu já usei cadernos e achei muito inútil. Eu os entregava às minhas assistentes para que datilografassem minhas anotações e nenhuma delas conseguia decifrar minha letra. Uma delas até disse, de modo grosseiro, que mais parecia a escrita de um chimpanzé.

— Bem, então, o senhor poderia ler para mim, enquanto eu copiasse, ou não copiasse, apenas usasse para sua referência.

— Bem, isso não adianta.

— Por que não?

— Porque "chimpanzé" foi generosidade. Eu mal consigo ler o que escrevi. Acho bem mais simples pular esse exercício. Eu posso ditar minhas descobertas para você, no fim do dia, no conforto do escritório.

— Bem, eu ainda vou gostar de ter um, algum dia. Acho que eu ficaria com uma aparência bem mais inteligente com um caderno de capa de couro. Ah, e uma lupa. Eu me sentiria muito mais como uma detetive se tivesse uma lupa.

— Eu tenho várias, mas, por que você deveria se sentir como uma detetive? Eu a estou contratando como assistente investigativa, não detetive. Uma lupa ajudaria a fazer com que se sinta uma assistente

investigativa? Se positivo, ficarei contente em emprestar uma, enquanto você se adapta ao papel.

— Não me leve a mal, mas o senhor tem um jeito de tirar a alegria de uma ocasião, sabe disso? — Eu abotoei o casaco contra o vento frio. — Então, vamos indo?

— Nós, não, eu tenho algo que preciso fazer aqui. — O detetive deu outra olhada para um lado e para o outro do beco. — Encontre-me no meu escritório. Espero que o cheiro já esteja suportável. Pode se familiarizar com o lugar. Só tome cuidado para não escorregar e cair no lago. A lama é incrivelmente escorregadia.

— Eu não notei um lago… É nos fundos?

— Não. No terceiro andar. Não tem como deixar de ver. Jackaby plantou um pé na pirâmide de caixotes e rapidamente subiu a escada improvisada.

— Espere, o que está fazendo? — Eu agarrei o caixote do alto com os dois braços, segurando firme, enquanto o negócio todo ameaçava desmoronar.

Jackaby agarrou um corrimão metálico e virou para pular dentro da sacada estreita. — Preciso revisitar o apartamento 301. Se Arthur Bragg era um repórter no meio de uma história, e terminou com um buraco no peito e vários litros de sangue a menos… — Ele deixou a frase no ar.

— É claro — eu disse. — Ele provavelmente foi morto por causa de alguma coisa que estava escrevendo. Mas… por que você não me quer junto?

— Porque — disse Jackaby, passando um pé por cima do corrimão fino de metal e se erguendo à sacada seguinte, com os sapatos raspando nos tijolinhos, enquanto subia — você passou… *uff*… a manhã toda comigo e não desmaiou, não me bateu com nada, nem se transformou num pássaro aquático. Eu gostaria muito que as coisas permanecessem assim, pelo menos no seu primeiro dia.

— Ah — respondi. Eu estava começando a achar mais fácil apenas aceitar o que o detetive me dizia do que pedir explicações. — Então, eu o verei de volta, no escritório?

Jackaby tinha pisado firmemente na sacada do terceiro andar e começava a erguer e abrir a janela. Ele parou, olhando o parapeito atentamente e murmurando algo. — O que foi? — eu gritei.

— Nada. Essa é a janela do fim do corredor, dá para ver a porta do senhor Henderson, bem ali. — Ele puxou a janela para abri-la completamente e passou uma perna para o lado de dentro.

— Não seja pego! — eu alertei, em meu sussurro mais urgente.

— Isso me faz lembrar — disse ele, parando. — Tem um pote no meu escritório, escrito "Fiança". Se você não tiver notícias minhas até esta noite, apenas leve o dinheiro até a delegacia da Mason Street, poder ser? Eu geralmente fico na primeira ou segunda cela. Boa garota. Eu a verei daqui a pouquinho!

O restante de Jackaby sumiu janela adentro e uma antiga sensação conhecida formigou em minha espinha. Até aquele momento, os acontecimentos do dia tinham sido novos e incríveis, mas ser deixada para trás era uma área na qual eu tinha horas incontáveis de experiência.

Meu pai era muito respeitado em alguns círculos científicos, e sua notoriedade o mantinha sempre fora de casa, a negócios. Eu tinha minha mãe, claro, mas suas ambições mais extravagantes envolviam guarda-sóis e sanduíches de pepino. A maioria das garotinhas iria preferir brincar de se vestir de gente grande, com a mamãe, a aprender sobre o trabalho do pai — a maioria das garotinhas não tinha o intrépido Daniel Rook como pai. Para ele, "trabalho" significava partir para locais exóticos com grupos de aventureiros ousados, vestidos de roupa cáqui. Eu não poderia contar quantas vezes implorei que ele me deixasse ver um verdadeiro local de escavação, mas não adiantou. Enquanto ele analisava civilizações perdidas e ossos desenterrados de feras monstruosas, eu analisava o jardim e arrancava as ervas daninhas para ganhar minha mesada de dois centavos.

Agora, eu não estava no jardim da minha mãe. Eu estava em pé, sob uma sacada, num beco que cheirava levemente a água suja velha e peixe morto, com minha mente girando, por causa dos acontecimentos do dia, e oscilando como uma tampa mal equilibrada. Isso aqui era diferente. Ao longo da última hora, eu tinha vivenciado mais aventuras verdadeiras do que em toda a minha vida em casa, ou em minhas viagens ao exterior. O inspetor Marlowe tinha falado igual ao meu pai: "Esse negócio não é para o temperamento feminino", mas Jackaby não hesitara em me direcionar ao pior e pedir minhas opiniões. Saber que eu trabalharia de novo com esse homem me deixava inexplicavelmente empolgada. Olhando o passado, imagino que deveria ter sido menos temerosa em ser deixada para trás em segurança e mais temerosa quanto ao precipício que havia adiante.

Caminhei de volta à rua e tentei me situar. Percebi que o trajeto mais direto até o estranho prédio da Augur Lane me obrigaria a passar mais uma vez pela barricada. Concluí que Marlowe nem notaria, ou sequer ligaria se eu passasse por entre os curiosos, então, arrisquei, mantendo-me bem perto da frente da aglomeração, para observar as janelas, em busca de qualquer sinal do meu novo e estranho patrão.

Nenhum sinal dele, mas eu torcia para que ele fosse rápido. O inspetor-chefe Marlowe já estava andando de volta em direção à porta da frente do prédio, com suas algemas tilintando rente à perna. Ele caminhava com uma nova figura que devia ser o comissário. O homem vestia um terno aparentemente caro e que chamava atenção. Era um pouco à moda antiga, com semelhanças com o uniforme formal em seu modelo bem talhado ao corpo. O casacão era preto e adornado com dragonas militares e viés vermelho. Usava um quepe aveludado vermelho com a aba ligeiramente larga e uma pluma pomposa afixada na faixa escura. Ele carregava uma bengala metálica e caminhava com o peito estufado e o queixo erguido. A aparência geral do homem era apenas um pouquinho mais sutil do que a de um homem sanduíche com placas nas quais está escrito SOU MELHOR QUE VOCÊ, em letras garrafais.

Ele era classicamente pomposo… exceto pelo andar, como reparei. O casaco longo e a densa multidão que havia ali escondiam suas pernas de vista, porém, à medida que me aproximei para dar uma olhada, vi que havia algo errado no modo como ele caminhava. Ele se inclinava meio pesado sobre as bengalas, para que ela fosse só um objeto de exibição, para quem olhasse à primeira vista, mas também havia uma rigidez no movimento de suas pernas. Eu estava quase na corda de isolamento da polícia quando ele passou, e finalmente pude vê-las. Elas haviam sido pintadas de preto para se mesclarem perfeitamente com suas calças, mas o comissário usava um par de muletas fixas nas pernas, que captaram um leve reflexo do sol, quando ele passou marchando.

Eu já tinha visto um par semelhante, num menino alemão, durante meu tempo no exterior. Embora a doença ainda fosse razoavelmente rara ali nos Estados Unidos, a epidemia de pólio já vinha causando estrago por toda a Europa. Seja pela força ou pelo orgulho, o homem recusava-se a demonstrar qualquer fraqueza, mantendo passo veloz, apesar de seu impedimento. Algumas vezes, Marlowe tinha de apertar o passo para acompanhá-lo.

— Acho que o senhor não tem noção, inspetor — o comissário Swift estava rugindo. Sua voz era profunda e zangada. — Em minha cidade, bem debaixo do meu nariz! Tem alguma ideia do que os garotos da campanha de Spade farão se eu tentar pedir votos em meio a tudo isso? Eu quero suspeitos na cadeia, e os quero lá para ontem…

O discurso parou quando Swift teve de lidar, de modo desajeitado, com o pequeno degrau à porta, afastando a mão de Marlowe quando ele tentou ajudá-lo instintivamente. Eu percebi, com um pouquinho de culpa, que Jackaby teria mais tempo do que eu temera. O comissário tinha três desagradáveis lances de escada pela frente.

Pensando nisso, deixei o calor da aglomeração para trás e segui meu caminho de volta, pelas ruas gélidas de paralelepípedo, em direção à Augur Lane.

9

A

ATÉ A HORA EM QUE ENCONTREI MEU CAMINHO de volta ao número 926 da Augur Lane, o sol estava bem acima e a neve tinha recuado e se escondido nos cantos mais sombrios das ruas. Eu caminhava com mais confiança em direção ao prédio que passaria a chamar de meu local de trabalho.

Na luz máxima do meio-dia, a porta da frente estava com seu tom de vermelho ainda mais vivo, e fiquei feliz em encontrá-la destrancada como antes. Lá dentro, o cheiro de enxofre havia passado quase todo e as janelas abertas o tinham substituído pelo ar fresco. Pendurei meu chapéu e meu casaco no gancho; notei que minha mala ainda estava no mesmo lugar onde a deixara, e olhei em volta da sala, pela segunda vez. Dividindo a parede com a porta havia um banco de madeira maltratado, que poderia facilmente ter sido salvo de uma sala de espera de um médico, mas parecia ter sido roubado de uma igreja. Na parede oposta, havia uma escrivaninha que aparentemente ninguém usava lotada de pilhas de papel e pastas cheias. À minha direita ficava uma fileira de livros e artefatos, incluindo o viveiro que meus olhos cautelosamente evitaram. Nos fundos da sala, na parede esquerda, havia uma porta ladeada por duas pinturas emolduradas. Uma delas mostrava um cavaleiro cravando uma lança num lagarto do tamanho de um cachorro, imagem que reconheci como São Jorge matando

o dragão. A outra mostrava um mar turbulento e, em meio às ondas, um barco era levado por um imenso peixe alaranjado. Embora pintadas em estilos bem distintos, com paletas de cores quase opostas, as duas pinturas pareciam pertencer uma à outra, formando uma unidade, assim como a própria casa, mantida por alguma força maior que a lógica estética.

Atravessei em direção à porta, mas parei ao passar pela escrivaninha. Num pedacinho vazio do tampo da mesa, entre as pilhas de trabalho, havia uma caneta tinteiro destampada. Eu dei dois passos desviando do meu caminho para fechá-la, a fim de evitar que secasse, e meus olhos passaram por cima de um documento e ali estacionaram. A página estava datada de vários meses antes, escrita em letra corrente caprichada, e dizia o seguinte:

> *O senhor Jackaby está bem certo de que a questão toda irá culminar em algum ritual profano, nesta noite. Como sempre, ele tem sido inacessível quanto aos detalhes do caso. O único elo que pude discernir entre os incidentes é o envolvimento coincidente do padre Grafton e de alguns membros de sua paróquia. Minha sugestão de que direcionemos nossas investigações à igreja não foi recebida com entusiasmo.*
>
> *Quando pressionei sobre essa questão, o senhor Jackaby me informou que meus serviços não eram mais necessários em sua linha investigativa atual e insistiu que, uma vez que estou tão curioso, deveria seguir em frente e fazer minhas próprias "perguntinhas tolas" sozinho. Tenho de admitir algum nervosismo, dada a natureza abominável do caso, mas suponho que o senhor Jackaby não me mandaria sozinho, se pressentisse algum perigo.*
>
> *Certamente farei um registro dos resultados da minha primeira investigação independente, assim que regressar*.

De fato, além disso, o autor não tinha registrado nada. Encontrei mais algumas páginas, com a mesma caligrafia, mas todas elas eram de datas anteriores. Passei o dedo na ponta da caneta e caíram alguns flocos de tinta ressecada havia muito tempo. Tampei a caneta e coloquei de volta na mesa, esforçando-me muito para não interpretar tudo aquilo como um mau agouro. Já havia vozes suficientes em minha cabeça dizendo-me que não

podia fazer *isso*, ou não deveria fazer *aquilo*, ou não estava apta à tarefa — só não pretendia começar a concordar com elas.

Afastei os pensamentos nervosos da mente e voltei a atenção para a porta. Com um empurrão, ela abriu para um corredor que seguia em zigue-zague até chegar a quatro portas, duas de cada lado, e uma escada em espiral nos fundos. Dei uma espiada na primeira porta.

Fileiras de livros chegavam ao teto e perfilavam as paredes de uma bela biblioteca. Prateleiras centrais tinham sido organizadas para permitir que a luz chegasse até os corredores que elas formavam, com cadeiras junto às janelas, e o espaço estava aquecido e confortável. Eu poderia passar horas aconchegada numa poltrona daquela sala, mas voltei ao corredor para olhar as outras.

A sala vizinha era um escritório. Era bem iluminada, mas estava uma bagunça de arquivos e livros. Ao me inclinar para dentro, a sensação sinistra de estar sendo observada veio pinicar minhas costas. Girei e encontrei o corredor deserto como nunca. Puxei a porta para fechar o escritório, começando a me sentir meio invasora. Pensei em deixar as outras salas para lá, mas, quando vi que a última porta já tinha uma fresta aberta, minha curiosidade me venceu.

A porta abriu com um empurrão delicado, depois bateu em algo duro e não abriu mais. Enfiei a cabeça no vão. Era um laboratório. Ao longo das paredes e do parapeito das janelas, provetas e tubos de ensaio preenchidos com cores variadas estavam abrigados em complexas estruturas de bronze. A luz do sol brilhava através deles para pintar uma estampa malhada nas paredes. O carpete reunia mais manchas que a estampa original e estava chamuscado em vários pontos. A sala tinha um cheiro estranhamente doce e pungente — como bananas e cabelo queimado.

Eu não conseguia afastar a sensação arrepiante de que não estava sozinha, embora o único habitante do laboratório parecesse ser um manequim surrado e sem braços, posicionado num dos cantos da sala. Estiquei a cabeça para ver ao redor da porta e fui de repente atacada por duas arcadas de dentes brancos, abertas diante do meu rosto. Recuei bruscamente e meu grito foi interrompido quando bati a parte de trás da cabeça no batente, depois raspei a testa na porta, antes de conseguir voltar ao corredor.

Eu estava ofegante, olhando o vão, esperando que a criatura ressurgisse. Não aconteceu nada. Ainda esfregando atrás da cabeça, olhei

lá dentro outra vez e encontrei o esqueleto de um crocodilo de mais de dois metros, suspenso por cabos do teto. Eu havia deixado que a conversa do sobrenatural do senhor Jackaby se infiltrasse em minha imaginação. A fera ossuda acima de mim não era mais perigosa do que aquelas do museu de história natural, em minha cidade.

Puxei a porta do laboratório fechando-a com um rangido e virei para a escada em espiral. Forçando-me a continuar calma e respirar devagar, subi os degraus até um corredor mal iluminado, no segundo piso.

Eu me sentia mais como uma gatuna, na quase escuridão, e tentei a primeira porta à minha direita, torcendo por um pouquinho de luz das janelas. Em vez disso, encontrei torres precárias de tesouros, lixo e quinquilharias. Uma cabeça montada de veado havia sido colocada junto a um fonógrafo caro e moderno, e uma coleção de gravatas de seda pendia sobre o sino. Tabuleiros de xadrez cobriam aparelhos de chá, e os conjuntos de chá espalhavam-se por cima de caixas de ferramentas.

Havia uma cama quase escondida por baixo da coleção volumosa. Pelo menos um pouco de luz passava pela torre de tralhas, então, deixei a porta aberta e fui até o cômodo em frente. A outra porta dava para um quarto que devia ser do mesmo tamanho, mas passava sensação de ser, sem sombra de dúvida, duas vezes maior, pois estava imaculadamente organizado. A cama tinha lençóis limpos e estava coberta por um cobertor felpudo. Cortinas de renda pendiam da janela fechada e, ao atravessar o quarto para abri-las, assustei-me com um ofego ruidoso. Virei para descobrir de onde vinha, forçando os olhos para identificar algo no escuro. Abri as cortinas e virei de volta. Eu estava sozinha no quarto, mas o formigamento na minha espinha tinha voltado e rapidamente subia ao meu pescoço. Meu coração estava disparado. — Olá? — eu disse, com a voz esganiçada. — Tem alguém aí?

Do outro lado do corredor, uma das pilhas se moveu. Uma molheira de prata escorregou do jogo e caiu no chão de tábuas corridas, fazendo um barulhão. Ela passou rolando diante da porta, pelo corredor afora, onde balançou até parar sozinha.

Não houvera ofego nenhum, apenas o som da bagunça se deslocando. Fui ao corredor pegar a molheira. A porta do quarto bateu atrás de mim e eu girei para trás. A luz por baixo da porta sumiu, exatamente como se as cortinas lá de dentro tivessem sido rapidamente fechadas e eu fui tomada por um arrepio gélido.

Em minha pressa para voltar ao escritório bem iluminado no térreo, descobri que é muito difícil descer uma escada espiral graciosamente se estiver com pressa e de vestido. Como resultado, meu regresso ao primeiro andar foi executado como uma pirueta indigna. Com o ombro doendo e toda descabelada, encontrei, por fim, meus pés e me recolhi à segurança do escritório.

Sentei na cadeira atrás da escrivaninha e esperei que o formigamento das costas passasse e meu pulso voltasse ao normal. Havia um quadro-negro na parede. Tentei identificar algumas palavras, mas elas estavam um pouco borradas e não dava para ler, se é que foram legíveis algum dia. Várias anotações estavam circuladas e ligadas como um tipo de teia, mas, agora, tudo que restava eram os fantasmas das linhas.

Fantasmas.

Dei uma olhada para o teto. Logo acima ficava o quarto impecavelmente arrumado, com seu chão de madeira encerada e a cama muito bem-feita. E algo mais. Sacudi a cabeça. Não que não acreditasse em fantasmas; mas acreditava neles do mesmo jeito desprendido que em lulas gigantes, ou moedas da sorte, ou na Bélgica. Havia coisas que provavelmente existiam, mas eu nunca tivera a oportunidade de me importar com elas de fato, nem para um sentido nem para outro. Nunca pensei muito em fantasmas — exceto, talvez, como uma criança amedrontada vendo as sombras, na hora de dormir. Rapidamente eu descobria que Jackaby tinha um jeito de abrir esse cantinho do meu cérebro. Era um cantinho quieto, no qual tinha vivido quando era menor. Onde tudo era possível, onde a magia não era um sonho acordado improvável, mas um fato óbvio — mesmo que fora de alcance. Naquele tempo, eu sabia que havia monstros no mundo, mas eu os aceitava feliz da vida, ciente de que, pela mesma lógica, também deveriam existir magos e varinhas mágicas e tapetes voadores. Nunca fechei realmente essa parte da minha mente, apenas fui parando de visitá-la, à medida que fiquei mais velha. Eu a deixara destrancada, como o tesouro bagunçado lá em cima, esperando que alguém viesse remexer.

Onde estava Jackaby? Ele sem dúvida já deveria ter voltado. Pensei em Swift e em todos aqueles degraus, mas até o comissário manco teria chegado ao quarto depois de tanto tempo. Achei o pote que Jackaby — ou uma de suas assistentes anteriores — havia indiscretamente rotulado com DINHEIRO PARA FIANÇA, em letras em negrito, e o tirei da prateleira.

Enfornados ali dentro, em pacotes e rolos, devia ter mais de duzentos dólares! Fiquei boquiaberta olhando a soma. Quanto devo levar? Eu nunca tinha pagado uma fiança para soltar ninguém da cadeia. Não me sentiria segura andando pela rua com o pagamento de metade do ano nos bolsos.

Felizmente, antes que pudesse tomar uma decisão, ouvi a porta do lobby bater. Coloquei o pote de volta no lugar e rapidamente segui ziguezagueando pelo corredor tortuoso. Jackaby tinha acabado de pendurar o gorro ao lado do meu, no gancho, quando enfiei a cabeça no lobby. — Ah, olá, senhorita Rook. Teve alguma chance de dar uma olhadinha por aí?

— Só uma olhadinha — eu disse, minimizando.

— Bom, bom. — Ele pendurou o cachecol, que quase encostava no chão, mas continuou com o casaco pesado por enquanto. — Enquanto você estava relaxando, descobri informações comprobatórias que podem ser essenciais à nossa investigação.

— O quê?

— Eu descobri um negócio. Venha comigo.

10

J**ACKABY ME CONTOU OS DETALHES DE SEU** regresso ao apartamento 301, enquanto caminhávamos de volta por seu corredor tortuoso. Ele tinha se saído bem ao entrar e sair sem ser notado, e descobrira alguns papéis interessantes.

Arthur Bragg tinha produzido resmas de anotações rabiscadas, a maioria em sua própria estenografia. Em meio aos papéis em sua mesa, havia detalhes de recentes debates políticos e minutas anotadas de reuniões na prefeitura. Ele tinha anotações de entrevistas com o prefeito Spade e com comissário Swift. Na melhor dedução de Jackaby, segundo sua rápida olhada na estenografia de Bragg, os dois homens estavam discutindo a eleição para prefeito que se aproximava.

— Parece que o detetive Cane estava certo — eu disse. — Bragg só pode ter sido o contato do comissário Swift no jornal.

— É o que parece.

— Por isso que Swift estava tão zangado por isso ter acontecido bem debaixo do nariz dele! Não foi simplesmente um assassinato em sua cidade, ele deixou que seu jornalista pessoal fosse morto, antes que sua publicidade gratuita sequer chegasse às bancas.

— Sim, bem, parece que o senhor Bragg também andou pesquisando mais alguma coisa.

Jackaby chegou ao fim do corredor e deu um empurrão na porta de seu laboratório. Ela abriu rangendo e ele empurrou o que a emperrava, fazendo um monte de maçãs rolarem pelo tapete.

— Ah, minha nossa, está transbordando de novo — murmurou ele, abaixando distraído, sob o esqueleto do crocodilo. — Olhe por onde pisa. Pode pegar uma maçã, se quiser.

Eu continuei na porta. Um caldeirão preto pesado estava do outro lado da porta, cheio de frutas frescas. Eu não tinha comido direito desde a véspera, mas algo no cheiro persistente de cabelo queimado e substâncias químicas desconhecidas tirava meu apetite.

Jackaby atravessou a sala, tirou o casaco e pendurou-o no manequim. Dos bolsos, tirou alguns dos frascos que eu vira antes e os encaixou em compartimentos na grande prateleira metálica. Ele prosseguiu, selecionando e removendo itens como os frascos estreitos que eu notara, através dos quais ele tinha olhado, e foi substituindo por outros novos. Enquanto andava de um lado para o outro, novos artefatos eram colocados na variedade de bolsos, dentre eles, uma moeda chinesa, um conjunto de contas de um terço e um frasquinho com algo que tilintava dentro. Eu desisti de seguir seus movimentos, enquanto ele reabastecia seu estoque.

Sem o casaco, o homem parecia ainda mais magro. Ele parecia ser composto inteiramente de ângulos, desde as pernas compridas até as maçãs saltadas no rosto. Jackaby estava vestindo uma camisa branca simples, sem gravata, e suspensórios marrons. Seus cabelos rebeldes pareciam negros como piche na luz fraca da sala, e no alto de sua silhueta o fazia parecer um fósforo queimado.

— No que mais Bragg estava envolvido? — eu perguntei. — Ainda não sei. Mas acho que a resposta pode estar nisto. — Ele pegou uma folha dobrada de papel e me entregou. — Encontrei isso escondido embaixo do mata-borrão de couro, na escrivaninha dele. Diga-me o que acha. — Eu o abri e virei.

— É um mapa — eu disse.

— Brilhante. Você já está se tornando um componente inestimável para a empresa.

Eu continuei. — Não é um mapa apropriado, impresso. Parece que o Bragg o desenhou, mas tem um bocado de detalhes. A linha costeira parece curva nos locais certos. E aqui estamos nós, no centro. — Eu apontei para o ponto onde Bragg tinha demarcado New Fiddleham. — E

parece que ele prossegue cerca de oitenta quilômetros acima e embaixo de nós. É distante demais para detalhes de ruas, mas ele parece ter excluído as linhas divisórias de cidades e municípios próximos.

Ao longo de um gráfico simples, o falecido Arthur Bragg tinha inscrito uma dúzia de *X*, em caneta vermelha. Eles estavam espalhados por todos os lados da cidade, alguns agrupados em dois ou três, outros, mais distantes, sozinhos. Em letras finas, ele havia escrito *C.Wd*., ao lado da maioria deles, e *N.Wd*., ao lado de alguns. Cada um estava marcado com uma data. As datas eram de até três meses atrás, e outras recentes, até a semana passada. — O que o senhor acha que essas anotações significam? — eu perguntei.

— Isso é o que pretendo descobrir. — Aparentemente satisfeito com o novo estoque em seus bolsos, Jackaby deixou o casaco no manequim e seguiu até o corredor. Eu dei um passo ao lado, quando ele passou e o segui até seu escritório.

Ele pegou um pano velho pendurado na moldura do quadro-negro e deu algumas esfregadas ineficazes na superfície. Depois pegou um cotoco de giz da bandeja e começou a escrever. — Vamos começar pelas datas — disse ele. — Leia para mim. Comece pela mais antiga.

Eu li a data mais antiga em voz alta, 23 de outubro, e assim em diante. Depois de quatro ou cinco, olhei para cima. — O que está desenhando? — perguntei.

Jackaby fez uma careta. — Registrando as datas. Prossiga.

— Isso é algum tipo de linguagem de duende?

Ele recuou do quadro e ficou olhando, inexpressivo. — Não.

— São pictogramas? O que é esse pedacinho que o senhor acabou de desenhar? Esse que parece um ganso bicando alguma coisa.

— Isso é um número 7.

— Ah. — Nós dois olhamos para o quadro. Eu inclinei a cabeça. — Ah, certo, estou vendo. Acho.

Jackaby entregou-me o giz e pegou o papel das minhas mãos. Nós trocamos de posição sem mais comentários, e recomeçamos. Enquanto escrevia, com Jackaby lendo os números e locais, em pouco tempo tínhamos produzido uma lista de doze datas. Em média, elas tinham cinco ou seis dias de intervalo entre uma e outra. Além disso, não havia um padrão identificável. Jackaby prosseguiu às abreviações. — *C* e *N* — ele

pensou alto. — O *Wd*. é consistente, independentemente do que represente. O que podem significar o *C* e *o N*?

— Talvez uma localização? — eu sugeri. — É um mapa.

— É possível, mas eles certamente não são precisos, se esse é o caso. Olhe, há duas marcas ao redor de Glanville, ao sul de nós, e a que está mais para sudeste é um *N*. O que mais podem ser? — Vejamos, Bragg estava cobrindo as eleições e entrevistou o atual prefeito. *C* para *corrente*, ou atual, talvez, e *N*, para quê? Novo? Será que ele estava fazendo uma pesquisa?

— Isso é bom, mas a maioria dessas marcas é do quarto distrito. Na verdade, todas são. Olhe. Temos três em Brahannasburg, quatro em Crowley, duas em Glanville e em Gadston, com mais uma em Gad's Valley. São pelo menos quatro municípios separados, com seu próprio… — Jackaby ficou imóvel. Ele ficou olhando o mapa em suas mãos.

— O que foi? — eu perguntei. — Chegou a alguma conclusão?

Os olhos de Jackaby estavam dançando de um lado para o outro, perseguindo os pensamentos. — O quê? Não, nada. Talvez, nada. Possivelmente nada. Só um pressentimento. Eu preciso dar uma saída para enviar um ou dois telegramas. Você é bem-vinda para ficar e se instalar como quiser.

Meus olhos desviaram para o teto, enquanto Jackaby dobrava o mapa e seguia para o corredor. — Antes de sair — eu me aventurei —, diga-me, o senhor tem mais alguém hospedado aqui? Algum inquilino?

— Ah… é… — Jackaby hesitou para responder. — Sim, sim, imagino que sim — ele gritou do outro lado do corredor.

— Então, tudo bem. Alguma coisa que eu deva saber a respeito?

— A respeito de qual deles?

— Qual deles? Quantas pessoas o senhor tem vivendo aqui?

Jackaby enfiou a cabeça para dentro da porta. Abriu a boca, como se fosse falar, depois fechou, com os lábios apertados, concentrado. — Bem — ele finalmente conseguiu dizer —, isso depende de sua definição de *pessoas*… e também de *vivendo*. — Ele vestiu o casaco marrom. — É complicado. Posso lhe comprar uma torta de carne, já que vou sair? Pensei em minhas definições de *pessoas* e *vivendo*, e achei a possibilidade de permanecer ali cada vez menos atraente. — Será que não seria melhor se eu o acompanhasse em suas tarefas na rua? — eu disse. — Para… aprender?

— Como queira, senhorita Rook.
Meu patrão já estava saindo, sem mais discussão, e eu fui atrás dele.

11

DAVA PARA OUVIR OS RONCOS DO MEU ESTÔMAGO, enquanto Jackaby pagava o vendedor por duas tortas de carne fumegantes. Eu estava ainda mais grata por ter vindo junto, e porque a loja de tortas ficava no caminho do posto de telégrafos. Elas eram robustas, com uma massa grossa e compacta que as tornava fáceis de comer enquanto caminhávamos. Jackaby segurava a dele alegremente com a ponta do cachecol e soprando para esfriá-la. Faminta demais para ter paciência, devorei a minha sem muita graciosidade, com modos que fariam minha pobre mãe empalidecer, e deixando cair pedacinhos de massa e recheio nos paralelepípedos. — Então, o que temos até aqui — Jackaby disse subitamente, como se a conversa que se desenrolava em sua mente tivesse transbordado e saído de sua boca — é que nosso culpado deixou o pobre senhor Bragg com um ferimento cruel no peito e uma namorada pesarosa, e partiu com uma boa quantidade do sangue do sujeito. O coração e outros órgãos pareciam intactos, e sua carteira e seu relógio ainda estavam nos bolsos de seu colete.

— Quem rouba sangue? — eu perguntei, limpando a boca.

— Mais criaturas do que você possa imaginar, e muitas de quem jamais desconfiaria. O sangue é uma mercadoria muito valiosa em muitos círculos, usada para inúmeras coisas. Há lendas que sugerem que

determinada condessa húngara chegava a se banhar com o líquido, no século XVI. Isso lhe rendeu títulos como "Condessa Sanguinolenta" e "Dama Sanguinária", em meio ao povo aterrorizado da cidade.

— Você acha que Arthur Bragg foi morto por uma condessa húngara do século XVI?

— É claro que não. A Dama Sanguinária era humana. Estamos buscando algo decididamente sobrenatural. Embora seja verdade que nosso culpado pareça bem humano. Ele ou ela claramente se sentaram na cadeira de Bragg para um papo, antes de despachar o pobre sujeito.

— Então, estamos procurando alguém que parece humano. Não chega a estreitar muito o campo de busca, não é?

— Ao contrário, estreita, sim, e bastante, senhorita Rook. Eliminamos um bocado de espécies numa só tacada. Também parece provável que estejamos no encalço de uma criatura muito pesada, ou que usa calçados um tanto vigorosos.

— Calçados vigorosos? Perdão, eu não estou entendendo.

— As pegadas, é claro — respondeu Jackaby. — Você não as viu? Estou bem certo de que a figura que fez aquelas marcas também visitou o quarto de Arthur Bragg. A aura era inequívoca. É claro que isso não prova nada. Muita gente pode ter visitado o quarto do homem antes de seu falecimento, mas esse é decididamente um ponto de interesse. As marcas eram bem sólidas. Certamente até seus olhos devem tê-las percebido.

— No entanto, não perceberam. Talvez o senhor possa me fazer a gentileza de descrevê-las?

— Buracos fundos alternados ficaram marcados na escada de madeira, num claro padrão de passos. Deixaram as marcas calcadas no tapete também. Estou um tanto surpreso que ainda estivessem visíveis, para dizer a verdade. Até a hora que tivemos chance de olhar, a polícia já tinha pisoteado toda a cena do crime, deixando a maioria das pegadas cair no esquecimento. Contudo, a escada mostrava marcas distintas. Um par comum de botas de couro não marcaria a madeira. Dessa forma, é razoável dizer que temos uma pessoa excepcionalmente maciça, ou que esteja usando calçados feitos de um material muito denso, como aço. Pelo tamanho da pegada, meu palpite é que seja o segundo.

— Isso é brilhante! Nosso assassino usa sapatos de metal! Isso é real o suficiente — até o Marlowe teria de admitir que essa é uma pista sólida.

— Claro que é real. Contudo, não devemos presumir cedo demais que as marcas são do assassino. O fato de serem tão recentes coloca o dono das pegadas aqui, perto da hora da morte da vítima, mas elas podem ter sido deixadas pouco antes do falecimento de Bragg, ou por uma testemunha involuntária. Tradicionalmente, as fadas folclóricas evitam chamar atenção para si, portanto, se alguma delas se deparou com o corpo de Bragg, ficaria compreensivelmente hesitante em prestar testemunho a um policial armado e talvez tenha fugido o mais depressa possível.

— E o senhor está absoluta, positivamente, certo de que estamos procurando por alguém… — Eu me sentia tola em falar de histórias folclóricas e crimes de verdade ao mesmo tempo. — Alguém sobrenatural?

Jackaby lançou um olhar de reprimenda ao meu ceticismo.

— Certo, tudo bem — eu disse. — Então, quantas criaturas sobrenaturais são conhecidas pelos sapatos metálicos?

Ele pensou um pouco no assunto. — Consigo pensar em… onze ou doze, para começar. Pode-se dobrar isso, se você considerar que os Cavaleiros de Alleberg totalizavam doze e andavam com armaduras completas quando se tornavam fantasmas. Infelizmente, não podemos ser tão afoitos para eliminar outras possibilidades. Golens rabínicos, por exemplo, são criaturas feitas de argila. Se forem endurecidas apropriadamente, algumas cerâmicas ficam com a densidade comparável à do aço. Fiquei olhando para o detetive. — Como sabe de todas essas coisas? — eu perguntei.

— É do meu negócio, tenho de saber. Se eu fosse pescador, poderia lhe falar sobre… — ele parou, parecendo perdido, por um momento.

— Peixes? — eu sugeri.

— Isso mesmo.

Chegamos ao posto de telégrafos. Era uma estrutura estreita com teto alto, espremida ao lado do posto do correio. Vi que meu mapa mental de New Fiddleham ia sendo lentamente preenchido com detalhes. Era difícil acreditar que só fazia um punhado de horas que havia arrancado o anúncio de Jackaby do quadro de aviso, na porta ao lado. Aquele pedacinho de papel acabara se transformando no meu bilhete de ingresso no mundo mais extraordinário que poderia imaginar.

Jackaby andou depressa até um operador e eu fiquei para trás, a uma distância respeitosa, enquanto ele conduzia o negócio. O operador era um

homem mais velho, com poucos dentes e careca. Jackaby ditou um telegrama e o idoso releu, e, embora eu não conseguisse identificar todo o conteúdo, não pude deixar de ouvir o barulho rítmico do apito e uma batida, toda vez que o idoso terminava uma frase com um "ponto". De um banco junto à janela, eu via o tráfego das pessoas passando a pé, e uma carroça ou carruagem ocasional trepidando sobre os paralelepípedos.

Pensei nos detalhes estranhos do caso até agora, no sangue desaparecido de Bragg e no mapa misterioso, até nas pegadas suspeitas de sapatos curiosamente pesados. Se meu chefe estivesse correto, o assassino do pobre homem também parecia humano, mas, na verdade, era um velho… o quê? Nada disso fazia sentido. Talvez, se eu realmente tivesse um belo caderninho com capa de couro que abrisse para cima, pudesse anotar toda informação, em linhas bem caprichadas, e tudo se encaixaria. Soltas, as pistas embolavam e fugiam em minha mente, escondendo-se, à medida que eu tentava me concentrar nelas.

— Mocinha… — Uma mulher com voz nasal e alta me arrancou de minha concentração. Eu despertei de meus pensamentos para encontrar uma figura de cara azeda, com uma boina pequenina, forrada com mais flores e laços do que caberiam no adorno. Ela lançou um olhar caído para o meu patrão e depois continuou num sussurro conspirador. — Eu detesto fofocas — disse ela —, mas me sinto obrigada a dizer, de mulher para mulher, que o homem que você está acompanhando não é uma companhia muito adequada. Não sei o que ele lhe disse, minha querida, mas ele tem fama de ser — ela se inclinou, chegando mais perto — "esquisito".

Eu assenti. — Sim, senhora, obrigada por me dizer isso. Eu acho que pode ser um pouquinho de exagero. Ocorre que agora eu sou funcionária do senhor Jackaby e acompanhá-lo faz parte do meu emprego.

— Ah — disse a mulher, e depois estalou a língua, reprovando. — Uma menina da sua idade realmente não deveria se resignar a trabalhar para viver. Você deveria estar pensando em seu casamento. Não é tarde para que uma coisinha linda como você encontre um marido bom e respeitável, que tome conta de você.

— Eu prefiro cuidar de mim, senhora, mas, obrigada. Agradeço sua preocupação com meu bem-estar, mas algumas de nós temos questões mais urgentes a cuidar do que exercitar nossas reverências e transformar chapéus de tamanhos tolos em topiários.

A mulher limpou a garganta. — Ora, no fim das contas, talvez você seja, sim, uma companhia adequada àquele homem. — Ela olhou com desdém e seguiu com pressa porta afora. Eu tinha sido indelicada, mas tentei não sorrir, enquanto olhava a pilha de botões coloridos na cabeça dela, sacudindo ao se afastar pela calçada. Era fácil imaginar um domovik vivendo num chapéu daqueles sem ser notado.

— Vamos, senhorita Rook? — Jackaby estava atrás de mim, já tendo realizado sua tarefa. Ele seguiu até a porta de saída sem esperar minha resposta, e eu fui atrás dele, rumo à calçada. Ao sair, um som me chamou atenção, um tipo de tilintar. Poderia ter sido qualquer coisa, uma ferradura de cavalo, uma fechadura frouxa, mas minha mente associou ao que o senhor Henderson tinha dito sobre o barulho do lado de fora de seu quarto, na noite em que Bragg fora assassinado. *Clink-clink*. Outro detalhe para acrescentar à confusão em minha mente. Desejei que aquela mulher do chapéu de flores não tivesse me distraído dos meus pensamentos.

— Eu acho que realmente preciso de um caderno apropriado, se eu for de alguma ajuda como detetive — disse, acertando o passo com o de Jackaby.

— Você não é detetive — disse Jackaby. — Você é uma assistente de detetive.

— Mesmo assim, não faria mal nenhum — eu disse. — Eu conheci uma mulher enquanto o senhor estava no balcão, e, para ela, eu não deveria trabalhar para o senhor.

— Parece justo. Eu também acho que você não deveria estar trabalhando para mim. Como você respondeu?

— De maneira um tanto rude, eu tenho de admitir.

—Hmm — ele resmungou. — No futuro, você verá que não vale a pena se dar ao trabalho de entrar nesse tipo de discussão. Ela não é a primeira a sentir aversão por quem eu sou, ou pelo que faço, e não será a última.

— Então, o que é o senhor? — eu perguntei. — Um mago? Um feiticeiro?

— Eu lhe disse, senhorita Rook, eu não me envolvo com esse tipo de coisa. Sou um homem da ciência.

— Bem, mas como se chama o que o senhor faz?

— Eu chamo de raciocínio. Pensamento dedutivo. A ligação lógica de…

— Não essa parte. Estou falando do outro lado. Como se chama uma pessoa como o senhor, que consegue — o senhor sabe — detectar coisas invisíveis?

— Ah — ele assentiu. — O termo que eu uso é *vidente*. Não é um título perfeito. Tem sido usado para definir todos os tipos de pessoas que leem a sorte, e os profetas, ao longo dos séculos, mas é simples e apropriado. Eu sou um vidente. Na verdade, *o* vidente, nesse sentido. O único, no momento. Já observei muitos e parece não haver ninguém mais que consiga ver como eu vejo. Houve outros, no passado, mas nunca dois ao mesmo tempo. É como se a habilidade fosse embora quando um eleito morre e renascesse em outro.

— Como pode saber disso? Como sabe que não existe algum sujeito na China, neste momento, que se considere o único, e outro na Austrália, e outro na França?

Jackaby suspirou e diminuiu o passo. — Durante muitos anos, tive esperanças de que houvesse. Tinha minhas dúvidas e queria respostas. Há certos grupos, grupos muito antigos, que se interessam por esse tipo de coisa. Eles me encontraram. Deram-me respostas, embora não tantas quanto eu gostaria, e nem sem me cobrar um preço. Sou o comissário de um papel muito antigo e venerado, um papel que permanecerá por muito tempo, depois que eu me for.

— Por que o senhor?

Ele gemeu. — Essa seria uma das respostas que eu gostaria de ouvir, mas não obtive.

— Chegou a conhecer o vidente antes do senhor?

Jackaby parou. Seu rosto pareceu desolado e seus olhos cinzentos estavam a quilômetros de distância. Ele inalou profundamente e depois, devagar, voltou a caminhar. — A habilidade pode se manifestar em qualquer lugar e em qualquer um. O próximo vidente poderia facilmente ser um menino aqui da rua, ou uma idosa, do outro lado do planeta.

— Mas o senhor viu, não viu? Quem era ele?

Jackaby não falou nada, durante vários passos.

— Ela — ele finalmente disse baixinho. — Prefiro não discutir esse assunto. — Havia um tom conclusivo sombrio nas palavras, e mais uma quadra de paralelepípedos passou por baixo de nossos pés, antes que eu voltasse a falar. — Acha que poderia me ensinar? A ver além das ilusões?

— Não — disse Jackaby, quase me interrompendo. — Provavelmente, não. É quase certo que não. Como expliquei, é uma habilidade que me é única. A visão reside em um único hospedeiro de cada vez.

— O senhor já tentou? — eu perguntei. — Talvez eu possa aprender a fazer como o senhor faz… mas nós poderíamos ver quanto eu consigo captar.

Jackaby franziu as sobrancelhas, mas percebi que o cientista dentro dele ficou intrigado com a ideia. — Suponho que possamos estabelecer alguns parâmetros experimentais, medir a sensibilidade em condições consistentes e mudar variáveis, introduzir estímulo externo… — Ele estava começando a me olhar com a mesma atenção que usava em seus artefatos peculiares e frascos de químicos curiosos. Era tão promissor quanto inquietante. — Eu pensarei na possibilidade — concluiu ele. — Se decidir mantê-la, é claro. — Ele virou os olhos de volta à calçada.

— Não pode ser fácil — eu disse — rastrear, sozinho, todas essas coisas. Não adianta muito ser encontrado, se ninguém mais consegue ver o que você está procurando.

— De fato — disse Jackaby. Então, ele parou de repente. — Não. Inteiramente sozinho, não.

— Bem, fico contente em estar junto — eu respondi modestamente.

— Não, não é a senhorita. Mas já que mencionou, há alguém que vê coisas. Não exatamente do jeito que eu vejo, mas de maneira semelhante… às vezes. O nome dela é Hatun. Pode ser muito esclarecedor saber que coisas ela tem visto ultimamente. — Estávamos voltando ao escritório, mas Jackaby virou numa rua lateral, na direção oposta.

— Outra vidente? O senhor acabou de dizer que…

— Não exatamente uma vidente, não. Ela… oscila. Há basicamente três modos para que ela veja o mundo, e ela meio que oscila entre eles. Por vezes, ela observa o mundo como qualquer pessoa simples — do jeito que você observa.

— Obrigada por isso.

— Contudo, outras vezes, ela vê as coisas quase como eu, o mundo por trás do glamour. Nem sempre é tão claro, eu acho. É só uma sensação que ela tem, uma intuição ou premonição, e ela deixa que a imaginação preencha as lacunas. Mas é imaginação boa. Ela em geral está no caminho certo, mesmo que não saiba em que caminho está.

— Qual é o terceiro?

— Terceiro?

— O terceiro modo como ela vê o mundo?

— Ah, certo. Como devo dizer isso? O primeiro modo é um modo previsível, o segundo é como o mundo *realmente* é. O terceiro é… o modo *imprevisível*, e como o mundo de fato *não é*. Nesse modo estão todos os tipos de insensatez e loucura. Sem dúvida, é menos útil. Pode ser meio capcioso determinar a versão em que ela se encontra, e, claro, esses modos se sobrepõem ligeiramente.

— Parece complicado.

— Ela é assim, mas Hatun é uma boa mulher. Uma vez, no meio da noite, alguém sorrateiramente arrancou todos os paralelepípedos de um dos becos da Mason Street. Um beco inteiro, arrancado numa noite. A menos de duas quadras da delegacia de polícia, simplesmente!

— E ela ajudou a capturar os criminosos?

— Rá! Muito melhor! Ela foi descoberta, alguns dias depois, carregando um saco de estopa lotado de pedras para algum lugar especial na floresta. Um policial tinha sido enviado para fazer-lhe algumas perguntas e ela sorriu, afagou o braço dele e lhe disse que estava tudo bem, que não haveria mais azar. Durante semanas, ela alertou as pessoas de que as pedras com cortes hexagonais estavam emanando más vibrações. Verdadeira preocupação e consideração por seus colegas cidadãos, imagine. Ela própria arrancou os paralelepípedos, um a um, e escondeu seis sacos, em plena vista, atrás do prédio dos maçons, até que pudesse arrastá-los para um lugar seguro. Planejamento sábio e empenho abnegado. Deve ter se matado de trabalhar.

— E as pedras estavam dando azar? — eu perguntei.

Jackaby sacudiu a cabeça com um sorriso torto. — Só para os infelizes dos trabalhadores da cidade, que tiveram de colocá-las duas vezes. Na segunda vez, em desenhos de octógonos, segundo um pedido especial do prefeito Spade. Eu certamente me interessei e investiguei a questão, mas posso lhe garantir que não havia nenhum sinal de algo malevolente no lote original. Eram pedras. Ela está sempre fazendo esse tipo de coisa. Protegendo a cidade dos demônios que vivem em sua cabeça. Uma vez, ela me alertou que os cata-ventos estavam pactuados, uns com os outros. Achou que eu deveria saber.

— Então, ela é simplesmente uma mulher maluca?

Jackaby hesitou e, quando falou, sua resposta tinha uma sinceridade suave. — Hatun vê um mundo diferente de você, ou de mim, um mundo bem mais assustador, cheio de perigos mais terríveis, e ela ainda prefere ser a heroína de que o mundo precisa. Ela salvou esta cidade e seu povo de inúmeros monstros vezes incontáveis. O fato de que as batalhas geralmente estejam dentro de sua cabeça não diminui sua bravura. As batalhas mais difíceis sempre estão. Tínhamos chegado à periferia, onde a arquitetura terminava e campinas de grama e arbustos separavam a cidade da floresta. Não muito distante da estrada, uma pequena ponte passava por um córrego sinuoso, e um caminho estreito serpenteava em meio às árvores. Quando deixamos a estrada e fomos chegando mais perto, a primeira coisa que notei foi que o córrego havia congelado. A neve polvilhava sua superfície sólida, junto com algumas folhas e galhos lançados pelo vento. A segunda coisa que notei foi uma silhueta amuada perto da base da ponte. Ela estava pescando no córrego congelado… ou, pelo menos, estava segurando uma vara de pescar e deixando que o anzol desenhasse riscos preguiçosos pela superfície. A chumbada metálica quicava pelas impurezas do gelo, tilintando como um sino do vento. — Boa noite, Hatun — Jackaby gritou amistosamente à medida que nos aproximamos. — Então, os peixes estão mordendo a isca?

12

HATUN ERGUEU OS OLHOS E SORRIU PARA O detetive. — Você sabe muito bem que os peixes não estão mordendo a isca, mas prometi tentar, pelo menos uma vez por semana. Gesto simbólico, mas é melhor do que deixá-lo zangado. Mesmo sendo um sujeito pequenino. — Ela bateu o dedo algumas vezes no nariz, num gesto conspirador.

— E você é boa pra lembrar — Jackaby disse a ela. Depois, disse a mim:— Ela fez uma promessa a um troll… E o chama de Hammett, se é que me lembro bem. Quando pesca alguma coisinha, ela deixa embaixo da ponte para ele. Tem feito isso desde o começo do outono.

— Mais um de seus perigos imaginários? — eu sussurrei.

— Ah, não. Isso é bem real. Essa ponte é dele. Ele é minúsculo, mas bem danado e genioso, para o seu tamanho. Ele deu um fim em uma porção de bichos de estimação e animais da fauna local. Parece ter uma afeição por gatos e anda num gato alaranjado, quando precisa se deslocar por aí.

— Um troll? — eu disse. — Sério?

— Pode debochar, se quiser, mas, se pretende manter todas os dedos e as extremidades, seria interessante ficar fora do caminho dele, ou fazer-lhe uma oferenda.

— Tudo bem. — Novamente contive o meu ceticismo — um exercício que comecei cada vez mais a considerar necessário do que quando não estava trabalhando para Jackaby. — Bem, trolls… comem gente, não comem? Será que o Hammett não poderia ser o nosso assassino?

— Raciocínio interessante. Não consigo imaginar um troll inteiramente crescido abandonando um corpo sem antes pelo menos roer um pouco dos ossos. Seria como se eu e você comêssemos a casca de uma laranja e deixássemos o miolo. Quanto ao Hammett, ele não é exatamente uma figura ameaçadora, mesmo com toda a sua belicosidade. Ele ficaria feliz em mastigar todos nós com seus dentes, mas já o vi perder, numa luta justa, de um texugo bem robusto. Portanto… duvido. — Ele voltou a atenção a Hatun, que tinha colocado a vara de pescar embaixo da pequena ponte e atravessado para vir nos encontrar.

Ela era um palmo mais baixa que eu, com cabelos grisalhos cacheados presos num coque desgrenhado e o rosto enrugado de alguém que havia vivido muitos anos ao ar livre. Ela vestia muitas camadas de blusas, anáguas e panos embrulhados, todos rasgados e desbotados em tons complementares de pastel suave e cinza delicado. Ela tinha uma postura ereta para caminhar e parecia quase majestosa, apesar de seus farrapos.

— Hatun, gostaria que conhecesse minha nova associada, a senhorita Abigail Rook. Ela vai trabalhar comigo em casos futuros. Sinta-se à vontade para falar abertamente na frente dela.

Hatun olhou para mim diretamente, com um ar um pouco desconfiado, depois deu meio passo para o lado, e para o outro. Ela observou meus olhos com atenção durante a ação. — Hmm — disse ela. — Então, está certo. Prazer em conhecê-la, mocinha. Imagino que vocês dois estejam cuidando daquele negócio do Emerald?

Dei uma olhada para Jackaby, que pareceu inabalado pelo comportamento dela, ou por seu palpite preciso. — Sim, isso mesmo — ele respondeu.

— Como você soube? — Minha intenção era ter feito uma pergunta apropriada para um detetive, mas receio que tenha saído mais como um sussurro espantado.

— Claro que ela sabia. — Jackaby gesticulou impaciente na direção da cidade. — Há pelo menos uma dúzia de homens uniformizados e multidões de pedestres fazendo uma cena ruidosa a menos de três quadras

daqui. Se aquele moinho não estivesse no caminho, provavelmente os veria daqui.

— Ah, você acha que sabe muita coisa? — Hatun sacudiu o dedo para o detetive. — Bem, tenho de lhe dizer que vi muito além de meninos com distintivos e uma porção de cordas tolas de isolamento. Passei por lá, ontem à noite, e olhei o demônio nos olhos, sem dúvida olhei. Acho que você também viu, não? Não dá para ignorar o que você vê com os próprios olhos, dá? Você não.

— Você o viu? — Os olhos de Jackaby se arregalaram. — Hatun, você quer dizer que realmente viu o assassino, ontem à noite?

— Assassino? — Agora era a vez de Hatun parecer surpresa. — Minha nossa. Acho que só posso ter visto. Eu não tinha me dado conta. Quem foi que ele pegou?

— Bragg — eu respondi. — Arthur Bragg. Um jornalista. Você o conhecia?

Ela sacudiu a cabeça. — Não. Pobre alma. Mas vou dizer algumas palavras esta noite.

— Imagino que ainda não tenha falado com Marlowe, ou algum de seus homens? — perguntou Jackaby.

— Ah, não. Tenho ficado na minha. Fiquei com meu xale embrulhado bem apertado a noite toda, não queria que ninguém me encontrasse depois do que vi.

— Você estava escondida em seu xale? — eu perguntei.

Hatun deu um puxão afetuoso no xale azul-claro de tricô, puxando-o junto nos ombros.

— Só o pessoal da rua consegue me ver vestida com isso, os pedintes e sem-teto. Nunca tive muito motivo para ficar alerta com eles — são boas almas, a maioria. Para todos os outros, bem, não me faz invisível, nem nada, apenas impossível de notar. — Ela sorriu com orgulho.

Jackaby e eu trocamos olhares. — Erm, *eu* a encontrei — disse meu colega.

Hatun piscou para ele como se já soubesse. — Você não é muito de seguir as regras quando se trata de encontrar coisas, não é detetive?

Jackaby me olhou novamente. — Senhorita Rook? Está conseguindo…?

— Sim, claro que eu consigo vê-la.

Jackaby virou-se para Hatun. — Receio que não esteja funcionando direito — disse ele, com um olhar lamentoso. — Agora, o que você de fato viu no Emerald Arch, ontem à noite?

— Ah, umas coisas, com os esnobes. — Hatun aproximou-se e olhou-me de cima a baixo. — Moça, esse vestido é adorável.

— Obrigada, eu…

— Onde você mora?

— Bem… — Eu ainda não tinha encontrado uma acomodação apropriada e, como havia encontrado um emprego fazia poucas horas, não queria pedir uma semana de adiantamento ao Jackaby. — Estou trabalhando nisso.

A mulher mostrou a língua para Jackaby. — Está vendo? Sem-teto. Está funcionando muito bem.

Jackaby ergueu uma sobrancelha em minha direção, mas persistiu no assunto em pauta. — O Emerald Arch, Hatun? O que você viu? Seja específica.

— Bem. — Ela olhou rapidamente em volta e baixou o tom de voz. — Estava ficando tarde. O sol tinha sumido e as lamparinas perto da esquina estavam escuras. Elas precisam de novos pavios, a quadra inteira, estão sempre apagando, mas a lua estava quase cheia e iluminava bem a rua. Eu só tinha saído para ver se arranjava alguma coisa para o Hammett. Ele ameaça me transformar em guisado, mas faz frio aqui fora e eu me preocupo com ele. O pobrezinho está com tosse há semanas. Então, eu estava do outro lado da rua, atrás do Mercado Chandler — o Ray só joga fora os espinhos e as cabeças de peixe — e eu ouvi um som vindo do Edifício Emerald Arch. Olhei para cima e vi uma forma escura na janela, — não na do alto, mas numa quase no alto. A janela rangeu e alguém pôs a cabeça para fora e olhou para um lado e para o outro da rua.

— Você conseguiu ter uma boa visão do rosto dele? — Jackaby pressionou. — Ah, sim. Nunca mais aquele rosto sairá da minha cabeça. Então, ele colocou a cabeça para fora e tinha aqueles olhos maus, dentes com formato terrível, afiados. Ele olha pra um lado e para o outro, mas eu estava com meu xale e ele não me viu. Aquela cabeça horrenda abaixou para dentro, por um segundo, depois ele pôs a perna para fora e começou a sair da sacada. Bem, mais ou menos nessa hora, eu recuei, para ficar o mais distante possível daquela criatura, e, quando cheguei para trás, bati num caixote com restos de telhas, que algum tolo havia largado no beco. O

negócio bateu e fez um barulhão na rua, e a fera simplesmente pulou de volta para dentro e fechou a janela. — Você tem certeza de que o que viu foi algum tipo de criatura, não foi um homem? — perguntou Jackaby.

— Era uma fera, sim. Nada de humano naquela cara. No entanto, o estranho é que ele estava vestido como um homem. Estava escuro e ele estava bem lá no alto, mas deu para ver a calça e o paletó do terno. Roupas normais, eu acho. Menos os sapatos. Os sapatos dele eram de metal brilhante. Quando estava saindo da janela, a sola do sapato parecia o lado quente do ferro de passar, e tilintou, quando ele pisou na sacada. Eu permaneci no beco um bom tempo, para ver se ele voltaria, mas não voltou. Deve ter saído pela frente.

O rosto de Jackaby estava enevoado pelos pensamentos. — Ele saiu mesmo, Hatun. Seu rastro recomeçava na escada. Mais alguma coisa?

Hatun nos disse que depois voltou para casa e não viu mais a criatura, nem nada fora do comum. — Mas tomem cuidado — acrescentou. — As chaminés dos telhados e dos fogões não têm apitado com tanta frequência ultimamente. E esse nunca é um bom sinal para a cidade. Elas sabem que há algo de errado.

Jackaby agradeceu pelo seu tempo e seus conselhos e ofereceu-lhe uma maçã, tirada de algum lugar de sua manga. Com algumas cordialidades murmuradas, deixamos a mulher na ponte congelada e voltamos às ruas de New Fiddleham. Tínhamos caminhado várias quadras, antes que eu interrompesse a concentração intensa de Jackaby. — Você estava certo — eu disse. — Quanto aos sapatos, eu quero dizer. Mesmo que ela não esteja certa em relação a tudo, ela viu exatamente o que você previu. Então, eles são de metal. E isso é bom, não é? Nós já resumimos as coisas — eliminamos mais possibilidades?

— Sim, realmente. Contudo, isso não tem nada de bom.

— Não?

— Ela disse que ele estava vestindo um paletó.

— E isso é ruim?

— Monstros são fáceis, senhorita Rook. Eles são monstros. Mas um monstro de terno? Trata-se basicamente de um homem perverso, e um homem perverso é, de longe, muito mais perigoso.

13

A pedido do meu chefe, o conteúdo do capítulo 13 foi omitido.
— Abigail Rook

14

DE VOLTA PARA CASA, NA AUGUR LANE, PASSAMOS pelo lobby silencioso — meus olhos estavam determinados a evitar o sapo — e seguimos pelo corredor verde sinuoso. Em vez de ir ao seu escritório, Jackaby empurrou a porta da biblioteca. Uma luz suave entrava pelas janelas dos fundos, e o detetive nem se importou em acender as luminárias. Ele começou a tirar livros das prateleiras. Alguns eram imensos, com uma aparência impressionante, volumes com capas de couro, outros pareciam mais panfletos.

— Posso ajudar? — eu perguntei.

Ele pousou um braço cheio de livros na mesa, ao meu lado, e olhou para cima. — O quê? Ah. Sim. Claro, claro, por isso que eu a contratei. Vejamos, deve haver alguns títulos úteis naquele corredor. Procure por *Almanac Arcanum*, e qualquer coisa de Mendel. Jackaby saiu apressado ao outro corredor e eu fiquei olhando as lombadas dos livros mais perto de mim. Nenhum dos nomes dos autores, nem os nomes dos livros pareciam ter sido levados em conta, no método de Jackaby, para colocá-los nas prateleiras. — Tem algum sistema aqui? Como você acha alguma coisa? — eu gritei. A voz do detetive veio da segunda fileira à frente:— Eu tenho um método simples e útil para organizar. Eles são classificados segundo a potência sobrenatural e cor da aura. Você está na cor bege, nesse momento.

— Sabe de uma coisa, posso catalogar todos esses livros e arrumá-los direito para o senhor, se quiser. Eu costumava passar bastante tempo nas bibliotecas, quando estudava. Aposto que não levaria mais que uma ou duas semanas.

Subitamente, a cabeça dele surgiu no meu corredor. — Meu bom Deus! Não, não, não, eu os tenho precisamente no lugar que quero. Só… só não perca nenhum dos meus marcadores dos livros. Ah, e não vá à seção de Documentos Perigosos. — Ele gesticulou na direção de uma área bloqueada por um corredor de prateleiras, onde a sombra parecia um pouco mais escura do que o natural. — E não…

— Talvez eu possa simplesmente carregar estes aqui até o seu escritório — eu ofereci, dando um tapinha na pilha de livros que Jackaby já tinha escolhido —, onde o senhor pode conduzir sua pesquisa mais à vontade, não é melhor?

— Isso parece uma ideia maravilhosa. Obrigado, senhorita Rook.

Ao todo, levamos uma pilha de onze ou doze volumes e três mapas grandes até o escritório, antes que Jackaby parecesse satisfeito para mergulhar em seu trabalho. Ele entrou no laboratório entulhado, do outro lado do corredor, e fez um bule de chá preto excepcionalmente forte, antes de começar. O jogo de chá com que ele retornou não combinava com o detetive. Era um conjunto delicado, pintado em suaves tons pastel, com um desenho floral discreto e detalhes curvos, femininos.

— Espero que a senhorita não tome com leite. Parece que estou sem — disse ele, afastando alguns papéis para abrir espaço para a bandeja, no canto de sua escrivaninha.

— Não tem problema. Obrigada, senhor.

— E também houve um acidente com o açúcar, mês passado. Há alguns caroços no açucareiro, mas eles foram inteiramente caramelizados. Receio que a decomposição termoquímica seja irreversível, mas ainda é tecnicamente açúcar. — Diversos pedaços de melado marrom estavam espetados para fora do açucareiro, petrificados em ângulos estranhos, como se fosse um polvo minúsculo, surrado pela colher de prata, até ficar imóvel.

— Tudo bem — eu disse. — Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Jackaby já havia se instalado em sua cadeira de couro e começado a folhear o primeiro livro da pilha. Sem dar qualquer indicação de ter me ouvido, ele mordiscava distraidamente um pedaço do açúcar caramelizado,

submerso em sua pesquisa. Eu estava sentada na cadeira de frente para ele, meio sem jeito, dando goles em meu chá, sentindo-me confortada por esse hábito familiar, enquanto ele folheava as páginas, prendendo pedaços de papel aqui e ali, como marcadores improvisados.

Meus olhos percorriam os livros e os adornos espalhados pela sala. Com todos os artefatos e livros que havia, percebi que faltava uma coisa. Nem uma única fotografia, nem uma pintura, nem uma simples silhueta adornava as paredes. Até o solitário apartamento de solteiro de Arthur Bragg tinha uma fotografia de uma mulher. A mulher que ele amava. A mulher que o amava. A mulher que estava aos prantos na rua quando ele se foi. A lembrança me deu um nó na garganta. Fiquei pensando no que seria mais triste, deixar alguém chorando, depois que você partisse, ou não ter ninguém que sentisse a sua falta.

Meu olhar pousou novamente no pote da fiança, cheio de notas, o que me fez parar de sentir pena dos outros e me lembrou de também sentir pena de mim mesma. Conhecer Hatun foi um lembrete brusco do meu atual estado de sem-teto, e tentei pensar na melhor forma de puxar o assunto, antes que escurecesse totalmente e seguíssemos caminhos diferentes para passar a noite. Talvez pelo chá forte, ou pela ociosidade, comecei a me sentir agitada, esperando que Jackaby erguesse os olhos da leitura, para pegar um ar.

Servi uma segunda xícara de chá do lindo bule e sentei de volta em minha cadeira. Um vulto de luz na parede chamou-me a atenção e eu olhei em volta, para ver de onde poderia estar refletindo. Quando olhei novamente, a luz tinha crescido, expandindo-se além da superfície. Eu fiquei observando. Meu cérebro entrou em ação, dando sentido ao que eu via: um rosto. Era um rosto de mulher, prateado e claro, depois, um pescoço esguio, depois, um corpo com um vestido simples, e cada pedacinho dela era incandescente e imaterial. Ela saiu da parede como uma nadadora se ergue de uma piscina, mas era sua forma, e não a água atrás dela, que tremulava delicadamente no rastro de seu movimento. De forma suave, fluida, um fantasma entrou no escritório.

Eu congelei e a xícara caiu da minha mão. Minha boca abriu, mas descobri que tinha me esquecido de como emitir um som. Felizmente, a dor do chá quente em minha coxa me arrancou do torpor e me lembrou. O som que eu fiz foi “Aaaieeee!”.

Isso chamou a atenção de Jackaby.

Logo o detetive pressionou um trapo sujo de giz em minhas mãos e endireitou a cadeira. Não me lembro de ter levantado, mas aparentemente o fiz, com muita pressa, pois o móvel caído provava isso. Passei o pano em minha perna ardida e molhada, vendo a silhueta fantasmagórica, enquanto ela flutuou até a metade da escrivaninha para pegar a xícara que tinha caído.

— Se você vai ter convidados — disse o fantasma, com um suspiro —, seria tão difícil me avisar um pouquinho antes? — Os olhos dela eram escuros, com as pálpebras caídas. Ela tinha maçãs do rosto suaves e traços delicados, emoldurados por dois cachos iguais, que pendiam dos dois lados do rosto. O restante estava preso atrás das orelhas e desciam pelas costas e os ombros em ondas prateadas, como uma cachoeira de mercúrio. Ela tinha uma silhueta esguia e seus movimentos eram tão delicados como fumaça numa brisa suave. Ela pousou a xícara na bandeja com um *clink* baixinho, e foi flutuando até sentar-se no peitoril da janela. Através de sua silhueta opaca, eu pude ver os galhos de um salgueiro balançarem no quintal.

— Que indelicadeza da minha parte. Jenny, essa é minha nova assistente, Abigail Rook. Senhorita Rook, essa é Jenny Cavanaugh. Eu peço desculpas por não apresentá-las antes, formalmente, mas a senhorita Rook e eu estamos engajados em questões de vida ou morte, você entende.

— Entendo, sim — disse ela, melancólica. — Mais do que você, eu imagino. Na verdade, nós nos encontramos enquanto você estava fora. Bem, mais ou menos. Pelo que vejo, não disse a ela sobre mim, não foi? Não está com vergonha de mim, está, Jackaby?

— Ora, vamos. Claro que não — estou com outras coisas na cabeça. Vocês se entrosaram bem? — A atenção de Jackaby tinha voltado aos livros em sua mesa, e distraidamente abriu um dos mapas. Os olhos sombreados de Jenny permaneceram fixos na janela.

— Para sua informação, não nos demos bem — disse Jenny. — Nem mal. Não nos falamos, pois uma dama não se confraterniza com estranhos que entram em seu quarto sem serem anunciados. Ela tem sorte por eu não ter achado que era um ladrão. — Então, com um tom especial, reservado para antigas discussões, ela acrescentou: — Apesar de que eu não teria me importado, se ela fosse um simples ladrão. Talvez, dessa forma, tivesse ficado do outro lado do corredor e saísse com um pouco daquele entulho que você deixou tomar conta do quarto de hóspedes, antes que ela viesse

passear no meu. — Não é entulho. Eu tenho as coisas exatamente onde gosto que estejam, obrigado.

Meus olhos, aparentemente os únicos que de fato olhavam para alguém, desviavam de um para o outro, enquanto discutiam tão casualmente como vizinhos discutem por cima de uma cerca viva.

— Certo. Porque não há melhor lugar para o sofá da minha avó do que embaixo de uma lona coberta de pedras que estão ruindo.

— Runas — Jackaby corrigiu, ainda sem se dar ao trabalho de olhar para cima. — Eu já lhe disse, essas pedras são um registro raro, de antiquíssimos deuses escandinavos.

— É mesmo? Porque a última que você se incomodou em traduzir era uma piada indecente, sobre um grupo de beberrões arruaceiros.

— Sim, são eles. Os Norse realmente sabem escolher suas deusas. Eu devo frisar que, nesse momento, aquelas rochas esfarelentas estão fazendo mais uso daquele sofá do que você ou sua falecida avó fizeram.

Uma pausa seguiu, pontuada somente pelo barulho de uma página ocasionalmente virada, ou o remexer nos livros da mesa de Jackaby. Depois de um tempinho, pareceu que o detetive tinha se esquecido da conversa. De vez em quando seus lábios formavam palavras, gesticulando em silêncio com seus pensamentos particulares, destinados a ficar entre ele e seus papéis empoeirados.

Jenny, o fantasma, ficou sentada no peitoril da janela, observando o mundo escurecer lá fora. Atrás de sua pele prateada havia uma mulher muito humana. A julgar por suas feições, não era muito mais velha que eu. Por todo o ruído que tinha feito, ela parecia cansada e um tanto triste.

— Lamento pelo seu quarto — eu disse. — Eu não sabia.

Ela virou a cabeça apenas um pouco, em minha direção. — Tudo bem.

— E quanto ao chá. Você só… eu não estava esperando… você.

— Eu sei. Por isso que eu fiz. — Ela desceu da janela e pairou pouco acima do chão, flutuando na direção da porta de Jackaby. — Você não teria me visto, se eu não quisesse, querida. Não deixei que a última me visse durante uma semana.

— Bem, eu fico feliz que tenha deixado. Ou seja, estou muito contente em conhecê-la, senhorita Cavanaugh.

Ela parou na soleira da porta e olhou para trás, por cima do ombro. Seu olhar passou por Jackaby, que continuava envolvido em seu trabalho, depois se virou pra mim:— Está mesmo?

Agora que o choque inicial havia diminuído, percebi que ela ficava cada vez menos assustadora e mais intrigante. Uma vez que havia superado sua translucidez e leveza, ficava difícil encontrar qualquer coisa perturbadora de fato naquela dama arrebatadora e opalescente. Fiquei imaginando, talvez, com um pouquinho de inveja, se ela havia sido tão bonita quando viva. Seu vestido esvoaçante deixou-me bem ciente do meu vestido simples, com a bainha verde suja de lama e uma nova mancha de chá. Pela primeira vez, desde que deixara a Inglaterra, desejei ter escolhido vestir algo menos prático — algo com um corpete e laços. Se eu tivesse uma silhueta como a de Jenny, talvez até gostasse de me arrumar e certamente nunca precisaria me preocupar em ser tratada como criança.

Percebi que eu a estava encarando e estendi a mão. — Encantada.

Ela não retribuiu o gesto e virou-se, passando pela porta. Como a porta estava meio aberta, Jenny só *deslizou* através de uma pequena parte dela. Do corredor, ela gesticulou me chamando.

Dei uma olhada em Jackaby, cujo cabelo escuro estava espetado, acima de um livro grosso com nós celtas entrelaçados na capa de couro.

— Ah, ele ficará nisso durante horas — disse ela, melancólica. — Venha. Fui até o corredor e ela prosseguiu em direção à escada em espiral. — Você já conheceu o Douglas? — perguntou ela, enquanto subia os degraus.

— Quem?

Ela parou na metade da curva e um sorriso surgiu em seus olhos. — Você precisa conhecer o Douglas.

15

JENNY LEVOU-ME DIRETO ATÉ O TERCEIRO PISO. Ao chegar lá parei de repente, maravilhada com o espaço diante de mim. Nos dois andares anteriores, a escada terminava em corredores estreitos e pouco iluminados, mas o terceiro andar era bem espaçoso e aberto. As paredes internas tinham sido derrubadas em ambos os lados, deixando somente uma coluna ocasional para sustentar o teto alto. Janelas amplas em todas as paredes permitiam que a luz entrasse e iluminavam uma cena deslumbrante.

O pavimento era de tábuas corridas que se estendiam por uns cinco metros, mas pareciam arquear um pouco, fundindo-se de repente em grama e lama. O restante do andar era um espaço de estar. No lugar do corredor havia um caminho de madeira, ornamentado com algumas passadeiras orientais. Uma margem estreita de cada lado do tapete mostrava as tábuas do piso, mas logo dava lugar à terra úmida, à esquerda e à direita. Percebi que de algumas das colunas brotavam galhos finos e, por um momento, imaginei se elas produziam folhas na primavera.

A característica dominante no espaço era o grande lago que ocupava a maior parte do andar. Ele ficava logo à esquerda do caminho, uma piscina retangular em tons de verde e azul, levemente curva, como o formato de um feijão, com uma ilhazinha no meio. A ilha era coberta de arbustos e

continha o que parecia uma poltrona de encosto alto e estofamento cor de ameixa. O lago devia ter uns seis metros de largura no ponto mais amplo e parecia ser bem mais fundo do que era fisicamente possível, dadas as dimensões do prédio e o pé-direito do andar debaixo. Alguns peixinhos dourados nadavam ali.

Aqui e ali, pelo chão de terra, havia escrivaninhas e armários, meio envolvidos por vinhas e capim. Cadeiras, baús e cômodas, e até pinturas nas paredes estavam emolduradas por musgos, como se a natureza tivesse entrado escondida por uma janela aberta durante a noite, e pegado todo mundo de surpresa. Eles simplesmente se tornaram parte de uma paisagem viçosa e bem mobiliada. — Em princípio, eu fui contra. — A voz de Jenny vinha por cima do meu ombro. — Jackaby não chegou a exatamente me consultar. Ele tem seu jeito de adquirir uma porção de favores, principalmente de sua clientela menos convencional. No entanto, agora, nem consigo imaginar o lugar sem isto. Numa noite clara, podemos abrir as cortinas e deixar que as estrelas reflitam nas ondulações da água, que reflete a luz delas de volta no teto. É realmente muito bonito. Para um homem que professa ser inteiramente racional e científico, ele parece não conseguir se afastar do impossível e mágico.

Os últimos raios do sol poente eram vermelhos e alaranjados no céu, e ondas suaves de luz brincavam no teto, acima do lago. Isso fazia com que o ambiente parecesse sereno e etéreo. Aos poucos, meu olhar encontrou o caminho de volta para Jenny, que me observava com os lábios fechados, apertados.

— Você tem sentimentos por ele? — perguntou ela.

— Sentimentos por quem? — a imagem de um jovem policial involuntariamente surgiu em minha mente e meu rosto ficou vermelho, enquanto eu afastava o pensamento.

— Por Jackaby, é claro.

— Ah, minha nossa, não! — Eu não tinha a intenção de que minha resposta saísse tão chocada, mas a pergunta me pegou de surpresa. Contudo, minha reação pareceu agradar o fantasma e sua expressão abrandou.

— Não precisa ficar tão chocada com a ideia. Ele é um bom homem… e não é feio.

— Sim — eu disse, com alguma dificuldade. — Talvez, se ele fosse convencido de queimar aquele gorro atroz.

Jenny riu, foi uma risada honesta e borbulhante. — Ah, eu sei! Eu sei! Eu já desisti dessa batalha. Não se preocupe, ele irá usá-lo com menos frequência na primavera. — Seu belo riso era contagiante e eu também me peguei rindo. — Mas tem alguém, não tem? — perguntou Jenny.

— Eu… bem, não, não tenho. Na verdade, não. — Maçãs do rosto saltadas, olhos castanhos profundos e cabelos negros cacheados, por baixo de um quepe policial sorrateiramente voltaram à minha cabeça, e meu rosto ficou quente outra vez. — Não.

Jenny suspirou. — Não desperdice seu tempo. A vida é curta demais para o amor não correspondido. Escute isso de uma especialista. — Ela seguiu pairando pelo chão de madeira e folhagem, em direção ao centro da sala. Seus passos flutuantes revolveram o capim como uma brisa leve. — Pegue um pedaço de pão no baú, pode ser? — ela gritou para trás.

Dei uma olhada atrás de mim e vi, junto à parede, um engradado simples de madeira com alguns pães dentro. Escolhi um e dei uma corrida pelo caminho para alcançá-la. As tábuas do chão afilavam terminando num montinho gramado, onde a moça fantasma estava sentada de frente para o lago, num banco de parque de ferro fundido. Ela deu um tapinha no assento, para que eu me sentasse ao seu lado. — Então, por que você veio aqui? — ela perguntou, quando me sentei.

— A ideia foi sua — eu disse. — Mas é agradável, você estava certa. Muito tranquilo.

— Não estou falando do lago, tolinha. Por que veio trabalhar para Jackaby?

— Ah, isso, bem. Acho que aconteceu bem depressa — eu disse. — Eu estive no Leste Europeu durante boa parte do ano passado e só recentemente desembarquei nos Estados Unidos. Estava apenas procurando um trabalho, eu acho. Qualquer emprego serviria, contanto que pagasse um teto acima da minha cabeça. E havia um anúncio…

Um pato silvestre veio voando acima da superfície do lago, em nossa direção, deixando um rastro raso, antes de pousar na beirada da água. Eu parti um pedaço do pão enquanto falava, e joguei os farelos na grama próxima. — Agora que me envolvi no trabalho, eu não sei. É tudo tão empolgante, claro, e mais que inacreditável. Eu gostaria muito de ajudar a solucionar mistérios e salvar vidas. Acho que há meios piores de ganhar a vida.

— Ele é bem maluco, você sabe, mas a aventura pode ser bem atraente.

Eu assenti, vendo o pato subir a margem para comer os farelos. — Meu pai era meio aventureiro — eu me vi contando a ela. — Apesar de que eu não sei se ele aprovaria a minha situação atual.

Preferi não mencionar que havia evitado saber o que meus pais pensavam nos últimos meses. Desde que tomara a decisão de fugir com o dinheiro dos meus estudos para custear minhas viagens, eu havia deliberadamente deixado de manter contato. Às vezes, eu mandava um postal para tranquilizá-los sobre minha segurança e meu bem-estar, mas nunca com um endereço de remetente, ou algum meio para que rastreassem meu paradeiro atual com precisão.

Eu sabia que minha mãe estaria preocupada, mas meu pai… Durante toda a minha vida, eu o reverenciei, e, durante toda a minha vida, obedeci a suas ordens para ficar para trás, como a filha obediente, enquanto ele marchava rumo às descobertas. Não que suas palavras já não tivessem poder sobre mim, mas exatamente o contrário. Em meu íntimo, eu temia que, se ele tivesse a chance de me levar de volta para casa, para a monotonia segura, eu só poderia obedecer.

A voz de Jenny rompeu suavemente o silêncio que eu havia deixado. — Passar muito tempo com Jackaby pode ser… perigoso. Isso não assusta você?

— Bem, sim, um pouquinho, eu acho — eu admiti. Eu vinha recebendo avisos semelhantes, o dia todo, desde aquela mulher desagradável no posto de telégrafo até o inspetor Marlowe — nem Jackaby parecia achar que eu fosse capaz de desempenhar a função. — No entanto, hoje, eu não sei como explicar. Foi tão fácil me envolver no trabalho. Pareceu tão natural. Como as coisas devem ser, quando você é criança e leu nos livros de história e ouviu falar dos contos de fadas. Acho que eu me esqueci de ficar com medo porque foi bom finalmente participar da aventura.

Jenny suspirou e jogou a cabeça para trás. Ela disse algo bem baixinho que talvez tenha sido "é isso que o torna tão perigoso".

O pato comeu todos os farelos e veio passeando, em busca de mais. Ele era um sujeito pomposo, com a cabeça bastante negra e as costas em tons de verde e roxo. Suas asas eram marrons e pareciam um colete recaindo sobre a barriga branca. O peito era salpicado em tons de vermelho e ligeiramente estufado, parecendo uma gravata que se mesclava no branco abaixo. Ele chegou a alguns palmos de distância e ficou esperando, na expectativa. Eu joguei mais um punhado de farelos.

— Havia uma mulher — eu relembrei. — Depois que Jackaby e eu saímos, havia uma mulher chorando. A vítima tinha uma fotografia dela em seu quarto. Foi tudo muito triste — quer dizer, foi horrendo e trágico — mas não tinha sido de fato triste, até surgir aquela moça chorando. Aquela parte não pareceu com as aventuras que você lê nos livros. Jackaby diz que também não acabou. Hoje conhecemos um homem que ele acredita que estará morto até amanhã de manhã.

Jenny assentiu solenemente e ficamos observando o pato bicar os farelos de pão. — Você não é a primeira assistente com quem ele trabalha, sabe.

Eu assenti. — Ele me disse. Uma porção delas pediu demissão… e não houve alguém que continuou? — Eu me lembrei da página do diário misterioso com que me deparara, lá embaixo, e uma ideia horrível me ocorreu. — Então, é você? Você não — você sabe —, durante um dos casos dele, não é?

Ela ergueu uma sobrancelha. — Se eu morri? Não, isso aconteceu muito antes de conhecer o senhor Jackaby. E nunca trabalhei para ele, se foi isso que pensou. Este lugar foi da minha família. Inúmeros moradores tentaram se mudar para cá antes dele, mas, aparentemente, ter um fantasma residente não valoriza o imóvel e o assunto se espalha. A propriedade passou para o município e aquele sujeito, o prefeito Spade, chamou Jackaby na esperança de que pudesse fazer algum tipo de exorcismo. Assim que nós nos conhecemos. — Ela sorriu com a lembrança.

— Imagino que ele não tenha exorcizado você, não é?

Ela riu baixinho. — Não, ele não me exorcizou. Ele conversou comigo. Como uma pessoa. Fez um bule de chá… Até me pediu permissão para usar a cozinha, e simplesmente fez um bule de chá. Nós nos sentamos à mesa e conversamos. Foi a primeira conversa apropriada que tive em uma década. Ele me serviu uma xícara e a deixou esfriar à minha frente, enquanto falávamos disso e daquilo. Ele foi muito sincero. Não fez nenhum rodeio quanto a Spade querer vender o local, disse-me que o homem tinha todo o direito de fazê-lo. “Se todas as pessoas mortas decidissem manter seus imóveis, não teríamos lugar para os vivos morarem”, disse ele, o que era justo. No entanto, Jackaby falou ao Spade que eu tinha todo o direito de permanecer também. “Se não há espíritos

malevolentes, não há necessidade de despejo", acho que foi o que ele disse. E foi isso. Uma semana depois, Spade deu a propriedade para ele.

— Esse é um acordo e tanto — eu disse. — Minhas ofertas de farelo tinham diminuído e o pato chegou mais perto, lançando olhares expressivos.

Ela mudou a expressão de afeição em seu rosto com um revirar dos olhos. — Isso foi antes que ele derrubasse a cozinha para fazer seu laboratório tolo. Era uma cozinha tão bonita, com ladrilhos e cortinas de renda — e você viu como está agora. Quase caiu desmaiada quando viu aqueles ossos extravagantes que ele pendurou no teto, nem posso culpá-la.

Eu massageei a parte de trás da cabeça ao me lembrar. — Você viu aquilo, é?

Os olhos dela cintilaram de diversão, mas prosseguiu, ainda bem. — Pelo menos este andar ficou melhor. Bem aberto e bonito, o oposto daquela bagunça do laboratório. Contudo, aquilo é o Jackaby encapsulado. Ciência e magia, beleza e tumulto, coisas que têm de estar em desacordo — elas simplesmente não seguem as mesmas regras, quando o Jackaby está envolvido. Com todas as suas faltas, ele é realmente um homem notável. — Ela olhava na direção do lago enquanto falava, e sua expressão prateada deixou transparecer uma ponta de anseio. — Eu não tenho exatamente a chance de sair e passear por aí — continuou —, então, este lugar tem sido um lugar adorável. Claro que a maioria da tralha que ele acumulou aqui migrou para o resto da casa. Eu parei de tentar arrumar as coisas dele… e o quarto de hóspedes! — Ela subitamente parou com um ofego.

— O que foi?

— Você precisa de um lugar para ficar! Você pode finalmente fazer com que ele arraste toda aquela tralha lá para cima, no sótão!

— Eu… é… não tenho certeza se me sinto à vontade em pedir casa e comida. Eu acabei de ser contratada.

— O Douglas tem casa e comida! Jackaby não pode recusar. Isso é perfeito!

— Eu não sei — eu disse. — E quem é Douglas?

— Você é o novo Douglas. Ele era o assistente do Jackaby assim como você é agora. Ultimamente, o Douglas só cuida dos arquivos. — Ela gesticulou para os armários junto à parede, cobertos de musgo e flores do campo.

— Onde o Douglas dorme?

Jenny deu uma risadinha de uma piada que não entendi. O pato cansou de esperar que eu jogasse mais um punhado de farelos e bateu as asas num breve voo, para graciosamente aterrissar em meu joelho. A ave não era pequena, tinha pelo menos meio metro do bico à cauda, e, ao pousar, ficamos meio que cara a cara. Ele ficou me encarando, em vez de olhar o pão na minha mão, e seus olhinhos se fixaram nos meus. — Douglas? — eu arrisquei.

O bico laranja avermelhado sacudiu uma vez. A ave ergueu uma asa e oscilou para manter o equilíbrio. As garras na ponta de suas patas espetavam minha perna.

— Então? — Jenny riu de novo. — Vá em frente. Não seja mal-educado. Abigail, esse é o Douglas.

Eu segurei as penas estendidas da ave com a mão direita, e apertei com cuidado. Douglas retribuiu com uma pose mais imponente, ataviou-se rapidamente, depois pegou a metade restante da baguete e decolou. Ele voou fazendo um arco preguiçoso e aterrissou na poltrona cor de ameixa, no meio da ilha cheia de arbustos, para bicar seu petisco volumoso.

— Jackaby sentiu-se muito culpado em relação ao Douglas — Jenny me disse, quando ele saiu voando. — Ele era uma pessoa, claro. Jackaby o mandou sozinho checar uma pista que talvez não desse em nada, mas o Douglas chegou bem na hora H. Até que Jackaby percebesse seu erro e saísse correndo para ajudá-lo, era tarde demais. Tudo que ele pôde fazer foi gritar um alerta, antes que o Douglas fosse atingido por uma onda forte de magia.

— Não me diga — eu falei. — Ele o alertou para…

— Que não ficasse parado feito um *pato*. — Foi a voz de Jackaby que terminou a frase e Jenny e eu viramos para vê-lo saindo do caminho e subindo a colina gramada. — Isso mesmo, e a ironia de que minha tentativa de ajudar Douglas se tornou a marca final de sua maldição não passou despercebida por mim. Jurei nunca mais deixar que nada me distraia, até que eu encontre um meio de reverter a metamorfose. — O detetive veio até atrás do banco, fazendo uma cara feia diante da lembrança. — Minha nossa — eu disse. — Mas, então… esses assassinatos recentes estão ligados, de alguma forma, ao caso que transformou Douglas?

— O quê? Não. Os incidentes não têm nada em comum.

— Então, o que fez com que o senhor abandonasse seu juramento?

— Não abandonei! Eu o cumpri — ele respondeu. — A solução apresentou-se após uma noite de pesquisa exaustiva e uma pequena ida ao interior, em busca de suprimentos.

— Então, por que o Douglas ainda é um pato?

— É bom que você pergunte a ele!

— Mas… ele é um pato.

— Ele já é bem teimoso assim.

— Não deu certo — Jenny interrompeu.

— Bem, claro que não deu certo — Jackaby estrilou. — Ele tem de querer se transformar de volta! Tem de ser por sua própria vontade.

— Mas… por que ele iria querer continuar sendo um pato? — eu perguntei.

— Porque — Jenny respondeu — ninguém quer abrir mão de si mesmo. O Douglas pode ter todas as lembranças de um homem, mas ele é um pato.

— Mas não é como se ele tivesse ficado assim naturalmente — Jackaby resmungou.

— Ele não escolheu perder a vida que tinha, ela foi tirada — disse Jenny. — Mas é escolha dele perder ou não a vida que tem agora — perder a si mesmo.

— Ele ainda seria ele mesmo! Ele seria o Douglas. Ele só tem de decidir ser humano novamente.

— Não. — A voz de Jenny era paciente. — Ele seria um Douglas diferente. O Douglas que precisa tomar essa decisão teria desaparecido.

— Tolice profunda. É teimosia de passarinho.

— Não seja tão apressado em contestar um espírito teimoso, detetive — ela disse, de forma expressiva. — Está falando com um.

Jackaby revirou os olhos e suspirou. — Está bem, muito justo — ele concordou —, mas não pense que estar morta transforma você na autoridade em toda discussão.

— Não, mas estar certa tende a isso. Ninguém quer abrir mão de si mesmo, independentemente da forma que possa assumir — e eu sei um pouquinho sobre isso. — Jenny levantou do banco e começou a descer devagar pelo chão gramado. — E, agora, acho que vou deixar vocês dois cuidarem dos negócios. Não se esqueça de perguntar sobre o quarto,

Abigail! — Em outro instante, seus cabelos prateados se fundiram ao chão, sumindo de vista.

— O que foi isso, sobre um quarto? — perguntou Jackaby.

Eu levantei. — Nada. Descobriu alguma coisa em sua pesquisa?

— Coisa demais. — Ele sacudiu um envelopinho amassado e me entregou. — E nós recebemos nossos telegramas.

— Ah, excelente. Seu pressentimento levou a alguma coisa?

— Ah, sim — respondeu Jackaby. — Sim, de fato, senhorita Rook. Parece que a trama é bem maior e muito mais cruel do que temíamos.

16

O

O ENVELOPE CONTINHA TELEGRAMAS DE TRÊS cidades. Contatos no departamento de execução legal, cujas identidades Jackaby não se sentia forçado a revelar, haviam respondido rapidamente de Brahannasburg, Gadston e Glanville. O posto de telégrafos havia coletado e enviado as postagens todas juntas, segundo a solicitação do detetive. Ele me disse que provavelmente em breve chegariam mais dois ou três, mas de apenas um ele poderia extrair o conteúdo do restante. Todos mostravam a mesma mensagem, em frases variadas escritas em estenografia, e a mensagem era simples: *assassinato*.

Eu olhava as páginas, enquanto descíamos a escada espiral até o escritório de Jackaby. *CONFIRMO INCIDENTES EM BRAHANNASBURG — PONTO — leia a primeira folha. DETALHES CONFEREM COM DESCRIÇÃO — PONTO — 11 DE NOVEMBRO AÇOUGUEIRO CDM FERIMENTO NO PESCOÇO — PONTO — 5 DE DEZEMBRO CARTEIRO CDM FERIMENTO NO PEITO — PONTO.*

— CDM? — eu perguntei, enquanto descíamos.

— Causa da morte — ele disse, simplesmente.

TODOS OS INCIDENTES NÃO SOLUCIONADOS — PONTO — NÃO HÁ REGISTRO DE CASOS RELACIONADOS — PONTO — ASSISTÊNCIA BEM-VINDA — PONTO — A mensagem terminava aí. Uma olhada rápida nas outras páginas revelou

anotações semelhantes com datas e ocupações variadas exercidas pelas vítimas de Brahannasburg e Gadston.

— Meu Deus — eu disse, relendo as páginas. — Mas são muitos!

— Sim. Parece que o senhor Bragg estava rastreando assassinatos em série, datados desde meses atrás, provavelmente até mais tempo. As marcas em seu mapa, *N.W*d. e *C.W*d., denotam ferimentos no pescoço e ferimentos no peito. Parece que nosso assassino tinha predileção pelo peito. Todos eles aparecem pouco além da jurisdição de New Fiddleham, o que demonstra que o assassino se empenhou em manter as autoridades longe. As tentativas de Bragg de fazer as ligações e lançar luz nessas mortes parece ter simplesmente trazido sua própria morte.

De volta ao escritório de Jackaby, o detetive desdobrou o mapa desenhado pelo repórter morto e o colocou em cima de outro mapa imenso, minuciosamente detalhado, que já cobria a maior parte da mesa. Ele remexeu numa gaveta e pegou uma caixinha de tachinhas com cabeças brilhantes. Ele esvaziou a caixa na superfície e comparou os dois mapas.

Na parte plana de sua escrivaninha, vimos que os mapas eram bem semelhantes. Bragg tinha sido zeloso ao copiá-lo. Jackaby começou a marcar cada um dos X originais com uma tachinha no mapa maior, apertando as pontas com força na madeira e, por enquanto, prendendo o mapa no lugar, com eficácia. Do outro lado da escrivaninha, peguei algumas tachinhas e o ajudei a terminar o trabalho. — Essa é a área — eu disse.

— Não exatamente — disse Jackaby.

Eu olhei novamente o mapa e contei as marcas. Jackaby guardou as tachinhas de volta na caixa, enquanto eu checava. Tínhamos marcado todos os doze pontos. O detetive me entregou uma única tachinha, com uma expressão sombria e determinada. Eu entendi o que ele quis dizer e, inclinando-me para a frente a fim de encontrar a área certa da cidade, prendi a tacha do próprio Arthur Bragg no mapa.

— Bragg não estava marcado em seu mapa por motivos óbvios. O que mais você percebe, que diferencia a morte dele dos outros assassinatos? — ele perguntou.

Eu olhei o mapa. O pino de Bragg parecia bem solitário, no centro do mapa. Os outros estavam em pequenos grupos de dois e três, circundando o dele, como provocadores no pátio do colégio. — Ele é o único em New Fiddleham — eu arrisquei.

— Muito bom. O que você deduz disso?

Uma ideia assustadora me ocorreu. — Isso significa… que o assassino mata algumas vítimas em cada cidade, depois passa para a próxima. Agora, ele está em New Fiddleham… e ele só começou! — Eu já tinha ido ao teatro e sabia muito bem que uma revelação como essa merecia um acorde dramático do órgão e um suspiro coletivo da plateia, mas, no mundo real, as palavras ficaram no ar, sozinhas.

— Sagaz — respondeu Jackaby —, mas também está errado. — Ele puxou um fio de barbante da primeira gaveta e olhou o quadro, no qual ainda estava escrita a giz a nossa lista de datas, em fileiras caprichadas.

— Dia 23 de outubro — ele leu e amarrou a ponta do barbante à tachinha correspondente, em Gadston. — E o seguinte foi aqui, no dia 30. — Ele puxou o barbante ao lado oposto do mapa, prendendo-o na tachinha em Crowley. — Depois, 5 de novembro, aqui embaixo. — A linha atravessa novamente o mapa, descendo até Glanville, depois sobe até Brahannasburg. Ele puxava o barbante de um lado para o outro. Os assassinatos nunca ocorriam duas vezes seguidas na mesma cidade, raramente numa cidade vizinha, mas sempre pulando ao redor, em cantos alternados do mapa. O resultado final lembrava uma explosão estelar com linhas em zigue-zague que atravessavam New Fiddleham. Por fim, Jackaby cortou a ponta e prendeu à tacha solitária, no meio da bagunça.

— Ele planejou as marcas para atrasar ao máximo que o encontrassem — disse Jackaby. — Semanas, até meses, se passavam, até que ele voltasse ao mesmo local, deixando transcorrer certo tempo para que a atenção passasse. Como pulou jurisdições, talvez pudéssemos ter visto mais meses de crimes, antes que a polícia finalmente começasse a identificar que sequer estavam rastreando o mesmo culpado. Graças ao fato de Bragg ter se deparado com a trama, o assassino foi forçado a quebrar a própria regra, de um modo bem expressivo.

— Como assim? — eu perguntei.

— Ele matou em casa. Pelo padrão das mortes até o momento, ele tinha evitado New Fiddleham, mas claramente gravitou ao redor da cidade. A polícia tende a olhar com desconfiança para um homem no meio de uma pilha de cadáveres, e, assim, nosso assassino cautelosamente praticou seus crimes pouco além da visão deles. Mas ele mora aqui. Estou bem certo disso.

— O quê? Aqui na cidade? — eu perguntei, involuntariamente desviando os olhos para a janela e a luz que diminuía com o cair da noite. A lua estava baixa no céu, mas já era bem visível no dia que terminava, uma esfera branca quase perfeita emoldurada pelos dedos sinistros e escuros dos galhos nus. — Não seria mais fácil para um monstro se esconder na floresta? Ficar à espreita na sombra e sair à noite, ou algo assim?

— É possível, sem dúvida, mas temos motivo para suspeitar de que estamos à procura de um homem, e um homem de atributo — disse Jackaby. — A Hatun alega ter dado uma boa olhada no assassino. A criatura que ela descreveu pode ou não realmente existir, mas acredito que ela estava lá, quando nosso vilão tentou fugir pela janela. Ele deixou vestígios no parapeito mas não nas sacadas inferiores, o que corresponde ao relato de Hatun. Agora, se você fosse um assassino à sangue-frio, capaz de abrir um rombo no peito de um homem feito, estaria preocupado em se deparar com uma senhorinha manca e grisalha?

— Acho que não.

— Ah, mas se você não pudesse ver quem ou o que estava à sua espera? Então, como nosso amigo cauteloso, você não encontraria uma rota alternativa de fuga, só para sair em segurança? Se o culpado olhou abaixo, na direção do beco, e não viu nada, como Hatun diz, então, aquele xale talvez tenha mesmo o poder de alterar a percepção. Se o vilão não pôde vê-la, então, ele tem casa, e, se ele tem casa, podemos confiar que é de New Fiddleham, e, se ele mora em New Fiddleham, ninguém nesta cidade está a salvo. — Jackaby terminou com pressa e parou, por fim, para respirar.

Cada vez menos, eu queria ficar circulando pela rua naquela noite para encontrar um lugar onde ficar. — Mas, por que ele deveria começar a caçar em New Fiddleham? — eu perguntei. — Talvez essa tenha sido uma circunstância especial. Bragg estava na cola dele. Como você disse, o repórter provavelmente foi o único assassinado porque começou a juntar as peças e identificar os outros casos.

— Você quer dizer, como nós estamos fazendo? — Jackaby perguntou, com uma sobrancelha erguida. — Entendo seu ponto de vista, mas o assassino tinha de saber que essa sua trama só retardaria as coisas por um tempo. Agora já deve estar ciente de que está começando a perder o controle das coisas. Como um ganso enjaulado, ele vai ficar mais

desordenado, mais imprevisível, e mais mortal a qualquer um que se embrenhe com ele nessa armadilha.

— Um ganso? — eu perguntei.

—Sim. Gansos são aterrorizantes. Qualquer que seja o animal da metáfora, nós, que assumimos a pesquisa de Bragg, estamos na mira da criatura. Talvez seja prudente reforçar a segurança do prédio e a nossa, até que este caso tenha terminado. É só uma questão de tempo, até que nosso vilão ouça sobre nossas investigações ao redor da cidade e venha nos fazer a mesma visita que fez a Arthur Bragg.

Um calafrio percorreu minha espinha e eu lancei um olhar nervoso para trás. Comecei a falar, mas fui interrompida por um súbito estrondo ensurdecedor, vindo do andar de cima. Nós dois nos olhamos de olhos arregalados, depois ele pegou um taco de madeira numa prateleira atrás da escrivaninha, e apressou-se ao corredor para investigar. Eu olhava o escritório freneticamente, sem conseguir encontrar nada que intimidasse, e me contentei com um livro bem pesado. Eu o carregava como uma arremessadora de peso, suspendendo o troço desajeitado ao lado da orelha. Meu punho tremia, mas eu continuava tensa para lançá-lo vorazmente, em qualquer engraçadinho.

Meus nervos estavam à flor da pele e xinguei, em silêncio, a escada espiral, enquanto subia, suando frio. A última virada revelou uma pilha imensa de artefatos espalhados pelo corredor. Eles tinham claramente tombado do quarto entulhado, à direita, aterrissando no corredor. Um prato de porcelana com desenhos em ouro ainda estava girando e parou. Penas caíam devagar, sugerindo que um travesseiro estourado provavelmente estava em algum lugar do monte.

Jenny estava junto à soleira da porta, com os joelhos sumindo para dentro de um fonógrafo virado para cima, que tinha caído em cima da própria campânula. Era difícil decifrar a expressão do fantasma. Seu rosto, uma concentração prateada, parecia ruborizado, suas bochechas e o nariz estavam mais escuros, num tom de chumbo. Atrás dela, Douglas veio batendo as asas e pousou na cabeceira curva da cama, que havia sido meio desenterrada, desde a minha última visita. Ele estava com duas gravatas de seda ao redor do pescoço, como um traje cerimonial.

— O que foi…? — Jackaby começou a dizer.

— Ah, olá — disse Jenny, sorrindo timidamente. Ela estava usando um par de luvas sedosas que se destacavam num estranho contraste com sua

silhueta translúcida. — Só estou ajudando você a começar. Tem muita coisa a ser retirada. Você se surpreenderia em como é complicado permanecer materializada, quando se está tentando mover coisas grandes e estranhas.

Douglas grasnou e oscilou em seu poleiro.

— Ah, como se você estivesse dando alguma ajuda! — Jenny apontou um dedo enluvado em sua direção, depois virou de volta para nós. — Eu sabia que você diria sim, claro, Jackaby. Então, o Douglas concordou em me ajudar a encontrar espaço no sótão. Ela desviou o olhar do detetive para mim, observando as expressões. — Você vai ficar aqui, não vai?

— Eu não… — eu comecei a dizer, mas Jackaby irrompeu, nesse momento.

— Claro que ela vai ficar aqui! Onde mais ela ficaria? Isso não é motivo para sair jogando minhas coisas pela casa!

E assim ficou acertado. Jenny bateu palmas e sorriu radiante, e Jackaby virou para olhar para mim. — Mas que diabos você está fazendo com minha edição de *Historia Lycanthropis*?

— Eu… o quê? — respondi eloquente.

— Esse livro. Que diabos você está fazendo com ele?

— Bem, o senhor estava com o bastão. Ele franziu as sobrancelhas. — Isso é um pedaço de carvalho. Foi cortado de um abrunheiro irlandês por um duende artesão, curado numa fornalha de Gofannon e imbuído de poderes protetores sobrenaturais. Isso — ele apontou para o livro — é um livro.

— Mas é bem pesado. Um duende? Como os homenzinhos que guardam os potes de ouro no fim do arco-íris?

— Não seja estúpida. Estou falando de um duende de verdade. Esse volume é uma edição original do século XVI. Espero profundamente que você não tivesse a intenção de usá-lo com um projétil.

Eu entreguei o *Historia Lycanthropis*, que ele pegou a caminho da escada. — Jackaby — eu disse, antes que ele sumisse na descida —, obrigada.

— Pelo que você está me agradecendo?

— Bem, por me hospedar, e também por me contratar. Obrigada.

— Não me agradeça. Apenas se esforce ao máximo para não morrer, está bem? Ah, e mais uma coisa, senhorita Rook. Prometa-me que, caso se transforme num pombo, ou num porco-espinho, ou algo assim, não vai

ficar intratável por causa disso. Bem, agora tenho algumas coisas a cuidar por aqui. Por que você não ajuda a senhorita Cavanaugh a arrumar seu quarto? — A voz dele foi sumindo, à medida que descia a escada.

Jenny e eu passamos o resto da noite carregando um sortimento eclético de objetos e levando até o terceiro andar. Alguns deles encontraram lugar no jardim, outros foram arrastados até o sótão ainda mais apinhado. Douglas passou o tempo todo comendo farelo de pão e grasnando em reprovação à posição dos móveis. Jackaby passou a noite trancando as janelas e "mantendo a guarda", o que pareceu consistir em circular a casa com sal, centeio, água benta e alho.

Do outro lado da cidade, o senhor Henderson — o homem que ouvira os gritos silenciosos da banshee — passou a noite morrendo. Para ser mais precisa, ele passou um pequeno período da noite morrendo, e o resto da noite morto.

17

PELA MANHÃ, ACORDEI AO SOM DE LOUÇA batendo em algum lugar abaixo de mim. Por um instante, estava de volta à casa dos meus pais e minha mãe estava na cozinha preparando o café da manhã. Eu estava em segurança e tudo estava normal. O leve cheiro de algo queimando me fez abrir os olhos e minha mente desorientada voltou ao quarto estranho e bagunçado, a milhares de quilômetros de casa. Mesmo com todo o trabalho que Jenny e eu fizemos, todos os cantos ainda estavam lotados de cadeiras sem utilidade e velhas escrivaninhas cobertas de castiçais decorativos ou máscaras de madeira. Para começar, tínhamos nos concentrado na coleção que cobria a cama, e foi tudo o que consegui fazer para não desmoronar ali, assim que estava desocupada. Quando finalmente deitei, mal toquei os lençóis macios e já peguei no sono. Novamente havia dormido com a roupa de baixo, depois de colocar o vestido verde e tristonho para tomar ar. Com o dia amanhecendo e entrando pelas cortinas, esfreguei os olhos para afastar o sono e estendi a mão para pegá-lo. Meu vestido havia sumido. Minha mala ainda estava no pé da cama, onde a deixara. Coloquei-a sobre o colchão e abri o fecho, com um suspiro.

Depois de olhar várias anáguas e um espartilho, saí no corredor com um vestido de noite vermelho, um presente de minha mãe, em meu aniversário de 16 anos. O corpete era apertado, os botões fechavam bem

justos e a gola era alta e colada ao redor do pescoço. A bainha arrastava no chão e eu me sentia como uma boneca de porcelana, com as camadas de renda em volta da minha gola — sem mencionar as mangas compridas que eram tão bufantes nos ombros, a ponto de atrapalharem a minha visão periférica. Mesmo através das camadas, eu conseguia sentir o laço imenso balançando acima e abaixo no meu traseiro a cada passo. Pensei em voltar ao quarto e recolocar as calças imundas de trabalho — mas não, eu já tinha passado tempo demais com aquelas calças para saber que não me sentiria mais confortável com elas.

Desci a escada com cuidado e encontrei a porta do laboratório aberta. Jackaby estava lá dentro, cantarolando baixinho e mexendo em uma frigideira em cima de um pequeno queimador. Ele pegou um moedor de pimenta em meio a potes e garrafas ao redor e girou algumas vezes em cima da frigideira. A bancada estava cheia de cascas de ovos e pedacinhos de legumes, e salpicada, aqui e ali, com pós de várias cores. Eu entrei e Jackaby virou, à medida que a porta rangeu, anunciando a minha chegada.

— Ah, bom dia, senhorita Rook. Omelete?

— É… um pedacinho, pode ser. Obrigada, senhor Jackaby. — Eu puxei uma cadeira para me sentar, estranhamente movendo o inconveniente laço no assento, puxando a saia para debaixo de mim. — Imagino que o senhor não tenha visto meu outro vestido, viu?

— Não, se bem que a Jenny mencionou algo sobre lavar roupa esta manhã. Ela é muito boa em lavar… impressiona ainda mais, por ela só poder interagir fisicamente com relíquias que lhe pertençam. Acho que ela usa um velho par de luvas para o exercício. Seria bom se ela se lembrasse de sua pequena limitação e esperasse para ter ajuda, quando reorganizasse as minhas coisas, mas é impossível argumentar com ela. Você pode dar uma olhada lá atrás e ver se não está no varal.

Com dificuldade, fui até a janela e dei uma espiada lá fora. Meu vestido simples realmente estava pendurado num varal, junto com minha meia-calça e meu lenço. A combinação parecia branca e limpinha, e a saia verde estava sem a bainha suja de terra e a mancha escura de chá da noite anterior, mas tudo ainda estava visivelmente molhado e pingando um pouco na grama. Naquele frio, eu teria sorte se as peças estivessem secas até o pôr do sol.

— Droga — eu disse. — Quer dizer, muito gentil da parte dela. Eu fico grata. — Eu me virei e minha bainha comprida prendeu na perna do

manequim, subitamente girando a silhueta de tecido na direção de uma prateleira de vidros do meu chefe. Estendi a mão para segurar, lenta demais — mas o reflexo de Jackaby felizmente foi bem mais veloz. Com uma das mãos, ele segurou a peça a alguns centímetros dos copos e pipetas caros, depois endireitou o manequim e deu uma olhada abaixo, no meu vestido vermelho, pela primeira vez.

— Mas o que é isso que você está vestindo? — disse ele. — Eu sinceramente espero que não pretenda se vestir dessa maneira enquanto estivermos trabalhando.

Eu engoli. Minhas bochechas esquentaram e a gola de cetim estava ficando mais apertada em meu pescoço. — É só isso — eu disse. — Só esse tipo de coisa que eu tenho. Bem, e algumas coisas de menino — algumas calças e coisas do gênero —, mas obviamente não posso andar pela cidade com aquilo.

— Parece que você mal consegue caminhar com isso — disse Jackaby, virando de volta para a comida. Ele pegou duas embalagens vermelhas idênticas e cheirou cada uma delas. — Se você precisa de umas roupas femininas, talvez possa pedir ao Douglas para ajudá-la.

Eu ergui uma sobrancelha. — O Douglas costumava usar roupa de mulher?

— Não que eu saiba, não, embora eu preferisse vê-lo com um vestido àquelas penas. Ele mantém um registro das minhas malas preciosas, incluindo o livro-razão. Eu recebi um baú de roupas, um tempo atrás, como pagamento de um cliente sem dinheiro. Pertenceram à esposa do sujeito, eu acho, talvez à mãe dele. Apenas pergunte ao Douglas — tenho certeza de que ele vai se lembrar. Para você, isso tem cheiro de páprica ou pólvora? — Ele colocou um dos frascos vermelhos embaixo do meu nariz e eu cheirei os furinhos da tampa.

— Páprica? — eu chutei, sem nunca ter tido a chance de manusear nenhum dos dois.

Jackaby assentiu e jogou uma porção generosa na frigideira. Depois, só para garantir, ele também jogou um pouco do outro frasco. Ele se retraiu e cobriu o rosto, quando o pó começou a estalar violentamente, no óleo da frigideira. Como não explodiu, ele se endireitou e sentiu o cheiro agradável, com um sorriso.

Eu pedi licença para ir falar com um pato sobre um vestido.

Douglas mostrou-se bem-disposto a ajudar, na medida que as aves podem ser, e, diante da minha pergunta incerta, ele me guiou até um baú cheio de musgo, na direção do lago. Eu agradeci educadamente e ele saiu voando de volta ao seu poleiro, na ilhazinha. Abri o baú e desenterrei um vestido preto empoeirado. Parecia algo que uma avó puritana talvez achasse um pouco fora de moda. Eu o ergui até os ombros mesmo assim. A falecida esposa do cliente, talvez a mãe, talvez tenha sido alguém miúda e *démodé*. Uma risadinha surgiu atrás de mim.

O fantasma estava confortavelmente descansando num toco na grama, com a cabeça reluzente apoiada numa das mãos. — Ah! Eu não… Bom dia, senhorita Cavanaugh — eu disse.

— Pode me chamar de Jenny. — Ela sorriu. — Você realmente não deveria usar essas roupas, sabe.

— Mas eu perguntei se podia.

— Tenho certeza de que sim, querida. Não deveria usá-las porque são horrendas.

— Ah — eu disse. — Imagino que você esteja certa. Se bem que, se eu fosse um palmo mais baixa e dez quilos mais magra, talvez pudesse parecer uma bela colonizadora. Uma bela colonizadora miúda.

— Acho que você está linda com esse traje vermelho — mas de fato é mais um traje de noite do que de dia, não é?

— Não tenho muita escolha. Tudo que eu tenho é bonito ou prático, exceto, talvez, aquele vestido que você lavou. Aliás, obrigada.

— Se não gosta dessas roupas, por que as trouxe?

Eu suspirei. — Foram as primeiras coisas que vi no meu armário. Antes que eu fugisse sozinha, minha mãe adorava me vestir como uma boneca de papel, em trajes chamativos feitos por sua modista preferida. Eu nunca tinha de pensar no que vestir, porque minha opinião nunca importou, mesmo. Eu talvez tivesse mais opções, se ela tivesse feito a mala para mim, mas também precisaria de uma carruagem só para as caixas de chapéus. Um dos maiores temores dela era que algum cavalheiro passasse e visse sua filha vestida com *farrapos*. Era assim que ela chamava qualquer traje que não tivesse armação de metal, babados de renda e cinco camadas de tecido. Pelo menos, eu tinha alguns uniformes da escola — e até gostava deles —, mas já estavam gastos, mesmo antes da minha partida, e foram feitos para ficar sentada em carteiras, não para escalar rochas. Rasgavam com facilidade e a bainha ficou toda

esfarrapada. Até o fim do primeiro mês, tinham realmente virado farrapos. Passei o restante dos meus dias no local de escavação usando calças de garotos.

— Não acredito!

— Verdade. E eu adorei… no começo. Isso fazia parte do meu grande ato de desafio, de toda ousadia e atrevimento. Mas posso garantir que você deixa de se sentir liberta depois de meses de trabalho duro e poeirento. Agora, eu só gostaria de alguns vestidos que fossem menos… vistosos.

— Ora, então — disse Jenny —, quando tiver de escolher entre duas opiniões conflitantes, apenas faça como Jackaby. Fique com as duas. — Com seus dedos finos enluvados, ela deu um tapinha numa pilha caprichosamente dobrada de roupas ao seu lado. — Como eu ia dizer, se precisar de mais roupas funcionais, experimente estas. Você é um pouquinho menor do que eu era, eu acho, mas, se gostar, posso lhe mostrar como apertá-las. Não tenho mais uso para essas coisas.

Peguei a primeira peça. Era uma bela saia marrom, feita de algodão resistente — não tão grosso quanto brim, porém mais resistente do que qualquer uma das minhas roupas. Eu a segurei junto à cintura. Pendeu até o chão. Minha mãe ficaria mortificada em pensar nas minhas panturrilhas nuas, expostas ao mundo. Fiquei encantada com a ideia de não tropeçar nos meus pés ao subir uma calçada.

— É só um vestido comum, nada sofisticado — disse Jenny. A peça seguinte era uma blusa de cintura marcada. Ela tinha sido costurada com o mínimo essencial de linha, mas sem perder as formas femininas. Um casaco justo tinha sido cortado para um caimento suave por cima da blusa, entrando pela cintura e pendendo solto, para dentro da saia. À minha frente, o traje parecia infinitamente mais confortável do que qualquer das minhas opções, e era simples, mas elegante.

— A cintura tem penses nas costas e tem bolsos costurados na bainha, aqui e aqui. — Jenny gesticulou para a saia.

Bolsos! Eu fiquei contentíssima. Nunca entendi a aversão pelos bolsos na moda feminina — como se tivesse se tornado uma grande vergonha parecer que talvez precisasse ter alguma coisa para guardar neles.

— Eram suas? — eu perguntei, sentindo-me na mesma hora indelicada pelo meu uso do verbo no passado. Jenny não pareceu notar. Ela assentiu.

— Banais, eu sei.

— De jeito nenhum, elas são brilhantes!

Ela sorriu de novo. — Eu tenho outras saias e aventais, se preferir. Não tão divertidas de usar, mas me serviram bem, quando ajudei no laboratório.

— Laboratório? Você era uma cientista? — eu perguntei.

O sorriso de Jenny hesitou. — Meu noivo era o cientista, mas eu estava estudando. Atrevo-me a dizer que isso me ajudou a me preparar para compartilhar a casa com o senhor Jackaby. Bem, como se algo pudesse preparar alguém para Jackaby.

— E seu noivo? O que aconteceu com ele? — Eu estava começando a me permitir sentir como se estivesse fofocando com uma irmã mais velha.

Jenny cerrou os lábios apertados e não respondeu. Eu logo me arrependi da pergunta. Depois de alguns instantes, ela sorriu com educação. — Por que você não as experimenta? — ela insistiu. Virei para desabotoar o vestido vermelho volumoso e encontrei um imenso pato silvestre empoleirado num armário musgoso, logo atrás de mim.

— Minha nossa… Douglas! Você não vai… é… dar um voo, ou algo assim? — eu perguntei a ele.

Douglas balançou a cabeça de um lado para o outro, parecendo muito com uma ave comum.

— Não vejo por que ele deveria — Jenny falou atrás de mim, em tom brincalhão. — Afinal, ele é um pato. Além disso, eu *o* vi se trocar, em mais de uma ocasião, quando ele não era pato — ela acrescentou com um sorriso nostálgico. — Não era uma silhueta ruim. Suponho que seja justo.

Senti minhas bochechas esquentarem. — É bem ousado — eu disse.

Ela riu. — Espírito livre, Abigail. Perder o corpo tem esse efeito.

— Você não pareceu tão aberta quanto à privacidade quando eu entrei no seu quarto, sem querer.

Seu sorriso malicioso sumiu, transformando-se num bico. — Isso é diferente — disse ela, mas cedeu, sacudindo os ombros. — Mas, se você insiste. Venha, Douglas, vamos dar um pouco de espaço à garota. — Ela jogou os braços para o alto e mergulhou para trás, como uma nadadora o faz numa piscina, entrando suavemente no piso musgoso atrás dela. A grama tremulou levemente, como se beijada por uma brisa suave e, num piscar de olhos, o único sinal de que a moça fantasmagórica havia estado presente era seu par de luvas brancas, pousada no musgo. Douglas aproximou-se da beirada do armário e desceu num voo rasante. Do outro lado da cortina de musgo, ouvi suas patas batendo na água do lago. Só por

cortesia, peguei as luvas de Jenny e as coloquei dobradas, em cima do tronco de madeira, para quando ela voltasse.

As roupas serviram perfeitamente e tinham um leve aroma de pinho e perfume. Jenny tinha até pensado em me arranjar um par de meias grossas de lã, que acolchoaram maravilhosamente os meus pés doloridos. Agradeci ao Douglas por sua discrição, ao sair, tomando cuidado para me manter no chão de madeira a fim de evitar molhar o novo agasalho quentinho de lã dos meus pés. Desci a escada com as meias e já estava quase no piso térreo quando ouvi uma rápida batida na porta da frente. Jackaby pôs a cabeça para fora da porta do laboratório quando cheguei ao corredor.

— Ah, senhorita Rook, que bom. Vá ver quem é, pode ser? Estou quase terminando os ovos. — Ele não deu indicação de que tinha percebido minha mudança de trajes.

— Achei que estavam quase prontos antes de subir — eu disse, ao passar.

— São ovos diferentes — disse ele, entrando de novo. — Os últimos não colaboraram muito.

Eu fui ao lobby, abri a porta vermelha e encontrei o detetive júnior Cane, agitado, no degrau da frente.

— Policial Cane! — Eu dei um passo para o lado e gesticulei para que o jovem entrasse. — Por favor, entre! Minha nossa, sua aparência está terrível! Dormiu alguma coisa?

— Não tive a chance. — Ele tirou o quepe e entrou na sala. — Obrigado, senhorita Rook. A senhorita, ao contrário, está muito bem. — Eu senti as bochechas esquentarem novamente e me peguei levando uma das mãos aos cabelos, desejando ter parado para escová-los e arrumá-los um pouco, antes de descer a escada. — O senhor Jackaby está em casa? Receio que seja urgente.

Eu acompanhei o homem pelo corredor e enfiei a cabeça na porta do laboratório. — É Charlie Cane, senhor Jackaby — eu disse, acrescentando um tom de profissionalismo que meu cabelo desgrenhado e meus pés com meias careciam.

— Quem?

— O policial detetive de ontem. Ele diz que tem notícias urgentes.

Jackaby veio até a porta. — Ah, certo, você. — Ele olhou para Charlie, de cima a baixo, com alguma desconfiança.

— Então, eu imagino que nosso amigo de pijama vermelho esteja morto?

Charlie assentiu. — O senhor Henderson, senhor. Sim, senhor.

— Uma pena. — Jackaby assentiu pensativo, mas sem surpresa. — Do mesmo modo como morreu o último?

Charlie assentiu de novo. — Exatamente do mesmo modo, mas, desta vez, com mais sangue, senhor.

— Então, isso dá conta das manchas em seus joelhos — disse Jackaby. — Imagino que tenha examinado o cadáver.

A última palavra pareceu atingir Charlie como um saco de areia. Eu o vi respirar profundamente, recompondo-se. Seus joelhos estavam, de fato, manchados de um vinho profundo, mas não era muito visível, dado o azul-marinho do tecido do uniforme. Olhando com mais atenção, notei que seus sapatos lustrosos estavam manchados de vermelho na ponta também. — Eu estive lá — disse Charlie. — Estive lá a noite inteira e não pude salvá-lo.

— Claro que não pôde — Jackaby respondeu conclusivo. Eu lancei um olhar sério ao meu chefe. O detetive júnior parecia pesaroso. Jackaby viu minha expressão e estendeu o braço para afagar o braço de Charlie. — Ninguém poderia salvá-lo — ele se corrigiu. — Não havia como escapar, uma vez que ele ouviu o choro. No entanto, foi bom de sua parte tentar. Nossa esperança com essa tragédia, é claro, é que temos uma nova cena de crime. Depois que a senhorita Rook e eu tomarmos um rápido café, iremos até lá para ver que pistas nossos vilões nos deixaram desta vez.

Charlie remexeu-se impaciente. — Detetive, o tempo é certamente essencial! Há um homem morto!

— Sim, lamentavelmente, e não há tempo nem pressa que o fará reviver. Ele ainda estará morto quando chegarmos lá, isso eu posso lhe garantir. Agora, um pouquinho de café quente só vai ajudar a melhorar nossas faculdades e garantir que não deixemos de ver…

Entretanto, a frase do detetive foi interrompida por uma súbita explosão ensurdecedora, e o ruído de uma frigideira de ferro alojando-se no meio da parede, com seu cabo preto espetado para fora, no corredor, num ângulo torto, e o metal visivelmente vibrando pelo impacto. O silêncio ressonante que veio em seguida só foi rompido pelo tilintar e

pelas batidas vindos de dentro da sala, e meia dúzia de maçãs maduras rolando pelo corredor.

— Páprica demais? — eu disse.

— Pensando bem — prosseguiu Jackaby, indiferente —, não seria bom enchermos a barriga antes de irmos até lá, não é?

Charlie abriu e fechou a boca, sem palavras, enquanto piscava para a frigideira.

— Sim, só um petisco rápido será melhor. Maçã? — Jackaby abaixou-se e pegou uma e eu aceitei.

— Então, só vou calçar meus sapatos, está bem? — eu perguntei.

— Apresse-se — instruiu Jackaby. — O tempo é essencial, senhorita Rook. Há um homem morto.

18

O EMERALD ARCH ESTAVA AINDA MAIS POLICIADO que na véspera. A presença da polícia parecia ter dobrado e agora havia uma corda de isolamento oficial estendida ao redor de todo o prédio. Uma olhada no beco, quando passamos, provou que Jackaby não conseguiria entrar sorrateiramente pelas sacadas de novo, a menos que estivesse disposto a ter a companhia de três policiais uniformizados. Pelo que havia notado no estranho detetive, ao longo das últimas vinte e quatro horas, ele talvez até fizesse isso. Na verdade, poderia chegar ao ponto de que o ajudassem a subir uma perna e lhe desejassem sorte.

Charlie marchou conosco, passando pelos guardas da porta da frente. Eu reconheci um deles como o policial parrudo de nariz de falcão, por quem tínhamos passado no dia anterior. Sua expressão retraída e desconfiada não tinha mudado. — Cane — disse ele, sem afeição, mas, desta vez, não tentou nos deter enquanto seguíamos nosso acompanhante passando pelo cordão de isolamento. — O'Doyle — Charlie respondeu, no mesmo tom, o que era o aparente limite de cordialidade entre eles. Assim, rapidamente passamos e logo adentramos a porta da frente. Charlie já tinha contado alguns detalhes da cena, enquanto seguíamos apressados pela cidade, mas tudo havia sido um monte de informação fragmentada e

misturada. Ao chegarmos à escada, Jackaby pediu ao detetive que repetisse a história, desde o início, sem omitir nada.

— Bem, vejamos. Suponho que tenha começado depois que vocês saíram ontem, senhor — Charlie começou. — Retornei ao meu posto, do lado de fora do quarto do senhor Bragg. Quando o inspetor-chefe Marlowe chegou, disse a ele que achava prudente colocar guardas de plantão naquela noite, para proteger o senhor Henderson. Ele me perguntou o motivo. Agora, o senhor precisa entender que o inspetor-chefe é muito… seletivo sobre em que se dispõe a acreditar. Alguns dos outros homens são mais mente aberta — o policial Porter me disse que até foi a uma sessão espírita, uma vez, e eu já vi o tenente Dupin batendo na madeira —, mas o Marlowe não. Ele não acredita na sorte. Eu não podia dizer a ele sobre a banshee, então, simplesmente contei que Henderson dissera algo, quando voltei ao seu quarto, que me fez acreditar que ele tinha informação sobre o assassino, e que estava temendo demais pela própria vida para contar.

"O inspetor-chefe simplesmente pareceu zangado com isso e perguntou quando havia falado com sua testemunha, sem permissão. Eu disse que nós só passamos por lá, em seu caminho de saída, e que o senhor tivera até um efeito calmante sobre o pobre homem. Foi um erro. Ele ficou todo vermelho e perguntou que diabo eu tinha de deixar aquele lunático, destrambelhado — desculpe, senhor, foram palavras dele — ficar perambulando pelo prédio, contra as ordens dele. Ele me lembrou de quem estava no comando e me disse que cassaria meu distintivo se eu não respeitasse a hierarquia.

"Foi culpa minha. Eu deveria ter sido mais cuidadoso com as palavras. O comissário Swift tinha chegado e, como o senhor sabe, ele entrou no corredor quando estávamos conversando, ofegante, ao terminar de subir a escada. Ter o comissário por perto sempre deixa o inspetor Marlowe nervoso. Eu me desculpei e garanti que não voltaria a acontecer. Então, perguntei se ainda colocaria algum policial para proteger Henderson. Foi outro erro. Ele usou algumas palavras muito desagradáveis para me dizer que não. Bem, eu não podia discutir com o inspetor-chefe, principalmente com o comissário presente…"

— Mas você não podia ficar à toa enquanto a vida de um homem também estava em perigo, não é? — perguntou Jackaby. — Você voltou, de qualquer jeito, não foi? — Eu precisava tentar ajudá-lo. Sim, voltei depois que meu turno acabou e os outros policiais já tinham ido embora.

— Seu tempo poderia ter sido mais bem empregado se tivesse ficado no conforto do lar, com sua família.

— Eu não tenho família aqui, senhor Jackaby, e não consigo pensar em nenhum modo melhor de passar uma noite do que a serviço da minha cidade.

— Isso soa terrivelmente solitário — eu disse. — Quer dizer, não há ninguém…?

— A minha vida é… complicada — disse Charlie. — Eu acho muito mais conveniente viver sozinho.

Eu até gostaria de saber um pouquinho mais sobre o policial estoico, mas Jackaby pressionou com a questão em pauta. — Então, o Henderson já estava morto quando você chegou?

— Não, de jeito nenhum. Eu bati em sua porta para verificar e ele abriu, parecendo ligeiramente cansado e segurando aquele garfo de afinação, mas, fora isso, ele estava bem. Eu não queria alarmá-lo, então, disse que só estava de olho no prédio. Ele me deu boa noite e voltou para dentro, e o trinco estalou bem alto quando trancou, depois de fechar a porta. Eu assumi meu posto, no corredor. Sabia que ele ainda estava ali durante várias horas, porque dava para ouvir o soar do garfo de afinação, a cada minuto, ou mais, do outro lado da porta. Minha audição é muito boa, senhor, e eu estava observando e ouvindo, prestando atenção em qualquer coisa estranha no prédio. Devia ser perto de meia-noite, quando finalmente surgiu o som de um tilintar vindo da escada. Era terrivelmente familiar, mas eu não conseguia identificar quando o ouvira. O corredor estava escuro e eu fiquei na sombra à medida que segui devagar para investigar. As tábuas corridas devem ter me delatado ao me aproximar, porque quando rangeram, embaixo dos meus pés, o barulho parou. Eu corri e dei uma olhada, mas não havia nada na escada.

"Não me atrevi a deixar o terceiro andar com Henderson desprotegido, então, voltei pelo corredor, em direção ao meu posto. Dava para ver muito bem a porta dele, à medida que cheguei mais perto — as luzes do corredor ficam acesas à noite e o luar entrando pela janela estava ainda mais claro. À medida que me aproximei, pude jurar que ouvi um barulho no quarto dele, só uma batida, na noite. Então, quietinho como um rato, fiquei ouvindo junto à porta. Acho que devo ter ficado assim por cinco ou seis minutos, sem me mover, mal respirando, mas não surgiu mais nenhum

som do apartamento de Henderson. Foi quando eu soube que havia algo terrivelmente errado."

— Você soube que havia algo errado porque… *não* ouvia nada? — perguntou Jackaby.

— Lamento dizer que levei alguns minutos para perceber isso, mas, sim, senhor. Eu deixei de ouvir o tilintar do seu garfo de afinação. O apartamento de Henderson estava num silêncio sepulcral. Primeiro, bati e me anunciei, exatamente como nos ensinam. Não obtive resposta e a porta ainda estava trancada, então, tive de — Charlie, alguns passos adiante, deu uma olhada para trás, para Jackaby — derrubar a porta. Foi uma visão horrenda, detetive, e o cheiro! Ele estava ali, ainda vestido com aquele pijama vermelho, mas o vermelho estava se espalhando pelo chão. Mais do que da última vez, muito mais. A janela estava escancarada e a sala estava tão fria que dava para ver o calor emanando do corpo, em nuvens grossas de vapor.

"Vasculhei o ambiente e corri até a janela, mas não havia ninguém à vista, mas eu o ouvi. O som ecoou como ferraduras no asfalto, mas o ritmo era dos passos de um homem. Ele estava andando depressa, tão depressa que já estava a vários blocos de distância, antes que eu conseguisse distinguir de que direção os ecos vinham. Eu fui lento demais. E era tarde demais.

"Olhei em volta, em busca de pistas, mas não havia nada fora do comum, exceto o corpo sangrando no chão, claro. Corri até a delegacia, na Mason Street, e mandei um mensageiro avisar o inspetor-chefe. Trouxe de volta alguns dos policiais do turno da noite comigo, depois fiquei esperando a chegada do inspetor Marlowe." Chegamos ao terceiro andar bem na hora em que ele terminou de contar a história. Um guarda havia sido posicionado em cada uma das duas pontas do corredor. À medida que nos aproximamos, ele estreitou os olhos, mas assentiu para Charlie e nos deixou passar. Aquele mesmo cheiro forte de cobre emanava para o corredor e eu notei Jackaby sentindo o ar com as mãos, da mesma maneira como fizera ao abordarmos a primeira vítima.

— Falando em Marlowe — disse Jackaby, com a mão ligeiramente ao lado —, onde está o velho garotão? Era de se pensar que ele estaria mantendo uma guarda mais acirrada na cena, desta vez.

— Ele está. — A voz veio da porta adiante à medida que o inspetor-chefe entrou no corredor para nos encontrar. Apesar de seu despertar à

meia-noite, Marlowe estava bem barbeado e com a roupa passada, como no dia anterior. As algemas balançavam em seu cinto à medida que se movimentava, e as listras prateadas da patente em seu uniforme reluziram sob o rio de luz da manhã que entrava pelo corredor.

— Ah, Marlowe, bom dia! — disse Jackaby, um pouco alegre demais. — Você está com uma aparência ótima.

— E você parece ter sido arrastado pelo inferno, como sempre. Chega de gracinha. Tive uma noite curta e uma manhã longa e me é devida uma explicação.

— Ah, sim. Não seja tão duro com o detetive júnior, não foi culpa dele. Nós só estávamos passando e seria grosseiro não parar para…

— O detetive Cane não está trabalhando nas minhas costas… *desta vez*, não. — Marlowe lançou um olhar direto ao Charlie, que se encolheu na gola do uniforme. — Ele o trouxe aqui seguindo minhas ordens. Ele não lhe disse? Quer dizer, uma explicação sobre isso me é devida. — O inspetor deu um passo atrás e gesticulou na direção da porta aberta do apartamento 313.

A porta estava arrebentada e cheia de farpas e o batente tinha sido partido ao redor da fechadura. O cheiro ali era mais forte, metálico e de um adocicado nauseante, como moedas e fruta estragada. Lá dentro, ao lado do sofá surrado, estava o corpo do senhor Henderson.

Minha respiração ficou presa na garganta. Esse corpo estava pior do que o último e havia sangue por toda parte. Um borrão vinho tinha sido pintado no papel de parede e escorrido em filetes escuros até o chão. O pijama vermelho vivo do falecido William Henderson tinha sido tingido de um tom ainda mais forte de carmim, e o ferimento em seu peito era igual ao de Arthur Bragg, no mesmo corredor. O sangue tinha se espalhado pelo quarto, traços percorrendo os cantos e as tábuas corridas do chão, mapeando a topografia do ambiente, como piscinas escuras. Minha visão oscilou e meu estômago se contraiu, porém, por mais que me esforçasse, não conseguia tirar os olhos daquela cena horrenda. Marlowe deu um passo à frente, obstruindo a minha linha de visão e eu pisquei, respirei novamente, com o transe rompido.

— Posso? — meu chefe perguntou e o Marlowe assentiu, dando permissão para que ele entrasse. Jackaby adentrou o quarto com cautela, dando passos largos e desiguais, para evitar pisar nas poças de sangue. Eu

continuei na porta, atrás de Marlowe, enquanto Jackaby examinava o corpo. Ele seguiu uma trilha de gotas até a janela e olhou para fora.

O inspetor-chefe observava atentamente, mas não interrompeu, nem questionou o detetive, enquanto o homem dançava pela cena do crime, olhando através de frascos e lentes que ele tirava dos bolsos, e até se curvando para cheirar o parapeito da janela. Jackaby deslocava-se com a graça de um potro recém-nascido, mas manteve-se longe das poças líquidas de provas. Ele atravessou a extensão da sala como se pulasse amarelinha de volta à porta, onde ajoelhou e delicadamente passou o dedo na madeira quebrada. Com um movimento fluido, quase imperceptível, arrancou uma pequena amostra das farpas e, como um mágico de rua faria com uma moeda, a fez desaparecer em suas mãos antes de se levantar.

— Você disse que viu, no corredor, que a porta ainda estava fechada pelo lado de dentro quando forçou a entrada? — ele perguntou, virando-se.

— Isso mesmo — confirmou Charlie. — Eu encontrei a janela aberta, lá dentro.

— E a cena não mudou, desde sua primeira impressão?

Charlie olhou pra dentro e engoliu com força, assentindo. — Está mais espalhado. Mas, fora isso, sim, continua igual.

— Não está se esquecendo de alguma coisa? — O inspetor Marlowe incitou seu detetive, sem tirar os olhos de Jackaby.

— Ah. Sim, senhor. Houve um item removido, como prova. — Charlie fez uma careta e apontou para a mão de Henderson, ainda fechada, mas vazia.

Marlowe assentiu e enfiou a mão no próprio bolso, tirando um embrulhinho de tecido. — Senhor Jackaby — disse ele, mudando o embrulho de uma mão para a outra, enquanto falava —, o senhor já olhou tudo. Algo a compartilhar?

Jackaby desviou de Charlie para Marlowe, antes de responder. — Nós obviamente estamos diante do mesmo vilão. Com mais pressa, desta vez, mas, fora isso, consistente em cada detalhe.

— E que detalhes seriam esses? — Marlowe pressionou. A voz dele era inexpressiva e seus olhos estavam fixos em Jackaby, como uma ave de rapina num ratinho do campo. — Seja específico.

— O ferimento no peito, mais obviamente, e a remoção do sangue. Mesquinhez claramente não é o motivo de nenhum dos assassinatos — ali está um relógio de bolso um tanto caro na mesinha de canto, bem ali, ao

lado da janela, mas o criminoso passou direto, assim como fez ao deixar a carteira do senhor Bragg. Ele também deixou o senhor Henderson segurando o meu garfo de afinação, que presumo ser o objeto que está embrulhado em seu lenço, neste momento, item de grande valor para mim, e algo que eu gostaria de obter de volta, depois que tudo terminar.

Marlowe ergueu um milímetro da sobrancelha, e não fez nenhum movimento para devolver o pacote. — Não me diga, é mesmo? Mais alguma coisa que queira falar?

— Eu até *mencionaria* a aura residual sobrenatural, que está excepcionalmente forte e clara no ambiente, mas nós dois sabemos que você descartará como um trambique, portanto, prefiro me abster de perder tempo descrevendo-a.

— Sua abstenção é bem-vinda — Marlowe disse secamente. — Mas o que foi aquilo que disse sobre o sangue? Você estava certo quanto à última vítima estar surpreendentemente limpa, mas não dá para dizer o mesmo de Henderson.

— Deve ter notado o borrão no corpo, não? — perguntou Jackaby. — E o rastro? — O rosto de Marlowe estava impassível e indecifrável, e, depois de uma pausa, Jackaby recomeçou. — Bem ali, ao longo do tórax, e continuando por um pequeno trecho acima, pela lateral do sofá. O resto do sangue parece ter sido pingado, respingado ou ter escorrido de modo natural, mas ali dá para ver que foi borrado. Alguém estava enxugando, talvez com um simples pedaço de pano. Há gotas de sangue no braço do sofá, formando um rastro que é momentaneamente obscurecido por aquela poça, mas que recomeça em linha reta até a janela. Só é possível deduzir que o agressor tenha enxugado o ferimento com algum item antes de correr para a janela. Eu imagino que a trilha continue lá embaixo, na calçada. Se for seguida, talvez conduza a…

— Não conduz — Marlowe interrompeu. — Eu mesmo a segui, com dois dos meus melhores detetives.

Jackaby deu outra olhada para Charlie e endereçou sua pergunta seguinte a ele. — E vocês três perderam o rastro do cheiro?

— O detetive Cane não estava presente durante essa busca — Marlowe interferiu. — Mas, sim, as gotas de sangue foram sumindo na Winston Street. Eu pude rastrear as pegadas por algumas quadras a mais, até a Market, mas ali a trilha se perdeu. — O inspetor continuava encarando Jackaby, com o olhar trancado como um par de algemas.

Jackaby, por mera afetação, ou por verdadeira indiferença, nem ligou para a atenção focada do inspetor. — Interessante. E por que ele não estava presente durante a busca?

Marlowe piscou. — O quê?

— O detetive Cane. Afinal, foi ele que descobriu o corpo. Há algum motivo para que ele não estivesse envolvido na busca?

Marlowe lançou um olhar sério para Charlie, que recuou um pouco, como um cãozinho repreendido. — O detetive júnior Cane estava ocupado com outras coisas.

— Ah, acho que entendo. — Jackaby assentiu. — Por quanto tempo o detetive foi mantido encarcerado?

— Não foi isso que eu disse.

— Sim, mas foi o que quis dizer. Não confiou em seu detetive, exatamente da mesma forma que não confiou em mim. Eu tenho certeza de que primeiro o interrogou, o que foi sábio. Provavelmente o fez antes de se dar ao trabalho de seguir uma pista legítima, isso já não foi tão sábio. Não é de se admirar que o rastro tenha esfriado. Uma vez que ficou preso numa cela, isso certamente também dá conta de sua agitação elevada. Eu me pergunto se ele foi solto exclusivamente para ir me buscar. Foi? — Jackaby parecia quase entretido pela ideia.

O inspetor Marlowe franziu as sobrancelhas e seus olhos passaram a mostrar o tipo de sombra ameaçadora geralmente vista em becos escuros, em bairros ruins. Jackaby prosseguiu.

— Mandou que ele fosse seguido ao ir me buscar, é claro. Sim, eu achei ter reconhecido o tenente Dupin, mantendo uma distância imperceptível, ao passarmos pela Fourth Street. Fica evidente que não mandou me chamar para uma consulta profissional, inspetor. Eu achei que talvez o senhor tivesse percebido que o caso está fora de seu alcance e tivesse decidido buscar minha contribuição, mas nós dois sabemos que não se trata disso. Então, teve tempo para me observar na cena do crime, e seus homens tiveram tempo de sobra para revirar meu estabelecimento. Gostaria de me fazer alguma pergunta, antes de me jogar numa cela?

— Acho que isso pode esperar até chegarmos à delegacia — disse Marlowe, com um resmungo.

Os vigias nas pontas do corredor subitamente apareceram na porta. Jackaby saiu tão calmo como se fosse entrar numa carruagem, apresentando os punhos para ser algemado.

— O quê? — Minha mente girava com a súbita virada dos acontecimentos que se descortinava nesse dia. Isso era uma loucura! — Senhor Jackaby… eles podem fazer isso? O senhor não fez nada! Inspetor, por favor, ele não fez nada!

Marlowe delicadamente desdobrou o canto do lenço em suas mãos, revelando o brilho metálico do garfo e uma mancha vermelha que só podia ser de sangue. Ele fez uma encenação, pensando sobre o objeto por alguns instantes, enquanto Jackaby era algemado. — Não se preocupe, senhorita Rook. — Ele se virou para mim, cobrindo o garfo com o pano. — Ele não vai sozinho. Eu a avisei para não deixar que ele a arrastasse em sua maluquice, não foi?

As algemas pesadas de Marlowe estavam gélidas quando ele as prendeu em meus punhos. Ao chegarmos ao lobby, passamos por uma pequena aglomeração de moradores sendo levados ao escritório por policiais uniformizados. Uma mulher de vestido amarelo-canário fez questão de alertar quantos vizinhos conseguisse cutucar que estávamos passando. Eles se agitaram e observaram nossa aproximação, sem pressa para serem entrevistados, mas ávidos para entreouvir. Um repórter tinha armado a câmera ao lado da porta e tirou uma fotografia quando nós chegamos. Marlowe vociferou para que guardasse a máquina e um policial surgiu para bloquear a visão, mas eu abaixei a cabeça o mais fundo que pude na gola do casaco, vermelha de vergonha. Jackaby, por sua vez, parecia imperturbável e à vontade, com um andar firme, tão confiante quanto se estivesse liderando os policiais e não o contrário. O repórter não tentou tirar mais fotografias, mas a enxerida fofoqueira de amarelo conseguiu chegar até ele. Ela estava lançando olhares para nós e vi seus lábios formarem as palavras “aquela garota” com um desdém arrogante, antes que outra figura surgisse da aglomeração agitada.

Mona O’Connor abriu caminho empurrando os vizinhos e se plantou na frente de Jackaby antes que qualquer policial pudesse interferir. Ela apontou o dedo para o peito dele, de modo acusador. — Você! Você mentiu para mim! — Eu lhe garanto, senhorita O’Connor, não fiz nada disso. Isso é tudo um mal-entendido. Se não se importa, precisamos ir. — Sua calma era impressionante e, se não fossem pelas algemas em seus pulsos, talvez me esquecesse de que ele estava sendo preso. Mona não se deteve.

— Mentiu, sim! Você mentiu para mim!

O guarda que segurava o braço de Jackaby tentou se posicionar entre os dois, murmurando, de forma ineficaz:— Um passo atrás, por favor, madame. Fora do caminho. Um passo atrás. Um policial do lobby veio ajudar, puxando o braço dela. Ela deu um safanão, soltou-se e continuou:

— Você me disse que ela ficaria melhor pela manhã! — ela gritou, à medida que começamos a seguir em frente outra vez.

Agora a expressão inabalada de Jackaby hesitou. Seus olhos se arregalaram e as sobrancelhas franziram. Ele tentou parar e o policial atrás o empurrou. — A senhora Morrigan? — ele gritou, por cima do ombro, à medida que éramos pressionados em direção à porta. — Está dizendo que ela não melhorou?

— Pior! — a voz de Mona irrompeu num berro, junto ao policial que agora a segurava. — Cem vezes pior! O pior estado em que já esteve! — Os policiais finalmente seguraram a mulher e conseguiram conduzir Jackaby e eu porta afora.

O rosto de Jackaby estava branco quando chegamos à luz do dia. Ele não falou de novo até que estivéssemos na traseira da viatura policial. O policial bateu as portas e ficamos sozinhos nos bancos de madeira que fediam a cerveja velha e vômito.

— É algo ruim? — eu perguntei.

Ele respirou devagar antes de responder. — Cada noite que a senhora Morrigan lamuriou, uma vida foi brutalmente interrompida. Se ela agora está lamuriando cem vezes pior, então, sim, imagino que seja muito ruim, de fato.

19

— BEM, VEJO PELO LADO BOM — EU DISSE, DEPOIS que o policial fechou as portas de nossas celas e travou as trancas com força. — Pelo menos, estamos na prisão.

Na cela ao lado, meu chefe afastou a cabeleira preta e ergueu uma sobrancelha em minha direção. O policial que nos fichou pegou nossos pertences pessoais e Jackaby parecia excepcionalmente frágil na cela desolada, sem seu chapéu tolo e o casaco para se esconder.

— Verdade, estamos trancados aqui — eu continuei. — Mas você também pode dizer que o assassino está trancado lá fora, e isso é alguma coisa.

Não era tão ruim quanto eu havia temido. Jackaby e eu tínhamos sido colocados em celas separadas, claro, mas eram lado a lado, abertas na lateral, portanto, eu não me sentia inteiramente sozinha. Fora eu e meu chefe, a cadeia tinha somente mais um habitante, um bêbado que roncava tranquilamente, com suspensórios vermelhos, deitado no canto dos fundos, na cela depois da de Jackaby. Nossas celas não ficavam de frente para uma parede de cimento, como eu imaginara, mas, em vez disso, eram junto a um corredor simples acarpetado, ladeado por algumas escrivaninhas com documentos de aparência oficial, caprichosamente organizados em bandejas. Havia um policial sentado na mesa mais próxima, carimbando

documentos fazendo um *tum-tum* satisfeito. No canto tinha uma mesinha com algumas canecas de café e um bolo com glacê branco, cuja metade já havia sido comida. Um cartaz preso na parede acima dizia *Feliz Aniversário, Allan*. Eu tinha ouvido falar de delegacias que mais pareciam prisões, mas, nesse caso, nossa prisão parecia um escritório.

— Eu preferiria estar em casa, neste momento — disse Jackaby.

— Eu só fico grata que os guardas não podem ligar para que meus pais venham pagar minha fiança — eu disse. — Não quero saber o que eles pensariam, se pudessem me ver agora.

— Por que você deveria se importar com o que alguns guardas velhos pensam de você?

— Não os guardas, os meus pais. Não posso imaginar como isso pareceria para eles.

— Importa, realmente, o que os seus pais pensam?

— Bem… é claro que importa. Eles são meus pais. Como os seus pais reagiram, quando você começou a ser — você sabe — você?

Jackaby passou um dedo ao longo das grades grossas da cela, com uma careta franzindo as sobrancelhas. — Ao contrário desta cela de prisão, minha casa foi fortificada contra os perigos presentes numa cidade grande. Eu me sentiria muito mais seguro em minha propriedade, na Augur Lane.

— Eu o vi montando as "fortificações". Acho que tijolos e aço podem ser ligeiramente mais eficazes para deter invasores do que uma pitada de sal e alho em pó. Além disso, nós não somos alvos exatamente fáceis; estamos cercados pela polícia.

— Imagino que isso seja justo, senhorita Rook, e suficientemente verdade — respondeu Jackaby —, a menos que eu esteja começando a desconfiar de que nosso vilão use um distintivo.

Dei uma olhada para o policial em serviço, sentado atrás da escrivaninha. Seu carimbinho continuou seu *tum*, no mesmo ritmo. Ele era um homem corpulento, de bochechas rosadas, com um bigode de morsa, cujos fios estavam borrados de glacê branco. — Você acha que isso é provável? — perguntei.

— É uma possibilidade.

Minha mente teve um lampejo da cena do crime. — A porta — eu disse. — O Charlie disse que teve de derrubar.

— Hmm? Sim, isso mesmo. Ele também argumentou, com lógica, que o assassino deve ter entrado e fugido pela janela.

— Então, de quem são as garras que marcaram a porta de Henderson? — eu perguntei.

— Ah. — Jackaby recostou-se nas grades e ficou observando o bêbado roncar por alguns instantes. — Você notou isso, foi?

— A porta estava em péssimo estado, com tudo rachado e arrebentado. Tinha sido claramente forçada para ser aberta, como ele disse, mas pegadas são pegadas, e marcas de pata são marcas de pata. Eu sei que o senhor também percebeu.

— De fato. Eu também consegui colher alguns cabelinhos, porém, até que eu tenha meu casaco de volta e possa regressar ao laboratório para testá-los, podem ser qualquer coisa, como eles nos dirão.

— Mas, por que o Charlie mentiria? — eu perguntei, baixando o tom de voz, enquanto uma porta se abriu na outra ponta da delegacia. O inspetor Marlowe entrou, atrás de um par de policiais uniformizados. — Não faz sentido, ele tem sido o mais solícito de todos! O que ele está escondendo?

— Essa é uma pergunta excelente — disse Jackaby. — Parece que o detetive ainda tem alguns segredos.

— Engraçado — disse o inspetor-chefe, da porta —, isso é precisamente o que eu estava pensando de você. Talvez você realmente possa ler mentes, ou seja lá o que você faz. — Ele parou diante da cela de Jackaby.

— Ah, Marlowe — respondeu Jackaby —, muito bom de sua parte vir se juntar a nós. Eu lhe ofereceria um lanche, mas receio que não temos, aqui dentro.

— Tem bolo, ali no canto — eu disse, ajudando.

— Que bom, sim. Aquilo parece, sim, ser um bolo, como minha jovem associada observa, ali no canto. — Vocês dois, basta — Marlowe estrilou. — Eu já tolerei suas alegações lunáticas e seu desprezo ostensivo pela autoridade. Não vou tolerar que retenham provas no meio de uma investigação de homicídio.

— Não fizemos nada dessa natureza — disse Jackaby, ligeiramente arrogante. — Você que reteve. Está com meu garfo de afinação, o qual, volto a lembrar, quero de volta. Nós não retemos nada.

— Ah, não? — O inspetor estendeu a mão, e um dos homens uniformizados se aproximou para entregar-lhe um papel dobrado. Marlowe o abriu devagar. — Então, eu suponho que este mapa, encontrado

em seu escritório, na Augur Lane, não esteja desenhado no papel timbrado de Arthur Bragg, e escrito pela mão da própria vítima?

— Ah, isso — disse Jackaby. — Sim, bem, isso não foi *reter*, foi mais *pegar emprestado*, ou, possivelmente *guardar em segurança*.

Marlowe não disse nada, mas mostrou uma expressão ainda mais reprovadora. Os policiais que tinham assumido posição em cada lado de Marlowe olhavam do mesmo jeito, com cara feia e sem humor, o que transparecia uma vida inteira levando a si mesmos muito a sério. Um deles também tinha vários respingos cinzentos nos ombros, o que sugeria que Douglas, o pato, tinha uma excelente pontaria. Eles tinham parado de repente, mas o cheiro pantanoso de enxofre que os acompanhara foi lentamente invadindo as celas.

— Ora, não fique tão aborrecido — disse Jackaby. — Você poderia ter pedido. — Eu tenho coisas de sobra a pedir — respondeu Marlowe. Ele lançou um olhar em minha direção e acrescentou: — A vocês dois. Mas nós vamos conduzir este interrogatório com um de cada vez. Jackaby, é hora de termos uma conversinha.

Marlowe assentiu um comando silencioso e o policial com cocô nas dragonas do ombro marchou até a cela e ficou em alerta militar. — Detentos, afastem-se das grades! — ele vociferou. Jackaby, que já estava na metade da cela, revirou os olhos para o policial e deu um passo para trás. O homem destrancou e abriu as grades. Jackaby saiu e o guarda olhou-o com desconfiança ao bater a porta da cela. Esse sujeito fazia Marlowe parecer divertido.

Jackaby, Marlowe e o guarda excessivamente zeloso desapareceram no corredor, deixando o segundo policial desanimado para ficar de olho em mim, supostamente porque eu poderia me envolver em grandes problemas, se deixada por minha conta numa cela trancada de dois por três metros. Foi quando assimilei que, de fato, tinha sido deixada em minha cela de dois por três metros, e comecei a sentir uma sensação crescente de impotência. Eu remexia na franja bagunçada do meu vestido novo.

Tudo isso era um absurdo. Eu não sabia por que me sentia mais segura na presença de um homem estranho que eu conhecia havia menos de um dia — particularmente, um homem a quem eu havia sido alertada para evitar por quase todos que havia conhecido — mas, mesmo assim, eu torcia para que eles voltassem logo.

Dei um sorriso educado ao homem que mantinha guarda. Ele retribuiu com um olhar inexpressivo — não um olhar simplesmente inexpressivo, que você talvez adote enquanto espera numa fila, mas um olhar intenso, agressivamente inexpressivo. Ele tinha o tipo de postura daqueles que tiveram o senso de humor cirurgicamente removido. Seu uniforme estava impecável e isento de cocô, mas um fedor familiar de enxofre ainda emanava dele.

— Olá — eu me aventurei.

O policial não respondeu.

— Então, vocês deram uma olhada na casa do Jackaby? O lugar é bem louco, não é?

Ainda, nada de reposta.

— Agora, seja honesto. Você ficou encarando o sapo, não foi?

O policial continuou em silêncio, mas suas narinas tremularam sem querer. Ele continuou a dirigir seu olhar maliciosamente inexpressivo em minha direção.

— Foi o que pensei. — Eu sorri e recostei-me na tábua do banco atrás de mim.

20

PASSEI A HORA SEGUINTE OLHANDO UM PEDACINHO do céu cinzento através da janela da cela e tamborilando meus dedos no banco em silêncio. Eu tinha aperfeiçoado meu tempo para que o *tum* na mesa do policial que carimbava se encaixasse habilmente no ritmo, quando a porta foi escancarada e a voz de Jackaby o precedeu no corredor.

— Bem, é claro que acharia isso, se vai simplesmente medir a estabilidade de um homem pela sua capacidade de conseguir ou não sentir gosto de banana, quando não há bananas presentes. Como sempre, bem obtuso e desprezível, inspetor.

O guarda com os ombros sujos abriu as grades da cela de Jackaby, colocando o detetive de volta ali dentro com um empurrão. Ele bateu as grades ao fechá-las, depois veio até a minha, para destrancá-la. — Você é a próxima. — Ele apontou um dedo gordo em minha direção, depois ficou retesado, junto à porta, me esperando.

Ao levantar, sussurrei através das grades para Jackaby: — Devo contar a verdade a eles?

— Você matou alguém? — ele perguntou baixinho.

— Não, é claro que não!

— Então, não vejo por que não deveria.

O corredor estava quieto, pontuado apenas pelo ocasional barulho de uma máquina de escrever num dos escritórios pelos quais passei. Eu me senti como uma garota no Ensino Fundamental seguindo pelo corredor até o gabinete do diretor, com um monitor debochando de mim ao longo de todo o caminho. O guarda direcionou-me a uma sala no fim do corredor. O pequeno cômodo era um pouquinho maior que a cela, mas conseguia parecer ainda mais monótono e menos convidativo. O espaço carecia até mesmo da janelinha gradeada que a cela possuía, não restando nada que quebrasse o tédio do tom cinzento das paredes. A única luz vinha de uma lamparina a gás, no alto do teto, atrás de Marlowe, que estava sentado à mesa, lendo suas anotações. Sentei-me na cadeira de frente para ele e esperei que o inspetor-chefe falasse.

O policial que me levara até a sala assumiu sua posição diante da porta, como se eu pudesse saltar e sair correndo pela delegacia, a qualquer momento.

A mesa era de madeira simples, manchada e surrada, mas forte. Em cima dela estava o garfo de afinação embrulhado no lenço, o mapa de Bragg e o caderno de Marlowe. Este último estava aberto, enquanto Marlowe revisava alguma anotação. Eu decididamente precisava de um caderno como aquele. O inspetor-chefe o fechou com calma e o colocou de lado, sobre a mesa.

— Então, senhorita Abigail Rook. — Ele falou pausadamente, e apoiou os cotovelos na mesa, com os dedos enlaçados, embaixo do queixo. — Apenas há pouco tempo a senhorita chegou a New Fiddleham, correto?

— Duas noites atrás, sim — eu respondi. — Eu cheguei de navio, no fim da tarde.

— Momento desfavorável, senhorita Rook. No fim da tarde, duas noites atrás, Arthur Bragg ainda estava vivo. Quer dizer, até o momento em que não estava mais. Já conhecia o homem?

— Eu nunca o havia visto. Só vi seu corpo no apartamento ontem.

— Está hospedada no Edifício Emerald Arch, senhorita Rook?

— Não, senhor. Eu ocupei um quarto no prédio do senhor Jackaby, na Augur Lane.

Marlowe ergueu uma sobrancelha. — É mesmo?

— Sim, senhor. Ele me contratou como sua assistente.

— E a convidou para morar na casa dele. Há mais coisa na natureza de seu… relacionamento? — Ele conseguiu manter a voz fria e sem emoção,

mas algo na forma como ele fez a pausa, antes da palavra "relacionamento", deu um tom carregado de indecência inconfessável.

— O quê? Não!

Marlowe assentiu para mim e fez uma anotação. — Por que estava no Emerald Arch, se não era para procurar um lugar para ficar?

Eu fiz o máximo para evitar que as perguntas secas do inspetor, e sua posição petrificada, não me enervassem. — Eu… eu só comecei a trabalhar para o senhor Jackaby — ou melhor, acho que comecei a trabalhar para ele enquanto estávamos lá. Eu o estava seguindo, em sua investigação.

— É mesmo? — Marlowe fez outra anotação. — Impressiona o fato de que a senhorita conseguiu emprego tão depressa, com um homem que por acaso estava envolvido num assassinato… assassinato este que ocorreu exatamente na noite de sua chegada à cidade. A senhorita o procurou porque estava interessada em dar uma olhada na cena do crime?

O sangue estava latejando em meus ouvidos e logo comecei a me ofender com as insinuações do inspetor. — Com todo respeito, senhor, eu teria sido empregada por meia dúzia de outras pessoas da cidade, caso alguma delas estivesse contratando. O senhor Jackaby tinha trabalho para mim, só isso — e eu fico contente por isso, inspetor. Ele é meio esquisito, mas, pelo menos, é um investigador competente. Seus métodos não incluem trancafiar a todos que tentam ajudar. — Eu percebi que havia deixado Marlowe me desestabilizar por completo, e recostei-me, nervosa, esperando sua repreensão.

Para seu crédito, o inspetor-chefe aceitou meu comentário. Ele simplesmente fez outra anotação silenciosa em seu bloco, e continuou no mesmo tom equilibrado, com um toque de rispidez na voz.

— Falando sobre os métodos do senhor Jackaby, você reconhece isso? — Ele empurrou o mapa para o outro lado da mesa, em minha direção.

— Sim, senhor — eu respondi, humildemente.

— Poderia explicar?

— É um mapa. O senhor Bragg parecia estar pesquisando uma sequência de mortes na periferia de New Fiddleham. Nós acreditamos que esse seja o motivo para a morte dele.

— É uma prova bem importante. Poderia explicar como ela foi parar no escritório, no número 926, da Augur Lane?

— Ah, sim. Acho que Jackaby o descobriu no quarto do senhor Bragg e achou que poderia valer a pena analisá-lo.

— E então, ele roubou uma peça crucial como esta?

— Bem, eu não acho que ele tenha exatamente roubado. Tenho certeza de que ele pretendia…

— Isso foi antes ou depois que descobri vocês dois contaminando a cena do crime?

Eu engoli. — Depois.

— Antes ou depois que vocês dois ignorassem minha ordem para deixarem o local e, em vez disso, fossem falar com uma testemunha — uma testemunha que foi brutalmente assassinada na noite seguinte?

— É… isso também foi depois, senhor — eu admiti.

— Por que não começamos pelo começo, senhorita Rook.

E foi o que fizemos. Eu contei tudo a ele, desde o kobold em meu casaco até os gritos silenciosos que torturavam o senhor Henderson, e o efeito do garfo de afinação de Jackaby. Eu tinha explicado tudo sobre Mona e a banshee, e tinha chegado à velha Hatun, com seu xale de invisibilidade parcial, quando surgiu uma batida à porta. Marlowe, apesar das sobrancelhas franzidas, e às vezes revirar os olhos, tinha escutado tudo fazendo anotações em seu caderno. — Voltaremos a falar em um instante — ele me disse, e assentiu para um policial à porta.

O guarda abriu uma fresta, depois logo se afastou, deixando que a porta abrisse por completo. Na mesma hora ele ficou alerta ao lado da porta. O comissário Swift estava no corredor, parecendo de fato deslocado nas dependências comuns e práticas da delegacia de polícia. Ele estava com o mesmo casaco preto com viés vermelho, e chapéu combinando. Sua gola parecia engomada, com uma gravata estampada por baixo. Ele se apoiava pesadamente em sua bengala polida, endireitando-se um pouco quando eu e Marlowe viramos para olhar.

Com passos duros mas determinados, Swift entrou na sala de interrogatório. Ele lutava com as muletas fixas para mostrar um andar normal, cerrando os dentes toda vez que o mecanismo fazia o mais leve rangido ao se mover. Ele marchou até o lado de Marlowe na mesa.

O inspetor-chefe pareceu surpreso ao vê-lo, assim como eu. — Comissário — ele conseguiu dizer, assentindo com respeito. — O que posso fazer pelo senhor?

— Prossiga, inspetor. Vou apenas supervisionar as coisas. Quem temos aqui? Achei que estivesse interrogando o famoso senhor Jackaby. — O comissário pegou o caderno de Marlowe e folheou algumas páginas para trás, olhando os registros.

— Essa é a associada dele, senhor, a tal Abigail Rook. Eu estava apenas obtendo algumas declarações.

— Sim, estou vendo. — Swift olhou de cara feia para o bloco de anotações e virou outra página. — Uma banshee? Um xale mágico? É mesmo? Trolls, senhorita Rook? A voz dele transbordava de incredulidade sarcástica ao erguer os olhos para mim, acima do caderno.

— Somente um troll — eu respondi, timidamente. — Disseram-me que ele é bem pequeno.

— Estávamos quase terminando aqui — afirmou Marlowe, estendendo a mão para pegar o caderno. — Se me permite?

Swift jogou-o de volta na mesa, ignorando a mão de Marlowe. — Você *já* terminou aqui. Não vou aceitar meu inspetor-chefe perdendo tempo ouvindo contos de fadas enquanto algum maluco deixa minha cidade em pedaços. Você tem alguma ideia de quanto isso prejudica a minha imagem? Alguma ideia da queda vertiginosa que terei nas pesquisas toda vez que surgir um corpo em minha jurisdição?

— Sim, comissário. Eu entendo, mas…

— Mas, nada! Eu quero você e seus homens na rua, onde devem estar, encontrando respostas! Encontrando um assassino para mim!

Marlowe, para se poupar, mordeu a língua antes de falar e eu aproveitei a oportunidade. — Isso significa que estou liberada?

Swift lançou-me um olhar como se já tivesse se esquecido de que eu estava na sala. — Você? Certamente não. Marlowe, mantenha os dois bem trancados até que tudo isso tenha terminado. Melhor mantê-los fora do caminho, para que você possa fazer seu maldito trabalho, e ensine uma lição a eles por desperdiçarem nosso tempo. Pelo menos, podemos dizer à imprensa que já temos os suspeitos principais sob custódia. O público gosta de ação. A justiça é rápida, no fim das contas. Ah, nada mal. Vou mandar que os rapazes da minha campanha façam algo com isso. Dixon!

O comissário seguiu, rígido, até a porta, gritando no corredor, até que surgiu um homem esquelético, de terno de camurça e chapéu de palha. Os dois desapareceram de vista, virando no corredor, e o som da voz retumbante do comissário foi sumindo.

Devagar, Marlowe fechou seu caderno e afastou a cadeira da mesa, empurrando-a para trás. — Isso não acabou — disse ele. Depois de pegar o maldito garfo de afinação e o mapa de Bragg, ele saiu pela porta.

O guarda com o uniforme sujo me acompanhou de volta até minha cela e me joguei no banco. Uma janela gradeada na parede em frente tinha sido aberta para entrar um pouco de ar fresco. Havia começado a chover enquanto eu estava em interrogatório, e o barulhinho da chuva na janela era agradável, embora estivesse fazendo um pouquinho de frio.

— Você se divertiu? — perguntou Jackaby, recostando-se nas grades entre nossas celas.

— Se eu me diverti? Sendo interrogada por um duplo homicídio, numa delegacia de polícia, no meu segundo dia de trabalho?

— Então, isso é um "não"?

— Foi… esclarecedor — eu disse. — Para um homem como o Marlowe, eu não achei que uma moça se encaixasse no papel de suspeita de assassinato. É quase revigorante ser maltratada com igualdade.

— Ah, de modo nenhum — disse Jackaby. — Cultura e amor moldam nossas expectativas sociais, e o Marlowe, sem dúvida, incorporou inúmeros arquétipos de mulheres perversas. La Lhorona e seus filhos assassinados, sereias e seus navios afundados, Eva e a maçã.

— Obrigada, isso faz me sentir bem melhor. — Eu fiquei amuada junto à parede.

— Então, o Marlowe está com a mira vigilante em você também? Imagino que ele deixará até o pobre Douglas exposto ao ridículo, antes que isso termine.

Eu comecei a contar a ele sobre a entrada drástica do comissário, e a extensão de nossa detenção.

— Eu bem que gostaria de ver o Marlowe suar, pelo menos uma vez — Jackaby deu uma risada.

O vento estava aumentando e assoviando contra os prédios, lançando a chuva contra as janelas. Aparentemente, o clima tinha esquentado bastante para ter mais neve, mas nem tanto. Eu estremeci contra minha vontade, mas não de frio. O oficial que nos recebeu tinha ficado com meu casaco, mas a saia grossa que a Jenny tinha me emprestado era bem quentinha e adequada para o tempo frio. Mais alguma coisa estava causando calafrios em minha espinha. Não podia ser mais de meio-dia, mas o céu estava escurecendo, à medida que mais nuvens chegavam.

— Bem, acho que ficaremos aqui por um tempo — eu disse, tentando continuar tranquila. — Imagino que seja melhor nos acomodarmos de maneira confortável. Pelo menos lhe dão comida na cadeia, certo? Será a primeira refeição apropriada que eu faço, desde que desembarquei no porto.

Jackaby parecia focado em seus pensamentos. Suas sobrancelhas estavam franzidas de concentração. — Hmm? Ah, sim. Até que não é ruim, se você gostar de creme de milho.

— Eu deveria ter sido presa antes — poderia ter evitado o trabalho de ter de limpar um quarto para mim, não é?

O vento agora estava realmente uivando e uma súbita rajada rodopiou por dentro da delegacia, fazendo voar uma pilha de papéis. O policial parrudo prendeu a janela e logo começou a arrumar a bagunça. Mesmo com as janelas fechadas, o vendaval zangado rugia contra as vidraças.

Jackaby estava sentado no banco em sua cela, mas seus olhos estavam a milhões de quilômetros de distância.

— Um momento e tanto — disse ele, levando um dedo aos lábios. Ele fechou os olhos e sua cabeça inclinou para o lado, enquanto ouvia. Também fiquei ouvindo, embora o vento uivante estivesse tornando quase impossível ouvir qualquer outro som.

Então, como se um fósforo fosse aceso no escuro, minha mente assimilou o som. Ele vinha aumentando no rastro da tempestade. Eu senti o sangue escoar do meu rosto, enquanto um formigamento gélido pinicou minha espinha e extremidades. Uma gota pingou em meu rosto e eu limpei minha lágrima quente.

— Você também está ouvindo? — a voz de Jackaby veio sombria através do vento.

Eu assenti solene. — Tão triste — eu consegui dizer.

— Sim — disse Jackaby. — A senhora Morrigan tem uma voz notável.

Na menção do nome da banshee, um raio iluminou a janelinha e o estrondo veio logo depois. Eu amuei em meu lugar, com a cabeça girando, e ouvi o choro da banshee — ouvi o som de nossa própria morte vindo atrás de nós na tempestade.

— Bolo?

Meus olhos molhados focaram. O policial com o bigodão estava segurando uma bandeja com algumas fatias animadoras de bolo de aniversário. Ele empurrou uma pela abertura junto ao chão da minha cela.

— Vai estragar — ele disse, delicadamente. — E dá formiga.

Jackaby conseguiu dar um leve sorriso, quando o homem ofereceu um pedaço para ele também. — Obrigado, policial — ele disse. — Muitas felicidades.

21

AS HORAS SEGUINTES EM QUE O VENTO tempestuoso atacava as paredes da delegacia pareceram dias. Nós estávamos a quase um quilômetro do Emerald Arch, porém, como acontece com as correntes contra um navio naufragado, a lamúria da banshee continuava nos envolvendo em ondas rítmicas. Eu me lembrei da imagem do senhor Henderson, com as almofadas cobrindo os ouvidos, presas pelo cinto, e agora sua atitude parecia bem menos louca.

A canção era como um rodamoinho poderoso e desorientador, puxando-me cada vez mais fundo. Às vezes era melódica, cantada com belos acordes de rara tristeza — mas, depois, descambava para a desarmonia infeliz de uma mulher em espasmos de angústia, e voltava. Não havia um intervalo entre elas e, quanto mais eu mergulhava no lamento, mais via tudo como uma coisa só. Era a voz da minha mãe, e era a minha voz, e não era voz nenhuma. Nenhuma letra, em língua nenhuma, poderia transmitir, com tanta precisão, a tristeza e o presságio que inundavam meus sentidos. Essa era a última canção que eu ouviria.

Com grande dificuldade, trouxe minha mente de volta à delegacia de polícia pouco iluminada. Olhei para a cela ao lado, para Jackaby, que estava em pé perto da janelinha, olhando lá para fora, vendo a tempestade.

Há quanto tempo ele estaria ali? Minutos? Horas? Era incerto. Ele parecia inexplicavelmente calmo.

Eu puxei o cobertor de lã áspera, embrulhando-o mais apertado em volta dos ombros, por um instante fiquei imaginando quando aquela manta foi colocada ali, e caminhei até ele. Sua respiração era profunda e equilibrada. Seus olhos cinzentos da cor da tempestade cintilaram num lampejo, refletindo o trovão lá de fora.

— O que você vê? — eu perguntei através da grade.

— Nada — ele respondeu baixinho. — Só a chuva.

— Você não está com medo? — eu perguntei, limpando os olhos com a ponta do cobertor de lã.

Ele me olhou por um momento, e sorriu suavemente. — Claro que estou.

— Não parece.

— Acho que, em primeiro lugar, estou curioso. Vou deixar para ficar com medo quando minha curiosidade for saciada — e, como minha curiosidade só será saciada ao olhar o criminoso cara a cara, é improvável que eu precise de muito tempo para sentir medo.

— Ah — eu disse. — Isso é conveniente.

— Um tanto.

Eu segui seu olhar para fora da janela. — Então — eu disse — nós vamos morrer.

— Bem, é claro que vamos, senhorita Rook. Não seja estúpida. Todos morrem.

— Esta noite — eu disse.

Jackaby suspirou. — Sim.

— Alguma ideia do tipo de criatura que devemos esperar? — eu perguntei.

— Muitas ideias, sim.

— Alguma conclusão?

Os olhos de Jackaby se estreitaram e ele olhou em minha direção. Havia um brilho diferente em seu olhar. Empolgação? Esperança? A melodia melancólica da banshee ecoou pelas árvores e eu estremeci, mantendo a atenção naquele brilho, como uma brasa quente numa pilha de cinza fria.

— Há alguém que despertou minha curiosidade — ele disse, novamente desviando o olhar. — É só uma teoria. Suspeita sem prova.

— Alguém… um suspeito? Quem?

Se Jackaby pretendia dar uma resposta, ele foi interrompido. A lamúria da banshee veio em tom *crescendo*, à medida que o vento aumentou. Arrepios gélidos percorriam minhas costas e até o detetive se retraiu. A porta do outro lado da sala foi escancarada e o detetive júnior Cane entrou.

Ele assentiu para o policial fortão, que bruscamente guardou um livro de romance na primeira gaveta e agora estava encenando, remexendo em papéis importantes. Charlie seguiu diretamente até as celas. Seus ombros estavam molhados da chuva e seus olhos, ainda mais cansados que da última vez que eu o vira, vermelhos e inchados.

Dei uma olhada para Jackaby, que estava acompanhando intensamente a aproximação do jovem detetive, como se fosse um gato na janela, olhando os movimentos de um cachorro de rua, abaixo. Charlie? Será que o homem meigo, cujas intenções pareciam tão sinceras, realmente seria o vilão que estávamos caçando? O vilão que nos caçava? Ele tinha mentido sobre as marcas de garras na porta, eu me lembrei. Jackaby estava certo; o detetive estava guardando segredos. Eu lancei a ele meu olhar mais frio e esperei que falasse. Charlie não pareceu notar. Ele parou perto da grade da cela de Jackaby, com sombras pesadas refletindo embaixo de suas sobrancelhas, de cabeça baixa. Respirou fundo por vários segundos, e algumas gotas de chuva pingaram de seus cabelos molhados, caindo em seus sapatos engraxados. — Bem, senhorita Rook, senhor Jackaby — ele disse, finalmente. — A hora é esta. — Sua voz era grave e agourenta, um tom amplificado pelos uivos do vento e o ar gelado, mas não era um tom ameaçador. Ele ecoava o alerta estampado em seu rosto. Com um suspiro profundo, finalmente ergueu a cabeça e seus olhos se fixaram nos meus. Em silêncio, Charlie analisou minha expressão por alguns segundos, e eu, a dele. Em princípio, confusão, enrugando as sobrancelhas ao desviar o olhar de Jackaby e de mim. Então, a compreensão pareceu suavizar sua testa.

— Você pode ouvir, não é? — perguntou ele.

— Isso mesmo — respondi, com o lábio trêmulo, o medo transformando-se em indignação. — Exatamente como o Bragg. Exatamente como o Henderson. Então, nós somos os próximos, não somos?

Charlie assentiu, ainda sem o ar ameaçador de um assassino cercando sua presa, mas com uma tristeza resignada e verdadeira.

— Sim, senhorita Rook, parece que nós somos.

Não era o deboche de um caçador, estava mais para o lamento da presa. Minha desconfiança oscilou, depois sumiu como a sombra, ao nascer do sol. — *Nós*? Você quer dizer que também ouve os gritos?

Ele assentiu.

Claro. Que egoísmo de nossa parte, minha e de Jackaby, em pensarmos que só nos colocamos em perigo ao metermos o nariz nesse caso. Se o assassino fosse um animal encurralado que atacasse à medida que chegássemos mais perto com cada nova pista, então, havíamos trazido Charlie conosco, para dentro da área da fera. Publicamente, ele havia sido parte da busca, tanto quanto qualquer um de nós.

Jackaby aproximou-se da frente de sua cela, diminuindo a distância, até ficar com o nariz quase grudado no de Charlie, através das grades. A expressão do meu chefe não tinha mudado e ele continuava a examinar o jovem detetive, olhando em seus olhos vermelhos e analisando o estado dos cabelos e da roupa do homem.

— Jackaby — eu disse —, isso também está vindo para ele. Ele consegue ouvir a lamúria da banshee. Seja quem for esse monstro, ele está vindo atrás de todos nós.

Ele me ignorou, finalmente parando seu exame para se fixar em Charlie com um olhar agressivo. — Você está no controle? — ele perguntou, num sussurro baixinho, mas forçado.

Charlie pareceu confuso com a pergunta. — Não vou deixar que minhas emoções atrapalhem meu trabalho, se é isso que quer dizer, senhor — disse ele. — Eu posso enfrentar a morte.

— Não é isso que eu quero dizer. Eu quero dizer se *você está no controle*? — Jackaby repetiu a frase com intensidade. Os olhos de Charlie se arregalaram de surpresa. Ele deu uma olhada para o policial na escrivaninha atrás dele.

— O senhor sabe? — ele sussurrou alarmado, depois sacudiu a cabeça e riu baixinho. — Claro que sabe. Sim, detetive. Eu estou sempre no controle, posso lhe assegurar.

— Não vá arranjando nenhuma ideia, Cane. Eu ainda estou tocando este espetáculo — rugiu uma voz rouca, vinda por trás de Charlie.

Ele girou para ver Marlowe, que tinha vindo do corredor. As algemas tilintando ainda estavam penduradas em seu cinto, mas, quando queria, o

inspetor-chefe podia andar em silêncio notável, para um homem de sua estatura.

— Você vem comigo. De volta ao Emerald Arch. Agora.

O inspetor não desacelerou o passo para esperar que Charlie o alcançasse, mas continuou direto para a porta, enfiando o quepe azul-marinho na cabeça, enquanto caminhava.

Charlie nos deu um último olhar penoso, depois endireitou a postura e saiu correndo atrás de Marlowe porta afora. Eu virei para Jackaby. — Imagino que não vá me contar o que foi isso tudo, vai?

— Não. Acho que não vou. Não se preocupe, eu vou mantê-la informada de qualquer coisa urgente.

Eu amuei de volta no banco, sem energia sequer para discutir. — Não que isso importe. Nós três estaremos mortos até de manhã.

— Eu receio que possa ser até pior que isso — disse Jackaby, secamente.

— Pior que a morte?

— Pior que nós três. Ou você não notou? Sem dúvida, ele se apressou para sair para que nós não notássemos, mas os olhos do inspetor-chefe estavam tão inchados quanto os seus. Ele andou chorando.

— Então… o Marlowe também ouve? — eu perguntei. — Mas isso é terrível! Ele e o Charlie estão correndo de volta à cena do crime.

Jackaby limpou a garganta e assentiu para que eu olhasse em volta. Na cela depois de Jack, nosso vizinho inebriado de suspensórios vermelhos tinha acordado e estava pegando os farelos de um pedaço de bolo. Enquanto comia, o homem fungava e limpava o nariz na manga. As lágrimas tinham deixado duas trilhas limpas na sujeira de seu rosto. Eu girei. Em sua mesa, o policial parrudo limpou os olhos com um lenço, depois se apoiou pesadamente nos cotovelos, erguendo as mãos para cobrir os ouvidos.

Eles ouviam a lamúria da banshee. Todos eles.

22

— NÓS TEMOS DE AVISÁ-LOS! — GIREI DE VOLTA, para encarar Jackaby, que parecia notavelmente composto para alguém que tinha acabado de perceber que um massacre em massa estava recaindo sobre a cidade.

— Você também ouve a lamúria. Foi de grande ajuda para você saber que o som foi um presságio de seu extermínio iminente?

Olhei com cara feia para o meu chefe, depois murchei. Ele estava certo. Eu não sabia quanto tempo eu já tinha perdido sucumbindo aos uivos rítmicos. Tinha sido possível deixar de percebê-los, quando eram só uma sensação, no fundo da mente, uma tristeza tangível na brisa — contudo, saber inteiramente seu significado tinha dado às notas um peso desanimador. Eu ia morrer e, pior, ia desperdiçar meu último minuto pensando nisso. — A ignorância é uma alegria, não?

— Isso é enfadonho. A felicidade é a verdadeira alegria — mas a ignorância é anestesiante e, diante do que está por vir, é o melhor que podemos esperar para os nossos conhecidos infortunados.

As lamúrias uivantes da banshee estavam se tornando mais distintas do vento e da chuva, a cada minuto. A tempestade parecia estar diminuindo. Sopros de chuva, em lugar das rajadas fortes, batiam na janela. No entanto, os uivos pesarosos não haviam cedido em nada. Na verdade, estavam

ficando insuportavelmente intensos. Eu tinha acabado de atravessar a cela para olhar pela janela, quando outra onda de tristeza me acometeu. Meus olhos fecharam-se com força e eu senti os joelhos dobrarem e caírem ao chão. Com as mãos sobre os ouvidos, forcei os olhos a se abrirem e olhei em volta.

Com um som meio abafado e os ecos do último uivo, tentei me orientar. O homem da sala mais ao fundo tinha se encolhido e estava em posição fetal, e se balançava suavemente. Jackaby estava gritando algo sobre seu garfo de afinação para o policial na escrivaninha, mas o homem corpulento tinha se recostado na cadeira, com uma mão de cada lado da cabeça. Eu tentei afastar as mãos dos ouvidos e fui atingida por outra lamúria terrível.

Forcei os olhos a abrirem outra vez, minha visão estava ligeiramente oscilante. Jackaby tinha desistido de tentar falar com o policial, e parecia que a simples tarefa de se manter ereto estava exigindo toda a sua força de vontade. Não havia ruído nenhum agora, exceto a voz lamentosa da banshee em meus ouvidos. Enquanto a canção e os gritos se entremeavam, a beleza dolorosa da melodia ganhava foco.

No topo da onda que se erguia, alguns últimos pensamentos — desejos e arrependimentos revolviam — chegavam à superfície. Eu queria ver meus pais uma última vez, dizer-lhes quanto eu os amava — pedir desculpas. Imaginei minha mãe abraçando-me apertado, como ela fazia quando eu era pequena. A imagem mudou e ela se tornou meu pai, e ele me abraçava mais apertado ainda, com seus braços largos. De novo, a visão mudou e agora ele era o belo Charlie Cane e eu não conseguia me esquivar da ideia de seu abraço. Aos poucos, a mente foi aclarando, até que nada além do som pesaroso permaneceu.

Então, é agora, eu pensei. *Estou prestes a morrer*. Uma paz estranha me tomou. A canção angustiante tinha chegado ao seu ápice e seguindo ao fim, a melodia chegava a um último acorde elegante. Eu respirei fundo e deixei as mãos caírem nas laterais, ao longo do meu corpo, abrindo meus ouvidos a esse final longo e sustentado. Os tons de dor e medo foram cedendo e era um som de pura libertação e alívio. Como se sob um comando, um raio de sol passou por entre as gotas e entrou pela janelinha. Então, na hora em que a nota tremulante começou a abrandar, a voz de repente cessou.

Foi uma mudança dissonante, como cair da cama no meio de um sonho. Os sons mundanos subitamente foram voltando, primeiro estranhos em sua normalidade: a borbulha da água da chuva caindo nos bueiros, os pingos caindo dos galhos molhados, a respiração ofegante e uma fungada ocasional do homem da cela mais distante. Por um momento, fiquei imaginando se estava morta, pisquei e passei a mão no tórax. Sem encontrar nenhum buraco, olhei para Jackaby, taciturna.

Ele olhou ao redor da delegacia, depois cruzou com meu olhar. — Interessante — disse ele.

— Estamos vivos — eu disse.

— É o que parece. — Ele foi até a janela e olhou lá fora. Tudo tinha voltado ao normal, exceto pelo silêncio esmagador. O habitual ruído de passos e carrinhos na rua tinha parado, e o mais fraco dos barulhos era nítido demais, na ausência de outros sons. — Você acha que eles o pegaram?

Jackaby ergueu uma sobrancelha. — É possível. Seria o motivo para a rápida mudança em nosso destino.

— Eu pensei que todos nós estivéssemos mortos — eu disse, deixando que a ideia aquecesse dentro de mim. — Mas ninguém morreu! Estamos salvos! Todos estão salvos! — Eu sorri para o meu chefe, que se permitiu uma pequena menção de sorriso, em resposta.

Então, um grito distante irrompeu no silêncio. Era uma voz de mulher — não a da banshee, mas um grito bem humano, repleto de choque, tristeza e aflição. Pareceu bem pequeno e só, e ecoou pelas ruas tranquilas.

Eu engoli com força, o entusiasmo de nossa sobrevivência esvaindo-se de mim. — Quem você acha…? — Eu deixei a pergunta no ar. — Não tenho ideia. — A voz de Jackaby estava com um tom duro e ele olhou sério pela janelinha, por vários momentos silenciosos. — Preciso sair desta cela. Isso já durou tempo demais. — Ele começou a andar de um lado para o outro.

— E como você pretende fazer isso? — eu perguntei a ele. O estresse constante que parecia enervar meu chefe tinha o efeito oposto em mim. Já fora de perigo imediato, eu sentia minha adrenalina diminuindo e a exaustão do dia cheio de emoções impetuosas pesava em meus olhos. Deslizei para sentar no chão frio, encostada à parede, e pousei a cabeça nos joelhos.

— Eu terei de empregar uma oratória delicada e deliberada. Tenho certeza de que nosso carcereiro pode ser persuadido a enxergar o bom senso.

— Você vai tentar convencê-lo a deixá-lo sair?

— Não fale nesse tom tão cético. Apenas observe, senhorita Rook. Estaremos novamente lá fora e nos trilhos, em minutos. Eu sou muito bom com pessoas.

Muitas horas depois, eu estava quase dormindo e fui despertada pelo som ruidoso da abertura das grades da minha cela. Jackaby esperava inquieto do lado de fora. Seu empenho persistente, porém infrutífero, para negociar nossa libertação tinha diminuído algum tempo antes. Ao dar uma olhada, vi que minha libertação tinha vindo pelas mãos do detetive júnior Cane. Ele me deu um sorriso tranquilizador e abriu a cela de Jackaby, enquanto eu me levantava, inteiramente acordada. A postura de Charlie era alerta e profissional, como sempre, mas eu duvidava muito de que ele tivesse dormido alguma coisa nos dois últimos dias. Seu cabelo estava grudado, havia um restolho preto de barba em seu rosto e seus olhos ainda estavam vermelhos.

— Então — eu disse —, nós estamos livres agora?

— Estamos sendo soltos por nosso próprio reconhecimento, senhorita Rook — anunciou Jackaby, abanando as mangas e alongando-se.

Charlie assentiu. —— O Marlowe ainda não está feliz com você por ter escondido uma prova, mas ele concordou que ficar detido pela polícia, durante o assassinato, é um álibi razoavelmente convincente. — Sua voz estava rouca e até meio solene, e até seu sotaque estava derrapando um pouco, com sílabas mais eslavas entrando em suas palavras.

— Então, houve outro assassinato?

Charlie assentiu. — Sim. Nós estávamos quase na cena, quando aconteceu. Aquela mulher irlandesa, a senhorita O'Connor estava lá quando encontraram o corpo. Foi igual aos outros, senhor. — A voz dele era séria. — A senhora Morrigan está morta.

23

CHARLIE ASSENTIU PARA O POLICIAL DE PLANTÃO ao deixarmos a cela, e o homem grandalhão fechou a porta atrás de nós. — Então, a banshee — eu disse, enquanto caminhávamos —, ela estava cantando sua última canção. A pobrezinha. Nós a ouvimos morrer e nem sabíamos.

Charlie nos conduziu pelo mesmo corredor que tínhamos percorrido antes para chegar à sala de interrogatório. Desta vez, viramos antes e ele bateu numa janela gradeada junto a uma escrivaninha posicionada num canto. Depois de um painel de vidro e grades finas havia prateleiras longas com cestos de tela. Espetados para fora havia itens que variavam de luvas e chapéus masculinos a açoites de couro e o que parecia ser o topo de um pino de boliche. Alguns itens, obviamente grandes demais para caberem nos cestos, estavam organizados ao longo das paredes. Enquanto esperávamos, Jackaby riu sozinho e apontou para um imenso sombreiro mexicano com miçangas bordadas por toda a aba, e um enorme buraco na lateral. Parecia que alguma fera o experimentara, como um chocolate deleitável, depois devolvido à caixa. — Essa foi uma tarde memorável — disse ele.

O atendente finalmente chegou, revirando os olhos, assim que avistou Jackaby. Charlie começou a dizer oficialmente os nossos nomes, mas o

homem acenou dispensando esse pormenor. Ele entregou a Charlie uma prancheta através de uma abertura embaixo da vidraça, depois sumiu de vista. Quando ressurgiu, estava com uma imensa bandeja de metal e uma folha de papel. Ele deslizou a bandeja na mesa e leu o papel.

— A. Rook. Um casaco. Um lenço. Por favor, assine que todos os seus objetos pessoais foram devolvidos, senhorita.

Eu vesti o casaco que Jenny tinha me emprestado e enfiei o lenço de volta no bolso. Charlie me deu a prancheta e eu assinei meu nome na linha que ele indicou. O atendente sumiu de novo, depois voltou, erguendo três bandejas bem cheias, e colocando-as em cima da mesa, com uma batida ruidosa. Ele assinou e primeiro enfiou o casaco de Jackaby pela abertura. Era grosso, embora o material fosse fino, com todos os bolsos esvaziados, o negócio parecia um balão murcho.

— Detesto quando você pernoita — resmungou o atendente. — Mal acabei de catalogar estes troços. Sempre levo uma eternidade, só para encontrar os malditos bolsos. — Ele tossiu e voltou ao seu tom inexpressivo e profissional, ao empurrar a primeira bandeja e ler o papel. — R. Jackaby. Um casaco marrom; um chapéu de cores variadas; um pé de coelho numa corrente; um frasco de líquido não identificado — azul; um frasco de líquido não identificado — âmbar; uma caixa de fósforos contendo um besouro seco; um…

Eu tinha quase pegado no sono novamente, quando Jackaby, mais uma vez abastecido de parafernália, com quase duas vezes seu peso, pegou a prancheta de Charlie e rabiscou sua assinatura. — É sempre um prazer, Thomas. Vejo você da próxima vez!

O atendente olhou a prancheta com um resmungo, depois acenou para que saíssemos, voltando ao recesso de seu escritório.

Fiquei surpresa ao perceber como já era tarde quando saímos da delegacia de polícia. O sol já estava chegando ao horizonte e as sombras inócuas do dia se estendiam para formar um carpete crepuscular agourento. As luzes haviam começado a ser acesas em algumas janelas da cidade, refletidas em padrões irregulares nas ruas molhadas. Elas só serviam para dar um tom sinistro e ameaçador às sombras ao redor — apesar de que tenho de admitir que a minha percepção estava acentuada por saber que um assassino em série, com motivo para nos despachar por meio de uma morte horrenda, circulava livremente pela cidade. Meu único

consolo era que estávamos seguindo com um acompanhante. Embora eu tivesse tido dúvidas quanto ao Charlie, vi que era grata por sua companhia.

— Eu acho que é melhor que eu peça licença. — As palavras de Charlie nos fizeram parar, no primeiro cruzamento. — Foi um dia muito longo. Não serei útil a ninguém, até que eu tenha algum descanso.

Não fazia sentido discutir. As bolsas embaixo dos olhos de Charlie já tinham suas próprias bolsas. Seu rosto estava abatido e precisando ser barbeado, e o suor e a chuva haviam grudado seus cachos escuros em suas têmporas. No entanto, o clima e a tensão não haviam afetado em nada o seu maxilar forte ou o brilho de seus profundos olhos castanhos e eu me vi duplamente aliviada por ele não ser nem o nosso vilão nem a vítima mais recente.

— Certamente — respondeu Jackaby. — Assegure-se de estar em segurança, antes de se retirar, claro.

— Claro. Vocês também — respondeu Charlie. — Esta semana eu já vi mais corpos do que jamais quero voltar a ver. Não quero acordar amanhã para ver o de vocês.

Assentindo, ele virou para descer a rua e rapidamente sumiu na sombra. Jackaby prosseguiu em linha reta, e eu dobrei o passo para ficar junto dele. Era difícil ignorar o pavor que pairava nas ruas desertas e na escuridão fria que invadia. Embora eu duvidasse muito de que mais um acompanhante causasse algo em nosso vilão covarde além de um leve atraso em nos despachar, ainda lamentava a ausência de Charlie, e mencionei isso a Jackaby.

— É mesmo? — Meu chefe seguia em zigue-zague pelos paralelepípedos, em sua pressa habitual. — A senhorita parece ter uma fé renovada no homem.

— Bem, é certamente um alívio saber que ele é um aliado, no fim das contas.

Jackaby diminuiu o passo e virou para mim, com uma sobrancelha erguida.

— O que foi? — eu perguntei. — Não pode ainda estar desconfiando dele! O senhor o viu na delegacia, assim como eu. Ele está correndo tanto risco quanto nós.

Meu chefe apertou os lábios com a expressão de alguém em dúvida quanto a contar ou não sobre a fada do dente de leite a uma criança que não achou uma moeda embaixo do travesseiro. Ele falou num tom

comedido. — Senhorita Rook, eu não decidi quanto à culpa do senhor Cane, de modo nenhum. Ele disse que sua vida é complicada e eu creio que estava dizendo a verdade sobre isso. Contudo, leve em conta as circunstâncias segundo as quais a senhorita o julgou inocente. Durante sua visita à cela, ficou claro que ele podia ouvir a lamúria da banshee — o que sugeriu que também seria uma vítima. No fim das contas, porém, *todos* ouviram a lamúria, portanto, temos de presumir que o assassino também ouviu. O incidente não provou nada.

Deixei a ideia ser assimilada. As sombras escureceram mais por todos os lados, e garras terríveis e olhos vermelhos se posicionaram por trás de todos os troncos de árvores. Algo remexeu na folhagem ao nosso lado e eu — não me orgulho em dizer isso — dei um gritinho e um pulo para trás. Um pombo surgiu das folhagens e se instalou no beiral de um prédio a meia quadra adiante.

— Mas, por outro lado, isso pode ter provado algo ligeiramente maior do que nada — Jackaby remendou, alheio ao meu susto. Eu esperava que ele estivesse mais atento à minha angústia, se em algum momento eu fosse cercada por fanático abominável, mas, em nome da minha dignidade, eu optei por não mencionar. Ele prosseguiu mergulhando em seus pensamentos. — Isso revela que o assassino tinha consciência da senhora Morrigan — ciente de quem e o que ela era. Com a banshee ainda viva, cada vítima era alertada antes da morte. Enquanto a senhora Morrigan permanecesse viva e lamuriando, teríamos pelo menos uma pista de onde nosso assassino surgiria em seguida. Ele a matou para eliminar nossa vantagem. Atravessamos a rua e eu reconheci o local para onde Jackaby estava indo. A meia quadra adiante ficava o Emerald Arch. — Acha que encontraremos alguma pista nova? — eu perguntei.

Jackaby sacudiu os ombros. — Possivelmente. Mas não estou aqui por isso.

— Então, por quê…? — Desta vez, estou aqui para manifestar meus sentimentos.

Marlowe estava na porta da frente, dando instruções a alguns policiais uniformizados, quando chegamos. Ele avistou nossa aproximação e ergueu um dedo para que esperássemos, enquanto ele terminava de falar com os policiais. Uma vez que os mandou seguirem seu caminho, ele virou e nos olhou fixamente, por longos segundos. — Eu disse àquele garoto que fosse dormir um pouco e que nós soltaríamos vocês dois pela manhã. Eu juro,

antes de você se envolver, Cane era um dos meus melhores detetives. Confiável. Leal. Ele jamais ignoraria uma ordem direta. Você é má influência. — Eu faço o que posso.

— Bem, tente não arruiná-lo, pode ser? Ele ainda tem noção das coisas. Ele foi novamente o primeiro a chegar à cena do crime. Ele lhe disse?

Jackaby sacudiu a cabeça.

— Estava com uma cara engraçada quando nos aproximamos do prédio. Ele gritou algo sobre o quarto andar e subiu a escada correndo, pulando três degraus por vez. Até o alcançarmos, ele já estava à porta delas, e aquela mulher O'Connor o atendia. Ela nem sabia. Ela disse que sentiu que havia algo muito errado… assim como todos nós, eu acho. Ela estava na sala ao lado e nem sabia o que havia acontecido, até que Cane empurrou a porta do quarto. Nossa, que visão. Ela soltou um grito e simplesmente desmoronou. Não posso condená-la. Como disse, esse tipo de coisa não é para o temperamento feminino. — Ele dirigiu esta última frase a mim, olhando em meus olhos pela primeira vez. — Eu me atrevo a dizer que o senhor está certo — concordei, olhando nos olhos dele. — Mas, só por curiosidade, será que existe alguém cujo temperamento o senhor considere adequado para esse tipo de coisa? Acho que eu ficaria muito nervosa em conhecer um homem que julgasse isso agradável.

Fiquei imaginando se Marlowe me daria um fora pela minha franqueza, mas ele só gemeu e sacudiu a cabeça. — Não há nada de agradável nisso. — Ele caiu mais uma vez em silêncio por vários segundos. Finalmente, suspirou e olhou para o alto por um momento, antes de virar de volta para a porta.

— Então venham. — Ele foi caminhando para a entrada do prédio sem nenhuma explicação ou convite adicional. Jackaby, sem precisar de nada disso, seguiu em seu encalço e eu dei uma corridinha, antes que a porta fosse fechada.

Eu estava apreensiva quanto a encontrar Mona O'Connor ainda em seu apartamento. Alguém havia embrulhado uma colcha grossa em seus ombros, provavelmente o policial rijo, em pé atrás dela, e ela estava sentada no sofá bem estofado, inexpressiva, olhando para o lugar. Ela estava com os cabelos desgrenhados e vários cachos ruivos pendiam em seu rosto. Tinha a expressão estupefata de alguém que havia sido totalmente esvaziada e não sabia o que fazer com o vazio. Não, não vazio,

exatamente. Em algum lugar, através de seus olhos e seu vazio profundo, havia uma brasa que começava a arder. Lembrou-me da intensidade de Jackaby, mas com um tom muito mais perigoso.

— Ela deveria estar aqui? — eu perguntei ao Marlowe, num sussurro. — Não seria mais delicado levá-la para longe de… da cena?

O inspetor-chefe assentiu. — Nós tentamos. — Os olhos dele desviaram para o policial, que notei estar com um pouquinho de gaze em cada narina, e um hematoma no nariz torto.

Marlowe seguiu em direção à porta do quarto e esperou. Jackaby não o seguiu imediatamente, mas foi primeiro até o sofá e ajoelhou-se ao lado de Mona. Ele falou tão baixinho que eu não consegui ouvir uma palavra, e tirou do bolso algo que tilintou levemente na mão dela. Seus olhos mostraram um lampejo de lucidez ao fitá-lo e assentir, quase imperceptivelmente. Ele levantou e foi até a porta do quarto. Marlowe abriu-a para deixar o detetive entrar.

Eu não fui atrás. Da porta, deu para ver somente o cabelo grisalho da mulher, e eu fiquei olhando, enquanto Jackaby colocou duas moedas sobre os olhos dela. Fiquei grata porque Marlowe mais uma vez se posicionou na frente, impedindo que se visse a cena o máximo que podia. Mesmo a distância, o cheiro de sangue era nauseante e eu não queria ver o estado do corpo da pobre idosa.

Jackaby murmurou algo que pareceu latim, depois saiu do quarto. O inspetor-chefe fechou a porta atrás dele. Quando os dois homens seguiam para a saída, Mona estendeu a mão e a passou no braço de Jackaby. Ele virou e ela o olhou fixamente, séria.

— Mate-o — foi tudo que ela disse.

Meu chefe engoliu em seco, olhando nos olhos de Mona, mas não respondeu nada. Descemos a escada e chegamos ao lobby em silêncio. Marlowe foi o primeiro a falar. — As mortes estão ficando piores — disse ele. — O desgraçado está correndo, está ficando desleixado.

— De qualquer jeito, ele não se daria ao trabalho de enxugar o corpo da senhora Morrigan — Jackaby disse baixinho. — Não é do tipo que ele precisa, mas você está certo. Ele sabe que estamos chegando perto.

— Jackaby, tenho de admitir, eu esperava um pouquinho mais.

— Inspetor?

— Aquilo foi gentil, lá dentro. Acho que você fez o certo pela senhorinha, não me leve a mal. Mas, da primeira vez que eu o convido a

realmente entrar em um caso, você mal olha a cena do crime.

— Marlowe, isso quer dizer que está finalmente recrutando meus serviços?

O inspetor-chefe estremeceu involuntariamente com a pergunta, fechou os punhos, e estalou o pescoço. — Aconteceu uma coisa esta tarde que eu não consigo explicar. Tem gente morrendo. Eu não acredito em você, nem em suas alegações ridículas sobre magia e monstros, mas você tem um jeito de fazer as coisas aparecerem, coisas como aquele mapa. Não posso ignorar isso, só porque é um lunático, ou porque não gosto de você.

— Ah, Marlowe, você está sendo bondoso demais.

— Vai pro cacete — rugiu Marlowe. — E deixe-me ser bem claro. Se você estiver neste caso, irá se reportar a mim. Você não retém informação. Você não esconde provas. Eu sei onde você está o tempo todo e o que você sabe. Você vai respeitar a hierarquia e não vai questionar isso. Eu estou no comando. Está entendido?

Jackaby sorriu e seus olhos brilharam. Em algum lugar sob aquele gorro atroz de tricô e daquele cabelo desgrenhado, engrenagens começaram a rodar.

— Está entendido? — Marlowe repetiu.

— Com que rapidez você consegue reunir cada membro da força policial na praça da cidade? — Jackaby subitamente perguntou.

— O quê?

— Cada membro. Cada elo da corrente. Do mais alto ao mais baixo. Se nós vamos capturá-lo esta noite, certamente precisaremos de todos eles.

— O quê?

— Você está certo, isso não é o suficiente. Eu vou precisar de alguns livros também! — Apenas chame todos eles. A senhorita Rook e eu o encontraremos na praça da cidade, em, digamos, meia hora?

— O quê?

— Marlowe, eu me atrevo a dizer que devemos trabalhar juntos com mais frequência. Isso é brilhante! — Com um sorriso de maluco, Jackaby escancarou a porta e saltou os degraus. — Nós vamos pegá-lo esta noite! — ele gritou, com o cachecol e o casaco voando atrás de si, enquanto ele voava noite adentro.

Marlowe ficou ali em pé no lobby, sem palavras. Eu sacudi os ombros de espanto para ele, antes de sair correndo pela rua, atrás do meu chefe.

24

EU QUASE NÃO CONSEGUIA ACOMPANHAR OS passos de Jackaby enquanto corríamos pelas ruas da cidade. Os paralelepípedos molhados tinham agora uma camada fina de gelo e meus pés deslizaram embaixo de mim, mais de uma vez, quando tentei fazer curvas muito fechadas. Até chegarmos à porta vermelha com a aldrava, eu estava dolorida e sem fôlego, e mais perplexa do que nunca. Jenny pairava perto da porta aberta do escritório quando passei pelo corredor. Ela olhou para mim em busca de uma explicação.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu — eu disse, e dei uma olhada do lado de dentro.

O imenso mapa tinha sido largado num lado, e eu notei que algumas tachinhas ainda estavam na mesma posição, penduradas no mapa amassado, enquanto outras deviam ter caído pelo chão. Um livro que estava atrás da escrivaninha voou e aterrissou numa pilha que começava a se erguer na poltrona de couro. Jackaby levantou, folheando apressadamente as páginas de outro, e xingando em silêncio a falta de informação útil que ele aparentemente enfrentava.

— O que está fazendo? — eu perguntei.

— Olhando — ele conseguiu dizer, sem erguer os olhos. Jackaby enfiou dois volumes grossos embaixo do braço e folheou um terceiro,

enquanto passou esbarrando em mim, de volta ao hall. Jenny olhou com uma cara feia quando ele passou direto por seu ombro, antes que tivesse tempo de recuar.

— Você já não olhou todos esses?

— Sim, mas agora eu sei o que estou procurando! — Ele zuniu pelo corredor sinuoso.

— Ah, e o que é, precisamente? — Eu estava gritando atrás de Jackaby à medida que passou correndo, sumindo de vista. Ou ele não ouviu, ou não se deu ao trabalho de responder. Lancei um breve olhar de pedido de desculpa a Jenny, que ainda estava de cara feia. Ao correr para fora, notei que a frigideira tinha sido removida da parede. O buraco tosco que ela causara ainda permanecia, e a luz alaranjada do sol poente batia através dele e entrava no corredor. Eu me peguei pensando que, levando tudo em consideração, o pobre fantasma era uma colega de residência realmente paciente.

Alcancei Jackaby de novo na metade do quarteirão. Ele estava tão mergulhado em um de seus livros, que fiquei surpresa quando notou que eu havia chegado e, mais ainda, por conseguir andar na calçada. No entanto, quando me aproximei, ele colocou os outros dois livros em minhas mãos. Seus lábios se moviam silenciosos, rapidamente, enquanto seus olhos percorriam as páginas.

— Jackaby, o que estamos procurando? — eu perguntei.

Devagar, ele ergueu os olhos da página e cruzou com meu olhar. — Chumbo.

Ele soltou o último livro em meus braços, em cima dos outros. — Isso pode ajudar pelo menos. E alguns gravetos decentes.

Ele novamente acelerou o passo e seguiu rumo ao centro da cidade. Eu fiz tudo para não deixar cair os livros, nem rachar meu traseiro nas ruas geladas, enquanto relutava para me manter de pé.

O sol estava diluindo numa névoa avermelhada por trás dos prédios e topos das árvores, e eu ergui minha gola contra o frio. Ali e aqui, as estrelas começavam a surgir nos pedaços escuros do céu, mas a lua era apenas um brilho por trás da cortina de nuvens. Ela estava fazendo pouco para iluminar as ruas sombreadas. Uma rua larga, cheia de terraços em prédios de tijolinhos, uma longa extensão de calçada se abria adiante de nós, formando um semicírculo ao redor da estátua de um soldado com aparência importante, sobre um cavalo arredio. Algumas floreiras grandes

tinham sido erguidas para acrescentar um pouco de cor à quadra, mas o gelo há muito liquidara as flores. Do outro lado da rua ficava a prefeitura, imponente, com colunas brancas dominando a fachada e deixando a entrada recuada sob uma camada negra impenetrável.

Ao redor da estátua exuberante, uma aglomeração de uma dúzia e pouco de policiais uniformizados começava a se reunir. Eles perambulavam, alguns tentando parecer alertas e atentos, outros descaradamente sentados nos beirais das floreiras, baforando seus cigarros.

Cortinas nos prédios ao redor começaram a se abrir, aqui e ali, revelando rostos curiosos de moradores que já notavam a aglomeração. Alguns trabalhadores de passagem pararam para recostar-se na cerca, passando um frasco prateado de mão em mão, enquanto esperavam que algo interessante acontecesse. Até o fim da noite, eles não ficariam decepcionados. Eu avistei duas senhoras sussurrando e lançando olhares severos e condescendentes em minha direção. Uma delas usava um chapéu lotado de flores e a outra estava com um vestido amarelo-canário.

— Sim, exatamente — ecoou o som da voz nasal da mulher de chapéu florido, acima do murmúrio da praça — ela é *daquele* tipo.

— Uma pena — disse a de vestido amarelo.

Eu não tinha a menor intenção de bancar o carneirinho perdido, murchando sob os olhares das duas. Em vez disso, dei uma piscada insolente ao subir correndo os degraus e entrar na praça. Elas pareceram mortificadas e logo se afastaram, de nariz empinado, seguindo em direção oposta. Eu parei ao lado do meu chefe, quando ele finalmente parou, respirando esbaforida, causando pequenas nuvens brancas à minha frente. Ele estava olhando os policiais reunidos, e aqueles que ainda vinham pela Mason Street, quando seus olhos se estreitaram ligeiramente e sua postura ficou ereta.

Tentei normalizar minha respiração e avistar o alvo de seu interesse. — O que é? — eu sussurrei.

Jackaby assentiu na direção de um beco estreito, através do qual uma silhueta vinha se aproximando, vestindo uma capa preta e uma cartola. Os bueiros ao longo do beco emitiam fumaça, inicialmente encobrindo a silhueta clara. À medida que se aproximava, suas feições se tornaram mais visíveis, até que chegou à rua e saiu da névoa e das sombras, revelando um

rosto com barba farta e bochechas rosadas. Jackaby relaxou. — Não é ninguém. Deixa pra lá.

— Espere, eu o conheci — eu percebi. — Deixe-me ver… Senhor Stapleton, eu acho. Ele tentou comprar uma lata de Old Bart's de mim. — Ele me avistou, ao passarmos, e assentiu com educação, reconhecendo-me, e eu retribuí o cumprimento, antes que ele sumisse de vista, seguindo rua abaixo.

Jackaby olhou pra mim. — Por que você estava vendendo latas de… espere, Stapleton?

— Sim, eu acho.

— Da Fundição Stapleton? Da Metais Stapleton?

— Será, talvez? Eu não sei. Ele foi bacana, me disse para manter meu queixo erguido. — Jackaby já tinha saído correndo atrás do homem.

— Espere aqui! — ele gritou para trás. — Eu vou falar com um homem sobre um pouco de chumbo!

Fiquei ali sozinha segurando os livros de Jackaby junto ao peito, e batendo o pé para espantar o frio, enquanto olhava mais policiais chegando.

— Olá, novamente, Abigail Rook — chamou uma voz feminina familiar, atrás de mim, e eu virei para ver quem tinha falado. Ao redor só havia uma porção de homens uniformizados e nenhum deles parecia nem remotamente interessado em mim.

— Você tem algo de diferente — ela prosseguiu. Ela estava a apenas alguns palmos de distância, quando finalmente a vi.

— Ah, olá, Hatun! Desculpe, eu não havia notado você.

A idosa sorriu. — Vejo que está encontrando o seu lugar no mundo — disse ela, e sacudiu seu xale casualmente, com a mão enluvada. — E como vão as acomodações? Confortáveis?

— Como é? Ah, sim, tudo bem. Jackaby me deixou usar um dos quartos. Falando nele, por acaso você viu para onde…

— Mas não é isso — ela me cortou, lançando-me aquele mesmo olhar desconfiado, de olhos estreitos que ela havia lançado durante o nosso primeiro encontro. — É outra coisa…

— Certo, bem — eu disse. — Eu adoraria conversar, mas realmente preciso…

— Ah, minha nossa. — Hatun sacudiu a cabeça e piscou várias vezes, como se estivesse tentando limpar a visão de pontos piscantes que surgem,

quando se olha para luzes fortes durante muito tempo. — Ah, minha nossa, mesmo. Melhor você não sair procurando por ele. Não, não é uma boa ideia. De verdade, é melhor você ficar longe dele esta noite. Fique longe de Jackaby. — Os olhos dela se estreitaram ao me olhar. — Isso que há de diferente em você. Eu acho.

Eu hesitei. — Há algo diferente em mim e tem a ver com Jackaby?

— Receio que sim, querida. Você não deve segui-lo. É simplesmente horrendo.

— O que, exatamente?

Ela sacudiu novamente a cabeça e seu rosto inteiro se contraiu, como se tivesse comido um limão. Hatun subitamente olhou acima e afagou meu rosto com um gesto surpreendentemente afetuoso, como de uma avó. — A… como é mesmo a palavra? Imensa, inocência, iminência, sim, é isso. A iminência — disse ela — da sua morte.

— A iminência da minha morte? — Eu fiquei olhando a mulher, com seus olhos ternos e suas rugas, assimilando suas palavras.

Eu percebi que acreditava nela, mas já tinha me conformado com a minha morte tantas vezes, ao longo daquele dia, que achava difícil me assustar pelo comunicado. Eu já tinha feito essa escalada emocional, e a vista do alto estava se tornando familiar. — Obrigada, sinceramente — eu disse, mesmo assim. — Sua preocupação é tocante.

Depois de comunicado o mau presságio, Hatun pareceu "oscilar" de volta à normalidade, como diz Jackaby. Ela assentiu e me desejou tudo de bom, como se tivéssemos acabado de almoçar juntas, depois foi embora, embrenhando-se na multidão.

Não tardou para que a quantidade de policiais chegasse a quase cem homens, e eles continuavam chegando de ruas e becos. Alguns uniformizados; outros apressadamente vestiram jaquetas azuis por cima da roupa, claramente tirados de casa durante a folga. Um jovem com aparência fria estava de pijama de bolinhas, só com seu chapéu azul e o cacetete preto para identificá-lo como um homem da lei. Fiquei impressionada que Marlowe tivesse concordado com o pedido maluco de Jackaby, mais ainda com o fato de que ele tivesse conseguido juntar tantos homens com tanta rapidez, e àquela hora da noite.

O próprio inspetor-chefe veio caminhando, a passos firmes, em meio à multidão, da outra ponta da praça. Os policiais mais próximos dele viraram ao som das algemas tilintando em seu cinto, e logo ficaram

atentos, ao se depararem com a figura imponente. Mesmo os que deviam ser de outros departamentos fizeram um esforço simbólico para sentar mais eretos nas floreiras. O inspetor veio desviando até chegar ao meu lado, observando os homens, enquanto falava.

— Onde está ele?

— Ele já volta — eu tranquilizei o inspetor, desejando ter visto para que direção meu chefe tinha ido. Remexi os livros de Jackaby em meus braços, sentindo-me pequena e sem jeito ao lado do inspetor-chefe. Da última vez que estivemos tão próximos assim, sem o Jackaby, ele tinha me acusado de assassinato. Pelo menos dessa vez ele estava do nosso lado. — O senhor certamente reuniu uma multidão impressionante. Esses são todos os policiais em New Fiddleham?

— É claro que não — Marlowe resmungou. — A maioria dos policiais em serviço ficará aqui, onde foi designada. Seria uma irresponsabilidade deixar New Fiddleham desprotegida. Há, contudo, mensageiros verificando homens disponíveis em todos os distritos da cidade. Espero que entenda, senhorita Rook — o inspetor-chefe virou a cabeça em minha direção, olhando-me do alto de seu nariz reto —, que usei minha última cartada com o comissário Swift para reunir todo este pessoal. Assumi a responsabilidade pelo que está se transformando num espetáculo notoriamente público. Para mim, é de suma importância que isso não se torne um desperdício colossal de tempo e recursos. Portanto, vou lhe perguntar novamente: onde está Jackaby?

— Ele está… perto. — Vasculhei a praça freneticamente em busca de algum sinal daquele gorro tolo. Reconheci alguns rostos na multidão. O'Doyle, o bruto de peito estufado que havia encontrado no Emerald Arch estava ali, junto com dois guardas que tinham recebido a infeliz tarefa de vasculhar o prédio de Jackaby. Aparentemente, aqueles dois pelo menos haviam tido tempo para se trocar, colocando uniformes limpos. O policial parrudo com o bigodão estava reunido com alguns de seus colegas, papeando e esfregando os braços para se manter aquecido. No fundo, para minha surpresa, avistei Charlie Cane. O pobre detetive cansado tinha voltado a vestir seu uniforme — se é que tivera tempo de tirá-lo —, mas estava claramente em péssimo estado. Seus botões tão bem polidos e os sapatos engraxados ainda brilhavam, mas seu uniforme já estava amassado e sua postura, curvada. Ele ficou lá atrás, sem se sociabilizar com os colegas, e olhava a rua atrás o tempo todo, como se desejando voltar para a

cama. Tentei cruzar com seu olhar para oferecer um sorriso solidário, mas o detetive estava de cabeça baixa, olhando o chão.

Finalmente avistei Jackaby do outro lado da estátua, abrindo caminho em meio ao campo de policiais uniformizados, quando surgiu um burburinho à minha esquerda. Virei e vi o falatório cessar, enquanto a parede de casacos azuis abria para deixar passar o comissário em pessoa. Agora, as reações dos policiais à chegada de Jackaby pareciam apáticas, comparadas à metamorfose instantânea diante da presença de Swift. Barrigas foram encolhidas, os cigarros acesos desapareceram e filas ordenadas milagrosamente se formaram em meio ao caos. Charlie, ao contrário do habitual, parecia a exceção da corrente de profissionalismo que se espalhava. Ele ficou nos fundos da multidão e continuou olhando de um lado para o outro, como se estivesse pensando em retirar-se furtivamente, a qualquer momento. Outra coisa parecia estranha nele. Levei um momento para realmente enxergar do outro lado da praça, mas, apesar do frio gélido, percebi que Charlie estava brilhando de suor. Ele estava quase encoberto pela respiração condensada da multidão e pela fumaça dos cigarros que ia se dissipando, mas agora podia notar o vapor de calor que emanava dele, como uma fornalha. Ele estava respirando ofegante e eu fiquei com receio de que seu esforço excessivo o tivesse deixado terrivelmente doente. Algo em mim ansiava por correr para ajudá-lo. No entanto, minha atenção voltou para o comissário, à medida que ele atravessou em minha linha de visão.

Swift havia dedicado um tempo para vestir seu casacão comprido, com viés vermelho e chapéu combinando, porém, abaixo da bainha escura do casaco, era possível ver as pernas de um pijama de seda. Suas muletas fixas tinham sido presas por cima do pijama com pressa, deixando o tecido enrugado e dobrado. Ele marchava com sua determinação habitual, seu passo firme e sua força de vontade absoluta, conduzindo-o além da dor. Talvez por não ter tido tempo de lubrificá-las, as muletas pontuavam cada passo com um rangido mais ruidoso que o habitual.

— Acho bom que isto seja importante — ele rugiu para o inspetor-chefe, ao chegar ao seu lado. A voz do comissário era profunda e áspera, e, embora ele fosse um palmo mais baixo que Marlowe, o inspetor-chefe ainda se pôs mais ereto, parecendo um menino chamado diante da classe. Assim como Marlowe, o comissário Swift estava inspecionando a multidão de homens, olhando de cara feia.

Seguindo em meio à multidão, no rastro do comissário, vinha o sujeito esquelético de chapéu de palha que eu tinha visto na delegacia. Ele chegou ao lado de Swift e cochichou algo em seu ouvido. Eu captei a palavra "constituintes". Os olhos de Swift desviaram para o rosto das pessoas nas janelas e para os pedestres que começavam a se aglomerar em todos os lados da praça. Ele cruzava um olhar aqui e ali e tentava transformar a cara feia num sorriso apropriado, tranquilo e político. A expressão não chegava aos seus olhos, e o resultado era uma careta ainda mais desagradável.

Seus olhos cruzaram com os meus e pararam: então, ele desviou o olhar para Marlowe. — Eu não lhe disse para deixar aquela ali trancafiada, até que tudo tivesse terminado? — ele rugiu com um sorriso forçado.

— Sim, senhor. — Marlowe me deu uma olhada irritada, como se a minha existência fosse uma irritação lamentável. — Ocorreram alguns avanços substanciais no desenvolvimento do caso.

Jackaby seguia para o meio da praça, quando eu finalmente o avistei. Ele não estava portando nenhum metal que eu pudesse ver, nem chumbo nem nada, mas parecia ter recolhido alguns galhos pequenos. Em meio a uma aglomeração de policiais tão austeros e uniformizados, ele parecia especialmente ridículo, enquanto agarrava uma das patas traseiras do cavalo e se esforçava para subir na base da estátua. Em determinada altura, ele ficou pendurado quase de ponta-cabeça, com seu casaco pendurado abaixo dele.

Swift obviamente notou. — Quem é aquele idiota?

Antes que Marlowe pudesse responder, Jackaby se dirigiu à multidão.

— Com licença! Vocês poderiam me dar sua atenção, por favor! — ele gritou, de forma desnecessária. Todos os olhos já estavam em cima do detetive doido ligeiramente curvado, embaixo das patas traseiras do cavalo de mármore. — Sim, olá, pessoal. Muitos de vocês me conhecem, mas, se nunca tiveram a oportunidade de trabalhar comigo — ou de me prender —, meu nome é R. F. Jackaby. Eu gostaria de agradecer a todos vocês por virem até aqui esta noite. Eu gostaria de um grupo um pouquinho maior, mas suponho que terão de ser suficientes. E obrigado, inspetor Marlowe, por organizar isto, a meu pedido.

A cabeça de Swift virou muito, muito devagar para Marlowe. — *Esse* é seu informante?

Marlowe, por sua vez, desviou a atenção para mim. — O que aquele maluco está fazendo?

— Receio que eu realmente não possa lhe dizer, senhor — eu disse.

Jackaby continuou, de cima do pedestal. — Então, agora gostaria de garantir a todos vocês que teremos o nosso homem esta noite, se trabalharmos juntos. Primeiro devemos preparar as coisas, portanto, prestem atenção. Antes de tudo, seria bom se um de vocês, aqui da frente, pudesse acender uma fogueirinha. Não precisa ser grande, só uma fogueirinha deve servir. Sim, você, aí, com a aura turquesa e o cigarro preso na orelha — você tem uma caixa de fósforos? Sim? Esplêndido. Eu já catei um bocado de gravetos que não estão úmidos — aqui estão.

Uma leve onda espalhava-se pela multidão de riso contido e vozes abafadas, e o homem que Jackaby indicou foi empurrado à frente. Jackaby abaixou e jogou os galhos nas mãos dele.

O rosto do comissário Swift estava ficando vermelho, quase da cor de seu chapéu. — Marlowe…

— Seus métodos são… pouco convencionais. — Marlowe encarava o detetive, como se a força de seu olhar pudesse fazer com que Jackaby fosse menos, bem, Jackaby. — Contudo, por mais estranho que pareça, sua interferência parece ter conseguido impulsionar a investigação a um ponto crucial, em mais de uma ocasião.

Uma voz gritou, em meio aos policiais:— Então, vamos logo! Acenda a fogueira para ele, Danny! Ele não pode fazer seus feitiços sem uma boa fogueira! — Isso foi imediatamente seguido por outra rodada de riso contido.

Jackaby endireitou-se e gritou:— Eu posso lhes garantir, sou um profissional completo. Não faço feitiços! — O que talvez tivesse um efeito melhor para calar a multidão, se, ao falar, não tivesse dado uma cabeçada na pata do cavalo. Isso já teria sido o suficiente, mas ele insistiu em se defender mais. — E, para sua informação, raramente uma fogueira foi um requisito nos feitiços bem-sucedidos que observei, e parece ser um fator negligenciado na elaboração de feitiços, como um todo. — Ele disse isso com tanta sinceridade, que, por um momento, a multidão parou, numa expectativa coletiva, antes de cair novamente na gargalhada.

Jackaby pareceu meio magoado. Swift estava com cara de homicida. — Isso vai custar sua cabeça, Marlowe. Se esse imbecil desvairado fizer

minha força policial de palhaça — se *me* fizer de palhaço, no meio da maldita cidade, Deus me ajude…

— Entendido, senhor. — Marlowe ainda olhava furiosamente para o detetive. — No entanto, se ele puder nos apontar nosso assassino, mesmo fazendo papel de babaca publicamente, então, não fará mal nenhum à reputação do departamento.

— Cavalheiros — disse Jackaby, retomando seu comunicado —, esta não será uma notícia fácil de suportar, mas o vilão que estamos procurando está por trás de um distintivo. Quero dizer que ele está aqui no meio de nós, agora, escondido, em plena vista — uma criatura terrível, disfarçada, não de qualquer homem, mas de policial.

Enquanto falava, as nuvens se abriram, banhando a praça de luar e iluminando o rosto de uma centena de policias — incertos, sem saber se achavam engraçado, se se sentiam ofendidos ou amedrontados. Os espectadores perderam o sorriso e o rosto de mais pessoas surgiu nas janelas ao redor.

Swift estava praticamente reverberando. Seu olho estava tendo um espasmo e uma veia escura havia estufado em sua têmpora. — Você está liquidado, Marlowe — disse ele, com os dentes cerrados. Depois deu um passo na direção de Jackaby e falou, em voz alta: — Já chega!

O comando retumbante do comissário foi perdido no meio de tudo que já vinha dando errado e, de repente, ficou ainda pior.

25

UM GRITO DE ALARME, DEPOIS OUTRO, IRROMPEU da parte de trás da multidão. O muro de policiais se abriu, não da forma suave como ocorrera para dar passagem ao comissário, mas cambaleando e empurrando-se para se afastar de algo nos fundos. Até Swift, não acostumado a ser ignorado, pareceu mais surpreso do que zangado ao tentar identificar a fonte do distúrbio. Eu subi numa floreira para ver o que estava acontecendo na hora em que uma mulher numa janela do segundo andar irrompeu num grito visceral e contínuo.

Os policiais tinham cambaleado para trás, deixando um amplo raio de espaço ao redor do detetive júnior Cane. Ele estava dobrado, segurando as laterais do corpo, enquanto um espasmo o sacudia por inteiro. Havia algo terrivelmente errado com seus braços. Eles pareciam escuros, com uma textura estranha; então, sua perna dobrou e ele caiu no chão. Sua cabeça foi impulsionada para cima e eu vi seu rosto na claridade impiedosa do luar — mas não era o mesmo rosto meigo que eu passara a reconhecer nas ruas de New Fiddleham ao longo dos dois últimos dias. Não era um rosto humano, mas a cara feia e selvagem de uma fera.

Fiquei ali paralisada enquanto meu coração e meu estômago apostavam corrida até minha garganta. As pernas de Charlie pareciam quebradas, dobrando em lugares nos quais um homem não possui juntas,

mas, ainda assim, ele levantou, girou e saiu correndo pelas ruas de paralelepípedos, distanciando-se dos policias perplexos. Ele tropeçou e se amparou com as mãos, voltando a correr tão depressa, que quase não perdeu o ritmo. Arrancou a camisa do uniforme e a jogou para trás, agora revelando um pelo duro e escuro cobrindo-lhe todo o dorso. Seu corpo inteiro sacudiu com outro espasmo e novamente ele cambaleou e, mais uma vez, até ficar apoiado nas mãos e nos pés. Enquanto corria, os sapatos engraxados vazios batiam no pavimento atrás dele, com a lua enfatizando a ponteira fina. E então a figura que antes fora Charlie havia desaparecido na fumaça de um beco, já não era um homem que fugia, mas a forma de um cão gigantesco, evadindo-se em quatro patas imensas.

A praça estava tensa, em silêncio, enquanto o som das batidas das patas da fera diminuía a distância. O primeiro a romper o silêncio espantoso foi o comissário. O rubor de raiva sumira completamente de seu rosto e agora ele estava pálido como um fantasma, mas, mesmo assim, estufou o peito e gritou:— Peguem-no! — A voz dele falhou ligeiramente e ele tossiu. Então, encontrou a voz novamente e berrou: — Atrás dele! Todos vocês! Eu quero esse monstro morto!

Por um momento, a multidão de policiais uniformizados fervilhou com a energia acumulada, como se fosse uma panela de pressão prestes a explodir, então, de repente ganhou vida, movimentando-se freneticamente. Jackaby saiu de seu estado de surpresa e berrou: — Esperem! Parem! — Mas tudo aconteceu tão depressa, que eu não conseguia dizer se ele estava tentando impedir que a polícia se dirigisse ao desastre ou se estava gritando para a criatura… gritando para Charlie Cane.

Tentei seguir na direção de Jackaby, lutando para não ser levada pela onda de policiais. Precisei plantar os pés com firmeza nos tijolinhos, enquanto eles corriam atrás de Charlie. Os livros quase foram derrubados das minhas mãos, mas eu os segurei junto ao peito, enquanto enfrentava a tempestade. Dei uma olhada em volta, perdida na corrente humana. O comissário e Marlowe tinham desaparecido no meio do bolo, mas Jackaby havia descido de seu pedestal e estava ao meu lado.

— Rápido, senhorita Rook! — ele gritou, puxando-me, e seguimos o rastro da multidão.

— Mas… era o policial Cane! — eu gaguejei.

— Sim, e é essencial que o encontremos antes que essa turba o faça. Deu tudo errado. Se não formos rápidos, certamente haverá mais mortes

esta noite.

Eu engoli com força. Se as pessoas iam morrer, então, chegar à fera antes da polícia simplesmente aumentaria a probabilidade de que fôssemos nós a morrer.

No fim da rua, a força policial começou a se espalhar. Alguém adiante estava rugindo ordens, urgindo aos homens que se dividissem na busca, para cobrirem a maior extensão territorial possível. A multidão de policiais foi diminuindo enquanto eu seguia Jackaby, disparado à esquerda e à direita, pelas ruas estreitas de New Fiddleham. Um grito vindo de um beco, na direção oposta, foi seguido pelo estrondo de caixotes caindo. Dois policiais à nossa frente viraram e correram de volta, em direção ao tumulto, mas Jackaby pressionou adiante. Enquanto corria, ele movia as mãos nas laterais, sentindo o ar, como se estivesse traçando linhas invisíveis de fumaça.

— Você está vendo alguma coisa? — eu perguntei ofegante.

— Ele passou por aqui. Está sumindo depressa demais, precisamos correr.

A perseguição nos levou para fora do centro da cidade e em direção à periferia. Corremos ao longo dos fundos de diversas fábricas, antes que os arbustos dessem lugar a uma extensão gramada cheia de bétulas. Longe dos paralelepípedos gelados, meus pés conseguiam pisar com mais confiança e ficou um pouquinho mais fácil acompanhar Jackaby, à medida que atravessávamos o terreno gramado. Agora, eu até começava a avistar sinais da criatura. O luar cintilava no capim alto e gelado, exceto por um caminho comprido e escuro, cortado como uma cicatriz, no meio do campo. Algo tinha entalhado uma rota veloz por ali, deixando um rastro de plantas dobradas e pisoteadas. Quando pulamos por cima de uma poça, avistei uma pegada imensa de uma pata. Eu não precisava ser vidente nem uma detetive mestre para saber que estávamos na direção certa.

As pegadas nos levaram à margem de um córrego, perfilada de gelo e neve derretida, e, adiante, tive a visão familiar da ponte de Hammet. A princípio, quase não a reconheci, mesmo tendo nos encontrado com Hatun há menos de um dia no mesmo lugar. Parecera tão diferente, com a mulherzinha engraçada segurando sua linha de pescar acima do gelo, em plena luz do dia. Agora, com a água borbulhando ao passar pelos nacos de gelo e sombras estranhas se mesclando à escuridão mais agourenta, as

superstições da idosa, de monstros à espreita, embaixo de pontes, pareceram menos afáveis.

Afastei a ideia ao chegarmos à ponte, a fim de evitar que pensamentos sobre trolls roendo meus ossos atrapalhassem meu medo racional de ser estraçalhada por — eu me permiti pensar — um lobisomem. Notei que mesmo em sua pressa, Jackaby ainda lançou duas moedas da lateral da ponte ao atravessá-la. Acho que ele, assim como Hatun, com seu empenho da pescaria simbólica, achavam que não faria mal nenhum cobrir todas as bases. Uma ideia me ocorreu, num lampejo.

— Jackaby, espere! — Eu deslizei ao redor do canto da ponte e cambaleei abaixo, até a beirada da água, até onde vira Hatun pela primeira vez. Pousei os livros antigos na lateral e olhei a sombra embaixo da ponte. Estava um breu embaixo do pequeno arco, mas meu cutucão rapidamente encontrou o que eu estava procurando. Por um breve instante, poderia jurar que senti dedos pegajosos em meu pulso, ao recuá-lo. — Eu só preciso pegar isto emprestado, um pouquinho — eu garanti, à escuridão. — Juro que vou trazer um peixão inteiro se conseguirmos sair vivos desta. — Minha mão foi solta, enquanto eu segurava firme na vara de pescar.

Jackaby deslizou abaixo e parou ao meu lado. — Mas que diabos você está fazendo? — ele perguntou. — Não temos tempo para pescar! Pousei a vara de pescar de Hatun e remexi no nó, mas resolvi, depois de alguns instantes, simplesmente arrebentar a linha. Segurei a chumbada metálica em formato de pera.

Jackaby não pareceu impressionado. Na verdade, ele só pareceu ainda mais irritado.

— É de chumbo! — eu exclamei.

A expressão do meu chefe não melhorou. — O que devemos fazer com o chumbo de uma chumbada? — perguntou ele, olhando de um lado para o outro o caminho acima de nós. — Esse punhadinho não cobriria nem o dedão do pé dele! Diga-me, senhorita Rook. — Ele olhou de volta para mim. — Se você pudesse correr mais que o homem mais veloz do mundo, que importância acha que teriam três ou quatro gramas de chumbo em volta de seu dedão em sua desaceleração?

— Não muito. — Eu admiti. — Mas o senhor nunca disse como pretendia usá-lo! Há muitos meios para as pessoas usarem chumbo.

Jackaby sacudiu a cabeça e começou a subir na direção do caminho. Eu peguei os velhos livros e enfiei a chumbada dentro de um deles, como se

fosse um marcador, e subi atrás dele.

— Você só disse que chumbo poderia matá-lo. De qualquer maneira, não deveria ser prata? Nessas histórias, geralmente não é prata?

Jackaby foi abrindo caminho pela folhagem à minha frente, tirando uma pequena coleção de lentes tingidas para erguer ao luar. Ele olhou através de algumas, antes de parecer se fixar num caminho que ele seguiu com uma intensidade crescente.

— Primeiro de tudo — ele respondeu em movimento, numa voz sussurrada — Eu nunca disse que chumbo o mataria. Não irá matá-lo. Eu só disse que ajudaria a desacelerá-lo. Segundo, a prata aparece tradicionalmente como uma arma contra lobisomens, ocasionalmente, bruxas e, em uma lenda brilhantemente estranha, um alfaiate búlgaro — mas não contra… — Jackaby gelou e sua cabeça inclinou para o lado e eu trombei nele, quase levando nós dois ao chão.

— Não contra *o quê*? — cochichei, depois de pararmos por vários segundos. — Se não é um lobisomem, então, o que…?

— Shh! — Jackaby me mandou calar, colocando uma mão em cima da minha boca e ouvindo atentamente.

Depois de uma longa pausa, ouvi algo se mexer bem depressa no meio das árvores. Primeiro, parecia estar à nossa frente, depois, sumindo atrás, na direção da ponte, deslocando-se incrivelmente depressa através dos arbustos. Achei que devia ter sumido e já ia falar de novo, quando um súbito grito estrangulado irrompeu na floresta. Um tiro ecoou e Jackaby saiu correndo, suas pernas magricelas passando por cima de arbustos e o fazendo saltar na direção do som.

Eu disparei atrás dele, batendo com o pé na raiz de uma árvore que me lançou à frente. Estava com um dos braços abarrotado de livros e o outro foi lento demais para amortecer a minha queda. Bati a cabeça num toco cheio de musgo e vi um lampejo da floresta, brilhante e colorida, à minha frente. Quando me ergui, tinha perdido Jackaby de vista. Tentei seguir o som dos galhos esmagados por algumas passadas largas, mas era inútil. Eu estava total, inteiramente perdida na floresta.

Pelo menos, as nuvens estavam se dissipando e, através da cobertura densa das árvores, eu via pedaços do céu estrelado. A lua cheia e radiante estava quase logo acima, inundando a floresta de luz, mas oferecendo pouca ajuda para percorrê-la. Segui em frente sorrateiramente, sem saber o

que mais fazer. Será que eu deveria chamar o Jackaby? Será que isso só me tornaria um alvo maior? Eu deveria me esconder?

Uma onda de movimento próximo fez meu coração disparar e eu colei num tronco de árvore, enquanto um policial não uniformizado seguia inclinado em meio à folhagem, afastando folhas de seu rosto, em pânico. Era O'Doyle, o brutamontes com o nariz de falcão. No entanto, agora ele não intimidava tanto. Estava pálido, pingando suor e ofegante. Ele corria com a arma em punho, olhando para trás, por cima do ombro, quase a cada passo. Eu gritei, mas ele apenas disparou a arma em minha direção e continuou em frente. Abaixei instintivamente, embora os tiros tivessem sido a esmo e para o alto. Fiquei paralisada, até que ele sumisse na mata, mas eu não ia ficar ali para descobrir o que o deixara assustado. Segui em meio à vegetação o mais depressa e silenciosa que podia, atrás do voo ruidoso de O'Doyle. Eu estava me espremendo em meio a um punhado de árvores, quando aqueles sons subitamente cessaram. Agachada na sombra, eu me esforçava para ouvir qualquer coisa. Mais tiros a distância. Olhei de trás das árvores, e vi uma pequena clareira, na qual primeiro apareceram os pés de O'Doyle. Ele estava deitado de barriga para cima numa piscina vermelha que se espalhava na grama, sob o luar, mas não estava sozinho. Uma silhueta escura estava agachada ao lado dele, de costas para mim. Mais uma vez, meu coração disparou, retumbando no peito… até que entendi o que via. A silhueta não era a criatura — não era o Charlie. A fera não estava em lugar nenhum à vista.

Era o comissário Swift. Ele tinha abaixado sobre um joelho, com as pernas abertas e rijas, as muletas de ferro mal acomodavam sua posição. Seu casaco chumbo enrugado, com a bainha arrastando no chão. Ele tinha tirado o chapéu e, de trás, vi seu cabelo grisalho e o pequeno ponto careca respeitosamente acima do corpo do policial morto. Ao contrário de sua fanfarrice pública, sua reação à tragédia horrenda era comoventemente humana. Um farfalhar nas folhas dos arbustos próximos me trouxe de volta à realidade. Não era hora para pesares. Fui sorrateiramente até Swift, tentando ao máximo me manter na sombra, vasculhando os galhos escuros e vinhas ao redor em busca de qualquer sinal da fera. — Comissário! — chamei, num sussurro urgente. — Por favor, senhor. Não é seguro. O monstro está próximo, ainda sendo caçado.

Devagar, o comissário recolocou o chapéu na cabeça. — Você está certa. Claro, mocinha. — A voz dele era bem baixa. O veludo vermelho do

chapéu era um eco horrendo da piscina que se espalhava aos seus pés. Swift equilibrou-se em sua bengala e começou a virar-se para levantar, mas com uma lentidão agonizante. Suas muletas rangeram em protesto ao movimento. Então, um alarme soou nos recônditos do meu cérebro. A sola do sapato do homem, ao qual a muleta era presa por pequenos parafusos, não era de couro rijo. Ela refletiu sob o luar e o reflexo bateu nos meus olhos, como um espelho polido, então vi o que parecia o lado liso de um ferro, pontudo no dedão, e inteiramente feito de metal. Quando ele levantou, os sapatos afundaram pesadamente no gramado musgoso e as muletas se endireitaram com um *clink-clink*.

O chapéu reluzia e a aba pingou vermelho, quando ele o endireitou, erguendo os olhos lentamente para mim. O chapéu lançava uma máscara sombreada na metade superior de seu rosto, mas dava para ver os olhos vermelhos, cheios de veneno e fogo. Um respingo de vermelho-escuro espirrou em seu queixo e rosto, e seus lábios se abriram num sorriso perverso, com dentes afiados. — Sim, você está certa. A caçada ainda continua.

26

E

EU CAMBALEEI À FRENTE, COM A FLORESTA girando ao meu redor. Virei para fugir, mas o comissário já estava ao meu lado. Saí correndo e cambaleando, mas ele estava ali, na mesma hora, deslocando-se a uma velocidade não humana. Só era possível notar que ele estava correndo pelo tilintar e o rangido de suas muletas metálicas, e não simplesmente porque surgia a cada novo lugar, num passe de mágica. Quase cambaleei logo acima dele, mas me equilibrei e gelei a apenas alguns centímetros de distância. Quando olhei no rosto do comissário, o glamour tinha se esvaído. Ele parecia como sempre foi, mas minha mente finalmente me permitiu ver as feições que forçosamente vinha ignorando até agora. Acima da boca grotesca, cheia de dentes afiados, o seu nariz se curvava acima, numa sobrancelha cortada. Suas orelhas, ligeiramente dobradas sob a aba do chapéu, eram pontudas e sua pele era manchada e enrugada. Maçãs do rosto rudes distorciam seu rosto, em um ângulo perturbador. O mais assustador de tudo era aquela boca horrenda, com dentes entalhados, manchados de sangue — dentes que lembravam garrafas quebradas e lâminas. Ele riu e seu hálito tinha o fedor acobreado do sangue. Ele era um gato brincando com sua presa, antes de matá-la.

Não tinha como escapar, mas meus pés me puxaram para trás mesmo assim. Eu tropecei, aterrissando na base de uma velha árvore. Os livros de

Jackaby caíram das minhas mãos, nas raízes lamacentas. Os lábios de Swift curvaram-se num último sorriso perverso e garras cruéis e ensanguentadas se estenderam das pontas de seus dedos. Depois de terminar de brincar comigo, o gato atacou.

E o cachorro também.

Swift estava no ar com as garras imensas arqueadas em minha direção, quando o cão gigantesco o atacou pela lateral. Os dois colidiram no chão e rolaram. A bengala de Swift caiu longe, e seu casaco escuro emaranhou-se ao redor do pelo marrom felpudo da fera. Os dois só pararam quando o cão maciço prendeu os ombros do comissário sob duas patas pesadas. Ele rosnou para o comissário, que rugiu de volta e se afastou das mandíbulas do cão. As pernas de Swift rangeram uma vez, sob a criatura peluda, depois o cão gigantesco voou para trás, com as botas pesadas de ferro batendo com força em suas costelas. A fera foi de encontro a uma árvore larga e bateu no chão, soltando um gemido bem humano.

Seu belo rosto havia se contorcido e sumido por baixo do pelo, mas aqueles olhos castanhos ternos ainda estavam ali, inequivocamente. Estavam repletos de medo e dor, e humanidade, quando ele se sacudiu para afastar o impacto e tentou se situar. Em segundos, Swift estava de pé e atrás dele, atacando com patas e garras, e abocanhando, antes que o cão peludo sequer tivesse levantado. O cão estava se movendo devagar demais. Alguém gritou. — Charlie! — e percebi que havia sido eu.

O comissário lançou-me um olhar venenoso antes de saltar para atacar seu alvo, mas foi a pausa suficiente para que o cão girasse, e o ataque desviasse de seu flanco, em vez de acertar-lhe a jugular. Três faixas vermelhas riscaram o ombro de Charlie. Por alguns centímetros a mais Swift não teria aberto o pescoço do cão.

Os dois se rondavam. Charlie movia-se rijamente, como se o primeiro chute o tivesse machucado, ou até quebrado suas costelas. Ele esperava que Swift partisse para o próximo ataque.

E veio numa névoa. O comissário fingiu uma patada com as garras cruéis, mas, quando Charlie se abaixou para se esquivar, Swift chutou com força, pegando seu oponente diretamente no maxilar. Charlie gritou de dor e Swift gargalhou. Ele facilmente contornou Charlie, depois de sua mordida em retaliação, e atacou o cão pelo outro lado, com outra patada de finta, acertando um chute brutal. Dessa vez, Charlie já previa o golpe, e

abocanhou o calcanhar do comissário com suas mandíbulas imensas, sacudindo-o.

O comissário bateu no chão de costas, debatendo-se com uma das mãos e segurando seu chapéu ensanguentado com a outra. Charlie não o soltou, rugindo através das mandíbulas cerradas, enquanto arrastava seu oponente de um lado para o outro pelo chão, como um pincel humano. Ele já tinha arrancado o musgo de um pedaço de terra de dois metros, quando um *ping* ruidoso soou nos dentes do cão, como uma campainha de mesa, e sua cabeça deu um espasmo para trás. Swift pulou de pé, e pedacinhos de metal e trapos de couro se posicionaram em ângulos estranhos ao redor de seu joelho. Ele arrancou os resquícios da tira da perna e olhou fulminante para o cão enorme.

Seus sapatos de ferro estavam afundados na terra recém-remexida e ele esperou, como um corredor que aguarda pelo tiro da pistola para dar a largada. Charlie abaixou-se e recuou os lábios mostrando um rugido malévolo. Num piscar de olhos, Swift estava atrás dele e os dentes do cão morderam o ar. Swift tinha arrancado um naco da orelha do cão, e ali sangravam faixas escuras através de seu manto felpudo. Swift investia repetidamente ao redor de Charlie, abrindo lanhos e dando chutes em sua traseira peluda, de todas as direções. Charlie girava e rosnava um pouco. Ele se mantinha abaixado, e se resguardava de quaisquer ferimentos sérios, mas, por toda a sua ferocidade, Swift não era páreo para ele. Seria apenas uma questão de tempo. Por fim, a sequência de golpes rápidos parou. Swift provocava arrogantemente o seu oponente, erguendo o chapéu com uma cordialidade debochada, sorrindo de maneira cruel, depois virou de costas para o cão e se afastou. — Você é bom — disse ele, entretido.

Embora respirasse ofegante e estivesse coberto de vergões de um vermelho profundo, Charlie manteve sua posição, olhando os movimentos do comissário.

— Monstros como nós não deveriam estar brigando entre si, não acha? — o comissário prosseguiu, ainda de costas e caminhando até o centro da clareira. — Afinal, temos tanto em comum. E um cãozinho como você, tão distante de seu bando — você poderia ter um mestre forte. Vou lhe dizer uma coisa, quando eu tiver terminado com esta aqui — ele acenou uma mão indiferente em minha direção — você será bem-vindo para liquidar os restos.

Os passos casuais de Swift o haviam levado ao local onde sua bengala aterrissara. Ele parou para pegá-la sem defesa nenhuma, com a retaguarda totalmente descoberta. Eu notei o brilho traiçoeiro em seu olhar, quando ele abaixou lentamente para pegá-la, enlaçando os dedos ao redor da haste de metal. Charlie mordeu a isca e se lançou contra o comissário, num golpe vigoroso.

Num flash, Swift tinha puxado a manete da bengala e a jogara de lado, revelando uma lâmina longa no fim da haste. A bengala de metal estava preparada e esperando por seu alvo, antes que Charlie pudesse parar o movimento. Ela se alojou no lado direito do cão, perfurando e saindo pelas suas costas, pouco abaixo do ombro. Charlie berrou de dor, afundando na lança de ferro.

Swift levantou e caminhou em volta da cabeça da fera, estalando a língua. Sem alertar, ele fez uma careta e chutou o metal reluzente, no lugar onde ele estava projetado para fora da traseira de Charlie. — Cachorro mau! — ele gritou.

Charlie gemeu e estremeceu. Seu corpo inteiro estava tremendo, suas patas em espasmos.

— Alguns centímetros para a esquerda e você estaria eliminado, seu vira-lata sarnento. Agora tenho de liquidá-lo.

E ali estavam eles, a menos de seis metros de meu torpor perplexo. A forma grotesca e horrenda do comissário Swift ajoelhou acima da cabeça ensanguentada e macia de Charlie. Ele estava passando as garras no rosto de Charlie, num carinho nauseante, saboreando a matança, e Charlie abandonara a resistência. Eu queria gritar, ou correr, ou… qualquer coisa, mas eu era apenas uma garota tola, perdida na floresta, e essa não era uma das aventuras dos meus livros.

Livros. Os livros de Jackaby ainda estavam onde haviam caído, junto às raízes lamacentas. Meus dedos trêmulos encontraram a lombada de couro mais próxima, lançando o volume, antes que minha mente sequer tivesse tempo de pensar na decisão. O livro pesado lentamente girou no ar, as páginas virando um pouco, enquanto rodava como um pássaro ferido, na direção do rosto horrendo do comissário. Eu estava a seis metros de distância do meu alvo. O livro aterrissou a cinco. O comissário parou para erguer uma sobrancelha nada impressionada em minha direção. Procurei em volta até encontrar outro e lancei com mais força. Swift não se deu ao

trabalho de se esquivar, pois o livro passou longe de seu ombro, mas ele ergueu a cabeça para me dizer um arrogante e debochado:

— Importa-se em não incomodar?

O último volume foi rumo ao alvo e, por uma fração de segundo, pensei que poderia acertar. Não sei bem o que eu esperava que um punhado de papel com uma capa de couro pudesse causar ao horrendo comissário, se um cão de cem quilos quase nem deixou marcas. Quando, porém, o projétil se aproximou, a mão de Swift deixou a garganta de sua vítima e pegou o livro. Alçada pelo movimento, a pequena chumbada de pesca de Hatun saiu voando das páginas e atingiu o comissário bem no meio da testa. Nós dois olhamos abaixo, enquanto ele rolava, até parar na terra, a alguns palmos de distância, depois olhamos nos olhos um do outro.

O rosto de Swift corou de ódio, seus olhos se estreitaram como dois riscos ameaçadores, mas sua voz continuou gélida. — Eu estava bem no meio disto aqui, mas, se você insiste tanto — ele soltou a cabeça do cão e levantou —, suponho que possa arranjar tempo para você. Damas primeiro e tudo mais.

Ele passou por cima do corpo inerte e ensanguentado de Charlie e veio marchando em minha direção, sem pressa. Assim como seu rosto assimétrico, seu caminhar agora estava notoriamente desigual. Sua perna esquerda, ainda amarrada com a tira, se movia com rigidez, rangendo e tilintando a cada passo. A direita seguia livre, mas os sapatos de ferro ainda batiam em seu ritmo, abafados pela terra macia. À medida que se aproximava, o cheiro nojento e adocicado de cobre veio junto. Ele estava pingando sangue e não era o dele.

A premonição de Hatun tinha virado realidade. Assim como ela me alertara para não fazer, eu seguira Jackaby floresta adentro, e rumo à minha morte. Meu coração estava disparado no peito, eu tremia e meu corpo inteiro estava suando. Minha respiração era ofegante e rápida demais. Acima de mim, Swift parecia se deleitar com meus últimos instantes frenéticos, mostrando seu sorriso torto de escárnio, parando à minha frente. Jackaby não daria a esse desgraçado essa satisfação, eu pensei. *O que ele faria?* Manteria a calma. Manteria o controle. Eu ordenei ao meu coração que desacelerasse e respirei bem fundo.

— Sorte sua, comissário — eu consegui dizer, com grande esforço —, que a política não é um domínio feminino, porque o senhor perdeu meu voto.

O som que emanou da figura monstruosa poderia ter sido uma gargalhada, ou um rugido molhado, mas eu não tive tempo de decidir, antes que ele cravasse as garras perversas em meu peito. A onda de dor me acometeu com um…

PÔU!

Pela segunda vez, naquela noite, Swift foi jogado para trás, girando para a terra, distante de mim. À medida que as garras terríveis recuaram, meu peito parecia pegar fogo. Através de uma névoa de dor e adrenalina intensas, imaginei que Charlie tinha mais uma vez levantado, mas não. O comissário estava sozinho, relutando para ficar de pé e o cão imenso permanecia caído onde havia sido espetado, mal respirando.

PÔU!

Swift novamente bateu no chão e meus olhos seguiram a reta da figura que marchava atravessando a clareira, com uma pistola mirada para o comissário. Minha visão estava oscilante, mas havia um casaco volumoso, um cachecol pendurado e aquele gorro ridículo de tricô.

— Estava certa, senhorita Rook — gritou Jackaby. — As pessoas usam o chumbo de muitas formas.

Meu peito latejava de dor e minha visão estava escurecendo, mas eu sorri para o detetive.

— Preferiria fazer a coisa do modo certo, com uma camada sólida do negócio — prosseguiu ele, com a voz tão casual que poderia estar discutindo no chá da tarde —, mas, dadas as circunstâncias, algumas balas devem desacelerá-lo o suficiente para dar conta do serviço. — Ele estava em pé diretamente acima do comissário, que se retorcia no chão, e puxou do casaco um livrinho menor, com capa de couro. Ele mirou a arma para o peito de Swift, enquanto lia em voz alta: — A vida de uma criatura está no sangue… É o sangue que faz a reparação pela alma. Levítico, 17.

Swift rosnou. A pistola disparou pela terceira vez e a floresta caiu em silêncio, como se um manto negro recaísse sobre mim.

27

A LUZ TREMULANTE E O CHEIRO DE FUMAÇA A poucos centímetros de distância me fizeram despertar novamente. Tentei sentar, mas me retraí pela dor no peito. Meu casaco comprido, que tinha sido colocado sobre mim, como um cobertor, escorregou e o ar frio me forçou de volta à realidade. Eu ainda estava na floresta. Olhei abaixo e vi que a blusa quente de Jenny havia sito retirada e o cachecol de Jackaby tinha sido embrulhado em meu tórax como uma bandagem desajeitada. Assustada, instintivamente estendi o braço para me cobrir e o movimento me causou uma pontada aguda de dor. Dei um suspiro e, bem devagar, passei os dedos sobre o cachecol, analisando o ferimento em meu peito com cuidado. — É superficial — disse Jackaby. Dei uma olhada para cima e o vi acrescentando galhos à fogueirinha. — Tenho certeza de que você vai ficar boa, mas pode mandar olhar pela manhã, se quiser. Você perdeu um pouco de sangue, mas imagino que tenha sido pelo esforço, não do ferimento, que acabou fazendo com que você apagasse. Você deve tentar se exercitar com mais frequência. — Ele colocou outro graveto nas chamas. — Esteve dormindo por umas duas horas. Levou mais tempo do que eu imaginava para fazer o fogo pegar e, claro, eu mesmo tive de cuidar de vocês dois. Receio que o estado do nosso amigo seja bem mais delicado. Olhei em volta. Além da fogueira, Charlie ainda estava na figura

de um cão, deitado imóvel. A lâmina tinha sido removida e em seu lugar havia uma compressa feita de tiras de tecido. Eu reconheci o pano da bela blusa de Jenny. A respiração dele estava tão fraca que o movimento era quase imperceptível, na luz tremulante da fogueira.

Do outro lado da fogueira estava um monte escuro que só podia ser o comissário, embrulhado em seu casaco cinza, com manchas vermelhas visíveis, em meio à sombra. Jackaby jogou alguns gravetos nas chamas e caminhou até o corpo.

Eu estremeci e logo puxei o casaco novamente para cima de mim, afastando a pontada de dor da cabeça. — Ele está…? — eu comecei a perguntar.

— Morto? Ainda não. Mas tão cedo ele não vai sair pulando por aí com essas balas de chumbo no peito, mas, até que este troço seja muito bem queimado, a criatura viverá. — Ele ajoelhou ao lado da cabeça do comissário. Olhei para a fogueira mirrada de Jackaby. Até que não estava ruim, diante da paisagem gélida e molhada, chegava até a impressionar, mas não era nenhuma pira sepulcral. Jogar um corpo dentro daquilo apenas apagaria a fogueirinha. Só o casaco de Swift já dava para abafar o fogo. — Nós vamos precisar de muito mais madeira, se vamos… — eu engoli as últimas palavras. Swift não era um bom homem, nem era um homem, mas minha mente ainda se retraía diante da ideia de queimar alguém vivo.

— De jeito nenhum. — Jackaby levantou. Ele segurou o chapéu vermelho do comissário diante dele com o polegar e o indicador, como se carregasse um presente indesejado deixado em sua porta por um gato excessivamente zeloso. — Talvez não consigamos reduzi-lo inteiramente a cinzas, mas eu acho que temos mais que o suficiente para deixá-lo bem torrado e seco.

— O chapéu dele? — eu perguntei.

— Bem, claro que é o chapéu! O que mais poderia ser? — Jackaby sacudiu a cabeça, aflito, e assentiu brevemente para um de seus livros com capa de couro, caído no meio do musgo molhado. — Talvez, se você se desse ao trabalho de *ler* um livro de vez em quando, em vez de jogá-los por aí sempre que tem uma chance, já teria ligado as peças a esta altura. — Ele suspirou. — O que estivemos combatendo era uma criatura chamada redcap (quepe vermelho) — ele finalmente explicou.

“O redcap é um gnomo horrendo que geralmente caça as ruínas de castelos antigos, principalmente na Escócia e na Inglaterra. Eles são feras antissociais. Nunca se ouviu falar de algum em metrópoles movimentadas, porém, como o tempo muda, todos nós temos de mudar também, eu acho. Eu também estava certo quanto à minha primeira intuição. A magia dele é antiquíssima. Os redcaps são criaturas antigas, quase imortais, se preservarem seus nomes apropriadamente. — Ele sacudiu o chapéu vermelho, como se explicasse, e uma gota grossa e pegajosa de sangue pintou na terra.

“Eu deveria ter percebido muito antes, estupidez minha. Tudo se encaixa com suas descrições, mas nunca tinha encontrado o homem, até esta noite. Aqueles desenhos tolos dele no jornal não se parecem em nada com ele, claro. Tenho de admitir que as muletas fixas por causa da poliomielite foram um belo elemento para nos enganar. Elas encobriam o som de seus sapatos e chamavam atenção, enquanto seu feitiço por encantamento o ajudou a se esconder em plena vista. Isso é a magia antiga e clássica, o encantamento. No entanto, ele manteve os sinais indicadores, claramente ainda não estava preparado para abrir mão de suas tradições. Os redcaps destacam-se da maioria de seus irmãos magos pela imunidade ao ferro, que, historicamente, eles alardeiam usando sapatos pesados de ferro e brandindo uma lança, ou pique. A dele, ele mantinha guardada como uma bengala, mas Swift tinha tudo, o filho da mãe arrogante, e perdeu tudo também.

— Não se sinta mal — eu disse. — Eu estive com ele cara a cara e também não notei.

— Sim, mas ninguém esperava que a senhorita fosse inteligente, senhorita Rook.

— Obrigada por isso — eu disse.

— No fim, pelo menos nós o pegamos. Isso é alguma coisa.

— Então, como terminamos isto? — eu perguntei. — Você disse que o chapéu é que o está mantendo vivo.

— O sangue — respondeu Jackaby. — Contanto que o chapéu seja mantido molhado de sangue humano fresco, ele não morre. Por isso que ele tinha de encontrar novas vítimas.

— Então, o que você está esperando? Queime o troço horrendo.

— Não tão depressa! — Uma nova voz estrondou na escuridão da floresta. Jackaby ficou paralisado com o chapéu ensanguentado acima do

fogo. Uma gota pesada pingou na brasa. Nós dois viramos para olhar o inspetor-chefe Marlowe passar pela folhagem e entrar na clareira, com a pistola apontada para Jackaby. Seus olhos percorreram a cena, enquanto ele caminhava, parando diante do corpo do policial O'Doyle, depois junto ao corpo de Swift, depois os arregalou, ao pousá-los sobre Charlie. — Não sei o que aconteceu aqui, Jackaby, mas eu lhe agradeço por não destruir as provas.

— Ora, abaixe isso, Marlowe — respondeu Jackaby. — Fizemos nosso trabalho para você. Acabou. Tudo o que resta é liquidá-lo, antes que volte a matar — ele apontou para o comissário —, e depois buscar ajuda médica para aquele ali, assim que possível. — Ele gesticulou acima do ombro, para Charlie.

Marlowe baixou a arma e olhou para Charlie. — Você está certo quanto a isso — ele resmungou. — A cidade vai dormir em segurança esta noite, com essa coisa morta e enterrada.

— O quê? O Charlie? Não seja um babaca. Você mesmo disse que o garoto era um dos seus melhores detetives.

Ao som de seu nome, Charlie se mexeu, e, ao respirar fundo, seu corpo inteiro tremeu. Ele continuou prostrado, mas suas pálpebras pesadas e peludas tremularam.

Marlowe assustou-se com o movimento súbito e ergueu novamente a arma, mirando em Charlie. Jackaby foi quase tão veloz ao entrar no meio dos dois. — Ora, vamos, Marlowe, não façamos nada precipitado.

— Você ficou completamente maluco? — perguntou Marlowe. Ele não hesitou com a arma agora diretamente apontada para o peito de Jackaby.

Eu ouvi um barulhinho metálico e meus olhos desviaram para Swift. O comissário ainda estava deitado na terra molhada, mas agora a forma sombria começava a despertar. O casaco cinzento subia e descia, respirando devagar, e o luar refletiu em seu tornozelo, à medida que o sapato de ferro dava um repuxo.

— Jackaby! — eu gritei, num sussurro rouco, mas o detetive estava ocupado com Marlowe.

— Como sempre, inspetor, o senhor fracassa por completo em ver as coisas como realmente são.

— O que há de errado com você, Jackaby? Pela primeira vez na vida, de fato *existe* um monstro impossível por trás de tudo e agora é você quem *não* acredita?

— Marlowe! — eu gritei, quando a perna do comissário rangeu novamente, bem de leve.

— Você viu o que aquela coisa fez com o policial O'Doyle e com o Swift — o inspetor-chefe estava ocupado vociferando. — Chegue para o lado!

— Eu não vi pessoalmente como o policial O'Doyle foi morto, mas duvido de que o policial Cane tenha se envolvido — disse Jackaby — e ele decididamente não fez esses buracos de bala no comissário. Eu que fiz.

Marlowe chegou a recuar um pouquinho. — Você está sendo assustadoramente ruim em se fazer parecer são, sabe disso?

Uma respiração chiada escapou do comissário e seu casaco escuro remexeu, dando sinal de que a vida estava voltando ao seu corpo.

— Homens! Por favor! — eu gritei.

— Você acha que sou maluco? — prosseguiu Jackaby. — Então, deixe-me queimar o chapéu.

— Sim, porque isso não soa nada maluco.

— Se eu sou maluco, é só um chapéu. Ele queima. Nada muda. Depois, você vai matar a pobre fera. Se eu estou certo, então, queimar o chapéu vai destruir Swift, o monstro por trás de tudo isso e você verá a magia em ação aqui. De qualquer forma, você terá seu assassino.

Marlowe pensou por um longo momento, e meu coração batia com força, enquanto pensava em saltar e jogar o troço ensanguentado no fogo. Ao me apoiar no tronco da árvore para me levantar, percebi que saltar não era uma opção. O menor dos esforços causou uma dor pungente em meu peito, embaçando a minha visão, e eu me recostei novamente na terra.

— Estamos atrasados demais — disse Jackaby, com uma sobriedade súbita. Esforcei-me para focar meus olhos na direção da voz dele. — Veja você mesmo, Marlowe. O Swift está se mexendo… Que Deus nos ajude.

Eu estava sufocando, desviando meu olhar de volta ao lugar onde o vilão estava deitado, forçando minha visão embaçada a ficar nítida. Marlowe também virou, isso eu consegui ver, e depois virou devagar para Jackaby. — Não — Marlowe disse, com a voz pausada e uma paciência forçada, num tom que se usa com uma criança pequena. — Ele está bem ali. — Meus olhos finalmente encontraram a forma cinza no escuro. Swift não tinha se mexido.

— Erro meu! — disparou o detetive. — Ah, meu Deus, na minha empolgação eu devo ter soltado o chapéu do sujeito.

O chapéu vermelho-rubi tinha caído em cima da torre de gravetos, línguas de fogo lambiam a aba. Por um momento, o chapéu pareceu imune, o fogo até diminuiu um pouquinho por baixo dele, depois começou a estalar. A pluma foi reduzida a nada, num rápido *puf*, e o laço subitamente estava aceso. O objeto crepitou com violência, enquanto gotas como xarope caíam no coração do fogo, que chiava e cuspia. O chapéu ardeu e rodamoinhos grossos de fumaça se erguiam, densos e espiralados escurecendo as estrelas. Ele finalmente ardeu inteiro. Swift gritou.

O corpo do comissário entrou em espasmos e se contorceu colocando-se na vertical, até que Swift estava de joelhos. Seu rosto grotesco se contorcia de agonia, e seus olhos ficaram enlouquecidos de confusão e ira. A fumaça vazava de seu casaco cinza e ele avançou à frente. Ou porque a muleta ainda estava presa à sua perna, ou porque o inferno interior ardia dentro dele, tilintando e dobrando na grama, antes que pudesse dar um passo inteiro. Os dedos afiados e enrugados de Swift agarravam a terra musgosa, puxando-o adiante, por mais alguns palmos, antes que seus braços também cedessem e encolhessem para dentro dele, esmaecendo desgraçadamente. O ar ficou mais denso com nuvens pungentes de fumaça, e a roupa do comissário ficou reduzida a fuligem, a pele por baixo estalava em flocos, como cinza. Todo o tempo, o homem gritava com uma fúria vil, sua voz perdendo toda humanidade e deteriorando em uivos viscerais de um animal ferido.

E acabou. Os gritos cessaram e o ar estava pesado com a fumaça escura. A aba rija do chapéu, único resquício do objeto destruído, se mexeu e mergulhou no coração da fogueirinha ao nosso lado.

Ninguém falou enquanto a fumaça se dissipava aos poucos. Ali, diante da luz tremulante da fogueira, restou um quadrado musgoso chamuscado, algumas hastes com dobradiças e tiras queimadas e dois sapatos pesados de ferro.

28

O TEMPO PASSOU EM LAMPEJOS DESIGUAIS, enquanto eu oscilava entre o estado consciente e o inconsciente. Em um momento, estava no chão frio da floresta, no outro, deitada em cima da escrivaninha da sala da frente de Jackaby. Jenny pairava acima de mim, com uma aparência bondosa e tranquilizadora. O mesmo rosto fantasmagórico que me fez cambalear para trás, dois dias antes, agora me enchia com um senso de alívio e normalidade.

Num piscar de olhos, Jenny tinha sumido. Jackaby e mais alguém — a velha Hatun, eu percebi — estavam colocando Charlie em cima da bancada larga de madeira, na parede oposta. Em algum lugar entre a escuridão da floresta e as pedras do pavimento da Augur Lane, ele tinha voltado à sua forma humana. Ele estava nu, exceto pelas tiras de tecido ensopadas de sangue, que um dia havia sido uma blusa. Seu rosto estava quase tão branco quanto o de Jenny e ele estava encharcado de suor. Minha cabeça girava e eu olhava, sem conseguir desviar os olhos do estrago terrível. Sem pelo para escondê-los, os rasgos vermelhos e profundos das garras de Swift eram visíveis nele todo. O pior de tudo era seu ombro. Em seu estado humano, parecia que Charlie tinha sido esfaqueado logo abaixo da clavícula direita, pouco acima do pulmão. Eu me retraí e fechei os

olhos, lutando contra as lágrimas, ao perceber que ele teria sorte de sobreviver àquela noite.

Fiquei surpresa ao despertar com os primeiros raios da manhã entrando pela sala. Minha cabeça estava pousada num travesseiro e havia um cobertor macio me cobrindo. Charlie, ainda parecendo inofensivo e humano, dormia no banco. Douglas estava empoleirado acima dele, como uma sentinela emplumada. Um travesseiro também havia sido colocado embaixo da cabeça de Charlie, e uma colcha cobria a parte inferior de seu corpo. Seu rosto tinha recobrado um pouquinho de cor e uma bandagem apropriada de gaze branca tinha sido habilmente colocada em volta de seu peito e de suas costas, apesar das gotas de suor que ainda reluziam em sua sobrancelha. Sua pele parecia viscosa. Vi seu peito subir e descer com a respiração curta. Um hematoma começava a surgir em sua lateral, em tons amarelados e azuis, e havia cortes por toda parte, vermelhos e cruéis. À medida que meus olhos passavam em cima de cada marca, os golpes repassavam em minha memória. Minha respiração ficou presa na garganta e eu senti o peito latejar com uma dor vagarosa.

Minha pequena cicatriz estava sensível quando levei a mão até o machucado, mas a sensação era mais profunda. Pensar em Charlie, em homem ou fera, caindo como vítima daquele monstro horrível por mim era uma pontada terrível que espetava abaixo das minhas costelas. Agora, com ele ali deitado, mal respirando ao meu lado, tinha de acrescentar a culpa aos sentimentos já confusos que nutria por ele. Vozes abafadas vindas do corredor trouxeram minha mente de volta. Estiquei o pescoço e ouvi.

— Você realmente não deveria tê-lo removido naquele estado — sussurrou uma mulher. Não era Hatun nem Jenny, mas a cadência do sotaque irlandês era familiar.

Jackaby respondeu a ela: — Eu reconheço o risco, mas o inspetor Marlowe deixou bem claro que, depois de ontem à noite, deixá-lo sob a responsabilidade da força policial seria muito mais perigoso ao pobre sujeito. Obrigado por vir tão depressa. Essa tem sido uma situação um tanto bizarra e nada fácil, na qual lançá-la.

— Se o que contou ontem à noite realmente aconteceu, então, devo a ele pelo menos isto, pelo papel que ele teve nisso tudo.

— Em quanto tempo acha que seria seguro deslocá-lo novamente?

— Deixe-o descansar pelo tempo que puder, mas, levando tudo em conta, ele está se recuperando notavelmente bem.

— Tenho certeza de que o ciclo lunar teve pouco a ver com aquilo. Só podemos torcer para que sua convalescença continue tão bem, daqui em diante. Obrigado novamente, senhorita O'Connor.

A luz entrou à medida que a porta do corredor foi aberta. Mona O'Connor, a enfermeira do Emerald Arch, entrou primeiro. Ela parecia exausta, com os cachos de cabelo ruivo escapando de onde haviam sido presos, atrás de suas orelhas, e manchas escuras de vermelho ferrugem em seu avental. Ela assentiu para mim: — Vejo que você está acordada, querida. Que bom — disse ela. — Beba bastante líquido nos próximos dias e tente descansar, enquanto você se recupera, está bem?

Eu assenti.

— Ótimo. Você ficará bem. Uma boa cama macia lhe seria melhor do que essa tábua, se estiver com disposição para subir a escada. Ela recolheu seu casaco e o chapéu, e Jackaby acompanhou-a até a saída. Ele virou de volta para mim depois de fechar a porta:

— Ela é realmente talentosa — disse Jackaby, de maneira casual. — Tem mãos competentes, embora eu tenha achado seu trato junto ao leito um tanto áspero. Por outro lado, imagino que a maioria de seus pacientes não passe por metamorfoses, transformando-se em animais, depois voltem ao estado normal, no meio da consulta. Ela teve de ser um pouquinho criativa com o uso de sua força.

— Então, ele ficará bem? — eu perguntei. Meu peito estava apertado e dolorido, ao falar, mas a dor tinha abrandado consideravelmente. Eu me ergui com cuidado no travesseiro, mantendo o cobertor macio embrulhado nos ombros, tanto pelo aquecimento, quanto pela dignidade.

— Ele vai sarar, mas a verdadeira questão é se nós podemos levá-lo daqui em segurança antes que o Marlowe venha procurá-lo.

— Marlowe?

— O preconceito do homem é enfurecedor. Depois do ótimo serviço que o detetive prestou, o sacrifício pessoal e o ferimento que ele sofreu, aquele parvo teimoso ainda quer chamar o senhor Cane de lobisomem e inimigo público e acorrentá-lo!

— Bem, mas você pode condená-lo, inteiramente? Se o Charlie não é um lobisomem, então, o que…?

— Caini, é como se autodenominam. "Os Cães". Na Romênia, às vezes, são chamados de "Om-Caini", ou "Caine Barbati". São uma tribo

teriantropa nômade, sim, mas não do tipo licantropo, e não são malévolos, embora muito caluniados.

Eu pisquei. — Pode dizer de novo?

Meu chefe suspirou profundamente e passou as mãos no rosto. — Charlie é membro de uma família muito antiga de mutantes. A House of Caine não tem residência permanente, raramente se fixa em algum lugar por muito tempo e você pode ver o motivo. Eles são ciganos, temidos e mal interpretados, e sempre em movimento. Os Caini são menos poderosos que os lobisomens, mas são mais leais.

"Eu logo vi o que ele era, é claro, e fiquei imediatamente impressionado em descobrir que tinha feito uma vida aqui em New Fiddleham. Fiz o máximo para não expor o sujeito, mas suponho que agora seja tarde demais para isso. Os poderes dos Caini aumentam e diminuem com os ciclos lunares, porém, um cão inteiramente crescido como o Charlie deveria ter tido a capacidade de manter qualquer forma, segundo sua vontade, em qualquer época do mês. Foi sua própria lealdade obstinada que o empurrou à exaustão, depois que a banshee foi morta e você viu no que deu. Eu sabia que ele estava perdendo o controle, o tolo. Agora, graças à sua dedicação a esta cidade ignorante e a este povo supersticioso, parece que Charlie Cane precisa seguir os passos de seus ancestrais e fugir. Eu o observei enquanto se remexia dormindo. A colcha sobre suas pernas balançou e seus pés mexeram inconscientemente. Ele me lembrava um cachorrinho, mexendo a patinha no chão, enquanto sonha.

— Então… no fim das contas, ele não tem nada de monstro — eu disse, baixinho. — Que bom. Isso é bom.

Jackaby me olhou por longos momentos. — Está vendo aquelas pinturas, ao lado da porta? — perguntou ele.

Eu acompanhei o gesto e assenti. À esquerda estava pendurado o cavaleiro matando um dragão, e à direita estava o navio sendo levado pelo mar tempestuoso, por um imenso peixe dourado. Eu os vira em meu primeiro dia, ao conhecer a casa.

— Você conhece as histórias? — perguntou Jackaby.

— Eu reconheço São Jorge, mas, não, na verdade, não.

— São Jorge. A Lenda Dourada — disse Jackaby, caminhando até embaixo da imagem do cavaleiro. — Uma cidade sitiada por pragas trazidas por um dragão terrível. Primeiro foram sacrificados os animais,

depois as crianças, para satisfazer a fera. Quando a filha do próprio rei foi ofertada, São Jorge interveio e salvou a vida da menina. Ele feriu e prendeu a criatura, trazendo-a de volta à cidade, para matá-la diante dos olhos do pessoal da cidade.

Jackaby aproximou-se da outra pintura. — E quanto a essa?

Quando sacudi minha cabeça, ele prosseguiu.

— Essa é a história de Manu e o Peixe, da tradição hindu. Como reza a lenda, o peixinho foi até Manu para pedir proteção. Manu ficou com pena e o manteve seguro, num pote, até que pudesse crescer o suficiente e se defender. O peixe foi ficando cada vez maior e estava enorme, quando Manu por fim o soltou de volta no rio. Por causa da bondade de Manu, o peixe o alertou quanto à chegada de uma grande enchente e lhe disse que se preparasse. O peixe voltou no meio da enchente para ajudar a levar Manu até um lugar seguro e esperar que a água descesse.

A essa altura, Jackaby tinha voltado ao meu lado. — A lenda de São Jorge narra os perigos das criaturas místicas e o valor do homem assumindo domínio sobre elas. A história de Manu expressa ao mesmo tempo o valor da compaixão, da coexistência e da simbiose pacífica.

Ele parou, observando Charlie inspirar e expirar devagar, por alguns instantes. — Se não fosse pela ajuda de nosso jovem "monstro", aqui, você certamente não teria sobrevivido ao ataque de Swift. O Marlowe é um homem bom — Jackaby acrescentou, pensativo —, mas só sabe como matar dragões. Esse mundo está cheio de matadores de dragões. O que precisamos é de um pouco mais de gente que não seja orgulhosa demais para ouvir um peixe.

Senti meu peito apertar. Eu não tinha ouvido. — Jackaby — eu disse —, acho que a Hatun sabia o que ia acontecer.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim.

— Acho que ela sabia que eu seria atacada. Embora ela tenha dito que eu ia morrer.

— Ela disse que você ia morrer?

— Basicamente — eu respondi. — Ela disse que minha morte seria iminente, se eu fosse atrás de você. Acho que você estava certo, quanto a não dar para confiar no que ela diz. Foi sorte também — eu prefiro muito mais sofrer estes danos a morrer. Ela estava tentando me alertar para me manter afastada, mas eu não ouvi.

Jackaby não respondeu. Ele estava me inspecionando com uma expressão sombria, séria. Eu estava começando a ficar desconfortável, quando ele interrompeu o momento, com um aceno. — Sim, bem, de qualquer jeito — disse ele, e a névoa foi sumindo de seus olhos. — É bom ter o caso todo atrás de nós. Vou preparar um pouco de café da manhã. Dê um pulo no escritório, quando você estiver pronta.

Douglas, de seu poleiro, sacudiu a cabeça de penas, em alerta silencioso. Eu assenti, quando Jackaby seguiu depressa pelo corredor. A distância, pude ouvi-lo chamar: — Jenny! Você viu aquela frigideira? Aquela do conjunto que sua avó lhe deixou?

— Você quer dizer a que você crivou com marcas de chumbo, mês passado? — foi a resposta abafada do espírito. — Ou a que você derreteu no último verão, com a baboseira da alquimia?

— A primeira!

Eu me ergui para a posição sentada. O movimento foi difícil, mas não foi terrível e eu me vi sorrindo ao olhar de novo o ambiente absurdo que me cercava. Era bom estar em casa.

29

ATÉ O MEIO-DIA CHARLIE JÁ TINHA RECUPERADO a cor e muitos dos lanhos vermelhos de alguma maneira já haviam desbotado, passando a cicatrizes claras. Fiquei observando mais uma vez o movimento do seu peito subindo e descendo, até que Jenny veio me ajudar a colocar uma blusa limpa e solta. Eu consegui tomar uma xícara de chá com um pedacinho de torrada, mas Charlie ainda dormia.

Agora que eu estava acordada, Douglas deixou seu posto e saiu voando pela casa, deixando-me sozinha com o rapaz enfermo. Com cuidado, fui até a cama onde ele dormia. Ele parecia tão meigo e despretensioso como sempre fora, talvez, até um pouquinho mais, quando sua sobrancelha franziu levemente e seus músculos se retraíram. Eu detestava pensar que ele poderia estar revivendo a batalha selvagem, e desejava de fato que houvesse algo que eu pudesse fazer para acalmar sua agitação. Estendi a mão para afastar um cacho de sua testa, depois hesitei.

Meu coração disparou junto à minha cicatriz. Nos livros de história, uma linda princesa iria revivê-lo com um beijo e o casal viveria feliz para sempre — mas eu não era uma linda princesa. Eu era uma garota de Hampshire que gostava de brincar na terra.

Uma brisa fresca passou em meu cotovelo e, um instante depois, a voz suave de Jenny falou acima do meu ombro. — Como está se sentindo,

Abigail?

— Inútil — eu respondi honestamente. — Eu não gosto de me sentir inútil.

Ela estava ao meu lado, olhando Charlie. — Com tudo o que aconteceu, ele está indo muito bem.

Eu assenti. Ele estava se recuperando incrivelmente depressa, era verdade. De um jeito peculiar, isso era parte da minha frustração. Eu queria equilibrar a balança, mas não tinha nenhum presente especial para dar por sua recuperação — ele tinha de fazer isso tudo sozinho e estava fazendo. Eu estava cercada pelo espetacular. Charlie, Jackaby, Jenny — todos eles sabiam fazer coisas incríveis e eu era apenas Abigail Rook, assistente.

— Ele salvou a minha vida — eu disse —, e tudo o que pude fazer foi olhar, enquanto ele era fatiado em pedaços.

— Não é assim que o Jackaby conta — disse Jenny. — Segundo entendi, você foi bem heroica ontem à noite. Acho que ele ficou muito impressionado.

— Jackaby disse isso?

— Bem, ele talvez tenha focado um pouquinho mais no arremesso de antiguidades… e eu creio que o termo que ele usou mais foi "temerário", mas, com o Jackaby, você aprende a distinguir. Você realmente lutou contra um redcap com as mãos cheias de livros?

— Algo parecido — eu murmurei.

— Parece, então, que você foi a salvadora.

— Acho que nós nos revezamos. — Eu voltei ao detetive júnior e afastei o cacho solto de cabelo escuro. Com meu toque, ele se mexeu levemente e inspirou fundo. Sua sobrancelha tensa relaxou e ele ficou mais sereno, mergulhando num sono mais tranquilo.

Já passava bastante do meio-dia, quando Charlie foi totalmente desperto pelo som de Jackaby entrando pela porta da frente. — Você está acordado! Bom. Já não era sem tempo. Como está se sentindo, meu jovem?

— Já estive melhor. O Swift… ele…? — Charlie perguntou.

— Morto? Sim. Acabou.

Charlie moveu-se com rigidez para sentar-se e aceitou uma xícara de chá. — Há muita coisa que eu ainda não entendo — disse Charlie. — Por

que agora? Por que eles? E se você pôde me ver pelo que sou, por que não reconheceu Swift imediatamente?

Jackaby assentiu e olhou pela janela, ao dar sua resposta. — A última pergunta é a mais fácil. O Swift tinha várias vezes evitado me encontrar e eu com ele. Na verdade, nunca tinha visto o homem, ou *criatura*, até ontem à noite — possivelmente, uma coincidência, mas é provável que ele tenha ouvido falar da minha reputação como vidente e não quis correr o risco de que os boatos fossem verdade. De minha parte, eu não tenho o hábito de me envolver na burocracia policial, se puder evitá-la. Acho que os que estão mais na base da hierarquia são mais inclinados a colaborar — e menos prováveis de me excluir dos assuntos de interesse.

"Quanto às vítimas do salafrário, elas foram pegas assim: o senhor Bragg, jornalista, claramente se deparou com o padrão das mortes de Swift e deve ter cometido o erro infeliz de mencionar a descoberta ao comissário, provavelmente durante uma entrevista para alguma matéria política tola. Swift não podia deixar que o repórter alertasse o público quanto à sua vilania, então, despachou o sujeito, depois seguiu séculos de instinto e prática ao enxugar o sangue e levar em seu chapéu vermelho. Tendo assassinado Bragg, Swift precisou fazer sua fuga. Ele primeiro seguiu até a janela, mas Hatun estava no beco abaixo, então, voltou e desceu pela escada. Na pressa, ele deixou marcas na madeira, com seu sapato de ferro.

"Aquilo poderia ter sido o fim do derramamento de sangue em New Fiddleham, mas foi você, senhor Cane, que involuntariamente selou o destino do próximo alvo. Para evitar mencionar nossa visita com a banshee, você deu a Marlowe uma mentira conveniente sobre o senhor Henderson ter alguma informação sobre o assassino. Isso provou ser verdadeiramente inconveniente para Henderson, porque o comissário estava bem perto, com acesso a cada palavra. Swift não podia arriscar sua identidade sendo exposto pelo vizinho enxerido de uma vítima. Dessa forma, embora o pobre homem não soubesse de nada que colocasse Swift em perigo, Henderson se tornou a vítima número dois."

Charlie engoliu em seco e olhou para o fundo de sua xícara de chá. Jackaby continuou: — A morte de Henderson foi muito mais apressada do que a de Bragg. Você ter mantido guarda no corredor obrigou Swift a entrar e sair pela janela. Ou por sua presença, ou, possivelmente, porque o chapéu de Swift ainda estava úmido da noite anterior, o comissário mal

limpou o cadáver, antes de sair apressado. Ele deixou o borrão revelador, mas abandonou a maior parte do sangue para deixar que acumulasse nas tábuas do chão. Se não fosse pela obstinação de Marlowe, você talvez o tivesse rastreado naquele momento.

"A terceira vítima de Swift está em nossas mãos. A senhorita Rook e eu testemunhamos abertamente sobre a identidade da senhora Morrigan, a banshee, e foi pouco depois de ler nossos depoimentos que ela deu início à sua lamúria final.

— Mas, por que matar a velhinha? — ele perguntou. — Ela nem sabia do redcap.

— Não foi pelo sangue, dessa vez, não. Afinal, ela nem era humana. Eu creio que Swift a viu como um sistema de alarme, um alarme que antecedia cada morte — uma garantia grande demais, para que ele a deixasse em paz. Bragg, Henderson, Morrigan — como ameaças ao seu segredo, Swift calou, cada um, mas a coisa toda estava se desenrolando rápido demais.

— Entendo. — Charlie ergueu novamente os olhos. — E… ontem à noite? Receio que esteja tudo embaçado.

— Depois que nós o deixamos, Marlowe me ajudou a juntar as últimas peças do quebra-cabeça. Essa tolice de não questionar a corrente hierárquica me disse precisamente onde um monstro atrevido se esconderia: no topo. Eu me lembrei da descrição detalhada do comissário, dada pela senhorita Rook e guardei essa resposta comigo. Naquele momento, soube contra quem estava brigando e busquei meios para deter o demônio. O mais infame da linhagem, um tal de Robin Redcap, foi coberto de chumbo e depois queimado junto com seu mestre malévolo — mas, no fim, nós não tínhamos tempo para isso. A forma mais garantida e rápida para destruir a criatura era destruir seu chapéu vermelho. O chapéu e a fera são um. Eu empreguei um uso mais moderno do chumbo e alguns versículos da Bíblia só para garantir, mas queimar o chapéu era a verdadeira façanha.

Charlie assentiu e abriu a boca para falar novamente, bem na hora em que a aldrava da porta soou três batidas.

Jackaby espiou pela cortina e fez uma cara feia. — Marlowe. Eu estava torcendo por um pouquinho mais de tempo, mas suponho que isso já era esperado.

Ofereci ajuda ao Charlie para seguir pelo corredor, mas ele se recusou a fugir de seu inspetor-chefe. Jackaby resmungou algo sobre lealdade obstinada e abriu a porta. As gentilezas foram breves e nem foram tão gentis. Marlowe entrou, mantendo distância de Charlie.

— Bem, então — Jackaby disse cinicamente. — Eu imagino que você levará o jovem de carrinho de mão. Diga-me, haverá correntes, ou paredes cimentadas, ou ele vai direto para o pelotão de fuzilamento?

— Nenhum dos dois — respondeu o inspetor. Sua voz estava rouca e cansada. — Não é por isso que estou aqui.

— Ah, não finja que vai deixar o rapaz em paz, Marlowe. Nós dois sabemos que isso não está em jogo.

Surgiu um silêncio sugestivo, enquanto Marlowe respirava fundo. — Não — disse ele, por fim. — Isso não é possível. Gente demais viu sua… transformação. E isso não é algo que será esquecido tão logo. Mesmo que eu deixasse o policial Cane ficar, sua vida aqui teria terminado.

Jackaby assentiu melancólico. — Exílio, então? Que caridoso.

— Algo parecido — o inspetor resmungou. O prefeito Spade me pediu que assumisse a posição interina de comissário de polícia, até que uma eleição apropriada possa ser realizada. Ficar preso atrás de uma mesa é a última coisa que eu quero, mas disse a ele que aceitaria… por enquanto.

— Disso que veio falar? Sua promoção?

Marlowe continuou, ignorando o detetive. — Isso me dará a chance de forçar uma comunicação maior entre os distritos vizinhos. Meus garotos me dizem que o Bragg andou trocando telegramas durante semanas, investigando esse negócio. Na verdade, fazendo um trabalho bem afiado de detetive, embora seja uma situação triste, quando meu povo precisa de um jornalista para descobrir seu criminoso. Se nós estivéssemos comparando as notas com Crowley e Brahannasburg, a farra de Swift jamais teria ido tão longe. Eu até os deixei conversando sobre estender as linhas telefônicas até as cidades mais rurais.

Ele adentrou um pouco mais a sala: — Falando nisso, mandei um telegrama ao comandante Bell, em Gadston, esta tarde — ele prosseguiu. — Você já esteve em Gadston? É pequena, bem menor que New Fiddleham, mas me disseram que é muito agradável. Muita área verde e também tem o Gad's Valley. Excelente para a vida ao ar livre. — Pela primeira vez, desde a sua chegada, ele olhou nos olhos de Charlie. — Uma

das vantagens de se tornar um comissário, mesmo que apenas um "comissário interino", é que a função tem muita influência. Minha recomendação para transferência de um jovem policial honrado dificilmente será ignorada. Você precisará de um novo nome, é claro, mas eu acho que a papelada pode ser providenciada.

Todos nós tiramos um momento para que o comentário fosse assimilado. — Obrigado, senhor — Charlie disse baixinho.

— Não vou mais tomar seu tempo. Cavalheiros. Senhorita. — Ele assentiu se despedindo e pousou a mão na porta. — Ah, e caso você não tenha ouvido, a missa será no domingo, ao meio-dia. Todas as cinco vítimas serão homenageadas na mesma cerimônia. O prefeito Spade achou que isso ajudaria a todos da cidade a deixarem todo esse negócio desagradável para trás.

— Obrigado, inspetor — disse Jackaby.

— Cinco? — eu perguntei, antes que Marlowe fechasse a porta.

Ele assentiu. — Viu isso, mocinha? Esse é afiado. Sim, mocinha, cinco. Três no Edifício Emerald Arch, depois, o policial O'Doyle, na floresta, ontem à noite… e, finalmente, a trágica perda do próprio comissário de polícia da cidade, o comissário Swift. — O quê? — eu disparei.

Jackaby olhou sinistramente para o inspetor. — Parece certo.

Marlowe suspirou. — As pessoas já têm dificuldade de acreditar nessas coisas. Quando o Swift estava no comando, ele proibia que déssemos credibilidade a qualquer coisa que fosse sequer remotamente sobrenatural. Ele dizia que era danoso à nossa imagem pública, no registro oficial, parecer superstição da roça. É claro que ele só estava usando sua posição para se esconder, mas também não estava inteiramente errado. Um monstro num jornal é mais que o suficiente e, a esta altura, metade da cidade vai jurar que viu um lobisomem — até os que não viram nada. Será mais fácil para todo mundo aceitar se Swift for simplesmente enterrado como mais uma vítima.

— Sim — disse Jackaby, com deboche. — A verdade pode ser muito prejudicial para a credibilidade.

— Bom dia, Jackaby. — Marlowe foi embora.

O clima esquentou um pouquinho ao longo dos dias seguintes, embora o frio de inverno ainda estivesse no ar, nos cantos, para surpreender os passantes com uma rajada de vento súbita. O mundo tinha ficado mais radiante. Na segunda manhã após o incidente, Jackaby providenciou uma carruagem para Gad's Valley. Ele tinha mandado uma mensagem para um velho conhecido com uma casinha, onde Charlie poderia descansar e se recuperar, sob um novo nome. Então, ele poderia decidir se retomaria seu empenho de criar raízes e construir uma vida para si ou voltaria a viajar com sua família.

Marlowe tinha mandado uma mala com as coisas de Charlie e ele se parecia muito mais com ele mesmo, usando uma roupa limpa e de bom caimento.

— Você tem certeza de que conseguirá deixar New Fiddleham para trás? — Jackaby perguntou, uma vez que nós ajudamos Charlie a caminhar até a condução. — Você tem uma aura de obediência inabalável. Não tente negar isso, é francamente enjoado. O Marlowe não estará lá para você cobrir de lealdade… nem eu.

Charlie sorriu. — Acho que eu sou… um tanto dedicado — ele disse ao detetive —, mas não a você. Nem ao inspetor-chefe, embora tenha sido uma honra trabalhar com ambos.

— Então, quem…? — Os olhos de Jackaby desviaram pra mim e eu senti meu rosto corar, ao notar.

Charlie desviou timidamente. Ele recostou no ombro de Jackaby, para se apoiar, e remexeu no bolso de seu casaco. Ele ergueu seu distintivo polido, colocando-se um pouquinho mais ereto. — Eu fiz um juramento, detetive.

Jackaby riu. — Ah. Claro. A justiça não poderia pedir um cão de guarda mais robusto.

Os dois apertaram as mãos e Jackaby segurou a porta da carruagem aberta. Charlie assentiu pra mim. — Senhorita Rook, foi um prazer.

— Você precisa escrever, quando estiver acomodado — eu disse.

A expressão dele enevoou. — Eu não sei se isso seria prudente. Vocês dois foram excepcionalmente bondosos, mas nem todos são compreensivos. Eu detestaria trazer mais problemas à sua porta, por… por causa do que sou. Depois de tudo o que aconteceu — tudo o que o pessoal da cidade viu —, bem, algumas coisas são muito difíceis de explicar.

Meu coração murchou. Eu fiquei muda, subitamente ciente de que essa seria a despedida.

— Que venturoso — disse Jackaby, da porta da carruagem. — Fenômenos inexplicados casualmente são a nossa especialidade. Nada de desculpas. Você sabe onde nos encontrar.

Charlie permitiu-se um sorriso e assentiu. Tive vontade de dar um beijo em cada um.

Passei o restante da semana mais na serenidade do terceiro andar, para minha própria recuperação. Embora meu peito estivesse melhor a cada dia, de vez em quando eu sentia uma dor ao respirar fundo ou virar subitamente. Fiquei imaginando se a pequena cicatriz rosada desapareceria, ou se a minha pele ficaria marcada para sempre. Eu não tinha certeza se queria que ela sumisse — era meu distintivo particular da minha primeira aventura verdadeira.

Eu deitava no gramado macio com frequência, olhando os reflexos do lago dançando no teto e desfrutando da boa companhia de Jenny e até de Douglas. Jackaby, no entanto, era visto raras vezes, à medida que nos aproximávamos do dia da missa. Uma vez, quando cochilei no tapete de flores do campo, perto da beirada da água, fui despertada pela voz suave de Jenny.

— Ela está indo muito bem — ela estava dizendo. — Ela terá a cicatriz para se lembrar, mas está sarando. Pobre garota. Ela ainda é tão jovem.

Eu continuei de olhos fechados, respirando normalmente, quando Jackaby respondeu:— Ela é mais velha do que a idade que tem — ele disse.

— Acho que ela pode estar mais triste, de alguma forma — Jenny disse baixinho.

— De qualquer maneira, não é com seu peito que estou preocupado. É com sua cabeça.

— Ainda está decidindo se ela é adequada para o emprego? — perguntou o fantasma.

— Ah, ela é boa — respondeu Jackaby. — A questão é: será que o emprego é bom pra ela?

À noite, eu me vi de volta à sala de espera. As pilhas de papéis e livros, que um dia haviam ocupado a escrivaninha, ainda estavam no chão, tendo sido postas de lado quando a sala serviu de enfermaria improvisada. Do contrário, a sala era muito parecida com aquela do dia da minha primeira visita. Dei uma olhada em volta, lembrando de não olhar para o viveiro.

Espetada para fora de um cesto, no canto dos fundos, junto com guarda-chuvas e um bastão de *croquet*, estava uma bengala de ferro polido, com uma manete falsa. A lança mortal de Swift estava abrigada inocuamente em meio aos badulaques, mas era uma homenagem sutil às suas vítimas — e ao meu descuido, que quase me tornou uma delas.

O lar eclético de Jackaby começava a fazer um pouquinho mais de sentido para mim. O homem não tinha retratos nem fotografias, mas aos poucos havia se cercado de lembranças de um passado fantástico. Cada pequeno item, pela natureza de seu ser, contava uma história. Olhar no entorno era um pouco como estar de volta no ponto de escavação, ou decifrando um texto antigo, e fiquei imaginando que histórias eles me diriam se eu soubesse decifrá-los. Quantos traziam lembranças afeiçoadas? Quantos, como a arma polida do redcap, eram lembretes silenciosos de erros cometidos, ou até de vidas perdidas?

30

A **MISSA FOI UM ACONTECIMENTO DE REALEZA** e metade da cidade pareceu ter ido prestar seu pesar ou assistir ao espetáculo. Condolências sinceras e fofoca ávida circulavam pela aglomeração, quando Jackaby e eu chegamos. O evento seria originalmente realizado na pequena igreja vizinha ao Cemitério Rosemary, mas o número de pessoas presentes tinha transferido a cerimônia para a área externa. Uma camada leve de neve polvilhava o chão e o ar estava frio, mas o dia, em si, não tinha nuvens, com céu limpo.

Jenny tinha convencido Jackaby a abandonar seu habitual casacão rude e usar outro, preto, mais respeitável, que ela tinha encontrado no sótão. Em lugar daquele monte de bolsos, ele insistiu em amarrar uma mochila marrom desbotada. Eu ergui o negócio para dar a ele, quando saímos e, por menor que fosse, parecia um saco de tijolos.

— É uma missa — eu disse. — O que você tem aí dentro, que poderia precisar numa missa?

— Esse tipo de pensamento é o motivo para que você, mocinha, tenha uma cicatriz em seu esterno, e minha edição inestimável de *Apotropaicon* esteja com a lombada estragada. Eu prefiro a prontidão à dificuldade de último momento, obrigado. Encontramos lugar nos fundos da igreja e esperamos que a cerimônia começasse. Ainda fumegando pela decisão de

encobrir a verdade sobre Swift, Jackaby lançava olhares furiosos em Marlowe e no prefeito Spade, sentados na frente da multidão. Porque dois dos falecidos eram membros respeitados da polícia, pelo menos segundo o registro público, a coisa toda estava sendo conduzida com grande pompa e sobriedade. Todos os cinco caixões eram de carvalho igual, provavelmente modelos muito mais caros do que a maioria das famílias poderia ter comprado sozinha. Fiquei imaginando o que eles teriam colocado no caixão de Swift para fazer peso, se é que puseram algo.

Acima do sussurro da multidão, notei uma leve melodia que aumentava e diminuía o tom devagar, como uma onda se moldando. A canção melancólica me lembrou da falecida senhora Morrigan. Tão focada que estava na canção, nem notei que Jackaby estava falando.

— Perdão, o que foi?

— Eu disse que cheguei a uma decisão, senhorita Rook. Eu tenho pensado muito nisso e decidi não utilizá-la mais nesse campo.

— O quê?

— Ah, não se preocupe, não vou lhe dar um chute. A senhorita ainda terá a tarefa de catalogar arquivos antigos e cuidar da casa e das contas. Eu acredito que o Douglas também tinha uma coleção de anotações que ainda não havia arquivado apropriadamente — eu com certeza gostaria que a senhorita desse uma olhada nisso, quando tiver uma chance…

— Não quer mais que eu vá junto? Mas, por quê?

— Porque a última coisa que eu preciso é de outro fantasma pairando acima da minha cabeça — ou pior, outro maldito pato. Eu me sentiria mais confortável se soubesse que a senhorita está segura, em casa. Se bem que, pensando nisso, é realmente melhor evitar a seção de documentos perigosos da biblioteca… e não mexa em nenhum dos contêineres no laboratório…. e, de maneira geral, fique longe da parte norte do segundo andar.

Eu sentia as orelhas esquentando e meu coração apertar, mas não estava inteiramente certa do motivo. Endireitei os ombros para meu chefe e respirei fundo: — Senhor Jackaby, eu não sou criança. Posso fazer minhas próprias escolhas, mesmo as ruins. Passei a vida inteira me preparando para aventura, depois ficava olhando do degrau da frente, quando a aventura ia embora sem mim. Desde que peguei meu primeiro livro, tenho lido sobre descobertas incríveis, pesquisadores intrépidos e criaturas fantásticas, quase sempre sem tirar os pés da minha própria casa.

Meu pai costumava me dizer que eu havia lido mais que a maioria de seus alunos de graduação. No entanto, com toda a minha preparação, a única coisa remotamente ousada que fiz, antes de conhecê-lo, foi fugir da universidade para caçar dinossauros — o que resultou em nada além de quatro meses de lama e pedras. — Eu parei para respirar.

— Eu não sabia que a senhorita caçava dinossauros, senhorita Rook.

— O senhor nunca me perguntou.

— Não, não perguntei. Suponho que não costumo focar nesse tipo de coisa. Isso que me impressionou na senhorita, em seu primeiro dia — sua atenção ao banal, ao insignificante.

— Mais uma vez, não é a forma mais lisonjeira de colocar a coisa, mas obrigada. Aceito, mesmo assim. Quanto à sua decisão, minha resposta é não.

— Não houve pergunta. Minha decisão ainda é final.

Eu queria protestar, mas o padre tinha seguido até o púlpito improvisado, na frente da multidão, e todos estavam se aquietando. Mordi a língua, à medida que a cerimônia começava, mas não me contentaria em deixar o assunto de lado.

Com a congregação silenciada, encontrei a fonte da música alegre. Quatro mulheres de cabelos compridos grisalhos e vestidos claros estavam à esquerda do púlpito. À medida que diversas pessoas assumiram a posição para apresentar tributos fúnebres, as mulheres grisalhas cantavam baixinho, e seus cantos suaves ecoavam pela igreja. Quando a cerimônia foi chegando ao fim, elas começaram a cantar a mais linda canção de pesar. Era inequivocamente semelhante à última canção da senhora Morrigan, mas amplificada em intensidade e complexidade. Suas vozes se harmonizavam em melodias elegantes que teciam um som que arrancava lágrimas dos ouvintes, mas, com elas, crescia também uma sensação imensa de paz.

Quando terminaram, as senhoras ajoelharam diante do caixão da senhora Morrigan, antes de se afastarem até os portões da igreja. Eu avistei Mona O'Connor, que abraçou afetuosamente cada uma delas, à medida que passavam. A última delas afagou os cachos ruivos de Mona, atrás da orelha, e lhe deu um beijo na testa, como uma tia bondosa. Mona segurou sua mão por um momento a mais, depois a mulher saiu pelos portões da igreja, sumindo na luz do dia.

Lenços surgiam pela multidão, e as lágrimas eram secas, à medida que as pessoas começaram a se dispersar. Antes de sair, a jovem com os cachos louros que eu havia visto do lado de fora do Emerald Arch se aproximou timidamente e pousou um cravo branco em cima do caixão de Arthur Bragg. Mais algumas pessoas vieram ofertar lembranças semelhantes: flores, moedas de prata e até uma caixa de charutos foi colocada em cima do caixão do senhor Henderson. Só um caixão continuava sem nada. — Vamos retomar nossa discussão durante o almoço? — eu sugeri ao meu chefe, mas o olhar de Jackaby estava fixo na frente da aglomeração. — Gostaria de dar uma passada no Chandler's Market, no caminho, se não se importa — eu persisti. — Ainda devo um peixe a um troll. — Meu chefe não fez nenhuma indicação de ter me ouvido e, em vez disso, seguiu a passos largos até a frente da igreja. Eu fui atrás, espremendo-me por entre os pesarosos, como uma truta nadando rio acima.

Quando cheguei lá na frente, Jackaby estava diante do caixão de Swift. — Não vamos fazer uma cena, Jackaby — Marlowe estava dizendo. — Apenas deixe pra lá.

— Isso é uma afronta — disse Jackaby. Ele gesticulou para o caixão. — É uma desonra com os mortos!

— Jackaby… — Marlowe rugiu. Seus músculos se retraíram e deu para ver que ele não queria ter de mandar tirar o detetive à força de uma missa tranquila. — Essas boas famílias só querem se despedir em paz.

— Mas isso não está certo — meu chefe continuou, abrindo seu saquinho marrom —, que nosso querido e honrado comissário seja o único cadáver sem amigos, sem sequer uma flor em sua cabeça. Deixe-me ver, eu tenho certeza de que tenho algum objeto apropriado aqui dentro.

Marlowe pareceu desconfiado, mas ficou ali, enquanto Jackaby fazia uma encenação remexendo. — Ah, aqui estamos. Ele adorava estes. — Foi preciso que ele girasse o braço para colocá-los em cima do caixão, mas o tilintar ecoando dos sapatos de ferro pesadíssimos do redcap, ao baterem na madeira, foi satisfatório. Um pedaço torcido e chamuscado da muleta fixa ainda estava preso a um deles, fixado por um parafuso no tornozelo. Jackaby deixou a explicação por conta de Marlowe e saiu marchando.

Eu o alcancei já nos portões. — Eu sei, eu sei… — disse ele, antes que eu pudesse comentar. — Eu não preciso dificultar as coisas para o Marlowe.

— Você também não precisa facilitar — eu disse. — Meu chefe ergueu uma sobrancelha para mim, enquanto caminhávamos. — O Swift tenta me matar e passa a ser um herói público. O Charlie salva a minha vida e agora é um inimigo público. O senhor não me deve nenhuma explicação.

Jackaby assentiu contente, enquanto seguíamos de volta ao número 926 da Augur Lane.

31

NA MANHÃ SEGUINTE, EU ME PLANTEI NA FRENTE da escrivaninha e comecei a separar uma montanha de contas, notas e recibos de casos que estavam espalhados à minha frente. Jackaby tinha convenientemente desaparecido, antes que pudéssemos retomar nossa discussão sobre minhas tarefas futuras, então, resolvi fazer o melhor da função. Depois de várias horas empilhando e separando, finalmente saí de trás da bagunça com a chegada do meu chefe. Ele pendurou o cachecol e o gorro no gancho, aparentemente sem notar minha presença.

— Bom dia, senhor. Eu não sabia que tinha saído.

— O carteiro passou — disse ele, remexendo na mão cheia de correspondência. Ele parou num pacotinho marrom, fechando os lábios apertados.

— O que é isso? Algo que o senhor encomendou?

— Não. — Ele rapidamente colocou por baixo do restante da correspondência. — Ah, sim, na verdade, eu não sei se devo… — a voz dele foi sumindo. — Esse está endereçado a você. Aqui. — Ainda sem olhar para mim, ele deixou um envelope no espaço vazio que eu tinha limpado na mesa, e continuou pelo corredor sinuoso.

A carta era do senhor Barker de Gadston, a nova identidade de Charlie. Gad's Valley, ele escreveu, era tão adorável quanto Marlowe havia

sugerido. O comandante Bell lhe oferecera um posto tranquilo na força policial de lá, assim que seus ferimentos sararam, e Charlie estava fortemente inclinado a aceitar. Ele estava se sentindo melhor a cada dia e aproveitava as oportunidades frequentes para dar uma escapada e desfrutar do campo, agora que estava andando novamente. Ele insistia que o detetive e eu tínhamos de ir visitá-lo, quando tivéssemos uma chance. Desde a partida de Charlie, eu havia tentado deixar de lado meus sentimentos por ele, mas me dava um frio na barriga só de pensar em vê-lo novamente.

Jackaby voltou animado até a sala, bem na hora em que eu tinha terminado de ler a cartinha. — Recebemos notícias de Charlie — eu informei a ele.

— Receio que não tenho tempo para isso agora. Tenho negócios urgentes na cidade. — Algo errado? — Eu devo dizer que sim, fantasticamente errado! — Ele mostrou sua carta, abanando a folha com entusiasmo. — Uma mulher da cidade, com um nome lamentavelmente olvidável, me pediu para cuidar de um assunto de seu gato doente. O gato, eu creio se chama senhor Wiggles. — É meio retroceder, não? Depois de pegar um assassino em série, um bicho de estimação doente? — Ah, mas os detalhes são encantadores. — Jackaby jogou seu cachecol ao redor do pescoço e colocou o gorro de tricô. — Parece que o senhor Wiggles recentemente encolheu em estatura, começou a trocar de pele e passou a ficar em sua bacia de água, durante horas a fio. O mais estranho é que começaram a nascer escamas, de ponta a ponta. O veterinário já fez piadas inúteis quanto a ser algo capcioso, e prescreveu unção dermatológica, o danado. O negócio todo é maravilhosamente estranho.

— E o senhor adora estranheza — eu disse. — Deixe-me pegar meu casaco. Para onde vamos?

— Você não vai a lugar nenhum — Jackaby disse, secamente. — Quanto a mim, eu vou rastrear a origem dessa postagem. Há traços distintos de sobrenatural encharcando o papel — sem dúvidas, resquícios do curioso bicho de estimação da moça. O documento deve ter deixado uma aura em seu rastro, uma que eu posso percorrer, contanto que eu me apresse, antes que suma. — Alternativamente — eu disse, inclinando a cabeça para espiar a parte traseira do envelope rasgado, na mão do meu chefe —, nós poderíamos tentar o número 126 da Campbell Street.

Jackaby deu uma olhada no remetente e depois para mim. — Suponho que sua abordagem possa complementar a minha, mas não! — Ele sacudiu a cabeça e as pontas do gorro ridículo, enquanto tentava ficar sério em sua determinação. — Apenas pense como pareceria para seus pais — disse ele —, se descobrissem que você deixou seus livros civilizados e suas salas de aula para ficar correndo pela cidade afora atrás de tolice sobrenatural. Sem mencionar como ficaria para o pessoal da cidade, bem aqui, em New Fiddleham. Eles vão pensar que você é tão má quanto eu.

Pensei nisso por um momento antes de responder. — Eu já deixei de me preocupar com a forma como as coisas parecem aos outros — eu disse. — Segundo alguém me disse recentemente, os outros, em geral, estão errados.

Os olhos dele brilharam por um momento, mas ele lutou contra a sugestão. — Não, é pelo seu próprio bem, senhorita Rook. A senhorita fica aqui. O Marlowe estava certo. Esse negócio não combina com uma jovem impressionável.

— Eu detesto lhe dar a notícia, senhor Jackaby — eu disse —, mas o estrago está feito. A impressão está feita. Eu não quero mais ficar esperando na porta. Quero sair atrás de gigantes e duendes e dragões. Quero encontrar estranhos misteriosos em cruzamentos, e virar em direção contrária, sob o luar. Quero ouvir o peixe, Jackaby. Pensando nisso, eu já estou me correspondendo com um cão, por quem, eu devo admitir, me encontro um tanto enamorada. Também estou secretamente torcendo para que o senhor Wiggles acabe se tornando um linguado gigante completo, quando isso terminar, porque me pouparia a viagem até o mercado… se bem que, se o troll da Hatun fica em companhia de um gato malhado, ele não apreciaria muito uma refeição que antes era um felino.

Jackaby ficou me olhando. — Eu já estraguei você, não foi? — Parece que sim.

— E eu suponho que não há nada que possa ser feito a respeito.

— Coisa nenhuma.

— Bem, nesse caso, talvez você deva ficar com isso. — Jackaby enfiou a mão no bolso e tirou um pacotinho marrom e o virou nas mãos. Ele bateu com o embrulhinho na mão, e pareceu pensar, por um longo momento, depois estendeu o braço e me deu. — Não é nada, de verdade — murmurou ele. — Só um simbolismo vazio.

Curiosa, desembrulhei o pacote. O papel caiu e eu sorri. A capa do caderninho era de couro preto, macio e caro. Eu o abri, para cima. As páginas eram branquinhas, e um gancho no alto guardava um pequeno lápis apontado. Ele cabia confortavelmente na minha mão e entrava com facilidade no bolso. Na capa traseira, estavam gravadas as iniciais "A. R.", abaixo de um pássaro preto voando, um *rook*.

— Os cadernos policiais habituais são de cartões baratos, mas creio que a ouvi mencionar couro. Eu pedi que aquela lojinha, a papelaria da Market Street, fizesse por encomenda. Ah, sim, e isso. — Jackaby remexeu em seus bolsos e tirou uma lupa, com cerca de cinco centímetros de diâmetro, com um cabo simples de madeira. — Eu tenho outras, se esta não servir. Também, já que estamos no assunto, eu tenho pensado e não me importaria se você se chamar de detetive. — Ele me entregou a lupa.

— É mesmo? — eu ri. — Eu seria uma investigadora apropriada, em lugar de uma assistente?

— Certamente, não — ele disse, acenando e descartando. — A natureza de seu emprego continuaria a mesma. Títulos, como aparências, são de pouquíssimo interesse para mim. Contudo, isso parece deixá-la feliz, então, pode se denominar como quiser. Você deixou cair um papel no chão. Não deixe de pegar.

Eu repensei, por um momento, e decidi que ainda iria gostar, tendo ou não significado.

— Obrigada, Jackaby.

— Não por isso. É bom tê-la na equipe. — Um sorriso ameaçou surgir por baixo de seu cachecol comprido. — Bem, o que está esperando? Pegue seu casaco, senhorita Rook. A aventura nos espera!

Material suplementar:

A história dos três garfos

DURANTE OS ACONTECIMENTOS NO CASO DO Grito Silencioso, um item de meu chefe foi confiscado pela polícia como prova. Depois de toda a tribulação, Jackaby foi bem eloquente quanto à sua indignação mediante à falha na devolução imediata. Um "erro judicial", ele denominou. "Antiprofissional. Absolutamente desonroso. Receio que eu seja forçada a declarar 'picaretas!'."

Depois de algum tempo, consegui convencê-lo de que era provavelmente um atraso burocrático e que uma carta educada solicitando o objeto tendia a resolver. O que se segue é a carta que Jackaby ditou, com apenas uma pequena revisão editorial minha:

> Em atenção ao Departamento de Polícia de New Fiddleham, vocês estão com meu C médio e eu gostaria de obtê-lo de volta. Para transmitir a importância de sua breve devolução, eu vou compartilhar sua história ímpar. Houve, um dia, uma igreja antiga. Ela ficava no meio da cidade, como frequentemente era o caso, àquela época, e era, em todos os sentidos, o coração da pequena comunidade. Os vizinhos vinham se encontrar para comemorações, os bebês eram batizados, amantes se casavam e procissões fúnebres tinham início naquela igreja humilde. O coração da cidade batia ao som dos sinos da igreja.
>
> Na torre do sino não havia somente um, mas três belos sinos feitos à mão. Em ocasiões muito especiais, o vigário tocava os três de uma só vez e suas notas complementavam umas às outras, em ricos

acordes, porém, era mais comum que eles tocassem sozinhos, cada sinal servindo a um propósito distinto.

Em 1861, uma guerra civil sacudiu o país. Homens e meninos que haviam crescido ao som dos sinos da igreja foram chamados e os que ficaram para trás fizeram tudo o que puderam para suportar o tempo de guerra. O vigário da época sentiu que era seu dever contribuir também, então, ofereceu os belos sinos para que fossem derretidos e transformados em canhões ou espadas.

No mesmo dia em que os sinos foram removidos, o vigário foi acometido por uma febre terrível e uma campainha aguda em seus ouvidos. As relíquias da igreja haviam sido reduzidas a armamento destinado a ajudar irmãos a matarem irmãos. Esse foi, de fato, um dia pagão. Quando sua febre finalmente passou, o vigário descobriu que havia perdido por completo a audição.

Enquanto isso, o soldado responsável pelo transporte das peças foi acometido pelo ímpeto de preservar pelo menos uma lembrança dos sinos magníficos. Contrariando ordens, e contra seu bom senso, ele viu que pequenos pedaços de cada um haviam sido colocados separadamente. Ele os levou de volta à sua cidade e mostrou ao artesão mestre que, ele sabia, era capaz de forjar o metal. Um sino, uma vez tocado, quer tocar, e ele perguntou ao homem se poderia lhes devolver suas vozes, de alguma maneira.

O ferreiro derreteu e fundiu os fragmentos, transformando-os em três únicos garfos de afinação. Ele nunca teve dúvidas quanto a que tom cada garfo deveria possuir, pois o metal cantava para ele, desde a primeira impulsão do fole. Quando terminou, cada um deles entoava exatamente as mesmas notas que antes tocavam nas torres dos sinos.

Também havia algo mais estranho sobre os garfos. Cada um deles se tornara uma versão pura e concentrada de si próprio, e carregava com ela a força emocional da encarnação passada.

O mais baixo, acostumado à lenta anunciação de funerais, era imbuído com um tom de tragédia. Os que o ouviam, não conseguiam evitar verter lágrimas. Não tão poderosa quanto uma nota de banshee, era como um momento único roubado de sua complexa melodia de tristeza. Ainda assim, a sensação instantaneamente arrebataria qualquer um que o ouvisse tocar.

O segundo garfo, forjado a partir do sino central, havia fielmente tocado em cada hora, por quase seis séculos. Ele havia sido um conforto para o povo da cidade e um farol para guiá-los para casa quando uma névoa forte recaía no vale. O garfo central, quando soava, emitia a noção de normalidade e calma. Ele penetrava a neblina de medo e tumulto, para tranquilizar qualquer um que ouvisse.

O último garfo, o mais alto, vinha do sino usado para anunciar as ocasiões mais alegres: os nascimentos das crianças, batismos, casamentos e todo tipo de comemoração. O garfo forjado desse sino podia alegrar os ouvintes com um único som. Enquanto seu tom fosse emitido, era possível esquecer-se dos estresses da vida diária e ser tomado de felicidade.

Esses artefatos tinham um pequeno papel nos recentes desagrados que minha assistente, contra minha sugestão, deu o título ridículo de "O Caso do Grito Silencioso". Durante nossa investigação, escolhi cuidadosamente o segundo garfo, um C médio, para incitar no malfadado senhor Henderson uma sensação de calma. Essa foi uma escolha zelosa e deliberada. Se eu tivesse entoado o tom baixo, sua infelicidade teria somente intensificado. A nota mais alta o levaria a um estado de loucura, de duas fontes sobrenaturais puxando sua mente para extremos emocionais opostos. A implementação desse recurso inestimável provou ser um passo integral para desvendar o mistério e pôr um fim nos assassinatos.

Agora, eu espero que vocês possam apreciar o valor do conjunto completo, na minha linha de trabalho. A senhorita Rook sugeriu que um lembrete escrito talvez ajudasse a acelerar a devolução do supramencionado C médio, que ainda é mantido como prova, a despeito do fechamento do caso.

Quando Jackaby havia terminado de ditar e deixou a sala, eu escrevi uma segunda carta. Ela dizia: *Por favor, devolvam o garfo de afinação do Jackaby. Ele está ficando ainda mais odioso que o habitual*. Isso eu mandei junto com a postagem matinal.

O courrier chegou naquela noite.

Jackaby foi agradavelmente surpreendido ao descobrir que a carta tinha prevalecido. "Ao menos, alguém naquela delegacia tem bom senso",

ele afirmou. “Eu francamente não acreditava que os tolos fossem ter o trabalho de ler tudo, mas, olhe.”

Ele me passou o bilhete, enquanto tirava seu pertence do embrulho. O policial que despachou havia escrito apenas três palavras. Eu sorri ao lê-las. *Eu entendo completamente*.